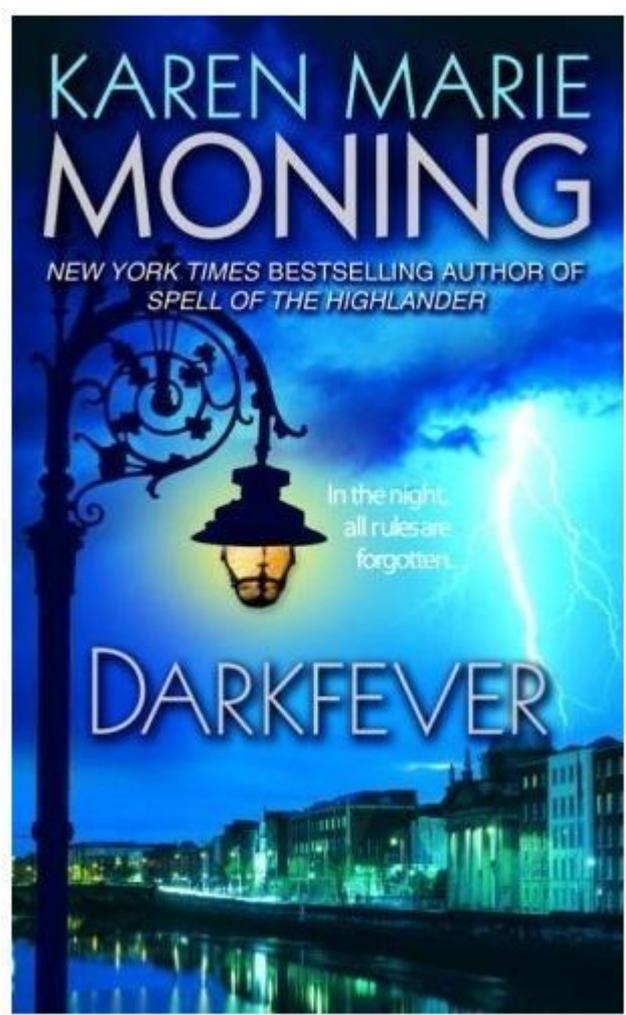


Febre Escura
Karen Marie Moning



Série Febre 01

Disponibilização em Esp: YGMR
Tradução: Lu Avanço
Revisão Inicial: Lu Avanço
Revisão Final/Formatação: Sarah Gomes
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Resumo:

A vida de MacKayla Lane é boa. Tem grandes amigos, um trabalho decente e um automóvel que se avaria a cada poucas semanas. Em outros termos, é uma mulher absolutamente normal do século XXI. Ou isso é o que pensava... até que ocorreu algo extraordinário.

Quando sua irmã é assassinada, deixando somente uma pista sobre sua morte (uma mensagem enigmática no telefone celular de Mac), esta viaja a Irlanda em busca de respostas. A busca para encontrar ao assassino de sua irmã a leva a um escuro reino onde nada é o que parece, onde o bem e o mal usam a mesma máscara perigosamente sedutora. Mac se enfrenta logo com um desafio ainda maior: permanecer viva o suficiente para aprender como dirigir um poder que não tinha idéia que possuía, um dom que lhe permite ver mais à frente do mundo do homem para o perigoso reino dos Fae....

Enquanto Mac mergulha mais profundamente no mistério da morte de sua irmã, cada um de seus movimentos é seguido e vigiado pelo sombrio e misterioso Jericho, um homem sem passado e desdenhoso do futuro.

Quando começa a aproximar-se da verdade, o desumano V'Lane, um Fae alfa que transforma o sexo num vício para as mulheres humanas, a rodeia.

A medida que a fronteira entre os dois mundos começam a desmoronar-se, a verdadeira missão de Mac se volta clara: encontrar ao misterioso Sinsar Dubh antes que alguém mais reclame o poderoso Livro Escuro, pois quem quer que o obtenha primeiro terá nada menos que o controle completo da estrutura de ambos os mundos em suas mãos...

Nota da Revisora Lu Avanço: fiquei super entusiasmada com ele é o novo crepúsculo, na minha opinião só falta um pouco muito sexo para ser perfeito kkkkkkkk Achei que ia ter umas cenas calientes mas nada a não ser um fae que so de chegar perto vc tem um orgasmo rrsrsr.

Nota da Revisora Sarah Gomes: Como a Lu disse, falta sexo, mas esse é o livro base da série, e se tomarmos ele por base, a tendência é só melhorar, acho super cheio de tensão sexual a relação entre Mac e o Jericho, e promete que quando explodir não vai ter pra ninguém, um livro que nos envolve no mistério e nos prende, entretanto acho indispensável ler a Série Highlanders da autora antes, principalmente o oitavo livro da série, Em Seus Sonhos, pois dá uma base para a Série Febre, muito do que ocorre nos livros da Série Highlanders é um prelúdio do que acontece nessa série.

Prólogo

Minha filosofia é muito simples — um dia qualquer em que ninguém tenta matar-me é um bom dia a meu ver.

Não tenho tido muitos dias bons ultimamente.

Não desde que os muros entre o Homem e os Fae se desmoronaram.

Por outro lado, não há nenhum vidente sidhe vivo que tenha tido um bom dia desde então.

Antes de O Pacto ser assinado entre Homem e os Fae (por volta de 4000 a.C., para quem não esteja a par da história dos Fae), os Caçadores Unseelie perseguiam-nos como animais e nos matavam. Mas o Pacto proibiu aos Fae derramar sangue humano e assim, ao longo dos seis mil anos que se seguiram, ponha ou tire alguns séculos, aqueles que possuem a Verdadeira Visão — pessoas como eu, que não se deixam enganar pelo encanto ou magia dos Fae — foram capturados e aprisionados no Faery até morrer. Ao contrário de algumas pessoas que conheço, eles não me fascinam. Lidar com os Fae é como lidar com qualquer outro vício — se cedermos, eles possuem-nos; se resistimos, nunca o conseguiremos.

Agora que os muros tombaram, os Caçadores voltaram a assassinar-nos, nos exterminando como se nós fôssemos a praga deste planeta.

Aoibheal, a Rainha Seelie da Luz, já não está no poder. De fato, ninguém parece saber onde ela está, e há quem comece a duvidar se ela ainda vive. Os Seelie e Unseelie têm vindo espalhar sua guerra sangrenta por todo mundo desde seu desaparecimento e, embora alguns possam dizer que estou sendo melancólica e pessimista, acredito que os Unseelie estão xonquistando uma vantagem inequívoca sobre seus irmãos mais formosos.

O que é muito, *muito* mal.

Não que eu goste mais dos Seelie. Não gosto. Para mim, o único Fae bom é um Fae morto. Simplesmente os Seelie não são tão letais como os Unseelie. Não nos assassinam assim que nos vêm. Nós temos uma utilidade para eles.

Sexo.

Embora nos considerem desprovidos de senciência, apreciam-nos na cama.

Quando fazem sexo com uma mulher, ela fica desgraçada. O vício entra-lhes no sangue. O sexo desprotegido com um Fae desperta um frenesi de apetite sexual no interior de uma mulher, por algo que nunca deveria ter conhecido e que nunca será capaz de esquecer. Levará-lhe muito tempo recuperar-se — mas ao menos está viva.

O que significa uma oportunidade para lutar outro dia. Para tentar ajudar a encontrar uma maneira de devolver nosso mundo ao que uma vez foi.

Para enviar aqueles bastardos Fae de volta a qualquer inferno de que tenham vindo.

Mas estou adiantando-me, me adiantando aos fatos.

Isto começou como começam a maioria das coisas. Não em uma escura e tormentosa noite. Não pressagiado por uma sinistra música anunciando a entrada do vilão em cena, por terríveis advertências no fundo de uma chávena de chá, ou aterradores augúrios no céu.

Começou pequena e inócua, como a maior parte das catástrofes. Uma borboleta bate suas asas em algum lugar e o vento muda, uma frente quente colide com uma frente fria ao largo da costa ocidental da África e antes que te dê conta, tem um furacão aproximando-se. Para o momento em que alguém se dá conta que a tormenta chegou, já é muito tarde para fazer alguma coisa além de fechar as comportas e tentar controlar os danos.

Meu nome é MacKayla. Mac para abreviar. Sou uma vidente sidhe, um fato que aceitei somente a pouco tempo e com muita relutância.

Há mais de nós ali fora que ninguém conhece. E essa é uma maldita boa coisa, também.

Nós somos o controle de danos.

Capítulo 1

Um ano mais tarde.
Nove de Julho. Ashford, Georgia.
Trinta e cinco graus. Noventa e sete por cento de umidade.

É uma loucura o calor que faz no Sul no verão, mas é melhor isto e ter invernos tão curtos e temperados. Eu gosto da maioria das estações e climas. Posso entrar em um nublado dia de outono — fantástico para ocupá-lo com um bom livro — como em um espaçoso céu azul de verão, mas nunca gostei muito de neve e gelo. Não sei como o agüentam e suportam os nortistas. Ou por que. Mas suponho que é uma boa coisa que o façam, de outra maneira todos eles estariam aqui embaixo desalojando aos sulistas.

Habituada com o sufocante calor sulino estava vagabundeando na piscina do pátio traseiro da casa de meus pais, levando meu biquíni de ponto debruado em rosa, o qual ia perfeitamente com meu novo estilo Não-Sou-Realmente-Uma-Camareira-Com-Unhas-Cor-De-Rosa. Estava estendida em uma espreguiçadeira acolchoada ao sol, meu comprido cabelo loiro se enroscava em um bicudo coque sobre minha cabeça, é um desses penteados que realmente espera que ninguém te veja usando. Mamãe e Papai estavam de férias, celebrando seu trigésimo aniversário de casamento com vinte e um dias nas ilhas, esperando cruzar os trópicos, os quais começaram a duas semanas em Maui e acabavam na próxima semana em Miami.

Estive trabalhando com devoção em meu bronzeado em sua ausência, tomando rápidos banhos no brilhante e afresco azul da água, me estendendo depois para deixar que o sol secasse as gotas de água em minha pele, desejando que minha irmã Alina estivesse perto para se deixar cair e possivelmente convidar a alguns amigos.

Meu iPod estava em seu Sounddock do Bose sobre a mesa do pátio próxima a mim, deslocando-se através de uma lista de reprodução que tinha gravado especificamente para o banho de sol, composta pelas maravilhosas cem números um das passadas décadas, além de algumas que me fazem sorrir — música alegre para momentos alegres. Atualmente está soando uma canção de Louis Armstrong — “Que maravilhoso mundo”.

Nasci em uma geração que pensa que o cinismo e o desencanto são insensíveis, algumas vezes estou um pouco fora de onda.

Um copo alto em tubo com doce chá gelado na mão, e o telefone perto em caso de que Mamãe ou Papai voltem antes do esperado. Não deveriam chegar à próxima ilha até amanhã, mas até agora tinham chegado duas vezes antes do esperado. Desde que me caíu acidentalmente o celular na piscina faz uns dias, estive pendurada do sem fio para não perder nenhuma chamada.

O fato era, que sentia falta de meus pais com loucura.

Ao princípio, quando partiram, tinha ficado encantada ante a idéia de passar um tempo sozinha. Vivo com eles e quando estão ali, a casa parece tão aborrecida como a Grande Estação Central, com os amigos de mamãe, os companheiros de golfe de papai, e as damas da Igreja pululando, somado aos meninos da vizinhança que se detinham por uma ou outra desculpa, convenientemente embelezados com seus trajes de banho... estariam procurando um convite?

Mas depois de duas semanas de tanta hospitalidade, começou a engasgar-me. A labiríntica casa parecia dolorosamente tranqüila, especialmente pelas tardes. Ao redor da hora do jantar me sentia terrivelmente perdida. Também faminta. Mamãe é uma assombrosa cozinheira e me cansei rapidamente de pizza, batatas fritas e o Mac-Cheese. Não posso esperar por seu frango frito, purê de batatas, frescos nabos verdes e bolo de pêssego com creme caseiro para jantar. Inclusive estive fazendo a compra no supermercado, me abastecendo de tudo o que necessita.

Adoro comer. Felizmente, não se nota. Tenho bastante peito e traseiro, mas sou magra em quadril e coxas. Possuo um bom metabolismo, embora mamãe diz: Há, Espera que chegue aos trinta. Depois aos quarenta, os cinqüenta. Papai replica: Mais para amar, Rainey, e dedica a mamãe um olhar que faz que me concentre realmente com força em alguma outra coisa. Em nada inclusive. Adoro a meus pais, mas existe muito de uma coisa chamada E.I.... Excesso de Informação.

Contudo tenho uma vida fantástica, sentindo falta dos meus pais e contando os dias até que Alina volte para casa da Irlanda, mas ambas as coisas são temporárias, logo se retificarão. Minha vida voltará a ser perfeita outra vez antes que passe muito tempo.

Há algo que possa tentar aos Destinos para que cortem um dos fios mais importantes que mantêm sua vida unida simplesmente por ser muito feliz?

Quando soou o telefone, pensei que seriam meus pais.

Não eram.

É gracioso como uma minúscula insignificância, uma ação reslizada dúzia-de-vezes ao dia pode converter-se em uma linha de demarcação.

O timbre de um telefone. O pressionar um botão.

Antes que o pressionasse — até onde eu sabia — minha irmã Alina estava viva. No momento de pressioná-lo, minha vida se dividiu em duas épocas distintas: antes da chamada e Depois.

Antes da chamada, não tinha uso para uma palavra como “demarcação”, um desses cinqüenta por cento de palavras que conheço unicamente por que sou uma ávida leitora. Antes, flutuava em minha vida de um momento especial ao próximo. Antes pensava que sabia tudo. Pensei que sabia quem era, onde iria, e que me proporcionaria exatamente meu futuro.

Antes, pensei que tinha um futuro.

Depois, comecei a descobrir que nunca tinha sabido realmente nada.

Esperei duas semanas desde o dia em que descobri que minha irmã tinha sido assassinada por alguém para fazer algo, nada, além de enterrá-la depois de um funeral com o ataúde fechado, cobrindo-a com rosas e chorar sua perda.

Chorá-la não ia trazê-la de volta. E isso não fazia que me sentisse melhor com o fato de que, quem quer que a tivesse matado, passeava-se vivo por algum lugar, feliz em seu pequeno e doente mundo psicótico, enquanto minha irmã jazia fria e branca, a seis pés clandestinamente.

Essas semanas permanecem imprecisas para mim. Chorei todo o tempo, a visão e a memória imprecisa pelo pranto. Minhas lágrimas eram involuntárias. Minha alma estava quebrada. Alina não só era minha irmã, era minha melhor amiga. Embora ela estivesse estudando os últimos oito meses em Trinity College em Dublin, enviávamo-nos e-mail constantemente e falávamos semanalmente, compartilhando tudo, não tínhamos segredos.

Ou assim pensava. Tio, como estava equivocada.

Tínhamos planejado conseguir um apartamento juntas quando voltasse para casa. Tínhamos planejado nos mudar à cidade, onde eu ia levar finalmente a sério o colégio, e Alina ia trabalhar em seu doutorado de filosofia na mesma universidade de Atlanta. Não era um segredo que minha irmã tinha herdado toda a ambição da família. Da graduação na escola superior, eu tinha estado perfeitamente satisfeita servindo mesas no Brickyard quatro ou cinco noites por semana, vivendo em casa, economizando a maioria de meu dinheiro, e tomando os suficientes cursos na universidade local de Podunk (um ou dois por semestre) e classes sobre — Como Utilizar Internet e Viagem de Etiqueta — não tinham sido suficientes para manter a Mamãe e Papai razoavelmente esperançados de que um dia me graduasse e obtivesse um Trabalho Real no Mundo Real. Ainda assim, ambiciosa ou não, tinha planejando me esforçar realmente e fazer algumas grandes mudanças em minha vida quando Alina retornasse.

Quando lhe disse adeus faz meses no aeroporto, o pensamento de que nunca a veria viva outra vez jamais tinha cruzado minha mente. Alina era tão segura quanto o sol se eleva e põe. Ela era encantadora. Tinha vinte e quatro anos e eu vinte e dois. Íamos viver juntas. Os trinta ficavam a um milhão de anos luz. Os quarenta nem sequer estavam na mesma galáxia. Morte? Nunca. A morte passa realmente às pessoas mais velhas.

Não.

Depois de duas semanas, minhas nubladas lágrimas começavam a recuar um pouco. Não deixou de doer. Acredito que finalmente expulsei a última gota de umidade de meu corpo absolutamente necessária para me manter viva. E a raiva regava minha recomposta alma. Queria respostas. Queria justiça.

Queria vingança.

Parecia ser a única.

Faz uns anos tinha feito um curso de psicologia que dizia que as pessoas pactuavam com a morte para fazer seu caminho através das fases da dor. Eu não o tinha conseguido, me sumir no intumescimento de negação que se supunha era a primeira fase. Tinha passado diretamente, do intumescimento à dor, no espaço de um batimento de coração. Com Mamãe e Papai longe, fui à única que teve que identificar seu corpo. Não tinha sido agradável e não tinha havido maneira de negar que Alina estivesse morta.

Depois de duas semanas, estava inundada totalmente na fase de raiva. Supunha-se que a depressão seria a próxima. Então, se ainda estava sã, a aceitação. Já podia começar a ver os sinais de aceitação a mim ao redor, como se se movessem diretamente do

intumescimento para a derrota. Eles falaram de —fortuitos— atos de violência. Falaram a respeito de —ter êxito— na vida. —Diziam que as coisas certamente estariam em boas mãos com a polícia.

Não estava tão sã. Nem estava remotamente segura a respeito da polícia da Irlanda.

Aceitar a morte de Alina?

Nunca.

—Não vai, Mac, e ponto final.— Mamãe permanecia ante o balcão da cozinha, um pano jogado sobre seu ombro, um alegre avental vermelho, amarelo e branco com uma magnólia impressa amarrado a sua cintura, suas mãos meladas de farinha.

Tinha estado amassando. E cozinhando. E limpando. E amassando um pouco mais. converteu-se em um verdadeiro demônio da Tasmânia das tarefas domésticas. Nascida e criada no Profundo Sul, essa era a maneira em que mamãe tentava superar. Aqui em abaixo, as mulheres aninhavam igual a mães galinhas quando a gente morria. É justo o que faziam.

Tínhamos estado discutindo durante a última hora. A noite anterior, a polícia de Dublin tinha chamado para nos dizer que lamentavam terrivelmente, mas que devido à falta de evidências, à luz do feito de que não tinham uma simples pista ou testemunha, não havia nada que seguir. Estavam-nos informando oficialmente que não tinham eleição exceto enviar o caso aberto da Alina à divisão de casos sem resolver, a qual, qualquer com o meio cérebro sabia que não era uma divisão a não ser um arquivo morto em alguma parte de um porão fracamente iluminado. Apesar de assegurar que examinariam periodicamente o caso em busca de novas provas, que procederiam com a devida diligência, a mensagem estava clara: Alina estava morta, levem a de volta a seu próprio país, e já não se preocupem mais.

Eles tinham renunciado.

Isso em um tempo recorde ou o que? Três semanas. Uns insignificantes vinte e um dias. Era inconcebível!

—Pode apostar seu traseiro que se vivêssemos ali, nunca nos teriam despachado tão rapidamente, — disse asperamente.

—Isso não sabe, Mac. — Mamãe apartou a franja de um tom loiro cinza de seus olhos azuis, bordeados de vermelho por chorar, deixando uma mancha de farinha sobre a frente.

—Me dê a oportunidade para averiguá-lo.

Seus lábios se estiraram em uma magra linha branca.

—Absolutamente não. Já perdi uma filha nesse país. Não perderei outra.

Ponto morto. E assim tínhamos estado do café da manhã, quando anunciei minha decisão de tomar tempo livre para poder ir a Dublin e averiguar que tinha feito realmente a polícia para resolver a morte de Alina.

Exigiria uma cópia do relatório, e faria tudo o que estivesse em meu poder para motivá-los a continuar com a investigação. Poria um rosto e uma voz—uma especialmente alta e muito persuasiva—à família da vítima. Não posso me sacudir a certeza de que se

somente minha irmã tivesse um representante em Dublin, a investigação seria tomada mais a sério.

Tratei de obter que papai fora, mas não havia ninguém que o alcançasse agora mesmo. Estava perdido em sua pena. Embora nossos rostos e constituições fossem muito diferentes, eu tinha a mesma cor de cabelo e olhos que Alina, e as poucas vezes que me tinha olhado ultimamente, tinha tido tal horrorizado olhar em seu rosto que tinha feito que desejasse ser invisível. Ou loira com olhos marrons como ele, em vez de uma luminosa loira com olhos verdes.

Inicialmente, depois do funeral, ele tinha sido um dínamo de decidida ação, fazendo chamadas telefônicas sem fim, contatando a qualquer e a todo mundo. A embaixada tinha sido amável, mas o dirigiram a Interpol. A Interpol o tinha mantido ocupado por alguns dias —procurando nas coisas— antes de lhe referir de forma diplomática que voltasse aonde tinha começado—a polícia de Dublin. A polícia de Dublin permaneceu inquebrável. Nenhuma evidência. Nenhuma pista. Nada para investigar. Se tiver um problema com isso senhor, contate com sua embaixada.

Ele chamou à polícia de Ashford—não, eles não podiam ir a Irlanda e jogar uma olhada. Chamou à polícia de Dublin outra vez—lhe asseguraram que tinham entrevistado a cada um dos amigos de Alina E os companheiros de classe e os professores? Não precisei ouvir ambos os lados dessa conversação para saber que a polícia de Dublin estava irritável.

Finalmente chamou um velho amigo do colégio que mantinha algum elevado poder, uma alta posição no governo. O que queira que lhe houvesse dito esse amigo o tinha desinflado completamente. Fechou-nos a porta e não voltou a sair após.

O ambiente era decididamente sombrio na Casa Lane, com Mamãe um tornado na cozinha, e Papai um buraco negro em seu estudio. Não podia me sentar para sempre esperando que eles saíssem repentinamente daquele estado. O tempo passava e as pistas se estavam esfriando a cada minuto. Se alguém ia fazer algo, tinha que ser agora, o qual significava que teria que fazê-lo eu.

—Vou e não me importa se você gosta ou não, — disse-lhe.

Mamãe se desfez em lágrimas. Golpeou a massa que tinha estado mesclando sobre o balcão e saiu correndo da habitação. Depois de um momento, ouvi a porta do dormitório fechar-se de repente corredor abaixo.

Essa é uma coisa que não posso suportar—as lágrimas de minha mãe. Como se não tivesse chorado bastante ultimamente, eu a tinha feito chorar outra vez. Escapuli-me da cozinha e subi escada acima, me sentindo como a mais baixa da mais baixa escória sobre a face da terra.

Tirei-me o pijama, tomei banho, sequei o cabelo e me vesti, então fiquei completamente perdida por um momento, absorta e com o olhar fixo ao final do corredor, na porta fechada da habitação da Alina.

Quantas milhares de vezes nos tínhamos chamado daqui para lá durante o dia, murmurando de um lado a outro durante a noite, despertando uma à outra para nos consolar quando tínhamos tido pesadelos?

Agora teria que me encarregar eu mesma de meus pesadelos.

Confronta-o, Mac. Sacudi-me e decidi me dirigir para o campus. Se ficava em casa, o buraco negro possivelmente me tragaría também. Inclusive agora podia sentir esses sucessos no horizonte expandindo-se exponencialmente.

Conduzindo para os subúrbios da cidade, recordei que tinha deixado cair meu telefone celular na piscina—Deus, Tinham passado realmente todas essas semanas?—e decidi parar no centro comercial para conseguir um novo para o caso de que meus pais precisassem me localizar enquanto estava fora.

Se se davam conta de que me tinha ido.

Detive-me ante a loja, comprei o Nokia mais econômico que tinham, desativei o velho e liguei o novo.

Tinha quatorze novas mensagens, o qual era provavelmente um recorde para mim. Dificilmente sou uma mariposa social. Não sou uma dessas pessoas conectadas que sempre estão enganchadas ao maior dos últimos serviços de localização. A idéia de me situar tão facilmente me enojava um pouco. Não tinha um telefone com câmera ou capacidade de mensagens de texto. Não necessitava serviços de Internet ou rádio satélite, só nossa conta básica, obrigado. O único aparelho que preciso é meu confiável iPod—a música é meu grande escapamento.

Retornei a meu carro, liguei o motor de modo que o ar condicionado pudesse combater o implacável calor de julho e comecei a escutar as mensagens. A maioria delas tinham semanas, de amigos da escola ou do Brickyard com os que não tinha falado desde o funeral.

Suponho, que em algum lugar no fundo de minha mente, fiz a conexão de que tinha perdido os serviços do celular alguns dias antes de que Alina tivesse morrido e esperava que possivelmente tivesse alguma mensagem dela. Esperando que possivelmente tivesse chamado, soando feliz antes que morrera. Esperando que possivelmente houvesse dito algo que pudesse me fazer esquecer minha dor, embora só fosse por um breve momento. Estava desesperada por ouvir sua voz só uma vez mais.

Quando o fiz, quase deixei cair o telefone. Sua voz se elevava do diminuto alto-falante, soando frenética, aterrada.

—Mac! OH deus, Mac, Onde está? Preciso falar contigo! Isto entrou diretamente na caixa de voz! O que está fazendo com o telefone celular desligado? Tem que me chamar no minuto em que ouça isto! Quero dizer no mesmo instante!

A pesar do opressivo calor do verão, fiquei repentinamente gelada, minha pele fria e úmida.

—OH, MAC, tudo foi tão mal! Pensei que sabia o que estava fazendo. Pensei que ele me estava ajudando, mas—Deus, Não posso acreditar que fosse tão estúpida! Pensei que estava apaixonada por ele e é um deles, Mac! Ele é um deles!

Eu pisquei sem compreender. Um de quem? “De fato, Quem era esse “ele” que era um deles” em primeiro lugar? Alina—apaixonada? De maneira nenhuma! Alina e eu nos contávamos tudo. A parte de alguns rostos com os que saiu casualmente em seus primeiros meses em Dublin, não tinha mencionado a nenhum outro tipo em sua vida. E certamente não um de que estivesse apaixonada!

Sua voz calou em um soluço. Minha mão aferrou o telefone em um mortal apertão, como se pudesse sustentar a minha irmã através dele. Manter assim a Alina com vida e salvá-la do dano. Uns segundos de estática, então, quando começou a falar outra vez o fez em voz baixa, como se temesse ser ouvida por acaso.

—Temos que falar, Mac! Há muito que você não sabe. Meu Deus, Nem sequer sabe o que é! Há tantas coisas que deveria te haver dito, mas pensei que poderia te manter fora disto até que as coisas fossem seguras para nós. Vou tentar fazê-lo em casa —ela se deteve e riu desconsoladamente, um cáustico som totalmente alheio a Alina.

—Mas não acredito que ele me deixe sair do país. Chamarei-te tão logo—Mais estática. Um grito sufocado.

—OH, MAC, ele se aproxima!— Sua voz caiu a um urgente murmúrio.

—Me escute! Temos que encontrar ele—sua próxima palavra soava confusa ou estranha, um pouco parecido a shi-sadu, acredito.

—Tudo depende disto. Não podemos deixar que eles o obtenham! Temos que fazer isso primeiro! Esteve me mentindo todo o tempo. Agora sei e sei onde...

Ar mortal.

A chamada tinha sido terminada.

Sentei-me atônita, tentando buscar sentido ao que acabava de ouvir. Pensei que devia ter uma personalidade dividida e que havia duas Macs: uma que tinha uma pista a respeito do que estava passando no mundo a seu redor, e outra que logo que podia distinguir a realidade o bastante bem para conseguir vestir-se pela manhã e colocar sapatos no pé correto. A Mac-que-tinha-uma-pista devia ter morrido quando o fez Alina, por que esta Mac obviamente não sabia nada a respeito de sua irmã.

Tinha estado apaixonada e nunca me mencionou isso! Nenhuma só vez. E agora parecia que essa era a menor das coisas que ela não me havia dito. Eu estava alucinada. Traída. Havia uma enorme parte da vida de minha irmã que me tinha estado ocultando durante meses.

Em que tipo de perigo estava metida? Do que tinha estado tentando me manter afastada? Até que isso fosse mais seguro para nós? O que tínhamos que encontrar? Tinha sido o homem de quem ela acreditava estar apaixonada o que a tinha assassinado? Por que—OH por que—não me havia dito seu nome?

Comprovei a data e a hora da chamada. À tarde depois de que tivesse deixado cair meu telefone na piscina. Senti o estômago doente. Ela me tinha necessitado e eu não tinha estado ali para ela. No momento em que Alina tinha estado tentando desesperadamente me alcançar, eu tinha estado tomando sol no pátio, escutando meus cem números de canções medianamente felizes, meu telefone celular se havia quebrado e permanecia esquecido sobre a mesa do jantar.

Pressionei cuidadosamente a tecla de saída, então escutei o resto das mensagens, esperando que ela possivelmente houvesse me tornado a chamar, mas não havia nada. De acordo com a polícia, ela tinha morrido aproximadamente quatro horas depois de que tentasse me alcançar, embora não tinham encontrado seu corpo em um beco até quase dois dias depois.

Essa era uma imagem que sempre tentei bloquear.

Fechei meus olhos e tentei não me espriar no pensamento de que tinha perdido minha última oportunidade para falar com ela, tentava não pensar que possivelmente pudesse ter feito algo para salvá-la se só tivesse respondido. Esses pensamentos podiam me voltar louca.

Voltei a passar outra vez a mensagem. O que era um shi-sadu? E qual era o assunto com seu crítico Não sabe sequer o que é? O que poderia ter querido dizer Alina com isso?

No fundo de meu coração eu entendia a mensagem, esse foi meu terceiro pensamento.

Também sabia que não havia maneira em que pudesse reproduzir isto a Mamãe e Papai. Não só os afundaria mais (se é que havia algo mais profundo do que estavam atualmente), mas sim provavelmente me encerrariam em minha habitação e atirariam a chave. Não podia vê-los arriscando-se com sua menina restante.

Mas... se fosse a Dublin e o reproduzisse para a polícia, eles teriam que reabrir o caso, Não é verdade? Isto era um pouco de peso. Se Alina tinha estado apaixonada por alguém, teria sido vista com ele em algum ponto, algum lugar. Na escola, em seu departamento, no trabalho, em algum lugar. Alguém devia saber quem era ele.

E se o misterioso homem não era seu assassino, certamente seria a chave para descobrir quem o era. Depois de tudo, ele era “um deles”.

Franzi o cenho.

Quem quer ou o que queira que fossem “eles”.

Capítulo 2

Aprendi rapidamente que uma coisa era pensar em ir a Dublin e exigir justiça para minha irmã, e outra completamente distinta me encontrar ali de pé, fatigada pela defasagem de horário ao cruzar um oceano, a quatro mil milhas de casa.

Mas ali estava eu, anoitecendo cada vez mais rapidamente, em uma rua pavimentada no coração de uma cidade estrangeira, vendo ir-se meu táxi, rodeada por gente que falava uma versão de inglês que era virtualmente ininteligível, tentando aceitar o feito de que, embora houvesse mais de um milhão de habitantes ao redor da cidade, eu não conhecia uma só alma.

Nem em Dublin, nem na Irlanda, nem em todo o continente.

Estava tão só como se poderia estar.

Tinha tido uma enorme briga com Mamãe e Papai antes de partir, e não tinham falado comigo. Por outra parte, nem sequer falavam um com o outro, de todas as maneiras, assim tratei de não toma-ló como algo muito pessoal. Tinha deixado meu trabalho e me retirei da escola. Tinha esvaziado meus cheques e contas de economias. Eu era uma mulher branca solteira de vinte e dois anos só em um país estranho onde minha irmã tinha sido assassinada.

Tinha escolhido esta Pousada com café da manhã por duas razões: Estava perto de onde Alina tinha mantido um pequeno e ruidoso apartamento em cima dos muitos pubs de Dublin, e era uma das menos custosas na área. Não tinha a menor ideia de quanto tempo ficaria, assim tinha reservado o bilhete só de ida mais barato que tinha podido encontrar. Tinha recursos limitados e precisava olhar cada centavo, ou poderia acabar presa ali sem o suficiente dinheiro para retornar a casa. Só quando estivesse convencida de que a polícia—ou Um Garda Síochána, os Guardiães da Paz, como os chamava ali—estavam fazendo o melhor trabalho possível, começaria a considerar o deixar outra vez a Irlanda.

Na viagem, tinha devorado dois guias turísticos ligeiramente atrasados, que tinha encontrado no dia anterior no Rincão de Livro de Ashford, a única loja de livros de segunda mão. Tinha estudado atentamente mapas, tentando me empapar até os ossos da história da Irlanda e me familiarizei com os costumes locais. Tinha passado três horas fazendo escala em Boston, com os olhos fechados, tratando de recordar cada detalhe a respeito de Dublin que tinha compilado da Alina em nossas chamadas telefônicas e correios eletrônicos. Tinha medo de estar ainda tão verde como um pêssego sem maturar da Georgia, esperando não ser a torpe turista voltando sobre meus passos cada vez que virava uma esquina.

Entrei no vestíbulo da Clarim House e me apressei para o balconista.

—Boa tarde, minha querida, — disse alegremente o recepcionista.

—Espero que tenha reservas, asseguro-lhe que as necessitará em temporada alta.

Pisquei e voltei a passar por minha memória o que acabava de dizer, mas muito mais lentamente.

—As reservas, — disse.

—OH sim.

Entreguei-lhe minha confirmação de correio eletrônico ao cavalheiro de idade avançada. Com o cabelo branco, a barba perfeitamente recortada, faiscantes olhos detrás de uns óculos redondos de arreios ao ar, e orelhas estranhamente pequenas, via-se igual a um alegre duende da fabulosa Terra Verde. Enquanto confirmava minha estadia e a verificava, estendeu-me uns folhetos e tagarelou sem parar sobre onde ir e o que ver.

Ao menos pensei que o fazia.

A verdade era, que entendi pouco do que estava dizendo. Embora seu acento era encantador, as suspeitas que me tinha formado no aeroporto se confirmaram: Ia levar tempo a meu tristemente monolingüe cérebro Americano aclimar-se à inflexão irlandesa e a extraordinária maneira de expressar as coisas. Tão rapidamente como o empregado falava, ele possivelmente também tinha estado indo-se pelos ramos (uma das novas frases de meu fiel guia turística) em gaélico, para o sentido que lhe encontrava.

Uns poucos minutos mais tarde, e sem entender nenhuma só coisa das que ele tinha recomendado, estava no terceiro andar, fechando a porta de meu quarto. Como tinha esperado pelo preço, não era muito. Apertado, só dois metros e meio em qualquer direção, o quarto estava mobiliado simplesmente com uma cama gemea enrostopitada sob uma alta e estreita janela, uma pequena penteadeira de três gavetas, coroada por um abajur com uns desenhos amarelos sombreados, uma desvencilhada cadeira, uma pia de pé para lavar, e um armário tão amplo como o era eu, com (empurrei para abri-lo) a coberta e dois cabides de arame mau dobrado. O quarto de banho estava em um quarto comunitário abaixo, ao final do vestíbulo. A única concessão à atmosfera era um desbotado tapete laranja e rosa e uma cortina a jogo sobre a janela.

Deixei cair minhas bolsas na cama, apartei a cortina, e joguei uma olhada à cidade onde morreu minha irmã.

Eu não queria que fora formosa, mas o era.

Tinha escurecido completamente e Dublin estava brilhantemente iluminada. Tinha chovido recentemente, e contra o carvão da noite, os brilhantes paralelepípedos das ruas brilhavam em âmbar, rosa e azul néon do reflexo dos abajures e pôsteres. A arquitetura era de um estilo que só tinha visto antes em livros e filmes. O velho moderado, elegante e grande. Os edifícios alardeavam de fachadas recarregadas, alguns adornados por pilares e colunas, outros luziam esplêndidos detalhes de artesanato em madeira e altas e majestosas janelas. A Clarim House permanecia aos subúrbios do distrito Têmpera Bar, que segundo meu guia turística, era a parte mais vibrante e viva da cidade, cheia de craic—o jargão irlandês para algo do estilo da melhor das diversões.

As pessoas se apinhavam nas ruas, vagando de um dos inumeráveis pubs no distrito ao seguinte. “Um Bom Enigma” tinha escrito James Joyce, “Seria cruzar Dublin sem passar algum pub”. Mais de seiscentos pubs em Dublin! O titular em um dos muitos folhetos que o espevitado empregado me tinha apregoado orgulhosamente. Pelo o que tinha visto no caminho, acreditei-lhe. Alina tinha estudado muito para ser admitida no exclusivo programa de estudos no estrangeiro de Collage Trinity, mas também sabia que ela tinha desfrutado completamente a enérgica vida social e de muitos e diversos pubs da cidade. Ela tinha adorado Dublin.

Observando às pessoas rindo e falando abaixo, sentia-me tão diminuta como uma partícula de pó que brilha com luz intermitente em um feixe da luz da lua.

E a respeito de como se relacionava com o mundo.

— Bom, estão relacionados, — murmurei para mim mesma.

— Você é a única esperança de Alina.

Nesse momento, a única esperança da Alina, estava mais faminta que cansada, e depois de três escalas e vinte horas da viagem, estava rendida. Nunca tinha podido dormir em jejum, assim sabia que teria que conseguir algo de comer antes que pudesse fazê-lo. Se não, só me deitaria e daria voltas toda à noite, e despertaria mais faminta e mais esgotada, o qual não podia me permitir. Amanhã teria um dia ocupado e necessitava todo meu engenho.

Era tão bom momento para relacionar-se como qualquer. Salpiquei meu rosto com água fria, retoquei minha maquiagem e me penteiei o cabelo. Depois de trocar minha saia curta branca favorita que tirava o maior partido possível a minhas pernas beijadas pelo sol, uma bonita regata lilás e a jaqueta a jogo, recolhi meu comprido cabelo loiro em um elevado rabo, fechei e me escapuli da estalagem, a noite de Dublin.

Parei no primeiro bar que me pareceu convidativo e que alardeava da autêntica tarifa irlandesa. Escolhi um antiquado lugar do Velho Mundo sobre o chamativo distrito urbano. Eu ybicamente queria uma boa comida quente sem muita animação. E a consegui: uma tigela de copioso e espesso guisado irlandês, quente pão de soja, e uma parte de bolacha de chocolate ao uísque, digerido com uma perfeitamente espumosa Guinness.

Embora estivesse agradavelmente dormitada depois da completa comida, pedi uma segunda cerveja, pus-me cômoda e joguei uma olhada ao redor, observando a atmosfera. Perguntei-me se Alina teria vindo inclusive aqui, e me permiti me sumir na pequena fantasia de imaginá-la aqui com amigos, rindo e feliz. Este era um formoso bar, com acolhedoras cabines de respaldo alto de couro, ou —snugs— como os chamavam, forrando as paredes. A barra ocupava o centro da enorme habitação, um formoso, elegante exterior de mogno, cobre, e espelhos. Este estava rodeado por altas mesas de café e tamboretas. Era em uma dessas mesas onde estava sentada.

O bar estava cheio com uma eclética combinação de clientes, desde jovens estudantes universitários a turistas aposentados, da última moda, ao vestuário esportivo-sujo. Como barman, sempre me interessei em como eram outros clubes: o que ofereciam, quem os decorava, e que telenovelas se desenvolviam neles, porque o faziam indevidamente. Sempre havia uns poucos tipos magníficos, algumas brigas, alguns romances, e sempre alguns insetos estranhos em determinado bar, em qualquer determinada noite.

Esta noite não suporia nenhuma exceção.

Já tinha pago minha conta e logo que estava terminando minha cerveja quando ele entrou. Pressenti-o porquê era impossível não fazê-lo. Embora não lhe joguei uma olhada até que já me tivesse passado e suas costas estivessem frente a mim, era o traseiro de um atleta de talha mundial. Alto, forte e poderoso músculo encerrado em calças negras de couro, botas negras, e, sim, adivinhou-o, um verdadeiro rei do drama, uma camisa negra. Passei suficiente tempo detrás de uma barra para que me tenha formado umas quantas opiniões a respeito do que levam as pessoas e o que diz a respeito deles. Os tipos que

vestem de negro da cabeça aos pés entram em duas categorias: querem causar problemas, ou são o problema. Tendo a diferenciá-los claramente. As mulheres que vão todas de negro são uma história diferente, mas isso não vem ao caso.

Assim adverti seu traseiro primeiro, e como tinha alcançado a ver com o olho de uma perita (problemático ou não, ele se via realmente apetecível) foi diretamente à barra, inclinou-se, e surripou uma garrafa de uísque da prateleira de acima.

Nem uma alma pareceu adverti-lo.

Pus-me rígida com foto instantânea indignação pelo barman, era uma aposta segura que seria de seu bolso de onde foram acabar por sair os sessenta e cinco dólares da garrafa de uísque de malte escocês na hora de fechar, quando suas contas não fossem exatas.

Comecei a me deslizar de meu tamborete. Sim, ia fazê-lo um estrangeiro em um país estranho, nada menos ia tirar o rato fora. Nós os barman temos que permanecer unidos.

O tipo girou.

Eu me congelei, um pé sobre o degrau inferior, a metade do caminho. Acredito que inclusive deixei de respirar. Dizer que ele era matéria de estrela de cinema era ficar curta. Chamá-lo mortalmente maravilhoso nem sequer se aproximava. Dizer que os arcanjos devem ter sido agraciados Por Deus com tais rostos não poderia sequer começar a descrevê-lo. O comprido cabelo dourado, olhos tão claros que pareciam chapeados, o homem era cegadoramente formoso. Me puseram todos os cabelos do corpo de ponta, por toda parte, ao unísono. E obtive o mais estranho pensamento: Ele não é humano.

Sacudi a cabeça ante minha loucura e retrocedi no tamborete. Ainda tinha a intenção de dizer-lhe ao barman, mas não até que o homem partisse do bar. De repente não tinha nenhuma pressa em estar perto dele.

Mas ele não partiu. Em lugar disso se recostou contra a barra, rompeu o selo, desenroscou a tampa, e deu um comprido trago à garrafa.

E quando eu o olhei, aconteceu algo totalmente inexplicável. O pêlo por toda parte de meu corpo começou a vibrar, minha comida se revolveu na boca do estômago e de repente tive alguma aula de visão acordada. A barra estava ainda ali e também ele, mas nesta versão da realidade, ele não era para nada magnífico. Ele não era nada exceto uma cuidadosamente camuflada abominação, e justo sob a superfície de toda essa perfeição, o apenas mascarado fedor de decadência se elevava desde sua pele. E se estivesse o suficientemente perto, o asqueroso fedor possivelmente me estrangulasse até morrer. Mas esse não era o centro da questão. Eu sentia como se só pudesse abrir meus olhos um pouco mais, veria inclusive mais. Veria exatamente o que ele era, se só pudesse lhe olhar de algum outro modo, de forma diferente.

Não sei quanto tempo estive ali sentada, olhando-o. Depois, saberia que tinha sido o bastante para conseguir que me matassem, mas eu não sabia nada disso naquele momento.

Fui salva de mim mesma, de que minha história terminasse ali mesmo e nesta mesma página, por um agudo golpe no dorso de minha cabeça.

—Ow!— Dei um salto sobre o tamborete, girei-me, e cravei o olhar em meu agressor.

Ela me devolveu o olhar, uma diminuta anciã, de oitenta se chegava a eles. Grossas mechas chapeadas em uma larga trança estavam retirados de seu rosto de ossos finos.

Vestia de negro dos pés a cabeça e me incomodou brevemente o me dar conta que teria que revisar minhas teorias a respeito da moda das mulheres. Antes que pudesse dizer, — Hey, O que acredita que está fazendo?— ela me alcançou e me golpeou outra vez, seus nódulos golpeando bruscamente contra minha frente.

—Ow! Deixe isso!

—Como te atreve a lhe olhar dessa maneira?— vaiou a mulher. Uns ferozes olhos azuis brilhavam furiosamente ante mim de um ninho de finas rugas.

—Está-nos pondo em perigo a todos nós, então, maldita idiota?

—Huh?— Ao igual com o ancião duende da recepção, tinha que repassar suas palavras lentamente em minha mente. Ainda assim não tinham sentido para mim.

—O obscuro Tuatha Dê! Como te atreve a nos trair! E você, uma O'Connor, nada menos! Terei umas palavras com seus parentes, farei-o!

—Huh?— Esta parecia de repente a única palavra que podia pronunciar. Tinha-a ouvido corretamente? O que no mundo era um too—ah—day? E quem se pensava que era eu? Ela levantou sua mão e temi que me fora a golpear outra vez, assim deixei escapar.

—Não sou uma O'Connor

—Claro que o é.— Ela rodou seus olhos. —Esse cabelo, esses olhos. E essa pele! Och, se, você é uma O'Connor cem por cem. Os que são como ele partiriam para uma pequena coisa saborosa como você em dois tempos e se escavariam os dentes com seus ossos antes que pudesse separar esses bonitos lábios para suplicar. Agora sai daqui antes que arruíne a todos!

Pisquei.

—Mas eu...

Ela me sossegou com um esmagador olhar que sem dúvida tinha aperfeiçoado durante o meio século de prática.

—Fora! Agora! E não volte aqui. Nem esta noite, nem nunca. Se não puder manter a cabeça baixa e honrar sua linha de sangue, então nos faça a todos um favor, vá morrer em outra parte.

Ow. Ainda piscando, joguei a mão atrás procurando minha bolsa. Não necessitava que me golpeassem na cabeça com um pau para saber que não era bem recebida. Uns poucos leves golpes de nódulos o fizeram à perfeição. Com a cabeça em alto, o olhar fixo à frente, apartei-me sozinha em caso de que a endoidecida anciã tivesse em mente tentar me golpear outra vez. A uma distância segura, voltei-me e parti do bar.

—E isso é tudo, — murmurei para mim mesma quando voltei a irromper em meu pequeno alojamento na estalagem.

—Bem-vinda a Irlanda, Mac.

Não podia dizer o que me incomodava mais, minha estranha alucinação ou a hostil velha.

O último pensamento antes de dormir foi que a anciã estava obviamente louca. Em caso de que alguma das duas o estivesse, estava segura de que não era eu.

Capítulo 3

Demorei um momento em encontrar a rua do posto policial ao dia seguinte. As coisas pareciam muito diferentes quando caminhava, que quando consultava o pequeno e valioso mapa. As ruas não se bifurcavam em ângulos ordenados, e seus nomes trocavam sem tom nem som entre um bloco e o seguinte.

Vagabundeei, passando a porta do mesmo café e o posto de jornais independente, três vezes. “O Homem viu o Diabo no milharal do condado de Clare”, Sexto avistamento este Mês”, proclamava um tablóide. “Os Antigos estão Retornando, reclama-se Médiun”, proclamava outro. me perguntando quem era “Os Antigos” uma velha banda de rock? à quarta volta rendi e pedi ao ancião vendedor indicações.

Não pude entender uma palavra do que me disse. Comecei a ver uma clara correlação entre a idade do interlocutor e a incompreensibilidade do acento. Quando o farfullador cavalheiro me soltou uma quebra de onda de encantadoras palavras melodiosas que não tinham nenhum sentido para mim, assenti e lhe sorri imensamente, tratando de parecer inteligente. Esperei até que terminou, então o joguei a sortes. Que de merda? Minhas probabilidades eram de cinquenta por cento, e girei para ir ao norte.

Com um agudo som de cacarejo, ele me agarrou pelo ombro, girou-me em sentido contrário, e ladrou,

— Não ouve bem, moça?

Acredito. Poderia me haver chamado asno cabeludo.

Sorrindo brilhantemente, fui para o sul.

A recepcionista da manhã no Clarim House, uma mulher de vinte anos chamada Bonita (o qual tinha entendido com pouca dificuldade), tinha-me assegurado que não seria capaz de perder a Guarda uma vez chegasse ali. Havia dito que o histórico edifício parecia uma antiga casa inglesa com solarino, feita toda de pedra, com muitas chaminés e torres arredondadas em cada final. Tinha razão, era-o.

Entrei na estação através de uma alta porta de madeira colocada em um profundo e elevado arco de pedra e me dirigi a recepcionista.

— Sou MacKayla Lane. — Fui direta ao grão.

— Minha irmã foi assassinada aqui o mês passado. Queria ver o detetive que levou seu caso. Tenho nova informação para ele.

— Quem esteve trabalhando no, assassinato?

— O Inspetor Ou'Duffy. Patrick Ou'Duffy.

— Sinto muito, carinho. Nosso Patty estará fora uns quantos dias. Posso te arrumar uma entrevista com ele na quinta-feira.

Uma entrevista na quinta-feira? Tinha que ser agora. Não queria esperar três dias.

— Há outro inspetor com o que poderia falar a respeito disto?

Ela se encolheu de ombros.

— Poderia. Mas terá mais sorte com o que trabalhou em seu caso. Se fosse minha irmã, eu esperaria pelo Patty.

Troquei-me impaciente de um pé ao outro. A necessidade de fazer algo estava queimando um buraco em meu intestino, mas queria fazer o que era melhor para a Alina, não o que era o mais imediato.

— Bem. Aceitarei a entrevista para quinta-feira. Você tem alguma pela manhã?

Ela me anotou para a primeira entrevista do dia.

Depois fui ao alojamento da Alina.

Embora seu aluguel tinha sido pago até final deste mês (não reembolsável) não tinha a menor ideia de quanto tempo me levaria classificar suas coisas e ter tudo embalado para enviar de volta a Georgia, assim imaginei que o melhor seria começar agora. Não ia deixar nem uma pequena parte de minha irmã a quatro mil milhas de casa.

Havia fitas da policial sobre a porta, mas tinha um atalho. Autorizei-me a entrar com a chave que o Inspetor Ou'Duffy nos tinha enviado no pequeno amarrado de coisas pessoais que encontraram sobre seu corpo. O apartamento cheirava igual a sua habitação ao retornar a casa, a velas de pêssego e creme, e ao perfume Beautiful.

O interior estava escuro, as venezianas estavam fechadas. O Pub de abaixo ainda não tinha aberto por hoje, assim que o lugar estava tão silencioso como uma tumba. Apalpei procurando o interruptor de luz. Embora nos haviam dito que o andar tinha sido saqueado completamente, não estava preparada para isto. O pó dos rastros digitais estava por toda parte. Tudo o que podia romper-se estava quebrado: abajures, as figurinhas, os pratos, inclusive o set de espelho em cima do suporte perto da cozinha de gás. O sofá estava rachado, as almofadas rasgadas, os livros feitos pedaço, as estantes para livros esmagadas, e inclusive as cortinas estavam destroçadas. Os CDs rangeram sob meus pés quando entrei na cozinha.

Isto tinha sido feito antes ou depois de que ela morrera? A polícia não nos tinha devotado opinião alguma até o momento. Não sabia se o que estava vendo era o produto de uma raiva descontrolada, ou se o assassino tinha estado procurando algo. Possivelmente a coisa que Alina havia dito que precisávamos encontrar. Possivelmente ele tinha pensado que ela já o tinha, o que queira que isso fosse.

O corpo da Alina tinha aparecido a quilômetros de distância, em um beco cheio de lixo no lado oposto do Rio Liffey. Eu sabia exatamente onde. Tinha visto as fotos da cena do crime. Antes de deixar a Irlanda, sabia que acabaria nesse beco, lhe dando meu último adeus, mas não tão logo. Aquilo já era suficientemente mau.

De fato, cinco minutos no lugar era tudo o que podia suportar.

Fechei e voltei rapidamente abaixo sobre meus passos, irrompendo da estreita escada, sem janelas ao brumoso beco atrás do pub. Agradecia ter três semanas e meia para me enfrentar com a situação antes de que o aluguel expirasse. A próxima vez que viesse, prepararia-me para o que pudesse encontrar. A próxima vez que viesse, estaria armada com caixas, bolsas de lixo e uma vassoura.

A próxima vez que venha, disse-me, enquanto me esfregava uma manga pela bochecha, não choraria.

Passei-me o resto da manhã e grande parte da tarde me escondendo em um café de Internet, tratando de localizar a coisa que Alina havia dito que precisamos encontrar, um “shi-sadu”. O tentei com cada buscador. Perguntei até no Jeeves. Procurei nos textos dos

periódicos online locais esperando ter êxito. O problema era, que não sabia como soletrá-lo; não sabia se era uma pessoa, lugar, ou coisa, e não importava quantas vezes escutasse a mensagem, ainda não estava segura de entender o que ela dizia.

Só pelo diabólico disso, decidi procurar pela estranha palavra que havia dito a anciã a passada noite “too-ah-day”. De todos os modos não tive sorte com isso.

Um pouco de horas em minha frustrada busca, despachei vários correios eletrônicos também, incluindo um emotivo a meus pais, pedi outro café e perguntei a dois bonitos meninos irlandeses que estavam atrás do balcão, os quais aparentavam minha idade, se tinham alguma idéia do que era um shi-sadu

Não sabiam.

—O que me dizem de um too-ah-day? —Perguntei, esperando a mesma resposta.

—Too-ah-day? —repetiu o de cabelo escuro, com uma inflexão levemente diferente a que tinha utilizado eu.

Assenti.

—Disse-me isso uma anciã ontem à noite em um pub. Alguma idéia do que significa?

—Seguro, —riu ele.

— É o que todos os malditos americanos vêm aqui esperando encontrar. Isso ou um pote de Ouro, Não é verdade, Seamus? —Sorriu-lhe burlonamente a seu loiro companheiro, quem sorriu amplamente em resposta.

—O que é isso? —Disse cautelosamente.

Agitando seus braços igual a pequenas asas, fez-me uma piscada.

—Quem. Isso seria uma fada pequeninha, moça.

Uma fada pequeninha. Já. Ou-huh. Com Turista estampado em toda minha frente, tomei a fumegante taça, paguei pelo café, e acompanhei minhas chamejantes bochechas de volta a minha mesa.

Endoidecida anciã, pensei irritavelmente, fechando minha sessão de Internet. Se a voltava a ver outra vez, ia levar se uma bronca.

Foi a névoa a que fez que me perdesse.

Tivesse estado bem se fosse um dia ensolarado. Mas a névoa tinha o costume de transformar inclusive a paisagem mais familiar em algo estranho e sinistro, e o lugar era já tão estranho para mim que adquiriu rapidamente atributos sinistros.

Por um minuto pensei que me estava dirigindo diretamente para Clarim House, baixando bloco detrás bloco sem emprestar realmente muita atenção, o próximo foi me encontrar em meio de uma multidão, em uma rua que não tinha visto antes, e de repente, eu era uma das três únicas pessoas em um caminho surpreendentemente silencioso e cheio de névoa. Não tinha a menor ideia quão longe tinha chegado. Minha mente estava em outras coisas. Poderia ter andado durante milhas.

O que me ocorreu foi uma idéia realmente inteligente. Seguiria a um dos outros pedestres e certamente eles me dirigiriam de retorno à parte principal do povo.

Grampeando a jaqueta para me proteger da nebulosa chuva, escolhi ao mais próximo dos dois, uma mulher de uns cinqüenta anos com um impermeável bege e um cachecol azul. Tive que me aproximar porque a névoa era muito densa.

Dois blocos mais tarde, ela agarrava sua bolsa apertando-o a seu lado, e jogava nervosos olhares sobre o ombro. Demorei uns poucos minutos em me dar conta que estava assustada de mim! Depois recordei o que tinha lido em meu guia turística sobre o crime no interior da cidade. Jovens de ambos os sexos que pareciam inocentes eram responsáveis por muitos deles.

—Deixe de me seguir! Parta, —choramingou ela, apertando o passo, as abas de seu casaco batendo-se.

—De acordo. Fico quieta. —Detive-me ali mesmo. A última coisa que queria fazer era persegui-la, o outro pedestre se foi, necessitava-a. A névoa ficava mais densa a cada minuto e eu não tinha a menor ideia de onde estava.

—Olhe, sinto havê-la assustado. Poderia só me indicar para o District Têmpera Bar? Por favor? Sou uma turista americana e estou perdida.

Sem voltar-se ou diminuir o passo no mais mínimo, estendeu o braço vagamente em direção à esquerda, então desapareceu dobrando a esquina, me deixando reveste na névoa.

Suspirei. A esquerda era essa.

Fui para a esquina, girei, e comecei a caminhar a passo moderado. Tomando referência dos arredores, avancei um pouco. Parecia estar me afundando em uma parte ruínosa e industrial da cidade. As janelas de algum ocasional apartamento davam passo a idênticos armazéns construídos a ambos os lados da rua, com janelas quebradas e portas afundadas. A calçada media apenas um metro de largura e estava mais suja a cada passo, lotada de lixo. Comecei a sentir fortes náuseas, suponho que do fedor das bocas-de-lobo. Devia ter existido uma velha fábrica de papel perto, grosas cascas de poroso papel amarelado de vários tamanhos caíam e voavam pelas ruas vazias. Os becos, estreitos e sórdidos estavam marcados nas entradas com flechas de pintura levantada, indicando por volta de docas que parecia que a última vez que tinham recebido uma entrega fazia vinte anos.

Aqui, elevava-se uma desmoronada chaminé, fundindo-se na névoa. Ali, permanecia um carro abandonado com a porta do condutor entreaberta e, fora dele, um par de sapatos e um montão de roupa, como se o condutor tivesse saído simplesmente, despiu-se e deixado tudo atrás. Tudo estava surpreendentemente silencioso. Os únicos sons eram meus leves e amortecidos passos e o lento gotejar do canelone esvaziando-se nos tubos de deságüe. Quanto mais longe entrava na decadente vizinhança, mais queria correr, ou ao menos ceder a uma vigorosa carreira, mas me preocupava que se houvesse indesejáveis habitantes do tipo humano na área, o rápido som de meus saltos contra o pavimento possivelmente atraísse sua atenção. Temi que esta parte da cidade estivesse tão deserta devido a que os negócios se transladaram quando as turmas se assentaram ali. Quem sabia o que se ocultava atrás dessas janelas quebradas? Quem sabia o que se agachava detrás dessa porta méio aberta?

Os seguintes dez minutos foram alguns dos mais estremeceadores de minha vida. Estava sozinha em uma má zona de uma cidade estranha, sem nenhuma idéia de se ia pelo caminho correto ou me dirigia diretamente a algo pior. Duas vezes acreditei ouvir que algo sussurrava de um beco quando passei. Duas vezes agüentei o pânico e me neguei a

correr. Era impossível não pensar na Alina, no parecido com o lugar onde tinha sido encontrado seu corpo. Não podia me sacudir a sensação de que havia algo mau aqui, e era algo muito pior que o simples abandono e a decadência. Esta parte da cidade não se sentia simplesmente vazia. sentia-se, bem... abandonada... como se tivesse passado por um pôster dez blocos atrás que dizia “Tudo o que Entre Aqui, Abandona a Esperança”.

Senti que se incrementavam as náuseas e minha pele estava começando a picar. Apressei-me em baixar bloco detrás bloco, tomando como referência geral a direção da esquerda quando as ruas me permitiam isso. Embora era só a hora do jantar, a chuva e a névoa tinham retornado o dia em crepúsculo e os poucos faróis que não tinham estalado faziam anos começaram a piscar e iluminar-se. A noite caía e logo estaria tão escuro como o tom dessa larga sombra estendendo-se entre as fracas e poucas freqüentes piscinas de luz.

Comecei a caminhar mais depressa. Ao bordo da histeria ante o pensamento de que estava perdida nesta espantosa parte da cidade de noite, quase soluzei com alívio quando divisei um edifício brilhantemente iluminado alguns blocos mais adiante, em chamas igual a um oásis de luz.

Pus-me a correr, essa carreira a que me tinha estado resistindo.

Quando me aproximei, pude ver que todas as janelas estavam intactas, e o alto edifício de tijolo estava impecavelmente renovado, luzindo uma custosa restauração na fachada do primeiro andar, de escura madeira e latão. Largos pilares emolduravam uma entrada com uma atrativa porta de cerejeira flanqueada por vidraças e coroadas por uma travessa a jogo. As altas janelas flanqueavam os lados, que estavam emoldurados por colunas de menor tamanho a jogo, e cobertas com elaborada persiana de ferro forjado. Um sedan último modelo estava estacionado em frente, na rua, ao lado de uma motocicleta.

Mais acima, podia ver janelas de apartamentos no segundo andar. Havia gente nas ruas, compradores que pareciam perfeitamente normais e comensais de restaurantes e assíduos aos pubs.

Justo o que queria, estava outra vez na parte decente da cidade! Graças a Deus, pensei. Embora logo não estaria tão segura a respeito de quem me tinha salvado do perigo desse dia, ou se tinha sido salva de tudo. Nós temos uma frase própria da Georgia, “Saltamos da frigideira ao fogo”. As solas de meus sapatos deviam ter estado molhadas.

“Barrons Livros e Bijuteria” proclamava a alegremente grafite tabuleta que pendurava perpendicular ao edifício, suspensa sobre a calçada por uma elaborada aba de bronze sujeita ao tijolo de em cima da porta. Uma luminosa placa, passada de moda, nas janelas pintadas de verde dizia, “Aberto”. Não me tinha podido parecer o lugar mais perfeito para pedir um táxi se tivesse exibido um sinal que dissesse, “Bem-vindos Turistas Perdidos/Pesam Aqui seus Táxis”.

Era suficiente para este dia. Nada de perguntar mais direções, nada de seguir caminhando. Estava molhada e gelada. Queria uma sopa quente e uma ducha mais quente ainda. E o queria mais do que queria economizar meu limitado dinheiro.

As campainhas tilintaram quando empurrei para abrir a porta.

Penetrei um passo e me detive, piscando atônita. Pelo exterior tinha esperado uma pequena e encantadora livraria e a curiosa loja com as dimensões interiores do Starbucks

de uma universidade. O que obtive foi um interior cavernoso que albergava um desdobramento de livros que fazia que a biblioteca que a Fera da Disney dava a Bela o dia de seu casamento parecesse uma dispensa.

Adoro os livros, por certo, mais que os filmes. Os filmes lhe dizem o que pensar. Um bom livro te permite escolher alguns pensamentos por você mesmo. Os filmes lhe mostram a casa rosa. Um bom livro te diz que há uma casa rosa e deixa que você lhe dê alguns toques finais, possivelmente que escolha o estilo do teto, que estacione seu próprio carro em frente. Minha imaginação sempre ultrapassou o que qualquer filme pudesse propor. Por exemplo, esses malditos filmes do Harry Potter. Fleur não era a Veela que imaginava que fosse.

Ainda assim, nunca me tinha imaginado uma livraria como esta. O recinto media provavelmente uns trinta metros de comprimento e doze de largura. A metade frontal da loja se abria completamente até o teto, quatro plantas ou mais. Embora não podia distinguir os detalhes, um impressionante mural estava pintado sobre o teto abobadado. As estantes para livros forravam cada nível, do chão ao teto. Detrás de elegantes corrimões, a plataforma da passarela permitia o acesso ao segundo, terceiro e quarto nível. As escadas se deslizavam sobre engordurados paus de Macarrão de uma seção a seguinte.

O primeiro andar tinha espaços reservados em vários corredores a minha esquerda, dois cômodos assentos, e uma caixa de pagamento a minha direita. Eu não podia ver o que se estendia mais à frente do elevado balcão dos andares superiores, mas supus que mais livros e possivelmente algo dessa bijuteria que tinha mencionado o pôster.

Não havia uma alma à vista.

—Olá! —Chamei, girando em círculo, me empapando de tudo. Uma livraria como esta era um achado fabuloso, um fantástico final para um dia de outro modo atroz. Enquanto esperava por meu táxi, jogaria uma olhada a novas leituras.

— Olá, há alguém aqui?

—Estarei contigo rapidamente, querida, —flutuou uma voz de mulher da parte traseira da loja.

Ouvi o suave murmúrio de vozes, as de uma mulher e um homem, depois saltos que ressonavam através de um duro andar de madeira.

A elegante mulher de amplo busto que tinha aparecido, devia haver-se visto alguma vez tão incrível como uma dessas divas dos velhos filmes de cinema. Agora em seus tempranos cinqüenta, seu suave cabelo escuro estava recolhido para trás em um coque, limpando um rosto de tez pálida e de ossos clássicos. Embora o tempo e a gravidade tinham esboçado a suave pele da juventude com as linhas de um fino pergaminho e enrugado sua frente, esta mulher sempre seria formosa, certamente até o dia em que morrera. Levava uma saia cinza feita à medida e uma diáfana blusa de linho que realçava sua voluptuosa figura e revelava uma parte do sutian de renda por abaixo. Lustrosas pérolas resplandeciam brandamente em seu pescoço, pulso, e orelhas.

—Sou Fiona. Há algo que possa te ajudar a encontrar, querida?

—Esperava que pudesse utilizar seu telefone para pedir um táxi. É obvio, comprarei também algo, —adicionei apressadamente. Muitos dos negócios locais penduravam pôsteres advertindo que os telefones e lavabos eram só para os clientes que compravam.

Ela sorriu.

—Não há necessidade para isso, querida, a menos que o deseje. Certamente, pode utilizar nosso telefone.

Depois de passar páginas da guia de telefones e chamar pedindo um táxi, dispus-me a fazer um bom uso de meus vinte minutos de espera, reunindo dois thrillers, o último da Janet Evanovich, e uma revista de modas. Enquanto Fiona me cobrava, decidi atirar uma pedra na escuridão, me figurando que qualquer que trabalhasse com tantos livros certamente saberia um pouco de algumas coisas e um montão de tudo.

—Estive tentado averiguar o que significa uma palavra, mas não estou segura de em que idioma está, ou inclusive se o disser bem, — disse-lhe.

Ela escaneou o último de meus livros e me disse o total.

—Que palavra seria essa, querida?

Baixei o olhar, revolvendo minha bolsa em busca do cartão de crédito. Os livros não estavam em meu pressuposto e ia ter que faturá-los até que voltasse para casa.

—Shi-sadu. Ao menos acredito que é essa. —Encontrei minha carteira, retirei meu Visto, e elevei a vista outra vez. Ela não se moveu ainda e parecia branca como um fantasma.

—Nunca o ouvi. Por que o busca? — disse tensamente.

Pisquei.

—Quem disse que o buscava? —Eu não havia dito que o buscava. Logo que tinha perguntado que significava a palavra.

—Por que o foste perguntar a não ser?

—Só queria saber o que significa, — disse-lhe.

—Onde o ouviste?

—Por que lhe preocupa? —Sabia que tinha começado a soar defensiva, mas realmente, qual era sua intenção? A palavra obviamente significava algo para ela. Por que não me diria isso?

—Olhe, isto é realmente importante.

—Como de importante? — disse ela.

O que queria? Dinheiro? Isso poderia ser um problema.

—Muito.

Ela olhou além de mim, sobre meu ombro, e pronunciou uma só palavra parecida com uma bênção.

—Jericho.

—Jericho? —repeti, sem segui-la.

—Quer dizer a antiga cidade?

—Jericho Barrons, — disse uma rica e culta voz masculina detrás de mim.

—E você é...? —Não era acento irlandês. Embora não tinha idéia alguma de que classe de acento era.

Girei-me, com meu nome aparecendo na ponta da língua, mas não fez nada por sair. Não era de sentir saudades que Fiona houvesse dito seu nome dessa maneira. Sacudi-me interiormente e estendi minha mão.

—MacKayla, mas a maioria das pessoas me chamam Mac.

—Tem um sobrenome, MacKayla? —pressionou brevemente meus nódulos contra seus lábios e liberou a mão. Minha pele formigava onde tinha estado sua boca.

Era minha imaginação ou seu olhar era depredador? Temia estar me voltando um pouco paranóica. Tinha sido um comprido e estranho dia depois de uma noite ainda mais estranha. Os títulos de Ashford Journal começavam a tomar forma em minha mente, “Segunda Irmã Lane se encontra com o jogo sujo em uma Livraria de Dublin”.

—Só Mac está bem, —evadi-me.

—E o que sabe você deste shi-sadu, só Mac?

—Nada. Por isso perguntava. O que é?

—Não tenho a menor ideia, —disse ele.

— Onde o ouviu?

—Não posso recordá-lo. Por que lhe preocupa?

Ele se cruzou de braços.

Eu também cruzei os meus. Por que me mentiam estas pessoas? O que no mundo era esta coisa pela que perguntava?

Estudou-me com seu olhar predador, me valorando dos pés a cabeça. Eu o estudei a ele em troca. Não só ocupava espaço; saturava-o. Se antes a habitação tinha estado repleta de livros, agora estava dele. Ao redor dos trinta anos e 2,20 a 2,30 metros de altura, tinha o cabelo negro, pele dourada e olhos escuros. Suas facções eram fortes, cinzeladas. Não podia precisar sua nacionalidade mais do que podia precisar seu acento, alguma classe de europeu cruzado com o Velho Mundo Mediterrâneo ou possivelmente um antepassado com escuro sangue cigano. Levava um elegante traje italiano cinza escuro, uma flamejante camisa branca, e uma gravata fracamente atada. Não era bonito. Essa era uma palavra muito simples. Era intensamente masculino. Sexual. Atraente. Havia uma onipresente sensualidade nele, em seus olhos escuros, em sua generosa boca, na maneira em que permanecia de pé. Ele era a classe de homem com a que eu não paqueraria nem em um milhão de anos.

Um sorriso curvou sua boca. Não parecia mais agradável do que o parecia ele, e não me enganou nem por um momento.

—Você sabe o que significa, —disse-lhe.

—Por que não me diz isso?

—Você também sabe algo a respeito disso, —disse ele.

—Por que não me diz isso?

—Eu perguntei primeiro. —Infantil possivelmente, mas era tudo no que podia pensar. Não se dignou a responder.

—Averiguarei o que quero saber de uma ou outra maneira, —disse-lhe. Se estas pessoas sabiam o que era, em algum lugar em Dublin alguém também saberia.

—Fará-o. Não tenho dúvida disso, só Mac.

Eu lhe dediquei meu olhar mais gelada, muito praticado nos bêbados e caipiras clientes do The Brickyard.

—Isso é uma ameaça?

Deu um passo adiante e eu me pus rígida, mas ele somente estirou o braço por cima de mim, de meu ombro. Quando retrocedeu, sustentava meu cartão de crédito.

—É obvio que não, —jogou uma olhada a meu nome.

—Srta. Lane. Vejo que seu visto é do SunTrust. Não é esse um banco do sul dos Estados Unidos?

—Possivelmente. —Arrebatei-lhe meu cartão da mão.

—De que estado do Sul é?

—Telhas, —menti.

—Certamente. O que te trouxe para Dublin?

—Nada de seu interesse.

—Chegou a ser de meu interesse quando veio a meu estabelecimento, perguntando sobre o shi-sadu.

—Assim sabe o que é! Acaba de admiti-lo.

—Não admito nada. Entretanto, direi-te isto: Você, Srta. Lane, está-te jogando o pescoço. Aceita meu conselho e te largue enquanto ainda é possível.

—Muito tarde. Não posso. —Sua prepotente condescendência me voltava louca. Quando me zango, prego os pés no mesmo lugar onde estou.

—Lástima. Não durará uma semana se segue fazendo essas perguntas. Deveria me dizer o que sabe, possivelmente eu possa incrementar suas possibilidades de sobrevivência.

—De maneira nenhuma. Não a menos que você me diga o que sabe primeiro.

Fez um som de impaciência e entrecerrou os olhos.

—Você, inocente tola, não tem idéia do que está...

—Alguém daqui chamou um táxi? —Os sinos na porta tilintaram.

—Fiz-o eu, — respondi por cima do ombro.

Jericho Barrons realizou o débil intento de me sujeitar, para me deter fisicamente. Até esse momento, embora a agressão tinha carregado o ar e a ameaça tinha estado implicada, não se tinha produzido nada. Tinha estado aborrecida, agora estava um pouco assustada.

Nossos olhares se encontraram, sustentaram-se e ficamos um momento nessa cena congelada. Quase podia lhe ver calculando a importância, se havia alguma, de nossa repentina audiência.

Então me dedicou um débil sorriso sardônico e inclinou a cabeça como se dissesse, você ganha esta vez, Srta. Lane.

—Não conte com isso duas vezes, —murmurou.

Salva pelo sino agarrei minha bolsa de livros e me retirei. Não tirei os olhos de Jericho Barrons até que saí pela porta.

Capítulo 4

Os banhos comunitários não prestavam.

Tinha minha sopa quente, mas minha ducha estava gelada. Uma vez que voltei para a Clarim House, fiz o infeliz descobrimento de que aparentemente todo mundo na estalagem esperava até a noite para tomar banho antes de sair para jantar e transnoitar no povo. Desconsiderados turistas. A água estava muito fria como para que resistisse me lavando o cabelo, assim chamei à recepção para que me despertassem às seis em ponto quando poderia tentá-lo. Supunha que alguns dos convidados optariam por isso.

Troquei-me as roupas de rua por uma camiseta de dormir de seda cor pêssego e as calças a jogo. Esse era outro inconveniente sobre os banhos comunitários, ou estava totalmente vestida de novo depois de tomar banho ou arriscava a uma louca carreira meio nua descendo pelo corredor passando ante portas que podiam abrir-se repentinamente em qualquer momento. Eu tinha optado por me vestir completamente.

Terminei de desfazer o que ficava de bagagem. Havia trazido alguns confortáveis artigos de casa. Tirei uma das velas de pêssegos e creme da Alina, duas barras de Hershey, meu favorito par de descoloridas e muito amadas calças curtas jeans que mamãe sempre ameaçava jogar fora, e uma pequena foto emoldurada de minha família, que apoiei contra o abajur no aparador.

Então revolvi em minha mochila e procurei o caderno que tinha comprado fazia algumas semanas, e me sentei com as pernas cruzadas sobre a cama. Alina sempre tinha levado um diário, desde que fomos meninas. Como uma revoltosa irmã pequena, sempre tinha acabado descobrindo muitos de seus esconderijos, ela se tinha voltando mais engenhosa com os anos, a última vez que o encontrei tinha estado detrás de um rodapé frouxo em seu armário e tomava sem piedade o cabelo a respeito de qualquer namorado com o que tivesse estado beijocando-se, completando-o com molestos sons de beijos.

Até recentemente, nunca tinha escrito um diário. Depois do funeral, tinha estado desesperadamente necessitada de uma saída e tinha derramado a dor nas páginas dessa coisa. Mais recentemente tinha estado escrevendo listas: o que empacotar, que comprar, que aprender, e aonde ir primeiro. As listas tinham chegado a ser minhas âncoras. Faziam-me passar os dias. O esquecimento do sonho o conseguia pelas noites. Enquanto soubesse exatamente aonde ia e que fazer ao dia seguinte, não vacilaria.

Estava orgulhosa de mim mesma por quão bem havia fanfarroneado através de meu primeiro dia em Dublin. Mas então, quando tudo o que tinha era o aborrecimento, não era tão difícil pegá-lo sobre seu verdadeiro rosto. Sabia o que realmente era: uma preciosa moça, apenas o suficiente maior para atender um bar, quem nunca tinha estado mais que uns poucos estados longe da Georgia, quem tinha perdido recentemente a sua irmã e que estava —como Jericó Barrons havia dito— em caminho de jogar a cabeça.

Ir ao Trinity College, falar com os professores e tentar descobrir os nomes de amigos era o número um de minha lista para amanhã. Tinha um e-mail com a cópia de seu programa de classes, enumerando instrutores e horas. Tinha-me enviado isso ao princípio do trimestre assim eu sabia quando estava em classe e quando era melhor hora de agarrá-

la em casa para falar. Com sorte, alguém com que falasse amanhã saberia com quem tinha estado saindo Alina e seria capaz de me dizer quem era seu misterioso homem. Ir à Livraria, tentar rastrear o Shi-sadu era a próxima. Estava segura que não ia voltar para essa livraria, o qual realmente me chateava por que tinha sido uma livraria assombrosa. Não podia me sacudir a sensação de que hoje tinha tido sorte de escapar.

Que se o táxi não tivesse chegado justo nesse momento, Jericó Barrons possivelmente me tivesse amarrado a uma cadeira e torturado até que lhe dissesse cada coisa que ele queria saber. Comprar caixas, bolsas, e uma vassoura para a casa da Alina era a terceira. Essa era opcional. Não estava segura se estava pronta para voltar ali ainda. Mordisquei a tampa de sua caneta, desejando que tivesse sido capaz de ver o inspetor O'Duffy. Tinha esperado obter seus informe e voltar a riscar qualquer rota que a investigação da Garda tivesse esquecido. Infelizmente, essa possibilidade se mantinha agora a uns quantos dias.

Fiz uma pequena lista de coisas que queria da drogaria: um adaptador para carregar meu iPod; suco; e algumas batatas fritas para as ter em minha habitação, então apaguei a luz e caí quase imediatamente em um profundo e tranquilo sonho.

* * *

Alguém chamou a minha porta despertando-me.

Incorporei-me, esfregando os ramelentos e cansados olhos que sentia como se só os tivesse fechado fazia uns segundos. Levou-me uns momentos recordar aonde estava, em uma cama gemêa em uma fresca habitação em Dublin, com chuva golpeando ligeiramente na janela.

Tinha tido um fantástico sonho. Alina e eu estávamos jogando voleibol em um dos muitos lagos artificiais construídos na Georgia Power, dispersos através do estado. Havia três perto de Ashford e nós íamos cada fim de semana a um ou ao outro no verão para nos divertir, tomar o sol, e olhar rapazes. O sonho tinha sido tão real que ainda podia saborear a Coroa com lima (cerveja mexicana), cheirar o bronzeador de óleo de coco, e sentir a sedosa areia sob meus pés.

Olhei meu relógio. Eram duas da manhã. Estava dormitada e aborrecida e não tentei dissimulá-lo.

—Quem é?

—Jericho Barrons.

Não me podia ter despertado mais rápido se minha mãe me tivesse golpeado a cabeça com a frigideira. O que estava fazendo ele aqui? Como me tinha encontrado? Levantei-me de repente, minha mão abatendo-se sobre o telefone, pronta para chamar em qualquer momento à recepção e perguntar pela polícia.

—O que quer?

—Temos informação que intercambiar. Você quer saber que é isso. E eu quero saber o que sabe a respeito disso.

Não ia revelar o assombroso que me resultava que tivesse vindo a me caçar.

—Um tipo brilhante, não é assim? Imaginei que sairia pela parte de trás da loja. O que tomou tanto tempo?

Houve tal prolongado silêncio que comecei a me perguntar se teria ido.

—Não acostumo pedir o que quero. Nem sequer estou acostumado a fazer entendimentos com uma mulher, —disse ele finalmente.

—Bom, pois faz-o comigo, tio, por que não aceito ordens de ninguém. E não dou nada grátis. —Fanfarrona, Fanfarrona, Fanfarrona Mac. Mas ele não sabia isso.

—Pensa abrir esta porta, senhorita Mac, ou conversaremos onde possivelmente qualquer um possa assistir a nosso negócio?

—Pensa realmente intercambiar informação? —respondi em troca.

—Sim.

—E será o primeiro em fazê-lo?

—Serei-o.

Relaxe os ombros. Apartei a mão do telefone. Endireitei-me outra vez rapidamente. Conhecia o valor de pôr um sorriso em um rosto triste, fazia que se sentisse feliz depois de um momento. O valor não era diferente. Não confiava no Jericho Barrons mais do que podia fazê-lo, o qual era um maior nada absolutamente, mas ele sabia que era esse shisadu, e embora esperava poder encontrar a informação em outra parte, E se não podia? E se esbanjava semanas procurando sem nenhum êxito? O tempo era dinheiro e o meu era finito. Se ele estava disposto a negociar, tinha que abrir essa porta. A menos que...

—Podemos negociar através da porta? —disse eu.

—Não.

—Por que não?

—Sou uma pessoa privada, Srta. Lane. Isto não é negociável.

—Mas eu...

—Não.

Soprei aborrecida. O tom em sua voz dizia que discutir seria uma perda de tempo. Levantei-me e alcancei um par de jeans.

—Como me encontrou? —grampeei a braguilha e passei as mãos pelo cabelo. Sempre o tinha recolhido para dormir por o ter tão largo. Deixava-o enormemente revoltado.

—Você conseguiu um transporte público em meu estabelecimento.

—Desde onde eu venho os chamamos táxis. E livrarias. —Deus, estava antiquado.

—Desde onde eu venho os chamamos maneiras, Srta. Lane. Tem algum?

—Diga-me isso você. Não é minha culpa. O ser ameaçada saca o pior de mim. —Abri a porta um pouquinho e o observei através do espaço que permitia a corrente do pistillo.

Não poderia imaginar Jericó Barrons como um menino, indo à escola, com o rosto lavado, o cabelo ordenadamente penteado, a caixa do almoço na mão. Certamente teria sido engendrado por algum cataclisma da natureza, não dado a luz.

Inclinou sua cabeça e me estudou através dos olhos entrecerrados, detendo-se vários segundos em cada parte de mim: O cabelo desalinhado, a boca e os olhos inchados de dormir, a regata de dormir, os jeans, os pés. Sentia como se me estivesse queimando pelo tempo que o tinha feito.

—Posso entrar? —disse.

—Eu não lhe teria permitido chegar tão longe. —Enfurecia-me que a recepcionista lhe tivesse permitido subir. Tinha pensado que o lugar tinha melhor segurança. Amanhã ia ter umas palavras com o diretor.

—Disse-lhes que era seu irmão. —Ele averiguou meus pensamentos por meu rosto.

—Claro. Por que nos parecemos tanto. —Se ele era o inverno, eu era o verão. Se eu era a manhã sol, ele era a noite. Uma escura e tempestuosa.

Nenhuma onça de diversão piscou nesses olhos escuros.

—E bem, Srta. Lane?

—Estou pensando nisso.

Agora que sabia onde estava ficando, se queria me ferir, poderia fazê-lo em qualquer momento. Não precisava arrastar-se em meio da noite. Podia estar à espreita e me assaltar amanhã em algum lugar nas ruas. Não estava mais segura do futuro que do que o estava agora dele, a menos que estivesse disposta a me mover de estalagem em estalagem, tentando perdê-lo, e não o estava. Precisava estar nesta parte do povo. Além disso, ele não se via como o tipo asqueroso que assassinaria de qualquer maneira a uma mulher em sua habitação de hotel. Ele parecia o tipo asqueroso que a teria no olho do rifle de um assassino sem um pedaço de emoção. Que eu usasse isso como um argumento a seu favor devia me haver preocupado. Mais tarde me daria conta que lhe tinha dado mais que voltas durante essas primeiras semanas ao intumescimento que sentia pela morte da Alina, e que também tinha sido um pouco temerária. Suspirei.

—Claro, entre.

Fechei a porta, tirei a corrente, abri-a outra vez, e então retrocedi um passo, lhe permitindo entrar. Abri a porta completamente e deixei que esta golpeasse a parede, assim qualquer que passasse poderia olhar dentro, se o necessitava, podia derrubar o terceiro andar com meus gritos pedindo ajuda. A adrenalina estava bombeando por meu corpo, me fazendo sentir débil. Ainda levava seu impecável traje italiano e sua flamejante camisa branca, como tinha estado fazendo horas. A pequena habitação transbordava de repente com a pomposidade de Jericho Barrons. Se uma pessoa normal enchia 100% das moléculas que ocupava, ele de algum modo as arrumava para encher 200% da capacidade.

Lançou um minucioso olhar ao redor e não tive dúvidas, se o perguntava mais tarde, ele seria capaz de fazer uma recontagem precisa de cada detalhe, dos lugares em que se via o oxido da água no teto, descendo por meu bonito sutian estampado estendido sobre o tapete. Empurrei o tapete com o pé, empurrando-o e colocando-o sob a cama.

—Assim, O que é? —disse.

—Não, espere. —Como o pronuncia? Tinha-o tentado todo o dia, e assumindo que ele me dissesse isso e eu vivesse, queria ser capaz de investigá-lo por mim mesma.

Ele começou a passear-se em um pequeno círculo ao meu redor. Girei com ele, não estava disposta a lhe dar as costas.

—S-i-n-s-a-r, —soletrou.

—Sinsar? —respondi foneticamente.

Negou com a cabeça.

—Shi-seja. Shi-seja-du.

—OH, isso faz que tenha sentido. E o “du”? —Ele deixou de caminhar em círculo, assim que eu também me detive, suas costas de rosto à parede, a minha para a porta aberta. Nesse momento, foi quando comecei a ver as pautas, vi que sempre se colocava de tal maneira, que nunca lhe dava as costas a uma janela ou porta aberta. Isso não era por medo, era por controle.

—D-ou-b-h.

—Dubh de dou? Era absurdo. Não sente saudades que não fora capaz de encontrar a estúpida palavra. Deveria chamar os Pubs detrás?

—Dubh é gaélico, Srta. Lane. Pub não.

—Não me parto de risada. —Pensei que tinha sido gracioso. Antiquado, como havia dito.

—Nada sobre o Sinsar Dubh é coisa de risada.

—Estou de acordo. Assim que isto é de extrema gravidade?

Seu olhar caiu de meu rosto a meus sapatos e voltou outra vez. Aparentemente não lhe impressionava o que via.

—Vá-se a casa, Srta. Lane. É jovem. É formosa. Case-se. Tenha meninos. Envelheça junto a seu precioso marido.

Seu comentário me picou igual ao ácido sobre a pele. Por que era loira, era fácil aos olhos, e os rostos sempre me tinham estado puxando a alça de meu sutiã desde o sétimo grau, tinha agüentado o estereótipo da Barbie durante anos. O rosa era minha cor favorita, que levasse acessórios a jogo e chamativos saltos não ajudava muito. Mas nunca me tinha chamado a atenção o boneco Ken, inclusive antes que olhasse sob suas calças e visse o que tinha desaparecido, não estava ansiosa por ter uma cerca branca e um SUV no caminho de entrada, ofendiam-me as implicações da Barbie, vá procria e morre, estou segura de que é tudo o que alguém como você pode fazer. Possivelmente não fora a lâmpada mais brilhante na caixa, mas tampouco era a mais débil.

—OH, desenrole-se, Jericho Barrons. Diga-me o que é. Disse que o faria.

—Se insistir. Não seja tola. Não insista.

—Estou insistindo. O que é?

—Última oportunidade.

—Muito mau. Não quero uma última oportunidade. diga-me isso.

Seu escuro olhar aborrecido conectou com o meu. Então se encolheu de ombros, seu fino traje se deslizou sobre seu corpo com flexibilidade que só o podia obter uma cara roupa feita a medida.

—O Sinsar Dubh é um livro.

—Um livro? Isso é tudo? Só um livro? —Isto parecia terrivelmente anti-climático.

—Pelo contrário, Srta. Lane, nunca cometa esse engano. Nunca pense que é sozinho um livro. Este é um extremamente estranho e antigo manuscrito que incontáveis pessoas matariam por posuir.

—Incluindo você? Mataria por posui-lo? —precisava saber exatamente onde estávamos parados, ele e eu.

—Absolutamente, —ele observou meu rosto quando tomei em consideração.

— Reconsiderando sua estadia, Srta. Lane?

— Absolutamente não.

— Então, voltará para casa em uma caixa.

— Essa é outra de suas ameaças?

— Não serei eu quem a ponha ali.

— Quem então?

— Respondi a sua pergunta, agora é seu turno de responder à minha. O que sabe do Sinsar Dubh Srta. Lane?

Não o bastante, obviamente. No que sobre a terra tinha estado colocada minha irmã? Algum tipo de sombrio mundo subterrâneo de Dublin cheio de artefatos roubados, habitado por assassinos e ladrões desumanos?

— Diga-me isso pressionou-me ele.

— E não minta. Saberei.

Olhei-o de forma arisca, quase capaz de acreditar que o faria. OH, não de algum modo extrasensorial, não acredito nesse tipo de coisas, a não ser na forma de um homem que estuda às pessoas, precave-se de até o mais mínimo de seus gestos e expressões, e os mede.

— Minha irmã estudava aqui. — Ele me tinha dado o indispensável. Eu não lhe daria nada mais.

— Foi assassinada faz um mês. Deixou-me uma mensagem na secretaria eletrônica justo antes de que morresse, disse-me que tinha que encontrar o Sinsar Dubh.

— Por que?

— Ela não o disse. Só disse que tudo dependia disto.

Ele fez um som de impaciência.

— Onde está essa mensagem? Devo ouvi-la por mim mesmo.

— Apaguei-o acidentalmente, — menti.

Cruzou os braços sobre o peito e se recostou contra a parede.

— Mentirosa. Não cometeria tal engano com uma irmã a que lhe importa bastante sua morte. Onde está?

Quando não disse nada, ele disse brandamente.

— Se não esta comigo, Srta. Lane, está contra mim. Não tenho misericórdia para meus inimigos.

Encolhi-me de ombros. Ele queria a mesma coisa que queria eu e estava disposto a matar por isso. Isso nos fazia inimigos ao meu ver de qualquer maneira que o olhasse. Joguei uma olhada sobre meu ombro ao corredor além da porta aberta e refleti sobre meu próximo movimento. Sua ameaça não me motivou. Queria ver seu rosto quando reproduzisse a mensagem para ele. Se tinha tido alguma participação com minha irmã ou sua morte, esperava que se traísse quando ouvisse sua voz e suas palavras. Eu também queria que soubesse tanto como o fazia eu, e que acreditasse também a polícia.

— Já entreguei uma cópia desta gravação a Guarda de Dublin, — disse, enquanto tirava o celular de minha bolsa e olhava as mensagens guardadas.

— Estão trabalhando para localizar ao homem com quem estava envolvida.

Melhor Ver a Mac Sincera, Que ver a Mac conseguindo que sua estupidez a matasse. Ele não desafiou minhas palavras, assim para gabar-se de que lhe estava mentindo.

Pressionei o alto-falante, então a tecla de reprodução, e a voz da Alina encheu a pequena habitação.

Estremeci-me. Não importava quantas vezes o escutasse, fazia que me encolhesse, minha irmã soava tão assustada, horas antes de sua morte. Cinquenta anos mais tarde, ainda ouviria sua mensagem, com o coração pulsando em minhas orelhas, palavra por palavra.

— Tudo foi tão mal... pensei que estava apaixonada... ele é um deles... temos que encontrar o Sinsar Dubh, tudo depende disso... não podemos deixar que eles o tenham me esteve mentindo em tudo.

Observei-o intensamente enquanto escutava. Sereno, à margem, sua expressão não me disse nada.

— Conhecia minha irmã?

Ele negou com a cabeça.

— Ambos estavam detrás deste “livro extremamente estranho” e ainda assim nunca se cruzaram? — acusei-lhe.

— Dublin é uma cidade de um milhão de pessoas, alagada diariamente por inumeráveis viajantes e sitiada por uma onda interminável de turistas, Stra. Lane. O estranho seria se nos tivéssemos conhecido. O que quis dizer ela com o de “nem sequer sabe o que é”?

Seu olhar escuro se fixou em meu rosto como se medisse a veracidade de minha resposta em meus olhos.

— Eu mesma me perguntei isso. Não tenho nem idéia.

— Não?

— Não.

— Hmm. Isso foi tudo o que lhe deixou? Uma mensagem?

Eu assenti.

— Nada mais? Nenhum pacote ou algum tipo de objeto?

Neguei com a cabeça.

— E não tem idéia do que quis dizer com o do Sinsar Dubh? Sua irmã não confiava em você?

— Estava acostumada a pensar que sim. Aparentemente estava equivocada, — não pude mascarar a nota de amargura em minha voz.

— A quem se referia como “eles”?

— Pensei que você possivelmente fora capaz de me dizer isso apontei.

— Não sou um desses “eles”, se for isso ao que se refere, — disse ele.

— Muitos procuram o Sinsar Dubh, ambos os indivíduos e facções. Eu também o quero, mas trabalho sozinho.

— Por que o quer?

Ele se encolheu de ombros.

— Não tem preço. E sou um colecionador de livros.

— E isso faz que assassine por isso? O que planeja fazer com ele? Vendê-lo ao mais alto postor?

— Se não aprovar meus métodos, aparte-se do meu caminho.

—Bem.

—Bem. Que mais tem para me dizer, Srta. Lane?

—Nada mais, —recuperei meu telefone celular, guardei a mensagem, e lhe lancei um gelado olhar dele para a porta, incentivando-o a partir.

Ele riu, um rico e escuro som.

—Acredito que me estão jogando. Não posso recordar a última vez que o fizeram.

Não o vi vir. Quase me tinha passado, e à porta, quando me agarrou e atraiu minhas costas contra seu corpo. Foi como golpear uma parede. A parte de trás de minha cabeça ricocheteou contra seu peito, e os dentes me tagarelaram pelo impacto.

Abri a boca para gritar, mas me tampou isso com uma mão. Passou-me um braço sob o peito apertando tanto que quase não podia expandir os pulmões para respirar. Seu corpo era muito mais capitalista sob o caro traje do que jamais tivesse suposto, como aço reforçado. Nesse instante, entendi que a porta aberta não tinha sido nada mais que alguma ridícula concessão, um placebo com o que me tinha alimentado como se fosse uma completa idiota. Em qualquer momento que tivesse querido, poderia me haver quebrado o pescoço e eu não teria podido emitir nem um só chiado. Ou simplesmente me poderia ter asfixiado, como o estava fazendo agora. Sua força era assombrosa, imensa. E só tinha utilizado uma pequena fração dela. Podia sentir a moderação em seu corpo, estava sendo muito, muito cuidadoso comigo.

Pressionou os lábios contra minha orelha.

—Vá-se a casa, Srta. Lane. Não pertence aqui. Deixe a Guarda. Deixe de fazer perguntas. Não procure o Sinsar Dubh ou morrerá em Dublín.

Aspirei desesperadamente necessitada de ar.

—Aqui vai você, me ameaçando outra vez, —soprei. Melhor morrer resmungando que com um leve resfriado.

Seus braços me apertaram as costelas me cortando de novo o ar.

—Não é muito ameno, é uma advertência. Não estive detrás disto tanto tempo e chegado tão perto para deixar que alguém se meta em meu caminho e foda as coisas. Há duas classes de pessoas neste mundo, Srta. Lane: os que sobrevivem sem importar a que preço, e os que são vítimas andantes.

—Ele pressionou os lábios ao lado de meu pescoço. Senti sua língua onde revoava meu pulso, riscando a veia.

— Você, Srta. Lane, é uma vítima, um cordeiro em uma cidade de lobos. Darei-lhe até às 9 da tarde de amanhã para sair do sangrento inferno deste país e sair de meu caminho.

Deixou-me ir e me derrubei sobre o andar, meu sangue faminto de oxigênio.

Para o momento em que me levantei outra vez, foi-se.

Capítulo 5

— Esperava que você pudesse me dizer algo de minha irmã —, perguntava desde o segundo ao último instrutor de minha lista, o professor S.S. Ahear.

— Sabe quem eram alguns de seus amigos? Onde passava o tempo?

Tinha sido assim a maior parte do dia. Com o programa do e-mail em uma mão e o mapa do campus na outra. Tinha ido de classe em classe, esperando fora até que terminassem, então abandonava a seus professores com minhas perguntas. Amanhã faria outra vez o mesmo, mas esta vez iria atrás dos estudantes. Esperava obter melhores resultados no campo dos alunos. Até agora o que tinha descoberto não encheria nem um dedal. E nada disso tinha sido bom.

— Já lhe disse à polícia o que sabia.

Alto e magro como um trilho, o professor juntava suas notas com enérgica eficiência.

— Acreditei que era o Inspetor O'Duffy quem levava a investigação. Falou com ele?

— Temos uma entrevista no fim de semana, mas esperava que possivelmente você me dedicasse uns poucos minutos enquanto isso.

Colocou as notas dentro de sua maleta e fechou de repente.

— Sinto-o senhorita Lane, realmente sei muito pouco a respeito de sua irmã. Nesses estranhos dias nos que raramente se preocupava em vir às aulas, apenas participava.

— Nesses estranhos dias nos que raramente se preocupava em vir às aulas? — repeti.

Alina amava o colégio, adorava estudar e aprender. Nunca faltava as classes.

— Sim. Como disse à polícia, ao princípio vinha regularmente, mas sua presença era cada vez mais esporádica. Começou a faltar a muitas, como três ou quatro classes seguidas.

Devia lhe haver parecido incrédula, completamente desolada, por que acrescentou:

— Não é incomum nos estudantes do programa de intercâmbio, srta. Lane. Jovens que deixam seus lares pela primeira vez... sem pais ou regras... uma dinâmica cidade cheia de pubs. Alina era uma jovem tão adorável como você mesma... estou seguro que pensava que tinha melhores coisas que fazer que sentar-se em uma antiquada sala-de-aula.

— Mas Alina não se teria comportado dessa maneira — protestei.

Minha irmã adorava suas classes. Essa era sua coisa favorita no mundo. O trocar a estudar em Trinity College significava tudo para ela.

— Sinto muito. Só lhe digo o que observei.

— Tem alguma idéia de quem eram seus amigos?

— Temo-me que não.

— Tinha namorado? — pressionei.

— Não que eu me desse conta. Nas ocasiões que a vi, se estava em companhia de outros, não me dava conta. Sinto muito, Srta. Lane, mas sua irmã era uma das muitas estudantes que passam através destas paredes cada trimestre e se deixou rastro, foi por sua ausência, não por sua presença.

Desmoralizada, agradei-lhe e me parti.

O professor Ahear era o quinto preceptor da Alina com o que tinha falado, e o retrato que me tinha pintado de minha irmã era o de uma mulher que eu não reconhecia. Uma mulher que não assistia a aulas, que não se preocupava com seus estudos, e aparentemente não tinha amigos.

Baixei o olhar a minha lista. Tinha um último professor ao que procurar, mas ela sozinha estava as quartas e sexta-feiras. Decidi me dirigir à biblioteca. Quando me apressei a sair a um grande campo de erva encheu de estudantes que se recostavam nele, empapando do sol da tarde, pensei a respeito das possíveis razões para a incomum conduta acadêmica da Alina. Os cursos oferecidos pelo programa de estudo no estrangeiro estavam desenhados para promover o conhecimento cultural, assim que minha irmã com um importante inglês que tinha planejado obter um doutorado em filosofia-, tinha acabado por tomar cursos como César na Gália céltica e O Impacto da Indústria na Irlanda do século XX. Poderia ser que nem sequer tivesse desfrutado deles?

Não podia acreditá-lo. Alina sempre tinha sentido curiosidade por tudo.

Suspirei, lamentando instantaneamente respirar tão profundamente. Doíam-me as costelas. Esta manhã me tinha despertado para encontrar uma larga banda de Machucados através do torso, justo sob meus seios. Não podia levar sutian porque o contorno me machucava muito, assim que me tinha posto uma regata adornada com delicadas rosas, sob um suéter rosa que fazia jogo com minhas unhas, de um quente rosa de camuflagem. Um calças "capris" negras, um largo cinturão prateado, sandálias chapeadas e um pequeno moedeiro metálico de alta costura, que tinha conseguido o verão passado, para completar meu conjunto. Tinha-me recolhido o comprido cabelo loiro em um alto rabo-de-cavalo, sujeita com um alfinete esmaltado. Possivelmente me sentisse machucada e desorientada, mas Por Deus que me veria bem. Com um sorriso que realmente não sentia, apresentando uma perfeita aparência que me fazia sentir animada por dentro, e que hoje necessitava seriamente reforçar.

Darei-lhe até as 9 da tarde de amanhã para sair do inferno sangrento deste país e fora de meu caminho. Que descaramento. Tinha tido que me morder a língua em um impulso infantil de lhe responder, Ou o que? Você não é meu chefe, imitado só por um impulso ainda mais infantil de chamar a minha mamãe e choramingar, Ninguém me quer aqui e nem sequer sei por que!

E sua avaliação de pessoas! Que cínico. "Andar de vítima, minha petunia," murmurei. Ouvi-me e gemi. Nascida e criada Bible Belt, Mamãe se tinha tomado muito a sério o de amaldiçoar quando crescíamos.

—Uma mulher bonita não tem uma boca feia—, diria ela. Assim Alina e eu tínhamos desenvolvido nosso próprio amarrado de palavras absurdas como substitutos. Idiota era cesto de doces. Meu traseiro era petunia. E uma merda! Era margaridas e a palavra F, a qual, nem sequer posso recordar a última vez que a usei, era rã.

Desgraçadamente, de meninas as havíamos dito tão freqüentemente que chegaram a ser um hábito tão difícil de romper como as verdadeiras palavras. Para minha eterna humilhação, a maneira nas que geralmente funcionavam era meu maior desgosto, o mais provável é que fosse cair de novo no vocabulário de minha infância. Era um pouco difícil conseguir que tomassem a sério em uma festa de solteiros no bar quando sua melhor

ameaça para eles era "te afaste cesto de doces ou vou chutar te e tirar suas petunias diretamente pela porta." Nesta insensível época e idade, a correção não faria mas sim se rissem mais de você.

Esclareci-me garganta. "Andar de vítima, meu traseiro".

De acordo, admitirei-o. Tinha estado tremendo em meus proverbiais chingos quando Jericho Barrons o fez comigo. Mas me tinha recuperado. Nem sequer tinha tido em mente a pergunta de que fosse um homem desumano. A não ser um assassino que me tivesse matado a passada noite e que o tivesse feito com isso. Mas não tinha sido assim. Tinha-me deixado com vida, e para meu raciocínio, isso queria dizer que continuaria assim. O possivelmente me intimide e ameace, inclusive me machuque, mas não me mataria.

Nada tinha trocado. Ainda tinha que encontrar ao assassino de minha irmã, e ficaria. E agora que sabia como pronunciá-lo, ia averiguar que era exatamente o Sinsar Dubh. Sabia que era um livro. Mas um livro do que?

Esperando evitar as multidões da hora de pico e conservar o dinheiro por comer com menos frequência, detive-me para uma tardia comida-caseira jantar de pescado frito com batatas fritas, depois me dirigi à biblioteca. Algumas horas mais tarde, tinha o que estava procurando. Não tinha a menor ideia de que fazer com isso, mas o tinha.

Alina conhecia uma maneira fácil de investigar os registros do computador e extrair exatamente o que ela queria, mas eu era uma dessas pessoas que necessitavam cartazes ao final dos corredores. Passei minha primeira meia hora na biblioteca tirando livros de arqueologia e história das prateleiras e amontoando-os na esquina da mesa. Passei a seguinte hora ou assim passando páginas através deles. Em minha defesa, utilizei os índices da parte de atrás e a metade da segunda pilha o encontrei.

Sinsar Dubh: Uma Relíquia Escura pertencente aos Tuatha Dê Danaan. Escrito em uma linguagem conhecida só pelos mais antigos de sua classe, diz-se que contém a mais mortal de toda magia em suas encriptadas páginas. Trasido a Irlanda pelos Tuatha Dê durante as invasões escritas na pseudo—historia do Leabhar Gabhala, foi roubada junto com as outras Relíquias Escuras e se rumorea que se encontrava de caminho ao mundo dos humanos.

Pisquei. Então revisei a página procurando a nota a pé de página.

Entre centenas de novos ricos colecionadores, houve um repentino interesse em relíquias mitológicas, e alguns afirmam ter atualmente (beheld) uma fotocópia de uma página ou dois deste "livro maldito". O Sinsar Dubh é não mais real que o mítico que havia dito ter autorizado faz um milhão de anos—o "Rei Escuro" de Tuatha Dê Danaan. Supostamente escreveu o inalcançável código em uma língua morta, este autor sente curiosidade por saber quantos colecionadores se autoproclamaram ter identificado alguma parte disso.

Diz-se que os Tuatha Dê Dannan possuem oito antigas relíquias de imenso poder: Quatro da Luz e quatro Escuras. As relíquias da luz são a pedra, a lança, a espada e o caldeirão. As da escuridão são o espelho, a caixa, o amuleto e o livro (Sinsar Dubh)

Leabhar Cabhala (O livro de Invasões) situa aos Tuatha Dê Danna trinta e sete anos depois do Fir Bolg (que seguiu Cesair, a neta do Noah, o Partholonians e o Nemedians) e duzentos e noventa e sete anos antes do Milesians ou a pessoas Q—Celtic Goidelic.

Entretanto, fontes anteriores e posteriores contradizem tanto a natureza dos Tuatha Dê e sua data de chegada como põe neste texto do século XII.

Fechei Uma Definitiva Guia para Artefatos; Autênticos e Legendários e fiquei olhando a um nada. Poderia me haver golpeado com uma pluma. Com força. Uma dessas pequenas que há no interior de um travesseiro decorativo. Se me desse com isso, atiraria-me.

Raça mitológica? O Rei escuro? Magia? Era isto alguma classe de brincadeira?

A Alina não interessava essas coisas místicas mais do que me interessam. Nós adorávamos ler e ver o ocasional filme, mas sempre nos mantínhamos nas medíocres séries de mistério, thrillers ou comédias românticas, nada desse estranho material sobrenatural.

Vampiros? Eew. Mortos. Sem comentários. Viaje no tempo? Ah, me dê qualquer dia uma criatura cômoda por cima de um Highlander com as maneiras de um homem das cavernas. Homens lobo? OH, por favor, soava estúpido. Quem quereria conseguir um homem que está dominado por seu cão interior? Como se todos os homens não o estivessem de todos os modos, ainda sem o gen Licântropo.

Não obrigado, a realidade sempre foi o bastante boa para mim. Nunca quis escapar dela. Alina era da mesma opinião. Ou assim o tinha acreditado sempre. Começava seriamente a me perguntar se realmente tinha conhecido a minha irmã.

Apenas o entendia. Por que me deixaria uma mensagem me dizendo que tinha que encontrar um livro a respeito dessa magia? Que de acordo com o T.A. Murtough de Um Guia Definitivo nem sequer existe!

Abri o livro e li outra vez a primeira nota ao pé da página. Era possível que houvesse pessoas no mundo, ali fora, que acreditassem em um livro de magia escrito fazia um milhão de anos? E minha irmã tinha sido assassinada por que se havia interposto no caminho de sua fanática investigação?

Jericho Barrons acreditava que era real.

Pensei nisso durante um minuto. Então ele também estava louco, decidi me encolhendo de ombros. Não importava quão bem parecesse, qualquer livro deveria ter começado a desfazer-se depois de umas poucas centenas de anos. Um livro de um milhão de anos se teria convertido em pó faz séculos. Além disso, se ninguém podia lê-lo, por que o queria alguém?

Perplexa, comecei a ler outra vez, trabalhando sobre o segundo e terceiro montão. Meia hora depois também tinha encontrado a resposta a essa pergunta, em um livro a respeito de mitos e lendas Irlandesas.

Segundo a lenda, a chave para decifrar a antiga linguagem e romper o código do Sinsar Dubh estava oculta em quatro pedras místicas. [Quatro é um número sagrado para os Tuatha Dê: quatro casas reais, quatro Relíquias, quatro pedras]. Em mãos de um consumado Druida, uma pedra individual pode ser utilizada para iluminar uma pequena porção do texto, mas só se as quatro são remontadas em uma sozinha, o autêntico texto nelas se revelará por completo.

Fantástico. Agora tínhamos Druidas pelo meio. Vi-os a seguir.

Na sociedade Celta precristiana, um Druida presidia sobre o culto divino, a legislação e os assuntos judiciais, a filosofia, e a educação da jovem elite de sua ordem.

Isso não soava tão mal. Continuei lendo. Em seguida caí costa abaixo.

Os druidas levavam a cabo sacrifícios humanos e comiam escroto para preparar a profecia. Acreditavam que o dia seguia de noite, e mantinham o credo de metempsychosis segundo o qual a alma humana não morre, mas sim renasce em diferentes formas. Na antiguidade se acreditava que os druidas eram partícipes dos segredos dos deuses, incluindo questões pertencentes à manipulação da matéria física, o espaço, e até o tempo. Em irlandês antigo "Druid" significa mago, feiticeiro, clérigo.

De acordo, isso era tudo. Fechei o livro e decidi que era suficiente por uma noite. Minha credulidade se esgotou. Isto não era por minha irmã. Nada disto o era. E havia uma só explicação para isso.

Jericho Barrons tinha mentido. E provavelmente estaria sentado em sua luxuosa livraria, com seu luxuoso traje de cinco mil dólares, rindo-se de mim agora mesmo.

Tinha-me jogado uma pista falsa, e um monstruoso peixe fedorento. Tinha tratado de me tirar o rastro do que fosse que Alina realmente queria que encontrasse, não fofocas de algum estúpido mítico livro de magia escura. Como qualquer bom mentiroso, com seu sal tinha temperado o engano com a verdade, qualquer que esta fosse realmente fazia que a desejasse, portanto aceitava o engano. Divertido por minha ingenuidade, provavelmente nem sequer se incomodou em trocar muito a pronúncia do que dissesse ela.

—Shi-sadu—. Pronunciei as sílabas, perguntando-se como se soletraria realmente.

Fui tão crédula. Possivelmente só havia umas duas ou três letras diferentes entre o que havia dito Alina em gaélico e o que Barrons tinha fingido que teria querido dizer e essas poucas letras eram a diferença entre um objeto de pura fantasia e algum artigo consistente e evidente que me permitiria arrojara luz sobre sua morte. Se, de fato, havia dito a verdade a respeito da palavra em gaélico. (Não podia acreditar nada do que ele dissesse).

Acrescentando o insulto à injúria, tinha estado tentando me assustar com ameaças e me perseguindo para me jogar do país. E também me tinha machucado.

Estava-se voltando mais louco por minutos.

Deixei a biblioteca e me detive em uma farmácia para recolher os poucos artigos que necessitava, então comecei a caminhar através do atestado District Tempere Bar voltando para Clarin House. As ruas estavam abarrotadas de gente. Os bares estavam brilhantemente iluminados, as portas abertas à temperada tarde de julho e a música derramando-se pelas calçadas. Havia tipos atrativos por todo o lugar, e obtive mais que umas poucas vaias e assobios. Um barman, uma jovem mulher só e uma música adorável, esse era meu elemento. Isto era diversão.

Não o desfrutei nem um momento.

Quando me zango mantenho conversações imaginárias na cabeça —já sabe, do tipo onde diz essa coisa realmente inteligente em que sempre pensa mas que nunca faz— e algumas vezes estou tão apanhada em meus pequenos bate-papos que acabo por evitar tudo o que há a meu redor.

Assim foi como me encontrei na porta do Barrons Livros e Bijuteria em vez de na Clarin House. Não me tinha dirigido para ali. Meus pés me levaram simplesmente aonde queria estar minha boca. Eram as nove e vinte passadas, mas não dava a petunia de um rato pela hora de fechamento do Sr. Barrons.

Detive-me em frente da livraria e joguei um rápido olhar a minha esquerda, por volta da parte deserta da cidade na qual me tinha perdido o outro dia. Quatro plantas de renovado tijolo, madeira e pedra, Barrons Livros e Bijuteria parecia um baluarte entre a parte boa da cidade e a má. A minha direita, as luzes derramavam uma cálida luz ambarina, e as pessoas se chamavam umas às outras, rindo-se e falando. A minha esquerda, aquelas luzes que ainda funcionavam despediam um doentio e pálido brilho, e o silêncio só era quebrado pelo ocasional golpe de uma porta com as dobradiças quebradas pelo vento.

Descartei a desagradável vizinhança. Meus assuntos eram com o Barrons. O pôster de aberto na janela estava apagado —as horas anunciadas na porta foram do meio-dia às oito da tarde— e o interior logo que estava fracamente iluminado, mas a motocicleta estava estacionada no mesmo lugar que ontem. Não poderia imaginar a Fiona montando uma Harley negra e cromada mais do que podia imaginar ao Barrons conduzindo o sedan de meia gama cinza. O qual queria dizer que ele estava ali, em alguma parte.

Fechei a mão em um punho e bati na porta. Estava de um humor de cães, me sentindo explorada e enganada por todos os que tinha encontrado em Dublin. Desde minha chegada, poucos tinham sido passavelmente amáveis, nenhum tinha sido agradável, e vários tinham sido totalmente grosseiros. E as pessoas diziam que os americanos eram maus. Chamei outra vez. Esperei vinte segundos, voltei a chamar. Mamãe diz que tenho o gênio de uma ruiva, mas conheci a umas quantas ruivas e não acredito que seja assim de má. É sozinho que quando me engasga alto tenho que solucioná-lo. Igual a vir a Dublin em primeiro lugar para conseguir que a investigação da Alina se volte a abrir.

—Barrons, sei que você está aí dentro. Abra.— gritei.

Voltei a chamar e gritar durante vários minutos. Justo quando começava a pensar que possivelmente, depois de tudo, ele não estava ali, uma profunda voz saiu da escuridão a minha esquerda, marcada por esse indistinguível acento que indicava o ter passado tempo em climas exóticos. Como lugares com haréns e fumadores de ópio.

—Mulher, você é mil vezes estúpida.

Esquadrinhei a penumbra. O caminho para o bloco era um denso ponto na escuridão, que eu supunha seria ele. Era impossível distinguir sua forma, mas esse emplastro de escuridão parecia conter mais substância, mais força que as sombras a seu redor. Também me fez tiritar um pouco. Sim, isso devia ser ele.

—Não tão idiota como você pensa, Barrons. Não mais que uma idiota que caiu em sua estúpida história.

—Um cordeiro em uma cidade de lobos. Pergunto-me qual a derrubará?

—Cordeiro, meu petu...traseiro. Você não me assusta.

—Ah sim, mil vezes tola.

—Sei que você me mentiu. Assim que o que é realmente, Barrons...Este shi-sadu?

Embora não tinha desejado fazer insistência na pouco familiar palavra, parecia ricochetear nos edifícios circundantes como o agudo eco de um disparo. Tudo ficou estranhamente suspenso por um momento, uma total quietude caiu sobre a noite, como uma dessas inoportunas pausas na conversação que sempre acontecem justo quando está dizendo algo como —Pode acreditar que Jane Doe é uma bruxa?— E de repente a silenciosa habitação é cruzada pela Jane Doe e quão único quer é te afundar no chão.

—Já me pode dizer isso porque não irei até que o faça.

Esteve ali antes que pudesse piscar. O homem tinha os reflexos de um relâmpago. Isto supôs uma diferença, já que ele não estava onde eu pensei ao princípio. Separou-se das sombras a não mais de dez passos de mim e esmagou minhas costas contra a porta.

— Você, completa estúpida, não fale de tais coisas em plena noite!

Apartando-me da porta, estirou-se além de mim procurando a fechadura.

—Não falarei de nada — me detive, olhando fixamente além dele.

A mancha de escuridão que tinha confundido com ele tinha começado a mover-se. E agora se via que havia uma deslizando-se com o passar da lateral de um dos edifícios, uma um pouco mais longe para baixo. Uma impossivelmente alta. Joguei uma olhada ao outro lado da rua, para ver que idiota andava por essa horrível vizinhança de noite, fundindo-se na sombra.

Ali não havia ninguém.

Voltei a olhar por volta das duas massas escuras. Estavam-se movendo para nós. Rapidamente.

Olhei ao Barrons. Ele estava imóvel, me olhando fixamente. Voltou-se e olhou por cima de seu ombro para onde eu tinha estado olhando, então se voltou para mim.

Abriu a porta, empurrou-me ao interior, fechou a porta, e deslizou três mortais ferrolhos atrás de nós.

Capítulo 6

—Te explique.

Disse bruscamente, me empurrando dentro da habitação, longe da porta. Voltou-me as costas e começou a acender os interruptores, um após o outro. Depois pulsou o do conjunto de luzes apartadas e os candelabros da parede, que se acenderam no interior da loja. Fora, os focos iluminaram a noite esbranquiçada e fria.

—Explicar? Explicar o que? Você explique-se. Por que me mentiu? Deus, eu apenas consigo entender este lugar! Alina fez que isto soasse como se Dublin fora uma grande cidade onde todos eram muito agradáveis e tudo era tão bonito, mas nada é bonito e ninguém é agradável e juro que lhe farei muito dano ao próximo idiota que me mande a casa!

—Como se pudesse. Possivelmente te romperia uma unha.— Olhou-me sobre o ombro desprecivamente.

—Você não sabe nada a respeito de mim, Barrons.

O olhar que lhe lancei era igual de depreciativo. Terminou com a última das luzes e se voltou. Sobressaltei-me ligeiramente ante a visão dele sob a intensa iluminação. Ontem não devia vê-lo muito de perto porque não só era tremendamente masculino e sexual, era carnal de uma maneira que lhe fazia sentir incômoda, era quase aterrador. Esta noite parecia diferente. Parecia mais alto, mais inclinado, mais malicioso, a pele mais apertada sobre seu corpo, as facções absolutamente cinzeladas... e as maçãs do rosto ontem tinham estado lisas nesse frio, arrogante rosto, que era uma impossível mescla de gens.

—Qual é sua herança, de todas maneiras?— Disse mal-humorada, me apartando, pondo mais espaço entre nós.

Ficou em branco, parecendo sobressaltado pela pergunta pessoal, e como se carecesse de um marco de referência para ela. Deteve-se como se se debatesse em responder, então, depois de um momento, encolheu-se de ombros.

—Basco e celta. Picto para ser preciso, srta. Lane, mas duvido que você esteja familiarizada com a diferença.

Não tinha sido preguiçosa em história. Tinha estudado vários cursos escolar. Estava familiarizada com ambas as culturas, e isto explicava muito. Criminais e bárbaros. Agora entendi a leve inclinação exótica nos olhos escuros, a pele profundamente dourada, a má atitude. Não tinha pensado que pudesse ter um mais que primitivo par de gens.

Não sabia que havia dito meu último pensamento em voz alta até que ele respondeu serenamente.

—Estou seguro que os há em algum lugar. Dirá-me o que viu ali fora, srta. Lane.

—Não vi nada—, menti.

A verdade era, que o que tinha visto não podia ter sentido e não estava de humor para discuti-lo. Estava cansada e obviamente tinha tomado pescado em más condições no jantar, estava sofrendo, e a dor faz coisas estranhas na cabeça de uma pessoa.

Emitiu um som impaciente.

—Não tenho paciência para mentiras, senhorita.

—E eu com isso, Barrons.

Cortei-o de uma maneira infantil. Seu olhar falava por si só, ninguém o tinha feito antes. Caminhei a uma das pequenas áreas de conversação, deixei cair minha bolsa com as compras da farmácia e minha bolsa Juicy sobre a mesa e me afundei no sofá de couro cor camel. Decidi que devia me pôr cômoda por que não ia partir até que tivesse obtido algumas respostas, e dado o teimoso e tirânico que era Jericho Barrons, poderíamos estar assim toda a noite. Depositei minhas bonitas sandálias chapeadas sobre a mesa de centro e cruzei os tornozelos. Teria conseguido que a minha mãe a levasse ao diabo se me visse sentada assim, mas ela não estava ali.

—Você me diz algo e eu lhe direi algo. Mas esta vez vai ter que provar o que está dizendo antes que lhe dê algo em troca.

Esteve sobre mim antes que o cérebro processasse sequer o feito de que estava aproximando. Esta era a terceira vez que me havia vapuleado assim e estava voltando-se recorrente. O homem ou era um atleta Olímpico ou, devido a que nunca antes me tinham assaltado, logo que podia entender o alcance de quão rapidamente acontecia. Suas investidas eram mais rápidas do que eram meus instintos para reagir.

Os lábios apertados, o rosto tenso pela fúria, arrastou-me me levantando do sofá com uma mão no cabelo, agarrando minha garganta com a outra, e começou a retroceder caminhando para a parede.

—OH, adiante.— vaiei.

—Só me mate e acabe com isto. Tire-me dessa minha miséria!

O ter perdido a Alina era pior que uma enfermidade terminal. Pelo menos quando está morrendo sabe que a dor vai terminar ao final. Mas não havia luz ao final de meu túnel. A pena ia devorar me, o dia se convertia em noite, à noite em dia e embora possivelmente me sentisse como se me estivesse morrendo por isso, possivelmente inclusive desejando-o, nunca o faria. Ia ter que seguir adiante com um buraco no coração para sempre. Ia lamentar me e me doer por minha irmã até o dia em que morrera. Se não sabe o que quero dizer ou pensa que estou sendo melodramática, então é que nunca amaste realmente a ninguém.

—Não quer dizer isso.

—Como disse, você não me conhece.

Riu.

—Olhe suas mãos.

Olhei-as. Ambas estavam obstinadas ao redor de seu antebraço. Uma preciosa manicura rosa com as pontas geladas estavam curvadas igual a garras em seu traje, tentando afrouxar seu punho. Nem sequer me tinha dado conta de que as tinha levantado.

—Conheço as pessoas, srta. Lane. Pensam que querem morrer, algumas vezes inclusive dizem que querem morrer, mas nunca querem dizer isso. No último minuto gritam igual a porcos e lutam como diabos.

Soava amargo, como se soubesse por experiência pessoal. De repente, já não estava tão segura de que Jericho Barrons não fosse um assassino.

Empurrou-me de novo contra a parede e me manteve ali, uma mão na garganta, seu olhar escuro movendo-se inquietamente sobre meu rosto, o pescoço, o levantar e baixar de

meus seios sob a regata de renda. Movendo-se lentamente sobre meus peitos. Possivelmente teria bufado se houvesse abundante oxigênio. Não havia maneira de que Jericho Barrons pensasse que eu era uma fogosa. Não poderíamos ter sido menos o tipo um do outro. Se ele era a Antártida, eu era o Saara. O que era de seu trato? Era isto alguma nova tática com a que ia ameaçar-me, a violação ou o assassinato? Ou estava subindo a aposta a ambos?

— Vou perguntar só uma vez mais, srta. Lane, e lhe sugiro que não brinque comigo. Minha paciência é extremamente escassa esta tarde. Tenho assuntos muito mais urgentes que atendê-la. O que viu ali fora?

Fechei os olhos e considerei minhas opções. Tenho um problema de orgulho. Mamãe diz que é minha pequena provocação especial. Desde que tinha tomado inicialmente tão desafiante postura, qualquer cooperação agora o estaria derrubando. Abri os olhos.

— Nada.

— É uma lástima — disse.

— Se não viu nada, não tenho utilidade para você. Se viu algo, tenho-a. Se não viu nada, sua vida não significa nada. Se viu algo, sua vida...

— Entendi — apertei os dentes.

— Está sendo redundante.

— Assim o que...? O que viu?

— Me solte a garganta. — Precisava ganhar tempo.

Liberou-me e cambaleei. Não me tinha dado conta de que me tinha nas pontas dos pés até que meus saltos não tocaram o chão e de repente precisava senti-lo. Esfreguei-me a garganta e disse irritada.

— Sombras, Barrons. Isso é tudo o que vi.

— Me descreva essas sombras.

Fiz-o, e escutou atentamente até que terminei, seu olhar escuro brocando meu rosto.

— Tinha visto alguma coisa assim antes? — exigiu.

— Não.

— Alguma vez?

Encolhi-me de ombros.

— Não realmente — me detive, depois assenti.

— Tive um momento estranho em um pub a outra noite.

— Conta me exigiu isso.

Ainda estava entre ele e a parede e necessitava mais espaço. Aproximar-se fisicamente ao Barrons era desconcertante, igual a ficar perto de um campo magnético fortemente carregado. Deslizei-me passando junto a ele, fazendo um doloroso esforço por não tocá-lo — um feito que pareceu diverti-lo muito — e me mover para o sofá.

Comecei relatando a estranha dupla visão que tinha tido, a hostil anciã, o que ela havia dito. Ele me fez muitas perguntas, me urgindo a cada minuto com os detalhes. Eu não sou tão observadora como o era Barrons, e não podia responder na metade do que perguntou. Não tentou ocultar seu desgosto com meu fracasso em ser mais curiosa com a estranha visão ou a anciã. Quando por fim acabou seu interrogatório, méio riu com incredulidade.

— Nunca pensei que possivelmente houvesse uma como você aí fora. Ignorante, sem treinamento. Incrédula. Não tem idéia do que é, verdade?

— Louca? — tentei fazer uma brincadeira disto.

Negou com a cabeça e começou a caminhar para mim. Quando instintivamente retrocedi, ele se deteve, um ligeiro sorriso jogando em seus lábios.

— Assusto-a, srta. Lane?

— Dificilmente. É sozinho que eu não gosto de ser machucada.

— Os machucados se curam. Há piores coisas na noite que eu.

Abri a boca para fazer um comentário insolente, mas ele me silenciou com um gesto da mão.

— Me economize seus protestos, Srta. Lane. Vejo através delas. Não, não está louca. É, entretanto, uma impossibilidade caminhante. Não tenho nem idéia de como sobreviveu. Suspeito que deve ter vivido em um povo tão provinciano e pouco interessante que nunca se encontrou um deles. Um enclausurado povo tão carente de distinção que nunca foi visitado e nunca o será.

Não tinha a menor ideia quem eram seus "eles" que haviam ou não tinham visitado, mas eu não podia discutir o resto. Estava bastante segura que Ashford estava registrado no Estado da Georgia sob o "P" de provincial, e realmente duvidava que nosso concurso de cozinha anual de frango frito ou a caminhada de Natal, ao igual à mesma meia dúzia de majestosas mansões de antes da guerra que cada ano se distinguiam em meu povo o diferenciassem de qualquer outro disperso através dos Estados do Sul.

— Sim, bom —, disse defensivamente. Eu amo meu povo de origem.

— O problema?

— Você, srta. Lane, é uma Sidhe-seer.

— Huh? — O que era uma she-seer?

— Uma Sidhe-seer. Distingue aos Fae.

Pus-me a rir.

— Isto não é motivo de risada — disse com brutalidade.

— É a respeito de viver ou morrer, imbecil.

Ri-me com força.

— O que, alguma pesada fada vai vir a me agarrar?

Seus olhos se entrecerraram.

— O que acredita que eram essas Sombras, srta. Lane?

— Sombras —, repliquei, desvanecendo-se minha diversão.

Estava-me zangando. Não tomariam por tola. Não havia maneira que essas escuras formas tivessem sido algo mais substancial. As fadas não existiam, as pessoas não as viam, e não havia livros de magia que tinham sido escritos fazia um milhão de anos.

— As Sombras a teriam chupado até secá-la e deixariam uma casca de pele desprezada na calçada na fresca noite. — disse ele friamente.

— Nenhum corpo que reclamar para seus pais. Nunca saberiam o que lhe teria acontecido. Outro turista desaparecido no estrangeiro.

— Sim, claro — estalei. — E com quantas outras estupidezes tratará de me alimentar? O que o Shi-sadu é realmente um livro de magia escura? O que foi realmente escrito faz

um milhão de anos por algum Rei Escuro? Quão estúpida pensa que sou? Só quero saber o que significa a palavra assim poderei ajudar à polícia a encontrar quem assassinou a minha irmã.

— Como morreu ela, srta. Lane?

Barrons fez a pergunta suave como a seda, mas me vaporizou igual a um maço.

Apertei a mandíbula e me volvei. Depois de um momento respondi.

— Não quero falar disso, não é de seu interesse.

— Foi anormal? Terrorífico, srta. Lane? Diga-me, Via-se seu corpo, como se os animais tivessem ido por ela? Com dureza?

Girei-me em redondo.

— Cálese eu o odeio — vaiei.

A impaciência ardeu em seus olhos.

— Quer morrer assim também?

Fiquei olhando-o. Não queria chorar frente a ele. Não pensaria no que tinha visto o dia que tinha identificado o corpo da Alina. Nem em meus piores pesadelos tivesse querido morrer assim.

Ele obteve a resposta de meu rosto e na sua se desenhou um sorriso.

— Não acredito assim, srta. Lane me escute e aprenda, e a ajudarei.

— Por que faria isso? — bufei.

— Dificilmente você é do tipo do Bom Samaritano. De fato, acredito que a palavra “mercenário” tem uma pequena foto sua ao lado no dicionário. Eu não tenho dinheiro.

Esta vez se elevaram ambos os lados de sua boca em um grunhido, antes que recompusesse rapidamente seu rosto em uma máscara de tranqüila urbanidade européia.

— Wow — certamente havia tocado um nervo. Algo do que havia dito tinha penetrado sua grossa pele e aquilo parecia ter sido a palavra “mercenário”.

— Dificilmente posso deixá-la morrer. Isso não casaria bem com minha consciência.

— Você não tem consciência, Barrons.

— Não sabe nada de mim, Srta. Lane.

— E não vou. Vou falar com a polícia e vão reabrir o caso de minha irmã. Não vou voltar a lhe ver ou a alguma estúpida sombra. Nem sequer vou perguntar-lhe que é realmente o Shi-sadu, por que você está mais à frente do engano. Afaste-se de mim, ou contarei à polícia tudo sobre você e suas loucas idéias e ameaças.

Recuperei minha bolsa e minha sacola da farmácia e me dirigi à porta.

— Está cometendo um enorme engano, srta. Lane.

Atirei dela abrindo-a.

— O único engano o cometi ontem, acreditando em algo do que me disse. Foi um equívoco e não o repetirei.

— Não cruze essa soleira. Se atravessar essa porta morrerá. Dou-lhe três dias, no máximo.

Não me dignei em responder. Deixei que a porta ao fechar-se de repente detrás de mim o fizesse.

Acredito que possivelmente gritou algo através da porta, algo estranho como, permanece nas luzes, mas não estava segura e não me importava.

Jericho Barrons e eu não estávamos feito um para o outro.

Ou assim o pensei. Isso resultaria ser só uma mais dessas coisas em que estava equivocada. Logo, estaríamos vivendo um no interior dos bolsos traseiros do outro, quiséssemos ou não.

E me acredite, não o queríamos.

Capítulo 7

Mais tarde recordaria os seguintes dias como os últimos normais de minha vida, embora nesse momento parecessem algo menos isso. Normal era o bolo de pêssego e os feijões verdes, servir e levar meu carro à oficina para um concerto com meus últimos duzentos e cinquenta dólares, no investigar a morte de minha irmã em Dublin.

Passei toda a quarta-feira no campus de Trinity College. Falei com a última professora de minha lista, mas não tinha nada novo que acrescentar. Falei com dúzias de companheiros da Alina quando finalizaram suas classes. A história que contavam era tão idêntica de um a outro que ou todos formavam parte de uma extensa conspiração de Arquivo X (sempre odiei esse programa, era muito impreciso e de finais abertos, e eu gosto dos finais ordenados) ou isto era quem tinha sido minha irmã enquanto esteve aqui.

Disseram que durante os dois ou três primeiros meses foi simpática, extrovertida, inteligente, alguém com quem outros queriam sair. Essa era a Alina que eu conhecia.

Então de repente trocou. Começou a perder-se classes. Quando aparecia, se alguém lhe perguntava onde tinha estado, comportava-se de maneira estranha, com muito secretismo. Parecia excitada e profundamente preocupada, como se tivesse descoberto algo muito mais interessante em que meter-se que seus estudos. Logo, durante os últimos meses ali, perdeu peso e parecia exausta todo o tempo, como se estivesse saindo de festa e bebendo toda a noite, todas as noites, e isso se estivesse cobrando seu preço. ‘Crispada’ e ‘nervosa’ eram duas palavras que nunca tivesse associado com minha irmã, mas seus companheiros as usaram generosamente para descrevê-la.

—Tinha um namorado? — Perguntei. Duas das pessoas com as que falei disseram que sim, duas garotas que pareciam ter conhecido a Alina melhor que outros.

—Definitivamente tinha um namorado— disseram elas. Pensavam que era maior. Rico. Sofisticado e bonito, mas não, nunca o tinham visto. Ninguém o tinha visto. Nunca o levou ali.

Para o final, em um desses estranhos dias nos que ela apareceu pelas classes, pareceu que estava fazendo um último esforço por tentar recuperar sua vida, mas se via esgotada e derrotada, como se soubesse que era uma batalha que já tivesse perdida.

Mais tarde, essa noite parei em um cybercafé e descarreguei novas melodias para meu iPod. iTunes adora meu Visa (loja de música nos EUA). Deveria ser mais frugal, mas minha debilidade são os livros e a música e imaginava que havia coisas piores. Tinha estado desejando o CD do Greatest Hits do Green Day (a canção que diz “às vezes me dou medo, às vezes minha mente falha” ultimamente tinha estado intensamente em minha mente) e o tinham pela bagatela de \$9.99, o qual era menos do que teria pago na loja. Agora sabe como justifico meus vícios... se posso pagar menos por eles do que pagaria em um Wal-Mart, permito-me os ter.

Enviei um comprido, e resolutamente otimista e-mail a minha família e uns poucos mais curtos a vários de meus amigos de casa. Georgia nunca me tinha parecido tão longínquo.

Estava escuro no momento em que me dirigi à hospedaria. Eu não gostava de passar muito tempo em minha habitação. Não havia nada cômodo ou caseiro nela, assim tratava de me manter ocupada até que estava pronta para dormir. Duas vezes, enquanto caminhava para casa, tive a estranha sensação de que me estavam seguindo, mas ambas às vezes quando me girei detrás de mim havia uma tarde perfeitamente normal de Dublin no distrito Tempere Bar. Brilhantemente aceso, quente e convidativo, povoado por uma multidão de assíduos dos pubs e turistas. Nenhuma só coisa que devesse ter enviado um calafrio de pressentimento por minha coluna.

Ao redor das três da manhã despertei, estranhamente com os nervos a flor da pele. Atirei das cortinas a um lado e olhei fora. Jericó Barrons estava na calçada em frente do The Clarin House, apoiado contra uma luz, seus braços cruzados sobre o peito, olhando fixamente à hospedaria. Vestia um casaco comprido escuro que lhe chegava quase aos tornozelos, uma camisa de brilhante vermelho sangue e calças escuras. Destilava informal elegância e arrogância europeias. Seu cabelo caía para frente justo até debaixo de sua mandíbula. Não me tinha dado conta de que o tivesse tão largo porque normalmente o tinha jogado para trás afastado de seu rosto. Tinha o tipo de rosto que podia se permitir isso, esculpido, com a estrutura óssea simétrica. Pela manhã, decidi que o tinha sonhado.

Na quinta-feira conheci o inspetor Ou'Duffy, quem tinha sobrepeso, calvície, e o rosto avermelhado, com as calças grampeadas por debaixo de um estômago que esticava os botões de sua camisa. Era inglês, não irlandês, por isso estava agradecida já que isso significava que não tinha que lutar com seu acento.

Desgraçadamente, a entrevista resultou ser mais deprimente do que tinha sido interrogar aos companheiros da Alina. Ao princípio as coisas pareciam ir bem. Embora me disse que as notas pessoais no caso não eram matéria do registro público, fez-me uma (outra mais) cópia do relatório oficial, e pacientemente relatou tudo o que lhe havia dito a meu pai. Sim, tinham entrevistado a seus professores e companheiros de classe. Não, nenhum tinha nem idéia do que lhe tinha passado. Sim, uns poucos tinham mencionado um namorado, mas nunca tinham sido capazes de descobrir nada sobre ele. Rico, alto, sofisticado, não irlandês, era tudo o que tinham sido capazes de averiguar.

Pus-lhe sua frenética mensagem de telefone. Escutou-o duas vezes, logo se sentou e juntou os dedos sob o queixo.

— Sua irmã esteve tomando drogas durante muito tempo, senhorita Lane?

Pisquei.

— Drogas? Não, senhor, Alina não tomava drogas.

Jogou-me esse olhar que os adultos têm quando pensam que lhe estão dizendo algo por seu próprio bem e tentando ser suaves com isso. Esse olhar que me fodam sem fim quando o adulto está tão evidentemente equivocado. Mas não pode lhes dizer nada aos adultos quando suas mentes estão decididas.

— A decadência que seus companheiros descrevem segue a clássica espiral descendente do consumo de drogas— Agarrou seu arquivo e leu dele.

— O sujeito se voltou cada vez mais agitado, crispado, nervoso, quase paranóico. O sujeito perdeu peso, parecia exausto todo o tempo— Me fez esse irritante e espectador

sublevação de sobrancelhas de não-pode-ver-o-que-está-bem-frente-a-você que algumas pessoas usam, como se pensassem que podem te tirar a resposta correta com isso.

Olhei-lhe friamente, ofendida por que lançasse a palavra "sujeito" a meus pés.

— Isso não significa que estivesse consumindo drogas. Isso significa que estava em perigo.

— Embora nenhuma vez dissesse a você ou a seus pais que estava em perigo? Durante meses? Você mesma falou da família tão unida que tem. Não lhes teria contado sua irmã se sua vida estava em perigo?

— Ela disse que estava tentado me proteger — recordei-lhe com rigidez.

— Isso é pelo que não pôde dizer nada.

— Proteger a do que?

— Não sei! É o que preciso saber. Não pode reabrir seu caso e tentar averiguar quem era seu namorado? Certamente alguém em algum lugar viu o homem! Em sua mensagem, soava como se estivesse se escondendo de alguém. Disse que ele estava vindo. Disse que não acreditava que a deixaria sair do país. Evidentemente alguém a estava ameaçando!

Estudou-me um momento, logo suspirou pesadamente.

— Senhorita Lane, os braços de sua irmã tinham buracos. A classe de buracos que fazem as agulhas.

Saltei sobre meus pés, instantaneamente lívida.

— Todo o corpo de minha irmã tinha buracos, inspetor! O juiz de instrução disse que pareciam marcas de dentes! — Mas de nenhuma pessoa ou animal que ele fora capaz de identificar.

— E partes dela estavam fora! — Estava tremendo. Odiava a lembrança. Punha-me mal o estômago. Esperava que já tivesse morrido quando isso ocorreu. Estava quase segura de que não o tinha feito. A visão dela tinha empurrado a papai e a mamãe justo ao limite. Fez o mesmo comigo, mas voltei desse infernal lugar porque alguém tinha que fazê-lo.

— Examinamo-la nós mesmos, senhorita Lane. Nenhum dente animal ou humano fez essas marcas.

— Tampouco o fizeram as agulhas — disse furiosamente.

— Se sente.

— Vai reabrir seu caso ou não? — exigi.

Ele levantou as mãos, com as palmas para cima.

— Olhe, não posso permitir enviar homens a casos nos que não têm pistas quando estamos até as orelhas de casos que sim. Houve um recente aumento de homicídios e pessoas desaparecidas como nunca tínhamos visto antes — Pareceu aborrecido.

— É como se a metade da cidade se tornou louca. Estamos escassos de pessoal. Não posso justificar pôr a homens no caso de sua irmã quando não há nada que seguir. Sinto-o por sua perda, senhorita Lane. Sei o que é perder um ser amado. Mas não há nada mais que possa fazer por você. Sugiro-lhe que volte para casa e ajude a sua família a superá-lo.

— E com isso concluiu nossa entrevista.

Sentindo-o como uma falha, precisando fazer algo que oferecesse resultados tangíveis, voltei a pé penosamente à hospedaria e recolhi minhas bolsas de lixo, caixas e

vassoura, logo saltei sobre um táxi porque não havia modo de que pudesse levar tudo isso à casa da Alina. Se não podia fazer nada bem, ao menos podia varrer o lixo. O fazia cada noite que fechava The Brickyard e era malditamente boa nisso.

Chorei todo o tempo que varri. Sentia-o pela Alina, por mim mesma, pela situação de um mundo no que alguém como minha irmã podia ser assassinada tão brutalmente.

Quando acabei de varrer e chorar, sentei-me com as pernas cruzadas no chão e comecei a embalar. Não tinha força para me desfazer de nada, nem sequer do que sabia que devia atirar, como a roupa rasgada e as coisas quebradas. Cada coisa era amorosamente empacotada. Algum dia, dentro de muitos anos, poderia tirar as caixas do apartamento de cobertura na casa na Georgia e escolher entre elas mais a fundo. Por agora, fora da vista era fora da mente.

Passei a tarde ali e realizei um progresso decente com isso. Levou-me uns poucos dias mais acabar, limpar o lugar, e ver se havia algum dano que seu depósito não cobriria. No momento em que saí, estava nublado e garoava. Não havia táxis à vista. Porque não tinha guarda-chuva e estava faminta, chapinhei através de atoleiros e me meti no primeiro pub que vi. Não sabia, mas acabava de fechar o livro das últimas horas normais de minha vida.

Ele estava sentado em uma mesa a uns quatro metros de meu reservado, em frente de uma pequena mulher nos trinta cujo apagado cabelo castanho acariciava seu pescoço.

Ela era um pouco mais singela que tímida, o qual era pelo que os tinha notado, porque ele era bonito de morrer. Quero dizer, bonito de cerrar-os-olhos-e-desejar-algun-rostoque-te-esquentasse-sempre-que-te-olha. Muitas vezes o vê ao contrário, a sensual tome -menino-grande tipo Betty Boop com um Jack Nicholson, mas não vê freqüentemente ao Fabio com uma Olivia.

Alto e Maciço, com um corpo bronzeado e musculoso sob sua camiseta branca e seus descoloridos jeans azuis, tinha o cabelo comprido e loiro que brilhava como o ouro. Seu rosto tinha esse aspecto de modelo exótico, seus olhos eram de um sexy marrom, sua boca cheia e sensual. Tudo nele era esplêndido. Via-se elegante, mas terrestre, distinto, mas poderoso, inclusive em jeans conseguia parecer rico como Creso (rei com muita riqueza).

Admito que estava fascinada. Embora a mulher levava uma curta saia espumosa, uma blusa branca, e estava elegantemente arrumada e polida até a manicura francesa nos dedos de seus pés, alguém mais amável lhe diria que estava claro, embora ele parecia positivamente caduco por ela. Não podia parar de tocá-la.

Então uma daquelas estúpidas visões dupla começou.

Acabava de terminar meu hambúrguer com queijo e estava recostada para trás em meu reservado, tomando meu tempo com as batatas (adoro as batatas, por certo, ou ao menos estava acostumada às adorar, jogava um montão de sal e pimenta e ketchup, logo as cobria com ele e as comia lentamente, uma por vez, depois de que todo o resto se acabava), quando os gestos dele de repente pareciam mais enjoativos que encantadores, e seu rosto mais abatido que esculpido.

Então, abruptamente, ele se tinha ido e durante uma fração de segundo algo mais ocupou sua cadeira. Passou tão rápido que eu não tinha nem idéia do que tinha tomado seu lugar, só que não foi ele durante um momento.

Fechei os olhos, esfreguei-os, logo os abri outra vez. O deus loiro do sexo estava de volta, acariciando a mandíbula de sua acompanhante com a mão, passando os dedos por seus lábios (com afiadas garras amarelas que se sobressaíam de uma mão que parecia como se uma fina capa de pele cinza podre tivesse sido estirada sobre os ossos de um cadáver!

Sacudi a cabeça bruscamente, cobri-me o rosto com as mãos, e me esfreguei os olhos a fundo esta vez, o suficientemente forte para rabiscar meu rimel. Tinha tomado duas cervejas com minha comida, e embora normalmente posso agüentar três ou quatro antes de me pilhar uma bebedeira, a Guinness negra é mais forte do que bebo em casa.

—Quando abrir os olhos—, disse a mim mesma —vou ver o que está realmente ali. Queria dizer um homem, não uma alucinação.

Suponho que devia ter especificado a última parte em voz alta, porque quando abri os olhos de novo quase gritei. O deus do sexo se foi e a tímida mulher tinha sua boca girada para a palma de um monstro que parecia tirado diretamente de um filme de terror, e ela estava beijando isso.

Chupado, abatido até a morte, era alto (e estou falando como de dois metros e meio de alto). Era cinza e leproso da cabeça aos pés, coberto com úlceras abertas supurantes. Era algum tipo de humano, quero dizer que tinha as partes básicas: braços, pernas, cabeça. Mas era aí onde acabava a semelhança. Seu rosto era duas vezes mais largo que uma cabeça humana e meigamente magra, não mais larga que minha palma. Seus olhos eram negros sem íris nem branco. Quando falou, pude ver que sua boca (a qual ocupava completamente a metade baixa de seu repugnante rosto (não era rosa no interior, tinha uma língua e gengivas que eram da mesma cor cinza que o resto de sua podre pele e cobertas pelas mesmas chagas úmidas. Não tinha lábios e sim duas filas de dentes como um tubarão. Estava, em uma palavra, putrefato.

O deus do sexo loiro estava de volta. E me estava olhando. Sério. Já não estava conversando com a mulher, mas sim me estava olhando diretamente. Não parecia agradado.

Pisquei. Não sei como soube o que soube nesse momento, era como se de algum jeito estivesse programado em mim a um nível celular. Minha mente estava dividida em bandos diferentes. Uma dos bandos estava insistindo que o que tinha visto não era real. A segunda estava exigindo que me levantasse, agarrasse meu moedeiro, atirasse o dinheiro na mesa, e corresse para a porta tão rápido como pudesse. Os bandos um e dois soavam ligeiramente histéricos, inclusive para mim.

O terceiro bando estava acalmado, frio, sereno. Insistindo glacialmente em que tinha que fazê-lo o melhor que pudesse para convencer ao que queira que estivesse sentado naquela mesa disfarçado de humano que realmente não podia ver o que havia sob sua fachada (ou estaria morta).

Essa foi a voz que obedeci sem duvidar. Obriguei-me a sorrir aquela coisa e inclinar minha cabeça como se me ruborizasse nervosa por me encontrar no foco da atenção de tal deus do sexo.

Quando voltei a olhar, era a coisa leprosa cinza outra vez. Sua cabeça estava mais alta do que o teria estado a do deus do sexo, e tudo o que podia fazer era me concentrar no

umbigo da coisa (que não tinha um), o qual estava onde a cabeça do deus do sexo teria estado se ainda o estivesse vendo. Podia sentir seu desconfiado olhar em mim. Dava-lhe à zona de seu umbigo o que esperei que fora outro sorriso modesto e confundido, logo voltei minha atenção para as batatas.

Após nunca tornei a comer batatas fritas. Obriguei-me a ficar ali e comer o prato inteiro, uma por uma. Obriguei-me a simular que o monstro podre era um homem magnífico. Até hoje, acredito que foi unicamente porque fiquei que isso encontrou meu farol convincente.

Isso se nutria dela cada vez que a tocava. Roubando um pouco mais de sua beleza através das chagas abertas de suas mãos. Enquanto comia minhas batatas, vi o cabelo dela voltar-se mais apagado, sua cútis terrosa, voltou-se mais pálida, apagada, cinzenta, cada vez que isso a tocava. Suspeitava que uma vez tinha sido uma mulher incrivelmente bela. Perguntava-me se se levantaria amanhã pela manhã, olhar-se-ia no espelho e gritaria. Perguntava-me se seus amigos e família a reconheceriam, saberiam como teria sido uma vez.

Eles se foram antes que eu, a pequena mulher feia e o monstro de dois metros e meio. Sentei-me durante longo tempo depois de que se foram, olhando dentro de uma terceira cerveja.

Quando ao final paguei minha conta e me levantei do reservado, dirigi-me diretamente para o Jericó Barrons.

Capítulo 8

Só eram as sete e meia, mas a incessante e torrencial chuva tinha anunciado a noite enquanto tinha estado sentada no pub. As ruas estavam escuras e a maioria deserta, com uns poucos turistas o suficientemente sedentos para fazer frente ao aguaceiro por uma cerveja negra quando o bar de seu hotel lhes serviria igual de bem. As gorjetas nos pubs para os garçons seriam livianas esta noite.

Um periódico dobrado empapado, aferrou-se a minha cabeça, chapinhei através dos atoleiros. Estava contente porque tinha trocado o bonito traje amarelo de linho que tinha levado para minha entrevista com o inspetor por jeans, uma camiseta verde lima com o pescoço em V e sapatilhas para limpar a casa da Alina, entretanto desejei ter tido presença de ânimo para agarrar uma jaqueta também. A temperatura tinha caído bruscamente com a fria chuva. Julho nesta parte da Irlanda não era realmente quente para começar, especialmente para uma garota que estava acostumada aos úmidos e calorosos verões do sul da Geórgia. O verão de Dublin alcançava como máximos os vinte graus e podia afundar-se tão abaixo como os dez graus. Esta noite logo que era isso.

Estava aliviada por encontrar a livraria ainda iluminada. Não sabia ainda, mas acabava de cruzar outra daquelas linhas de demarcação em minha vida. Estava acostumada a necessitar a habitação completamente às escuras para dormir, sem raios de luz penetrando pelas persianas, nem brilhos azul néon lançados pelo estéreo ou o ordenador portátil. Não dormiria completamente às escuras nunca mais.

Barrons não estava ali, mas Fiona sim. Jogou-me um olhar por cima da fila de clientes no balcão, e disse alegremente.

—Bem, olá outra vez, querida. Olhe o que te tem feito a chuva! Queria te refrescar um momento? Volto com vocês em um momentinho —disse a seus clientes. Sorrindo fixamente, agarrou-me do cotovelo e virtualmente me levou a rastros ao banho ao fundo da loja.

Quando vi meu reflexo no espelho em cima do lavabo, entendi sua reação. Eu também me teria tirado dali. Via-me horrível. Os olhos enormes, com a expressão de um neurótico. O rimel e o delineador se mesclaram em círculos escuros ao redor deles como um mapa. Estava branca como o papel, tinha-me comido todo o lápis de lábios exceto uma raia em cada esquina da boca, e havia uma enorme mancha de ketchup na bochecha direita. Estava empapada, e o acréscimo alto com que tinha amarrado o cabelo esta manhã estava caído tristemente atrás da orelha esquerda. Era um desastre.

Tomei meu tempo me aseando. Tirei-me a camiseta e a retorci no lavabo, logo com toalhas de papel sequei o sutiã o melhor que pude antes de me pôr a camiseta outra vez. Os hematomas nas costelas ainda estavam escuros mas eram muito menos dolorosos. Arrumei-me o cabelo, logo molhei ligeiramente mais toalhas de papel e me apliquei isso no rosto, tirando brandamente os borrões da delicada pele ao redor dos olhos. Tirei o kit de maquiagem de viagem da bolsa, uma coleção tamanho mesa de costura com diminutas quantidades dos básicos sem os que nenhuma beleza sulina deveria estar que Mamãe tinha comprado para a Alina e para mim o Natal passado. Hidratei-me e empoeirei, pus-

me um pouco de ruge e um toque de delineador, logo dava brilho aos lábios com Rosa Luna-chapeada de novo.

Abri a porta, saí fora, choquei diretamente contra o peito de Jericho Barrons e gritei. Não pude evitá-lo. Foi o grito que tinha estado contendo desde que tinha visto a coisa horrenda no pub, e tinha permanecido em meu interior tanto tempo como pôde.

Ele me agarrou pelos ombros, acredito que para me estabilizar, e lhe dava um murro. Não tenho nem idéia de por que. Possivelmente estava histérica. Ou possivelmente só estava louca porque acabava de compreender que algo estava muito mal comigo e não queria que o estivesse. Quando coisas dementes começam a organizar-se em padrões cordatos a seu redor, sabe que tem problemas. Era culpa dele. Ele foi o que me contou coisas impossíveis para começar. Golpeei-lhe duramente com meus punhos. Ele sozinho permanecia de pé e agüentava, suas mãos sujeitas em meus ombros, os olhos escuros fixos em meu rosto. Não me entendam mau, ele não sofria graciosamente, parecia zangado sem fim. Mas deixou que lhe golpeasse. E não me golpeou. O qual foi, suspeito, uma concessão bastante importante por parte do Jericho Barrons.

—O que viu? —exigiu quando finalmente parei. Não me incomodei em lhe perguntar como soube. Ambos sabíamos que só teria voltado para ele por necessitar algo que não podia conseguir em outro lugar, como respostas que tinha rechaçado a última vez que estive ali. E isso queria dizer que algo tinha ocorrido que tinha trocado minha forma de pensar.

Suas mãos ainda estavam em meus ombros. Essa noite, a proximidade com ele era diferente mas não menos perturbadora. Não sei se alguma vez saíste do seu carro perto de linhas elétricas caídas na estrada durante uma tormenta, mas eu sim. Pode sentir a energia chispando e crepitando no ar enquanto os cabos caem e se retorcem no chão, e sabe que estas de pé perto de um poder cru que pode trocar seu rumo com força mortal em um segundo. Encolhi-me de ombros sob seu agarre.

—Me solte.

Ele tirou as mãos.

—Você veio para mim. Recorde-o.

Nunca me deixou esquecer-lo. Você escolhe, recordaria-me mais tarde. Podia ter voltado para casa.

—Acredito que vou vomitar — disse.

—Não, não o fará. Quer, mas não o fará. Com o tempo conseguirá acostumar-se à sensação.

Tinha razão. Não vomitei aquela noite, mas nunca deixei de sentir que podia arrojear as batatas empapadas em ketchup em qualquer momento.

—Venha — Guiou-me de volta à parte principal da loja e me escoltou até o mesmo sofá cor camel que tinha ocupado fazia umas noites. Estendeu uma manta sobre o couro para proteger o de meu jeans úmido. Abaixo no sul, um sofá nunca é mais importante que a pessoa sentada nele, é uma coisa que chamamos hospitalidade. Era impossível omitir o muito que estava tremendo e estava o pequeno assunto da camiseta molhada, o problema de mamilos congelados que estava tendo. Disparei-lhe um olhar escuro e me envolvi na manta em seu lugar. Com aqueles brilhantes reflexos deles, agarrou outra colcha de lã e

consegui colocá-la sob meu traseiro antes que este golpeasse o sofá. Tomou assento frente a mim. Fiona se tinha ido e a indicação na janela não estava. Barrons Livros e Bijuteria estava fechado para a noite.

— Me conte — disse.

Relatei-lhe o que tinha visto. Como antes, fez-me várias perguntas, exigindo os detalhes mais mínimos. Estava mais agradado com minhas observações esta vez. Inclusive senti que eram intensas mas por outro lado, quando vê a Morte pela primeira vez, isso te deixa uma tremenda impressão.

— Não a Morte — me disse.

— O Homem Cinza.

— O Homem Cinza?

— Não sabia que estava aqui — murmurou ele.

— Não tinha nem idéia de que as coisas tinham chegado tão longe — Se esfregou a mandíbula, parecendo aborrecido pelo giro dos acontecimentos.

Entrecerréi os olhos.

— O que é isso que tem na mão, Barrons? Sangue?

Sobressaltou-se, jogou-me um olhar, logo a sua mão.

— Ah, sim — disse, como se recordasse.

— Saí a dar um passeio. Havia um cão ferido gravemente na rua. Levei-o de volta à loja de seu dono para morrer.

— OH — As maravilhas nunca cessariam. Parecia mais do tipo que o remataria onde jazesse, possivelmente com um brusco giro do pescoço ou uma patada bem colocada, sem ter em conta o fator humano. Mais tarde descobriria que meu instinto era correto, não havia nenhum cão aquela noite. O sangue de sua mão era humano.

— Assim que é esse Homem Cinza?

— O que pensa que é. Selecciona às humanas mais belas que pode encontrar e lhes rouba sua beleza pouco a pouco até que não fica nada.

— Por quê?

Encolheu-se de ombros.

— Por que não? É um Invisível. Eles exigem sem tom nem som. São os Escuros. As velhas fábulas dizem que o Homem Cinza é tão feio que inclusive sua própria raça se burla dele. Rouba a beleza de outros por inveja corrosiva e ódio. Como a maioria dos Fae Escuros, ele destrói porque pode.

— O que acontece com as mulheres quando lhes faz isso?

— Suponho que a maioria se suicida. As mulheres belas raramente possuem profundidade de carácter suficiente para sobreviver sem suas bonitas feições. Despoja as delas e se derrubarão — O olhar que me jogou era juiz, jurado e verdugo.

Não fiz nenhum esforço para evitar o sarcasmo de minha voz.

— Adulada como estou de que me conte entre a gente bela, Barrons, me permita assinalar que ainda estou viva. Encontrei-me ao Homem Cinza e ainda estou aqui, tão bonita como sempre, idiota.

Elevou uma sobrancelha.

— Agora, vê-o.

Estava mortificada. Nunca chamava a ninguém “idiota”. OH, bom. Tinha sido um dia difícil. Sinto muito, Mamãe.

—O que está mal em mim? E não é um convite para que comece a contar os muitos defeitos que encontra em meu caráter.

Sorriu fracamente.

—O disse a outra noite. É uma sidhe-seer, uma vidente sidhe, senhorita Lane. Viu aos Fae. Embora seja capaz de vê-los ambos De Luz e Escuros, parece que até agora se encontrou sozinho com a metade desagradável de sua raça. Vamos esperar que continue, ao menos por um tempo, até que a tenha treinado. Os Visíveis, ou Fae de Luz, são tão desconcertantemente belos como seus irmãos escuros são angustiosamente nauseabundos.

Neguei com a cabeça.

—É impossível.

—Você veio a mim, senhorita Lane, porque sabe que não o é. Pode pinçar em seu repertório de bonitas auto ilusões procurando um modo de negar o que viu esta noite, ou pode procurar um modo de sobreviver. Recorda o que disse sobre as vítimas ambulantes? Viu uma presa caçada esta noite. O que quer ser, senhorita Lane? Subvidente ou vítima? Francamente, nem sequer estou seguro de que possa convertê-la no primeiro, dada a matéria prima com a que estou obrigado a trabalhar, mas parece que sou a única pessoa querendo tentá-lo.

—OH, você simplesmente fede.

Encolheu-se de ombros.

—Digo-o como o vejo. Acostume-se. Fique perto o suficiente e poderá aprender a apreciá-lo —ficou de pé e começou a caminhar para a parte de atrás da loja.

—Onde vai?

—Ao banho. A lavar as mãos. Assustada de estar sozinha, senhorita Lane?

—Não— menti.

Foi o tempo suficiente para que começasse a entrecerrar os olhos olhando às esquinas da habitação, me assegurando de que as sombras estavam formadas por objetos e obedeciam conhecidas leis da física.

—Muito bem— disse quando voltou—, finjamos que acredito em sua pequena história durante uns poucos minutos. Onde estiveram esses monstros toda minha vida? Passeando por toda parte e alguma vez antes os notei?

Atirou-me uma confusão de roupas. Golpeou-me totalmente no peito.

—Tire-se essas roupas molhadas. Não sou uma babá. Se ficar doente, estará sozinha.

Embora estava agradecida pelas roupas, ele tinha uma séria necessidade de uma lição ou duas de maneiras.

—Sua preocupação é comovedora, Barrons — Virtualmente corri para o banho a me trocar. Estava congelada e tremendo ante a idéia de me pôr doente em Dublin em minha incômoda habitação, sozinha, sem a sopa de Macarrão de frango de Mamãe feita em casa com carinho e amor”, era mais do que podia suportar.

O suéter marfim que me tinha dado era uma mescla de seda e lã tecida à mão e caía justo passado meia coxa. Dobrei as mangas quatro vezes. As calças negras de linho era uma brincadeira. Eu tinha uma cintura de sessenta centímetros. Ele tinha noventa e suas

pernas eram uns bons quinze a vinte centímetros mais compridos que as minhas. Enrolei os baixos, tirei o cinturão do jeans, e amontoei as calças em torno de minha cintura. Não me preocupava como me via. Estava seca e já começava a me esquentar.

—Então? — Tinha tirado a colcha úmida do sofá e o tinha secado e me afundei, com as pernas cruzadas, nas adornadas almofadas retomando nossa conversação sem preâmbulos.

—O disse a outra noite. Deve ter crescido em uma cidade tão pequena e sem interesse que nunca foi visitada por nenhum dos Fae. Não viajou muito, verdade senhorita Lane?

Sacudi a cabeça. Provinciana com P maiúscula essa sou eu, como minha cidade.

—Além disso, esses monstros, como você os chama, estão em um auge recente. Previamente, só os Visíveis eram capazes de viajar com liberdade entre os reinos. Os Invisíveis chegaram a este planeta já apanhados em uma prisão. Aqueles poucos que desfrutaram de uma breve liberdade provisória o fizeram sozinho por requerimento da Rainha dos Visíveis ou seu Alto Conselho.

Tinha-me ficado cravada em uma frase.

—Chegaram a este planeta? —repeti. Pensei nisso durante um minuto.

—Já vejo. Assim que estes monstros são em realidade viajantes do espaço exterior. Que idiota fui para não haver-me imaginado? Podem viajar através do tempo também, Barrons?

—Não acreditaria que eram nativos, verdade? —Consegui soar um tom mais seco que o meu, um lucro que não tinha acreditado possível.

—Enquanto que pelo que respeita à viagem no tempo, senhorita Lane, isso seria um não, não agora mesmo. Mas algum dos Visíveis estavam acostumados a fazê-lo, aqueles das quatro casas reais. Passaram coisas recentemente. Coisas inexplicáveis. Ninguém sabe com toda certeza o que está passando, nem sequer quem tem o poder neste momento, mas o rumor é que os Fae já não podem peneirar o tempo. Pela primeira vez em eras estão tão apanhados no tempo como você e eu.

Olhei-lhe fixamente. Tinha sido uma brincadeira, o do meu comentário zombador sobre viagens no tempo. Um bufo de risada me escapou.

—OH meu Deus, está falando a sério, verdade? Quero dizer, você realmente crê nisso.

Ficou de pé com um movimento fluido.

—O que viu nesse pub, senhorita Lane? —exigiu.

—Ou esqueceu tão rápido? Ou é isto tudo quão rápido consegue urdir uma agradável mentirinha para si mesma?

Pus-me de pé também, com as mãos na cintura e o queixo alto.

—Possivelmente foi uma alucinação, Barrons. Possivelmente em realidade agarrei um resfriado e tenho febre e estou doente na habitação do hotel agora mesmo, sonhando. Possivelmente me estou voltando LOUCA! —Meu corpo inteiro se sacudiu pela veemência com que gritei a última palavra.

Apartou a mesa entre nós de uma patada, enviando os livros da mesa de café voando, e ficou nariz com nariz comigo.

—Quantos mais precisa ver para acreditar, senhorita Lane? Um cada dia? Isso se pode arrumar. Ou talvez necessita um aviso agora mesmo. Venha. Me deixe levá-la a dar um passeio.

—Me agarrou pelo braço e começou a atirar de mim para a porta. Tratei de me entrincheirar e me manter em meu lugar mas tinha deixado as sapatilhas no banheiro e meus pés nus patinaram pelo chão de madeira polida.

—Não! Me solte! Não quero ir! — Peguei-lhe no braço, no ombro. Não ia sair aí fora.

—Por que não? São so sombras, senhorita Lane. Recorda? Disse-me isso você mesma. Levarei-a em um bairro abandonado e a deixarei com essas sombras durante um momento. Acreditará-me então?

Estávamos na porta. Ele tinha começado a deslizar os fechos.

—Por que me está fazendo isto? — choraminguei.

Sua mão se deteve no terceiro fecho.

—Porque tem uma esperança de sobreviver, senhorita Lane. Deve acreditar e deve temer, ou estou perdendo meu tempo. Seu jogo e se eu “Fingir que acredito na sua pequena história”. Se não puder me dar um “me Diga, ensina-me tudo. Quero viver” Então, suma daqui, merda!

Tinha vontades de gritar. Tinha vontades de me desfazer em um atoleiro ali mesmo na porta e choramingar, Por favor faz que tudo isto se vá. Quero que minha irmã volte e quero retornar a casa e esquecer que alguma vez vim aqui. Quero não te haver conhecido nunca. Quero minha vida de volta tal como era.

— Às vezes, senhorita Lane — disse — um deve romper com o passado para abraçar o futuro. Nunca é fácil de fazer. É uma das características diferenciadoras entre sobreviventes e vítimas. Deixemos deixar ir o que foi, para sobreviver ao que venha — Deslizou o último fecho e abriu a porta de um puxão.

Fechei os olhos. Embora sabia o que tinha visto esta noite, uma parte por mim ainda o negava. A mente trabalha muito para rechaçar o que se opõe a suas convicções essenciais, e os Monstros Feéricos Do Espaço Exterior se opunham profundamente à minha. Cresce pensando que tudo tem sentido, não importa que não entenda as leis que governam o universo, sabe que em algum lugar aí fora algum cientista louco sim, e há certo consolo nisso.

Sabia que não havia um cientista vivo que acreditasse na minha história, e não havia nenhum consolo nisso. Mas de novo, suspeitei que haveria inclusive menos consolo em morrer como o tinha feito Alina.

Honestamente não podia dizer, Me diga, ensina me tudo, quando tudo o que realmente queria fazer era tampar os ouvidos e cantar como um menino, Não posso ouvirte.

Mas podia dizer com total sinceridade que queria viver.

—Muito bem, Barrons — disse com grande pesar.

—Fechamos a porta. Estou escutando.

Capítulo 9

Fae : ver também Tuatha na Danaan. Dividida em duas Cortes, os Seelie (Visíveis) ou Corte da Luz e os Unseelie(Invisíveis) ou Corte Escura. Ambas as Cortes têm diferentes castas de Fae, com quatro casas Reais ocupando a casta mais alta. Rainha dos Visíveis e seu consorte eleito dirigem a Corte da Luz. O Rei dos Invisíveis e sua atual concubina governam a Corte Escura.

Olhei o que acabava de escrever em meu diário e sacudi a cabeça. Estava sentada em meu catorze avos pub do dia, ou mas bem da tarde. Tinha-me passado o dia inteiro indo de Pub a Pub, olhando fixamente às pessoas, tentando receber outra dupla visão. Não tinha tido êxito e quanto mais passava sem ter uma, os acontecimentos da última noite me pareciam mais longínquos e inverossímeis. Assim como as loucuras que estava escrevendo nestas páginas.

Sombras: uma das castas mais baixas dos Invisíveis. Sensíveis mas apenas se estiverem famintos — se alimentam. Não podem suportar a luz direta e caçam sozinho de noite. Eles roubam a vida da mesma forma em que o Homem Cinza rouba a beleza, drenando a suas vítimas com vampírica rapidez. Valoração da ameaça: morte.

Jericó Barrons me havia dito muitas coisas a passada noite antes de me despachar em um táxi para o Clarim House. Tinha decidido as apontar, com plena consciência de que se via como saído de um mau guia de um filme de ficção científica e horror de sessão noturna.

Caçadores reais: uma casta de nível medio dos Invisíveis. Radicalmente sensíveis, parecem a clássica descrição do diabo, com cascos rachado, chifres, largos rostos como sátiros, asas fortes, ferozes olhos laranjas, e caudas. Desde 2 a 4 metros de alto, são capazes de uma extraordinária velocidade tanto na terra como no ar. Sua função primária: eliminar shide-seer. Valoração da ameaça: morte.

O que nos levava a verdadeira surpresa final.

Shide-seer : uma pessoa sobre a que não funciona a magia Fae, capaz de ver através das ilusões ou Glamour projetados pelos Fae sua verdadeira natureza. Alguns também podem ver os Tabh'Rs, portais proibidos entre reino. Outros podem sentir os objetos de poder dos Visíveis e Invisíveis. Cada shide-seer é diferente, com graus variáveis de resistência aos Fae. Alguns são limitados, outros são avançados com múltiplos “poderes especiais”.

Soprei. Poderes especiais. Alguém tinha estado vendo muito WB e não era eu. O assunto era que, supostamente eu era uma dessas coisas. De acordo com o Barrons esta

“Visão verdadeira” corria em linhas de sangue. Acreditava que Alina também devia havê-la tido, e que tinha sido assassinada por um dos Fae que tinha visto.

Fechei meu diário. Estava cheio em quase dois terços. Logo necessitaria um novo. A primeira metade continha um desafogo de dor intercalada com desconexas lembranças da Alina. As seguintes trinta páginas ou assim estavam abarrotadas com listas e idéias para rastrear a seu assassino.

E agora o último — estava enchendo página detrás página com absolutas tolices. Mamãe e papai me encerrariam com chave e me manteriam drogada se alguma vez punham as mãos em cima. Não sabemos que ocorreu, Doutor — podia ouvir dizer a papai, lhe entregando meu diário.

— Ela foi a Dublin e simplesmente se voltou louca. — De repente compreendi porquê Alina sempre tinha oculto o seu.

Pisquei e repeti isso em minha mente — Alina sempre tinha oculto o seu.

É obvio, Como podia havê-lo esquecido?

Alina tinha escrito um diário toda sua vida. Desde que fomos meninas, nunca passou um dia sem escrever nele. Estava acostumado a observá-la cada noite da entrada, antes que fechássemos as portas de nossos dormitórios para dormir, tombada em sua cama, escrevendo sem parar.

— Algum dia te deixarei lê-lo, Júnior —, havia-me dito. Tinha começado a me chamar Pequena Mac (como oposto de Big Mac)* quando éramos crianças, abreviando-o a Júnior quando fui maior. Mais ou menos quando tivermos uns oitenta anos e seja muito tarde para que aprenda qualquer mau hábito de mim. Ela ria e eu ria, também, porque Alina não tinha nenhum mau hábito, e ambas sabíamos. Seu diário tinha sido seu confidente, seu melhor amigo. Dizia-lhe coisas que nunca me havia dito. Sabia porque tinha encontrado alguns. Quando maturei, deixei de procurar seus diário por toda parte mas ela nunca deixou de escondê-los. Embora anos atrás tinha guardado os primeiros que tinha escrito em sua juventude em um baú fechado no apartamento de cobertura, nunca tinha parado de me chatear a respeito de como eu nunca poderia encontrar seu último grande esconderijo.

— OH sim, farei-o, — jurei. Encontraria-o inclusive se isso queria dizer que tinha que dismantelar seu apartamento inteiro peça por peça. Não podia acreditar que não tivesse pensado antes nisso — que em algum lugar justo aqui em Dublin houvesse um registro de cada uma das coisas que lhe tinham ocorrido a minha irmã desde que chegou, incluindo tudo o que terei que saber sobre o misterioso homem que tinha estado vendo — mas tinha estado cegada por meu interesse na Gardai, empacotando e as estranhas coisas que tinha estado vendo.

Fui golpeada por um repentino medo... Era por isso que tinha sido assaltado seu apartamento? Porque o homem com o que se envolveu tinha sabido que ela levava um diário e o tinha procurado também? Se era assim, Era muito tarde?

Tinha-me tomado muito tempo pensar em tudo isso. Não estava disposta a perder nem um segundo mais. Lancei algumas notas, agarrei o diário e o moedeiro e me precipitei pela porta.

Estava ali parado— sozinho permanecia ali na escuridão, Como demônios se supunha que devia sabê-lo?— quando me precipitei dando volta a esquina.

Corria a toda velocidade em minha pressa por chegar à casa da Alina para encontrar seu diário e me provar que quem a tinha assassinado era um homem perfeitamente normal —embora um maníaco homicida— não algum monstro mítico. Se tivesse dobrado a esquina e se chocado contra uma pessoa, poderia me haver sobressaltado. Como estavam as coisas, tinha-me estampado contra algo que fazia que o Homem Cinza parecesse alguém ao que teria podido ter em conta para levar ao Senior Prom (baile de graduação).

Minha dupla visão durou menos que um batimento de coração, do momento que o vi até que o golpeei.

Tentei esquivá-lo mas não reagi o bastante rápido. Choquei-me contra isso com meu ombro, ricochetei, e me estampeei contra a parede de um edifício. Aturdida, caí sobre as mãos e joelhos na calçada. Escondi-me ali, olhando para cima fixamente com horror. O glamour que a coisa projetava era tão fraco que não requeria esforço de minha parte para penetrá-lo. Não podia entender como isso podia enganar a ninguém.

Igual ao Homem cinza, tinha muitas das partes corretas. A diferença do Homem Cinza também tinha algumas de mais. Algumas parte estavam inacabadas, e outras estavam horrorosamente exageradas. Sua cabeça era enorme, calva e coberta por dúzias de olhos. Tinha mais bocas das que podia contar— ao menos isso é o que acredito que eram as úmidas ventosas como sanguessugas rosa que tinha sobre toda a disforme cabeça e estomago —podia ver o relampejo de afiados dentes assim como as úmidas dobras expandindo-se e contraindo-se na cinza e enrugada carne o que me dava a impressão de que estava faminto. Quatro fibrosos braços penduravam desde seu corpo com forma de barril, outros dois adoentados se deixavam cair sem força aos lados. Isso se sustentava sobre pernas parecidas com troncos de árvore e seus órgãos sexuais masculinos estavam distendidos e tinham um tamanho grotescamente descomunal. Quero dizer, tão grande como um taco de beisebol e pendurando por debaixo de seus joelhos.

Para minha consternação, dava-me conta de que isso me olhava de forma lasciva — com cada um daqueles olhos e todas aquelas bocas—Para meu horror, estirou-se para baixo e começou a masturbar-se com força.

Não podia me mover. É algo do que ainda me envergonho. Eu sempre me perguntava como reagiria em um momento de crise, se tiver o necessário para lutar ou se só te estivesse enganando a você mesma todo o tempo a respeito de que no mais profundo de você há aço sob a magnólia. Agora sabia a verdade. Não havia. Eu era todas pétalas e pólen. Boa para atrair aos procriadores que podiam assegurar a sobrevivência de nossa espécie, mas não uma sobrevivente por mim mesma. Eu era uma Barbie depois de tudo. Logo que consegui afogar um chiado quando isso se aproximou para me agarrar.

Capítulo 10

— Isto está começando a converter-se em um hábito senhorita Lane — disse Barrows com secura, levantando brevemente a vista do livro que estava examinando, quando irrompi na loja.

Dava uma portada detrás de mim e comecei a trancá-la.

Para ouvir o som dos ferrolhos, levantou a cabeça novamente, deixando cair o livro sobre a mesa.

— O que vai mau?

— Acredito que vou vomitar — precisava me lavar. Com água fervendo e alvejante. Possivelmente cem duchas poderiam ser suficientes.

— Não, não o fará. Concentre-se. A necessidade passará.

Perguntei-me se realmente estava tão seguro a respeito disso, ou se só estava tentando me condicionar com contínuas negações, para evitar que vomitasse sobre seu precioso sofá ou sobre seus inestimáveis tapetes.

— O que ocorreu? Está branca como um lençol.

Olhei a Fiona detrás da caixa do balcão.

— Pode falar livremente diante dela — disse ele.

Movi-me para o balcão e me apoiei contra ele para me sustentar. Tremiam-me as pernas e os joelhos.

— Vi outro — lhe disse.

Ele tinha girado comigo enquanto me movia. Agora se deteve lhe dando as costas ao final de uma pesada e ornamentada livraria.

— E o que? Disse-lhe que passaria. Foi tão horroroso? Disso se trata tudo isto? Assustou-lhe?

Respirei profundamente, contendo as lágrimas.

— Isso sabe que lhe vi.

A boca do Barrons se abriu por completo. Ficou olhando um longo momento. Logo se deu a volta e deu um murro no extremo da livraria com tal força que os livros foram caindo ao chão prateleira por prateleira. Quando se girou novamente, seu rosto estava cheio de fúria.

— Inferno sangrento! — explodiu.

— Fodidamente incrível! Você, senhorita Lane, é uma ameaça para outros! Uma catástrofe andante e falante! — se as olhadas pudessem queimar, a sua me tivesse incinerado onde estava.

— Não escutou uma só coisa do que lhe disse ontem à noite? Estava escutando sequer?

— Escutei cada palavra do que disse — disse rigidamente.

— E que conste, não sempre visto de rosa. Frequentemente visto de pêssego ou lavanda. Você me preparou para outro Homem Cinza, Caçador ou Sombra. Não me preparou para isto.

— Que tão pior pode ter sido? — disse incrédulo.

—Muito — disse.

—Não tem idéia.

—Descreva-o.

Fiz-o, o mais sucintamente possível, gaguejando um pouco a respeito das proporções. Voltei a sentir náuseas simplesmente por relatar seu grotesco aspecto. Quando terminei disse.

—O que era isso? Como arbusto? —era o que queria saber em realidade. Não me preocupavam seus nomes. Não queria vê-los para nada. Mas estava desenvolvendo uma florescente obsessão com as várias formas em que poderia morrer. Especialmente dadas as intenções que a coisa tinha demonstrado. Teria preferido que me agarrasse o Homem Cinza ou uma Sombra. Quero dizer, de verdade, só me entreguem aos Caçadores Reais, por favor. Deixem que me esfolem e me cravem uma estaca como Barrons havia dito que tinham feito uma vez.

—Nem idéia. Estava sozinho ou com outros?

—Estava sozinho.

—Está absolutamente segura de que sabia que podia vê-lo? Poderia estar equivocada?

—OH, não. Não há lugar a dúvidas. Tocou-me — me estremeci, ao recordá-lo.

Riu, um som vazio e sem humor.

—Gracioso, senhorita Lane. Agora me diga o que ocorreu realmente.

—Fiz-o. Isso me tocou.

—Impossível — disse ele.

— Se o tivesse feito, não estaria aqui.

—Estou lhe dizendo a verdade, Barrons. Que possível razão teria para mentir? A coisa me agarrou. — E queria me esfregar desesperadamente, especialmente as mãos, porque eu o tinha agarrado em resposta, tentando tirar isso de cima. Sua pele tinha sido como a de um réptil, viscosa, e tinha tido uma vista muito próxima de suas muitas bocas repugnantes, sugando convulsivamente.

—E logo o que? — disse.

—OH, sinto-o senhorita Lane, não tinha a intenção de que lhe enrugasse sua adorável blusa. Poderia engomar-lhe Ou possivelmente a rasgou com uma de suas preciosas unhas rosadas?

Realmente estava começando a me perguntar que problema tinha com o rosa, mas não me incomodava o sarcasmo em sua voz. Eu tampouco podia lhe encontrar o sentido ao que tinha ocorrido depois, e tinha estado refletindo sobre isso perto de meia hora. Certamente não era o que tinha esperado.

—Francamente — disse —, também me pareceu estranho. Agarrou-me e logo ficou ali de pé vendo-se... Bom... Se houvesse sido humano diria que confundido.

—Confundido? — repetiu ele.

—Um Invisível ficou ali vendo-se confundido? Assim como perplexo, confuso, desconcertado, consternado?

Eu assenti.

Detrás de mim, Fiona disse.

—Jericho, isso não tem nenhum sentido.

—Sei, Confio— o tom do Barrons trocou quando se dirigiu a ela, suavizou-se notavelmente. Fez-se afiado como uma faca quando reatou meu interrogatório.

— Assim, via-se confuso. E então o que, senhorita Lane?

Encolhi-me de ombros. Enquanto a coisa permanecia ali vendo-se bloqueada finalmente, finalmente saiu um pouco de aço à superfície.

—Golpeei-lhe a tripa e corri. Perseguiu-me, mas não em seguida. Acredito que permaneceu ali um minuto. Tempo suficiente para que pudesse parar um táxi e ir. Fiz que o taxista desse voltas durante um tempo, para me assegurar de havê-lo perdido — também, para tratar de salvar a confusão que me provocava o que tinha acontecido. A Morte me tinha agarrado e me tinha concedido um indulto, e não tinha idéia de por que. Só tinha sido capaz de pensar em uma pessoa a que pudesse lhe importar.

—Então vim a você.

—Ao menos fez algo bem e encobriu seu caminho aqui —murmurou. aproximou-se, me olhando como se fora alguma nova espécie estranha que alguma vez tivesse visto antes.

— Que fodido inferno é você, senhorita Lane?

—Não sei o que quer dizer — nem sequer sabe o que é, havia dito Alina em sua mensagem. Se não pode manter a cabeça baixa e honrar sua linha de sangue... Vá morrer em outra parte tinha vaiado a anciã no bar. E agora Barrons estava exigindo saber quem era eu.

—Sirvo em um bar, eu gosto da música. Minha irmã foi assassinada recentemente. Após parece que tenha me tornado louca — adicionei este último em tom quase coloquial.

Olhou além de mim, para a Fiona.

—Olhe se pode descobrir algum registro, por muito vago que seja, de que tenha ocorrido algo similar.

—Não necessita que faça isso, Jericho — disse ela —, sabe que os há.

Ele sacudiu a cabeça.

—É impossível que seja uma Null, Confio. São míticas.

A risada da Fiona soou etérea, musical.

—É como diz. Como são tantas coisas. Não é verdade, Jericho?

—O que é uma Null? —perguntei.

Barrons ignorou minha pergunta.

—Descreva novamente esse Invisível para a Fiona, senhorita Lane, com tanto detalhe como possa. Ela pode ser capaz de identificá-lo — a Fiona disse—, depois que vocês duas tenham terminado aqui, leva a senhorita Lane a um quarto. Amanhã, consegue umas tesouras e compra um sortido de tinturas de cabelo para que escolha.

—Um quarto? — exclamou Fiona.

—Tesouras? Tintura de cabelo?— exclamei. Minhas mãos voaram a meu cabelo. Encarei a parte da habitação em um minuto. Tinha minhas prioridades.

—Não pode suportar mudar suas preciosas plumas, senhorita Lane? O que esperava? Sabe que viu você. Não parará de procurá-la até que esteja morta ou até que ele o esteja. E me creia, não morrem facilmente, se é que o fazem. A única questão é se alertará

aos Caçadores, ou se virá por você ele mesmo. Se for afortunada, será o único em sua espécie como o Homem Cinza. As castas mais baixas preferem caçar sozinhos.

—Você quer dizer que possivelmente não lhe dirá nada aos outros Invisíveis? — senti surgir uma pequena esperança. A um Invisível talvez poderia sobreviver, mas o pensamento de ser caçada por uma multidão de monstros era suficiente para me fazer abandonar sem nem querer tentá-lo. Muito facilmente podia imaginar uma horda de repugnantes criaturas me perseguindo de noite em Dublin. Desabaria-me e morreria de um ataque ao coração incluso antes que pudessem me agarrar.

—Têm tantas facções entre eles como os humanos — disse ele.

—Os Fae, particularmente os Invisíveis, confiam os uns nos outros tanto como você poderia confiar em compartilhar uma jaula com um leão faminto.

Ou no Jericho Barrons, estava pensando um quarto de hora mais tarde, quando Fiona me mostrou a habitação. Exatamente assim se sentia —ao me preparar para passar a noite em “Livros e Quinquilharias Barrons” — como se me estivesse instalando na guarida do leão. “Fora da frigideira, para ir dar ao fogo era eu. Mas tinha pensado isso duas vezes antes de lançar um ataque porque se minhas opções eram ficar na estalagem só ou ficar aqui, preferia ficar aqui, embora só fora para minimizar as probabilidades de morrer sozinha e passar inadvertida por vários dias como minha irmã.

A livraria se estendia mais para dentro da rua do que eu me tinha precavido. A metade traseira não era para nada parte da loja, a não ser habitações destinadas a moradia. Fiona abriu energicamente uma habitação, guiou-me por um curto corredor, logo abriu outra porta e entramos na residência privada do Barrons. Tive uma breve impressão de sóbria riqueza enquanto me guiava através de uma sala de espera, por um corredor direto para uma escada.

—Também os vê? —perguntei enquanto subíamos lance detrás lance, até o andar superior.

—Todos os mitos contêm um ápice de verdade, senhorita Lane. Manipulei livros e artefatos que nunca irão a um museu nem a uma biblioteca, coisas às que nenhum arqueólogo nem historiador lhes encontrariam sentido. Há muitas realidades ocultas naquela que nós chamamos nossa. Muitos vão cegamente pela vida e nunca vêem além de seus narizes. Alguns de nós o fazemos.

O que realmente não me dizia nada a respeito dela, mas não tinha estado exatamente emitindo vibrações cálidas e amistosas em minha direção, assim não a pressionei. Depois de que Barrons nos deixasse, havia-lhe descrito a coisa de novo. Tinha tomado notas com brusca eficiência, estranha vez me olhando diretamente. Tinha tido o mesmo aspecto hermético que tinha minha mãe quando desaprovava categoricamente alguma coisa. Estava bastante segura de que a coisa era eu, mas não podia imaginar por que. Detivemo-nos ante a porta ao final do corredor.

—Aqui — Fiona introduziu uma chave em minha mão, logo se voltou para as escadas.

— OH, e senhorita Lane — disse sobre seu ombro.

— Eu me encerraria com chave se fosse você.

Era um conselho que não necessitava. Também encaixei uma cadeira sob o trinco da porta. E a tivesse bloqueado também com a penteadeira, mas era muito pesada para que pudesse movê-la.

As janelas traseiras da habitação estavam quatro andares por cima de um beco que havia detrás da livraria. Para a esquerda o beco desaparecia na escuridão e pela direita na semi escuridão, logo depois de dividir-se em estreitas e empedradas passagens que corriam ao longo de cada lado do edifício. Cruzando o beco havia uma estrutura de um andar que parecia um armazém ou uma enorme garagem com blocos de janelas de cristal pintadas de negro, fazendo impossível distinguir algo dentro. Focos de luz banhavam de branco a área entre os edifícios, iluminando diretamente uma passagem que ia de porta a porta. Dublin se estendia a meus pés, muito cobertos, dissolvendo-se no céu noturno. A minha esquerda, havia tão poucas luzes penetrando a escuridão que parecia que essa seção da cidade estava morta. Senti-me aliviada ao ver que não havia escada de incêndios na parte traseira do edifício. Pensava que nenhum de quão invisíveis tinha visto podia escalar a Lisa parede de tijolos. Recusava pensar nos caçadores alados.

Revisei duas vezes todas as fechaduras e fechei as cortinas.

Logo tirei minha escova da bolsa, sentei-me na cama e comecei a escovar meu cabelo. Ocupei-me dele longo tempo, embora brilhava como seda dourada.

Ia sentir saudades dele.

“Não deixe a livraria até que volte”, dizia na nota que tinha sido colocada sob minha porta em algum momento durante a noite.

Irritada, espremi-a. O que se supunha que ia comer? Eram as dez. Tinha dormido até tarde e estava morrendo de fome. Sou uma dessas pessoas que precisam comer logo que se levantam.

Retirei a cadeira de debaixo do pomo e abri a porta. Embora minha formal educação sulina me fazia desaprovar a idéia de me entrometer na casa de outra pessoa sem um convite para fazê-la minha, não via que tivesse outra opção salvo a de ir em busca da cozinha. Daria-me uma tremenda dor de cabeça se ficava muito tempo sem comida. Minha mãe diz que é porque meu metabolismo é muito rápido.

Quando abri a porta, descobri que alguém tinha estado ocupado enquanto dormia. Uma bolsa da confeitaria, uma embalagem de corte, e minha bagagem estavam fora da porta. No Sul, uma comida para levar fora da porta de sua habitação não é um luxo, é um insulto. Apesar da presença de meus pertences, Barrons não tinha podido me dizer mais claramente que não me pusesse muito cômoda. “Mantem fora de minha cozinha”, dizia a bolsa, “e não te intrometa”. No Sul queria dizer, “Parte antes do almoço, preferivelmente agora”

Comi dois croissants, bebi o café, vesti-me e desandei os passos da noite anterior diretamente de volta à livraria. Em meu caminho não olhei para nenhum lado. Qualquer curiosidade que pudesse ter sentido sobre o Barrons era secundária a meu orgulho. Não me queria ali, bem, eu tampouco queria estar. De fato, não estava segura de por que estava ali. Quero dizer, sabia por que tinha ficado, mas não tinha idéia de por que tinha permitido isso. Não era tão estúpida para pensar que Jericho Barrons tinha uma onça de cavalheirismo, evidentemente as donzelas em apuros não eram sua taça de chá.

—Por que está me ajudando? —perguntei-lhe essa noite, quando voltou para a loja. Perguntava-me onde tinha estado. Eu ainda estava no mesmo lugar em que tinha passado o dia inteiro: na área traseira de conversação da loja, a que estava virtualmente fora da vista, atrás perto do banho e do jogo de portas que davam às habitações privadas do Barrons. Tinha pretendido estar lendo enquanto em realidade estava tentando encontrar sentido a minha vida e considerando os diversos tons de tinteira de cabelo que havia trazido Fiona quando tinha vindo a abrir a loja ao meio dia. Ela tinha ignorado meus intentos por cercar conversação e não me tinha falado em todo o dia exceto pela oferta de um sanduíche para o almoço. Às oito e dez, fechou a loja e se foi. Uns poucos minutos depois, tinha chegado Barrons.

Deixou-se cair em uma cadeira em frente de mim: Elegância e arrogância em calças negras à medida, botas negras e uma camisa de seda branca que não se incomodou em remeter. A nívea malha contrastava com sua cor, intensificando seu cabelo penteado para trás até fazê-lo negro meia-noite, seus olhos como obsidiana e sua pele muito bronzeada. Arregaçou-se, um potente antebraço luzia um relógio de platina e diamantes, a outra um escultural e largo bracelete de prata que parecia muito antigo e celta. Alto, sombrio e vilmente sexual de uma forma que eu supunha que algumas mulheres poderiam encontrar irresistivelmente atrativa, Barrons exsudava sua habitual vitalidade perturbadora.

—Não estou ajudando-a, senhorita Lane. Estou tomando em consideração a idéia de que você poderia me ser de utilidade. De ser assim, necessito-a viva.

—Como poderia ser de utilidade para você?

—Quero o Sinsar Dubh.

Eu também. Mas não via como minhas possibilidades de consegui-lo eram maiores que as suas. De fato, à luz dos recentes acontecimentos, não via que tivesse nenhuma possibilidade de conseguir a maldita coisa depois de tudo. Para que poderia me necessitar?

—Você pensa que de algum jeito eu poderia ajudar a encontrá-lo?

—Possivelmente. Por que não trocou seu aspecto ainda, senhorita Lane? Fiona não lhe proporcionou os artigos necessários?

—Estava pensando que talvez pudesse usar uma boina com viseira.

Seu olhar passou desde meu rosto até meus pés e atrás de novo em uma forma que dizia que me tinha medido e que me encontrava gravemente deficiente.

—Poderia encasquetar isso e puxar a viseira bem abaixo —disse.

— Eu tenho feito antes, em meu lar em dias em que meu cabelo era um desastre. Com óculos de sol, apenas se poderá ver.

Cruzou os braços sobre o peito.

—Poderia funcionar —disse defensivamente.

Sacudiu a cabeça uma vez, só umas poucas polegadas à esquerda e de volta.

—Quando tiver terminado de cortar e tingir seu cabelo, volte comigo. Curto e escuro, senhorita Lane. Perca o aspecto de Barbie.

Não chorei quando o fiz. Entretanto, o que fiz —condenado Jericho Barrons por me fazer o que me fez a seguir— quando retornei abaixo, foi vomitar tudo sobre o tapete persa que tinha no fundo da livraria.

Olhando atrás, dou-me conta que comecei a senti-lo enquanto estava acima me lavando o cabelo no banheiro contíguo a minha habitação. Uma onda de náuseas repentinas me invadiu, mas pensei que era uma reação emocional ao trocar meu aspecto tão drasticamente. Já tinha começado a me perguntar quem era eu e o que estava mal comigo, agora também ia ver-me mau.

A sensação se incrementou enquanto descia a escada, e se fez mais forte conforme seguia meu caminho para a livraria. Deveria lhe haver prestado mais atenção, mas estava me compadecendo até o ponto da inconsciência.

Para o momento em que entrei pela segunda das portas que separavam os domínios pessoais do Barrons dos profissionais, estava tremendo e suando ao mesmo tempo, minhas mãos estavam pegajosas e meu estômago era uma confusão. Nunca em minha vida tinha passado de me sentir bem a me sentir horrível tão rápido.

Barrons estava sentado no sofá que eu tinha deixado livre, seus braços estirados sobre o respaldo, suas pernas estendidas, parecendo depravado como um leão vadiando depois da matança. Seu olhar, entretanto, era afiado como a de um falcão. Estudou-me com ávido interesse enquanto entrava através da porta. Havia alguns papéis sobre o sofá perto dele dos que eu ainda tinha que entender o significado.

Fechei a porta e em seguida me dobrei sobre mim mesma e vomitei o que ficava de meu almoço. Grande parte dos danos a seu precioso tapete era água que tinha bebido. Bebo grandes quantidades de água. Hidratar a pele do interior é mais importante que utilizar um bom creme hidratante na superfície. Arrojei até que não ficou nada, e logo fiz umas quantas arcadas mais. Estava sobre mãos e joelhos outra vez, pela segunda vez em poucos dias, e isso eu não gostava nem um pouco. Passei-me a manga pela boca e o olhei. Odiava meu cabelo e odiava minha vida e podia senti-lo brilhando em meus olhos.

Ele, por outra parte, parecia extremamente agradado.

—O que acaba de acontecer, Barrons? O que me tem feito? —acusei-o. Por improvável que parecesse, estava segura de que de algum jeito tinha tido algo que ver com meu repentino mal-estar.

Riu e se levantou, me olhando para baixo.

—Você senhorita Lane, pode sentir o Sinsar Dubh. E acaba de converter-se em muito, muito útil para mim.

Capítulo 11

—Não o quero —repeti, me retirando.

—Mantenha-o longe de mim!

—Não lhe fará mal, senhorita Lane. Ao menos não nesta forma —disse Barrons de novo.

Não acreditava o que me dizia pela quinta vez, mais do que o fiz quando me disse isso a primeira. Joguei um braço para trás, ao tapete ainda úmida por meus esforços de limpeza.

—Como chamaria a isto? Se ainda tivesse algo no estômago, estaria ainda sobre as mãos e os joelhos. Não sei você, mas eu chamo Machucar a vomitar imprevisivelmente— por não mencionar o profundo sentimento de terror do que ainda não me podia sacudir. O fino pêlo de meu corpo permanecia de ponta como se tivesse sido golpeada com uma descarga de alta voltagem. Queria pôr tanta distância entre "isso" e eu como fora possível.

—Acostumará-se a isso.

—Assim que se mantém no longe —murmurei.

—E suas reações diminuirão com o tempo.

—Não tenho intenção de passar tanto tempo perto disso —“isso” eram fotocópias de duas páginas supostamente arrancadas do Sinsar Dubh. Fotocópias, nem sequer as páginas reais, que ele me estava confiando. Simples fac-símiles que me mantinham pega contra a parede em meu frenético esforço por evitá-los. Podia sentir como chegava um momento aranha. Se não retrocedia, ia escalar as paredes usando só minhas unhas pintadas de vermelho dos cavaleiros as preferem loiras como ganchos de parede, e tinha serias dúvidas de que fora a funcionar.

—Respire lenta, profundamente —disse Barrons.

—Pode superá-lo. Concentre-se, senhorita Lane.

Traguei ar. Isso não ajudava.

—Hei dito respirar. Não imitar a um peixe fora da água.

Olhei-o com frieza, inalei e o retive. Depois de um comprido momento, Barrons assentiu e exalei lentamente.

—Melhor —disse ele.

—Por que está me acontecendo isto? —perguntei.

—É parte do que você é, senhorita Lane. Faz milhares de anos, quando os Fae ainda tomavam parte na Caçada Selvagem, destroçando tudo a seu passo, isso era o que uma sidhe-seer sentia quando os cavaleiros Tuatha Dé se aproximavam em massa. Era seu aviso para guiar a sua gente à segurança.

—Não o senti quando vi nenhum dos Invisíveis —apontei. Mas quando refleti sobre aquelas primeiras duas vezes, dava-me conta de que me tinha enjoado, e em ambas as ocasiões uma geral e inexplicável sensação de terror tinha precedido a minhas "visões". Apenas o reconheci porque não tinha nada ao que lhe jogar a culpa. Com o último monstro, tinha estado tão obcecada chegando a Alina, e tinha me chocado com ele tão rápido, que não pude decidir se senti algo como antecipação ou não.

—Hei dito em massa — disse ele.

— Sozinhos ou por casais, seu impacto não é tão grande. É possível que só o Sinsar Dubh chegue a lhe fazer sentir-se tão doente, ou possivelmente um milhão de Invisíveis caindo sobre você. O Livro Escuro é a mais capitalista de todas as Relíquias Fae. Assim como a mais mortífera.

— Fique atrás — exclamei. Aproximou-se de menos de uma jarda de mim, sustentando essas terríveis páginas. Deu outro passo para frente e eu tentei me converter no papel da parede. Um muito amarelo, muito flácido empapelado.

— Domine seu medo, Senhorita Lane. São simples cópias das páginas reais. Só as páginas do Livro Escuro em si mesmos podem lhe fazer um dano permanente.

— Podem? — isso certamente lhe dava uma problemática volta às coisas.

— Quer dizer que inclusive se encontrássemos esse livro, Não ia ser capaz de tocá-lo? Seus lábios se curvaram mas seus olhos seguiram sendo frios.

— Poderia. Mas não estou seguro de que gostasse a si mesmo depois.

— Por que não... ? — terminei, sacudindo a cabeça.

— Esqueça-o, não quero sabê-lo. Só mantenha essas páginas longe de mim.

— Significa isso que vai abandonar a busca do assassino de sua irmã, Senhorita Lane? Acreditei que lhe tinha solicitado que encontrasse o Sinsar Dubh. Acreditei que lhe havia dito que tudo dependia disso.

Fechei os olhos e me deixei cair contra a parede. Por uns poucos minutos me tinha esquecido completamente da Alina.

— Por que? — sussurrei como se ela estivesse ainda aqui para me escutar.

— Por que não me disse nada disto? Podíamos ter ajudado uma à outra. Possivelmente nos teríamos podido manter uma à outra com vida — e isso era a parte mais amarga, como as coisas deveriam ter resultado, se simplesmente ela tivesse crédulo em mim.

— Duvido que você a tivesse acreditado, inclusive se o tivesse feito. Você foi dura de roer. Com tudo o que viu e ouviu, ainda está tratando de negá-lo.

Sua voz soava muito mais perto. Barrons se tinha movido. Abri os olhos. Estava justo frente a mim, ainda assim meu mal-estar não se intensificou, porque não o tinha visto vir. Tinha razão, minha reação era tão mental como física, o qual queria dizer que ao menos uma parte disso era controlável. Podia me retirar, voltar para casa e tentar esquecer o que me tinha passado desde que tinha chegado a Dublin, ou podia resolver como seguir adiante. Toquei meus curtos e escuros cachos. Não tinha sacrificado meus cachos loiros por nada.

— Você também vê aos Fae, Barrons, entretanto não tem problemas para sustentar essas páginas.

— A repetição embota os mais agudos sentidos, Senhorita Lane. Está você pronta para começar?

Duas horas depois, Barrons decidiu que já tinha praticado o suficiente. Não podia me obrigar a tocar as fotocópias mas já não vomitava ao estar perto delas. Tinha encontrado uma forma de bloquear a garganta contra as arcadas involuntárias. A cercania ainda me

fazia sentir completamente miserável, mas podia me recompor e manter uma máscara apresentável.

— Fará-o — disse ele.

— Vístasse. Vamos a algum lugar.

— Estou vestida.

Ele se deu a volta para a frente da loja e olhou pela janela de noite.

— Fique um pouco mais... adulta... Senhorita Lane.

— O que? — levava umas calças piratas brancas, elegantes sandálias e uma blusa rosa sem mangas sobre uma camiseta adornada com renda. Pensei que tinha um aspecto perfeitamente adulto. Dei uma volta diante dele.

— O que está mau?

Deu-me um breve olhar.

— Fique um pouco mais... feminina.

Com minha figura, ninguém podia me acusar nunca de não ser feminina. A compreensão às vezes demorava para me chegar, mas o fazia. Homens. Coloca-os em uma elegante loja de roupas interior e te garanto que encontrarão a única coisa que haja ali feita de barato couro negro e tachinhas. Meus olhos se aumentaram.

— Quer dizer sórdido — disse.

— Quero dizer algo para a classe de mulher que os outros estão acostumados a ver comigo. Uma adulta, se você acreditar que pode consegui-lo, Senhorita Lane. O negro lhe fará parecer o suficientemente maior para conduzir. O novo cabelo está ... melhor. Mas faça algo com ele. Faça que se pareça como estava a noite em que te despertei.

— Quer que tenha aspecto de recém saída da cama a propósito?

— Se for assim como o chama. Será suficiente uma hora?

Uma hora implicava que necessitava um montão de ajuda.

— Verei o que posso fazer — disse com frieza.

Estive pronta em vinte minutos.

Minhas suspeitas sobre o edifício que havia depois da biblioteca se confirmaram, era uma garagem e Jericho Barrons era um homem muito rico. Supus que a venda de livros e quinquilharias era um acerto bastante lucrativo.

Da coleção de achados de carros que tinha em sua garagem, escolheu um modesto em comparação, um Porsche 911 Turbo negro que rugiu profundamente com seus magistralmente desenhados 515 cavalos quando ele deslizou a chave no contato situado no lado equivocado do volante e o girou. Sim, sei de carros. Adoro os rápidos e preciosos, e a sutil classe dos caros Porsches atrai a cada superficial osso de meu corpo de vinte e dois anos.

Colocou a direta e conduziu muito rápido, mas com a perita agressividade que qualquer veículo de alto rendimento capaz de passar de zero a sessenta em três pontos e seis segundos requeria.

Uma vizinhança se mesclava com a seguinte enquanto dirigia as marchas, subindo e as baixando através do tráfico de tipo saturado da cidade. Uma vez transpassaram os subúrbios de Dublin, baixou a capota. Sob uma lua quase cheia, competimos contra o

vento. O ar era quente, o céu brilhante e estrelado, e em outras circunstâncias tivesse desfrutado enormemente com a corrida.

Joguei um olhar a ele. Algo que fosse —obviamente um *sidhe-seer* e uma real dor no traseiro a maior parte das vezes— Barrons era agora só um homem, perdido no prazer do momento, na delicada e artesanal máquina em suas mãos, na estrada limpa e na aparentemente interminável noite.

—Aonde vamos? —tive que gritar para me fazer ouvir por cima do duplo rugido, o do vento e o da máquina.

Sem tirar os olhos da estrada, coisas pela que lhe estive eminentemente agradecida a cento e quatro quilômetros por hora, disse.

—Há três atores principais na cidade que também estiveram procurando o livro. Quero saber se tiverem encontrado algo. Você, Senhorita Lane, é minha rastreadora—lhe respondeu.

Olhei o relógio do painel.

—São as duas da manhã, Barrons. O que é o que vamos fazer, penetrar, registrar e nos arrastar por suas casas enquanto eles dormem? —isso era uma amostra do surrealista que se tornou minha vida, se ele respondia afirmativamente, suspeitava que o primeiro que saísse de minha boca não ia ser um protesto, se não uma queixa por que me tivesse feito me arrumar tanto para roubar. Os sapatos de salto e a saia curta fariam certamente que correr da polícia ou de proprietários armados e furiosos fora muito difícil.

Reduziu um pouco a velocidade para que eu o pudesse escutar melhor.

—Não, são gente da noite, Senhorita Lane. Estarão acordados e exatamente tão desejosos de vê-la como eu de vê-los. Nós gostamos de nos vigiar os uns aos outros. Eles, entretanto, não lhe conhecem —um lento sorriso curvou seus lábios.

Estava tremendamente agradado com a nova arma secreta que tinha em mim. Tive uma repentina e deprimente visão de meu futuro, sendo conduzida de um lado a outro e perguntando incessantemente, como um desses comerciais do Verizon (aparelho de celular) você se sente doente nestes momentos?

Acelerou e estivemos outros dez minutos ou assim em silêncio, então girou para deixar a estrada principal e nos colocar no caminho de entrada de um imóvel cercado. Depois de ser passados por um par de guardas de segurança uniformizados de branco friamente eficientes que, depois de uma tranqüila chamada Telefónica, abriram uma enorme porta de aço, nós ronronamos para baixo por um comprido, e serpenteante caminho, enquadrado em ambos os lados por árvores imensas e antigas.

As casa ao final do caminho era um anacronismo por sua composição, que parecia sugerir que uma casa solário tinha estado ali uma vez mas tinha sido assolada para ser substituída com esta extensa, glacial, brilhante e iluminada aventura Encontra os Jetsons de ferro e cristal. Passadiços transparentes conectavam cinco níveis que se inclinavam em ligeiros ângulos para cima, e terraços de metal que luziam mobiliário New Age que parecia categoricamente miserável para sentar-se nele. Admito-o, estou passada de moda. A mim me dê um alpendre coberto com móveis de vime branco, balanços em cada extremo, ventiladores de teto, grade cobertas de hera, e cestas pendentes com samambaias,

tudo sob a sombra de magnolias em flor. Este lugar tinha um ponto muito pseudo artístico e não era nem de perto o suficiente caseiro para meu gosto.

Quando saímos do carro, Barrons disse.

— Guarde-as acuidades para você e não toque ninguém que não pareça humano, Senhorita Lane.

Quase me engasguei com a risada nervosa. O que tinha passado com as boas, antigas e saudáveis advertências como, "ficar juntos, agarrados das mãos, e olhem aos dois lados antes de cruzar a rua". Lancei-lhe um olhar.

— Não é que o queira fazer mas, por que não deveria?

— Suspeito que Fiona tenha razão — disse ele —, e é uma Null, o que significa que nos descobrirá se toca a algum Fae com suas mãos.

Olhei minhas mãos, as preciosas unhas rosas que não complementavam meu novo look muito bem. Meu look escuro deveria acentuar-se com tons mais chamativos. Precisaria levar a cabo algumas mudanças em meu vestuário e acessórios.

— Uma Null? — tive que me esforçar para me manter a seu ritmo com os saltos enquanto nos apurávamos através do brilhante, branco caminho de cascalho de quartzo.

— Antigas lendas falam de sidhe-seers com a habilidade de congelar aos Fae com o toque de suas mãos, imobilizando-os durante minutos, em previsão de que se movam ou inclusive que troquem de lugar.

— Trocar de lugar?

— Depois. Recorda o que tem que fazer, Senhorita Lane?

Olhei para a casa. Parecia que havia uma festa. Gente formava redemoinhos nos terraços, risadas, musica, e o tinido do gelo flutuando nos copos baixava até onde estavam eles.

— Sim. Se começo a me encontrar mal devo perguntar se posso usar o banho. Você me acompanhará.

— Muito bem. E, Senhorita Lane?

Olhei-o interrogante.

— Tente atuar como se gostasse.

Quando me abraçou e me aproximou mais a ele, o estremeamento me baixou até os dedos dos pés.

A casa estava decorada totalmente em branco e negro. A gente que estava nela, também. Se fosse por mim, levaria um grande pincel todo o tempo, orvalhando-o tudo de cor, decorando o mundo de cor malva e pêssego, rosa e lavanda, laranja e aguamarinha. Estes loucos pareciam acreditar que sangrar ao mundo para lhe tirar toda a cor era legal. Decidi que todos deviam estar profundamente deprimidos.

— Jericho — uma atordoante mulher com o cabelo negro como um corvo e um vestido decotado de festa branco ronronou guturalmente. Mas seu sorriso era de dentes para fora e malévolos, e para ele, não para mim.

— Quase não te reconheço. Não estou segura de que nos tenhamos visto alguma vez um ao outro com a roupa posta.

— Marilyn — a reconheceu com um leve assentimento que pareceu lhe tocar realmente as Pelotas enquanto passavam de comprimento.

—Quem é sua pequena amiguinha, Barrons? —perguntou um alto, anoréxicamente magro homem com umas espantosas esfregas brancas. Quis levá-lo a parte e lhe advertir gentilmente que levá-lo todo negro só o fazia parecer mais magro e doente mas não acreditei que fora o momento adequado.

—Não é seu fodido assunto —disse Barrons.

—Ah, estamos em nossa habitual forma refinada, verdade? —mofou-se o homem.

—“Nós” implica que provemos dos mesmos gens, Ellis. Não o fazemos.

—Arrogante bastardo —murmurou o homem a nossas costas.

—Vejo que tem um montão de amigos aqui —fiz notar secamente.

—Ninguém tem amigos nesta casa, Senhorita Lane. Só há usuários e usados na Casa Blanc.

—Exceto para mim —disse eu. Estranho nome para uma estranha casa.

Jogou-me um rápido olhar.

—Aprenderá. Se viver o suficiente.

Inclusive se vivia até os noventa, nunca me voltaria como a gente desta casa. Murmurado saudações continuaram enquanto atravessávamos as habitações, alguns furiosos —a maioria das mulheres— e outros condenatórios, a maioria dos homens. Era um grupo espantoso de pessoas. Sofri um repentino ataque de saudade, sentindo falta de mais de minha mamãe e meu papai.

Não vi nada que não fosse humano até que chegamos à última habitação, ao final da casa no quinto andar. Tivemos que passar três controles de guardas de segurança para chegar até ali.

Volta à realidade: estava em uma festa com guardas de segurança armados e toda vestida de negro. Não podia ser minha realidade. Eu não era essa classe de pessoa. Tristemente, apesar da saia curta que descobria minhas preciosas pernas torneadas até quase o meio da coxa, um Top, um sutian que realçava o peito e saltos altos, comparada com o resto de mulheres da Casa Blanc, parecia ter quinze anos. Acreditava que tinha convertido meu comprido cabelo escuro até os ombros em algo sexy e selvagem, mas obviamente não conhecia o significado dessas palavras. Nem entendia nada da arte de arrumar-se.

—Deixe de mover-se —disse Barrons.

Respirei fundo e contive a respiração enquanto contava até três.

—A próxima vez alguns detalhes mais de nosso futuro destino ajudariam.

—Jogue uma boa olhada a seu redor, Senhorita Lane, e a próxima vez não o necessitará.

Passamos através de um par de enormes leva brancas, a uma enorme habitação branco sobre branco: brancos muros, branco tapete, brancas caixas de cristal misturadas com brancas colunas nas que descansavam objetos de arte de preços incalculáveis. Pus-me tensa, lhe fazendo frente à dupla visão. Agora que já sabia que estes monstros existiam, era mais fácil reconhecê-los. Decidi que estes dois não se estavam esforçando muito com o glamour que estavam desdobrando ou em outro caso eu me estava voltando melhor em penetrá-lo, porque uma vez que vi passar essas robustas e fanfarronas projeções loiras, eles não vacilaram entre os dois, mas seguiram sendo Invisíveis.

— Tranqüila — murmurou Barrons, sentindo minha tensão. Ao homem sentado na absurda cadeira branca com forma de trono, como se estivesse concedendo audiência a seus súditos, disse-lhe com voz aborrecida.

— McCabe.

— Barrons.

Eu geralmente não gosto dos homens de ossos grandes, corpos duros e cabelo castanho avermelhado, e me surpreendeu encontrar ao McCabe atrativo em sua devastadora forma irlandesa que nunca poderia polir sem importar as riquezas que conseguisse acumular ou os tesouros com os que escolhesse rodear-se. Mas os dois Invisíveis que o flanqueavam, à esquerda e direita, não eram absolutamente atrativos. Eram enormes, feias coisas com a pele cinza que recordavam aos rinocerontes com suas amolgadas grandes frentes, diminutos olhos, sobressalentes mandíbulas, e lábios como lâminas por bocas. Corpos largos e rechonchos como barris, que estiravam as costuras das camisas brancas que não eram de seu numero. Seus braços e pernas eram rechonchos e faziam sempre um som fanhoso do fundo da garganta, como porcos farejando pelo barro procurando o que seja pelo que farejavam os porcos. Não eram aterrorizantes, eram simplesmente horrorosos. Centrei-me em não me centrar neles. Além de uma leve acidez e uma agitação acrescentada, apenas me fizeram me sentir mal. É obvio, qualquer impacto Fae ficaria agora e sempre diminuído à escura sombra do Sinsar Dubh.

— O que te traz pela Casa Blanc? — disse McCabe, ajustando-a branca gravata na branca camisa sob a branca jaqueta de seu traje branco. Para que se aborrecia? Não pude evitar pensá-lo. As gravatas entravam na categoria de acessórios e a verdadeira definição de acessório se acentuava ou se realçava com a engenhosa disposição de cores, texturas e estilo. Holaaa, alguém aqui ouviu a palavra "cor"? De passagem poderia haver-se pintado a si mesmo de branco.

Barrons se encolheu de ombros.

— Faz uma noite agradável para conduzir.

— Quase lua cheia, Barrons. As coisas podem ficar perigosas fora daqui.

— As coisas se podem pôr perigosas em qualquer lugar, McCabe.

McCabe riu, mostrando seus brancos dentes de estrela de cinema. Percorreu-me com o olhar.

— Te colocando em algo um pouco distinto, Barrons? Quem é a menina?

Não fale, Barrons me havia dito de caminho para aqui, não importa o que digam. Não me importa o que lhe cheguem a tocar as Pelotas. Traga-lhe isso Seu zombador "menina" retumbava em meus ouvidos, morde-me duro o lábio e não disse nenhuma palavra.

— Só o último rabinho, McCabe.

Já não tive que me morder mais. Fiquei muda.

McCabe riu.

— Fala?

— Não a menos que o mande. Sua boca está normalmente muito cheia.

Pude sentir como minhas bochechas ardiam.

McCabe riu de novo.

—Quando crescer, passe-me isso vale? —ele me olhou concienzudamente, seus olhos azul pálido se atrasaram em meu peito e meu traseiro, e ao tempo que o fazia, senti como se não só me houvesse visto nua se não que de alguma forma sabia que tenho um diminuto lunar em forma de coração na nádega esquerda, e outro em meu peito direito, apenas ao leste de meu mamilo. Sua expressão trocou, seus narizes se alargaram, seus olhos se estreitaram.

—Uma segunda consideração —murmurou— não lhe deixe crescer muito. O que quer por ela agora?

Barrons sorriu burlonamente.

—Há um livro no que possivelmente esteja interessado.

McCabe bufou, juntando a ponta do índice com o polegar e tirando uma imaginária bolinha de pó da manga.

—Nenhuma puta é tão boa. Há mulheres e há poder, e só um destes justifica seu valor —sua expressão trocou de novo, apertou os lábios e seus olhos se voltaram escalafriantemente vazios.

Nesse momento, McCabe perdeu interesse em mim, e tive a alarmante compreensão de que, para ele, eu nem sequer era um ser humano. Era mais como... bom, uma camisinha... algo que usaria e depois afastaria de sua pessoa os restos que ficassem, e se resultava que estávamos em um carro a toda velocidade pela rodovia, ou em um avião atravessando o Atlântico, então o que?

Tinha estado Alina neste mundo? Tinha conhecido a este obsessivo-compulsivo vestido de branco? Realmente não podia imaginar o matando-a, ou matando a ninguém para o caso. Mas, podia ver a Alina acreditando-se apaixonada por um homem como este? Concedido, era rico, mundano, e atrativo em sua brutal e poderosa forma. Mas o inspetor e as duas garotas com as que falei tinham a absoluta certeza de que o namorado de Alina não era nativo da Ilha Esmeralda, e McCabe —apesar de suas enormes pretensões—era sal da terra da Irlanda, até os tutanos.

—Ouvii algo sobre isso? —Barrons perdeu interesse em mim também, e se moveu para o novo objetivo. Simplesmente dois homens tratando de seus negócios, passeando, conversando, ou bastante mudos, com sexo em saltos perto no caso de algum o queria, assim como um conveniente prato de ostras abertas.

—Não —disse McCabe insosamente.

—E você?

—Não —replicou Barrons igual de insosamente.

McCabe assentiu.

—Bom, então. Deixa-a aqui e vai. Ou simplesmente vai —era óbvio que não podia lhe importar menos que opção escolhesse Barrons. De fato, se me deixasse aí, não estou segura de que McCabe se desse conta até passados uns quantos dias.

O Rei do Branco nos tinha despedido.



Capítulo 12

GLAMOUR: ilusão escolhida pelo Fae para camuflar seu verdadeiro aspecto. quanto mais capitalista é o Fae, mais difícil é penetrar seu disfarce. O humano comum só vê o que os Fae querem que vejam, e essa sutil repelencia evita que choquem ou se rocem contra isso por um pequeno perímetro de distorção espacial que é parte do encanto do Fae.

E isso foi pelo que o monstro do beco com genitálias de mulo e boca de sanguessuga soube instantaneamente o que eu era, não tinha podido evitar me chocar com ele.

Qualquer outra pessoa teria saído despedida no mesmo momento de dobrar a esquina, e tinha tropeçado torpemente, chocando-se com um obstáculo invisível. Sabe quando diz: “Caralho! não sei o que me passa, devo ter tropeçado com meus próprios pés”. Pois pensa-o de novo.

Segundo Barrons, McCabe não tinha nem idéia de que seus “guarda-costas” eram Invisíveis, dirigiu-se a eles como Ob e Yrg quando nos tinham dado escolta da Sala do Trono em um tom gutural que Barrons e eu tínhamos simulado não ouvir. A equipe habitual de guarda-costas do McCabe tinha desaparecido fazia três meses e tinha sido substituído pelos Rhino-Boy, um tipo de Invisíveis que Barrons considerava como valentões do meio cabelo atribuídos sobre tudo como cães guardiães para os Fae de mais alta fila.

Depois de pensar nisso durante um minuto e seguindo a lógica conclusão, disse:

— Isso também significa que um Invisível vai em busca do Sinsar Dubh?

— Isso parece, respondeu Barrons. E um muito poderoso, pelo visto. Posso perceber o hálito de alguém a quem os Invisíveis chamam “Lorde Master”, mas até agora não tive sorte descobrindo quem ou o que é esse Lorde Master. Disse-lhe, senhorita Lane, que não tinha nem idéia de onde se estava colocando.

Os Invisíveis eram bastante aterradores. Tinha poucas vontades de me encontrar com o que fora que chamassem seu governante. Bem, agora pode ser um bom momento para sair disso, disse.

— Tenta-o, parecia querer me dizer. Por isso, tratei de fechar meu coração e voltar para o assassinato de minha irmã, Jericho Barrons não me faria abandonar.

A triste realidade era que nos necessitávamos. Eu poderia sentir ao Sinsar Dubh e ele tinha toda a informação pertinente sobre aquele, incluindo algumas ideia sobre onde poderia estar e quem o estava procurando. Por meus próprios meios, nunca seria capaz de inteirar-me de festas como a da Casa Blanc e me convidar a mim mesma. Por seus próprios meios, Barrons nunca saberia se o livro estava perto, possivelmente inclusive na mesma habitação. Bem podia estar justo ao lado, pelo o que concernia.

Tinha-me feito uma idéia de quão importante era eu para ele a noite anterior. Se o livro fora de metal, eu seria o detector de metais privado de Jericho Barrons. Depois de que Ob e Yrg retornaram com o McCabe, Barrons me tinha escoltado andar detrás andar da matizada casa. Como não percebi nada, levou-me por toda a cuidada fazenda, incluindo os edifícios anexos. Tinha insistido que cobríssemos os jardins tão a fundo que

não tinha retornado a meu dormitório a dormir até pouco antes de amanhecer. Embora devia ser relutante a sentir algo tão horrível outra vez, tinha estado quase desiludida quando meu recém descoberto sentido aracnídeo não tinha captado o mais mínimo matiz.

Ainda assim, para mim, o centro da questão não era absolutamente o Livro Escuro. Era descobrir os detalhes da vida secreta de minha irmã. Não queria essa coisa horripilante. Só queria saber quem ou o que tinha matado a Alina, e o queria vivo ou morto. Depois queria ir a casa, a meu agradavelmente provinciano povo do úmido e caloroso sul da Georgia e esquecer tudo o que me tinha ocorrido enquanto estava em Dublin. Os Fae não visitavam Ashford? Bem. Casaria-me com um rapaz do povo com uma caminhonete Chevy, com o Toby Keith cantando "Who's your daddy?" Pelo rádio, e oito orgulhosas gerações de antepassados de honestos trabalhadores Ashford decorando sua árvore genealógica. Salvo para as indispensáveis viagens às compras em Atlanta, nunca sairia de casa outra vez.

Mas por agora, trabalhar com o Barrons era minha única opção. A gente que conheci durante nossa busca podia ter conhecido também a Alina. E se de algum modo pudesse encontrar e seguir o caminho que ela tinha tomado através deste estranho mundo de filme de terror, conduzir-me-ia diretamente até seu assassino.

Deveria reformular a conveniência disso quanto antes.

Recolhi minha caneta. Era domingo pela tarde e Barrons Livros & Bijuteria estava fechado todo o dia. Tinha despertado desorientada e sentindo falta da mamãe, mas quando tinha ligado, papai havia dito que ela estava na cama e que não queria despertá-la. Ela não tinha estado dormindo bem, disse, embora ela estava tomando algo que supostamente a ajudaria. Tinha mantido uma dolorosa conversa unilateral com ele durante poucos minutos, mas seus esforços tinham sido tão lastimosamente desinteressados que me tinha dado por vencida. Sem outra coisa que fazer, finalmente tinha agarrado meu diário e baixei à livraria.

Agora estava tombada desgarradamente sobre meu estômago no cômodo sofá da parte traseira da livraria, com o caderno de notas desdobrado sobre um travesseiro diante de mim.

Peneirar: método de locomoção dos Fae escrevi.

Mordi a ponta de meu marca texto de ponta fina cor fúcsia, e tratei de imaginar como descrevê-lo. Quando Barrons me tinha explicado isso, fiquei horrorizada.

—Quer dizer que só têm que imaginar-se a si mesmos em alguma parte e acontece instantaneamente? Só desejam estar em algum lugar, e estão ali?

Barrons assentiu.

—Quer dizer que posso estar caminhando pela rua e a gente poderia aparecer de repente a meu lado e me apanhar?

—Ah, mas tem uma vantagem tremenda, senhorita Lane. Você agarra-o a ele e o congelará, igual fez no beco. Mas faça-o rápido, antes que lhe peneire para alguma parte onde não queira estar.

—E então o que se supõe que devo fazer? Começo a ir armada para poder matá-los enquanto estão congelados? Não importa quão terrorífico fossem os Invisíveis, a idéia de trinchar algo enquanto não pudesse mover-me era aborrecível.

—Duvido que pudesse, disse Barrons. Os Visíveis e os Invisíveis são virtualmente indestrutíveis. Quanta mais alta é a casta, mais difícil é de matar.

—Estupendo, disse. —Alguma idéia do que deveria fazer uma vez que os converta em estátuas provisórias?

—Sim, senhorita Lane, —tinha respondido, com seu escuro e sardônico sorriso. —Corra como a alma que leva o diabo.

Pus uma máscara marrom nas pestanas, e me perguntei o que ficava uma visita para um vampiro.

O elegante suéter vermelho que havia trazido de casa não ficava tão bem com o cabelo escurecido, temia que pudesse tomar-se como um coquete convite a me ensangüentar. Os delicados pendentos com cruces de prata que minha tia Sue me comprou para meu último aniversário sem dúvida não podiam considerar-se provocadores, melhor. Olhei meu relógio. A indecisão sobre a roupa me tinha atrasado para meu encontro de meia-noite com o Barrons. Não ia ter tempo de entrar na igreja da rua abaixo e lubrificar com água bendita meus pulsos e detrás de minhas orelhas, minha versão de "Ei de Não-me-mordas".

Fiquei com o olhar fixo no espelho. Não poderia me parecer com as mulheres na Casa Blanc embora quisesse, e não o fazia. Eu gostava de mim. Eu gostava de minhas cores. Tinha saudades tanto do meu cabelo que doía.

Suspirando, inclinei a cabeça, orvalhei o cabelo generosamente e logo fixei o laque com um toque de calor de meu secador. Quando o sacudi para trás e o aparei com os dedos, cortesia dos cachos temperados da Miss Clairol, tinha uma juba até os ombros, alvoroçados cachos ao estilo das Mil e Uma Noites que emolduravam sedutoramente meu rosto e ressaltavam meus olhos verdes ainda mais do normal. Com os extremos exteriores ligeiramente inclinados para cima e largas pestanas escuras, meus olhos eram um de meus melhores rasgos, de um tom verde brilhante, a cor da erva nova em Páscoa. Tenho a pele clara e Lisa que se bronzeia fácil e uniformemente. Não me sentava mal o cabelo escuro. Só me parecia isso. Parecia maior, especialmente com o vermelho maçã de caramelo com o que tinha abrilhantado meus lábios, uma concessão a Barrons, posto que estava segura de que não ia gostar da roupa que tinha eleito.

Ao me deslizar em minhas roupas, recordei como Alina e eu estávamos acostumadas a nos burlar dos filmes e as novelas de vampiros, e das crenças paranormais, em geral da que dizia que havia um menino pequeno, pálido, com óculos que vivia sob as escadas.

Isso foi antes que soubesse que realmente havia coisas ali fora de noite.

—Que demônios tem posto, senhorita Lane?— exclamou Barrons.

O que tinha posto era uma vaporosa saia de cores pasteis até os tornozelos, rodeada ao quadril, um ajustado suéter rosado com aplicações de seda nas mangas, um pronunciado decote debruado em seda que destacava meu busto, e delicadas sandálias rosadas de salto alto atadas ao redor de meus tornozelos. As cores combinavam com minha pele bronzeada e meus cachos escuros. Via-me feminina, suave, e sexy com um estilo juvenil, não ao estilo Casa Blanc. Caminhei energicamente ao longo de fileiras de estantes até onde ele estava de pé esperando impacientemente junto à porta principal da loja, e lhe assinalei com um dedo.

—Se me tratar como a uma de suas vagabundas de novo esta noite, Barrons, pode esquecer-se de nosso pequeno acordo. Você me necessita tanto como eu a você. Isso nos faz sócios e partes iguais a meu modo de ver.

—Pois bem, seu modo de ver é incorreto — disse rotundamente.

—Não, o seu o é, — disse igualmente determinada.

—Inventei outra forma de me explicar isso. Não me importa o que lhe ocorra. Mas se você me chama seu casulo de petunia outra vez ou faz insinuações a respeito de minha boca e o sexo oral com você, você e eu teremos acabado.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Petunia, senhorita Lane?

Olhei-lhe carrancuda.

—Me beije o traseiro, Barrons.

Ele se cruzou de braços e seu olhar caiu sobre meus brilhantes lábios vermelho sangue.

—Devo considerá-lo como uma insinuação a respeito de sua boca e o sexo oral comigo, senhorita Lane? Eu gostaria de sabê-lo.

Com olhos entreabertos, passei por cima suas estúpidas brincadeiras.

—É esse Mallucé realmente um vampiro, Barrons?

Encolheu-se de ombros.

—Ele diz que o é. Está rodeado de gente que acredita que o é. — Examinou-me dos pés a cabeça.

—Ontem à noite você disse que queria saber o que esperar para poder escolher melhor sua roupa. Disse-lhe que íamos visitar um vampiro em sua guarida esta noite. Por que, então, senhorita Lane, parece você um brilhante arco íris?

Encolhi-me de ombros.

—Tome ou me deixe, Barrons.

Tomou. Como sabia o que faria.

Há algumas coisas das que um caçador não pode prescindir. Seu sabujo é uma delas.

McCabe vivia vinte minutos ao norte da cidade, em minha idéia de um pesadelo modernista.

Mallucé vivia dez minutos ao sul de Dublin, sepultado entre farrapos do passado. Da Era Vitoriana, para ser precisa, esses sessenta e três anos de 1837 a 1901 durante os quais a rainha Vitória governou a Grã-Bretanha e se chamou a si mesmo Imperatriz da Índia, imortalizada, possivelmente erroneamente, por uma opulenta, aveludada, sensual e freqüentemente desordenada decoração.

A recreação histórica era o tema da noite na casa de Mallucé: roupas de estilo pseudo-vitoriano, rasgadas, deformadas, e mescladas com toques góticos, rebite, e cristas, ainda admito que algumas vezes me custa muito distinguir os sutis detalhes que diferenciam as tendências do mundo da Moda Sinistra. Penso que tem que estar dentro para consegui-lo.

Deixamos o Porsche com um servente Invisível Rhino-Boy na porta, seu glamour me pareceu um punky oxidado. No contraste, certamente eu parecia um brilhante arco íris.

A guarida de Mallucé era um monstruoso e disparatado montão de tijolo e pedra que formava uma confusão de diversos estilos de arquitetura vitoriana, inclinando-se excessivamente pelo gótico Família Addams, com uma massa de torrões e pórticos, almenas e balaustradas de forja, janelas e travessas, e as suficientes cornijas e suportes ornamentais para enjoar a vista, sem mencionar o estremecer da alma.

Quatro plantas estavam empilhadas de qualquer maneira uma sobre outra, desenhando uma escura silhueta desatinada contra o céu noturno cor cobalto, que se elevava do chão caprichosamente em uma pronunciada inclinação e descendia de novo. Árvores de ramos esqueléticos, muito necessitadas de uma poda, arranhavam contra a piçarra, como unhas de carvalho na tampa de um ataúde.

A casa ocupava ao redor de um acre e não me teria surpreso de tudo saber que tinha mais de sessenta ou setenta habitações. No andar alto, luzes intermitentes titilaram através das alargadas janelas, como seguindo o ritmo de uma música áspera, maçante. Nos andares de baixo o ambiente era diferente: velas granadas como iluminação, e a música era suave, ensonhadora e voluptuosa.

Barrons me tinham dado um bom bate-papo a respeito de nosso futuro anfitrião pelo caminho. Mallucé nasceu com o nome de John Johnstone Jr., de uma rica família inglesa, uns trinta anos atrás. Quando o velho Johnstone tinha morrido em um suspeito acidente automobilístico, deixando a seu filho de vinte e quatro anos como único herdeiro de uma fortuna de várias centenas de milhões de dólares, J. J. Jr. voltou as costas ao vasto império financeiro de seu pai, vendeu uma companhia atrás de outra, e liquidou todos os ativos. Despreendeu-se de seu vergonhosamente redundante nome, trocando-o legalmente ao singular e romântico Mallucé, vestiu-se com o último grito da refinada recreação histórica, e se apresentou si mesmo à sociedade gótica como um recente não-morto.

Ao longo dos anos, várias centenas de milhões de dólares lhe tinham comprado um extenso culto de crentes verdadeiros e seguidores incondicionais, e em alguns círculos, o nome do Mallucé era quase sinônimo de Lestat (vampiro dos livros de Anne Rice).

Barrons nunca se encontrou rosto a rosto com ele mas lhe tinha visto em várias ocasiões nos clubes noturnos de moda. Fazia averiguações sobre os interesses e investimentos de Mallucé.

—Vai detrás de muitas das mesmas relíquias que eu— disse-me.

—A última vez, tratou de me superar em um exclusivo leilão de Internet, um rico ermitão de Londres, Luzam Trewayne, faleceu e dias depois uma grande parte de sua coleção estava a disposição de qualquer no mercado negro. Eu tinha um Hacker infiltrado na rede de computadores do Mallucé no momento crucial— Seus olhos escuros brilhavam quando Barrons sorriu, um depredador rememorando sua presa favorita.

Mas seu sorriso se desvaneceu ao continuar.

—Infelizmente, o que esperava encontrar na coleção do Trewayne já não estava ali. Alguém me tinha adiantado. De todos os modos, Mallucé devia ter ouvido falar do Sinsar Dubh nos anos prévios à morte de seu pai. O velho Johnstone estava interessado nas relíquias e houve um alvoroço considerável no mundo das antiguidades tempo atrás quando páginas fotocopiadas do que a maioria acreditava que era um mito, e mais, uma imagem de brincadeira, apareceram no mercado negro. Não tenho idéia de quantos jogos

de fotocópias andam por aí, mas sei que Mallucé viu as páginas em algum momento. Os fodidos não-mortos se intrometem em meu caminho após —disse Barrons, fodido não-morto, como se realmente desejasse morto ao Mallucé, não só que acreditassem assim.

—Não acredita que seja um vampiro,— disse em um sussurro, enquanto atravessávamos habitação detrás habitação com figuras petrificada tendidas em divãs de veludo, deprimidas em cadeiras estofadas, e tombadas desgarradamente em diversas etapas de nudez sobre o chão. Íamos a busca de uma entrada ao porão, onde uma aturdida gótica de olhos abrueros nos havia dito que estava "o amo". Tentei não notar os empurrões, os grunhidos, e os gemidos ao passar cuidadosamente por cima das confusões semidesnudas.

Ele riu brevemente, um som vazio, sem humor.

—Se o for, o que o fez deveria ser afogado em água bendita, arrancados suas presas, castrado, esfolado, empalado, e carbonizado pelo sol—. Ele guardou silêncio um momento, logo:

—Sente algo, senhorita Lane?

Não pensei que se referisse à vergonha causada pelo lugar que acabava de atravessar, assim é que neguei com a cabeça.

Passamos a meia dúzia mais de Invisíveis quando encontramos o porão. Mescladas com a pálida juventude gótica, com piercings, correntes, unhas e carmim negros, emitindo glamours similares, os Fae Escuros estavam lhes fazendo a suas involuntárias vítimas coisas que recusei olhar. Embora não vi ninguém tão terrorífico como o Homem Cinza ou a Coisa com muitas bocas, começava a me dar conta de que não há nada tão atrativo como um Invisível.

—Não é certo, — disse Barrons quando fiz uma observação sobre isso.

— A realeza dos Invisíveis, os príncipes e as princesas das quatro casas, são todos tão inumanamente belos como realeza dos Visíveis. De fato, é virtualmente impossível lhes distinguir.

—Por que há tantos Invisíveis aqui?

—A morbosidade é seu oxigênio, senhorita Lane. Estão a suas largas em lugares como este.

Tínhamos estado seguindo um labirinto de corredores subterrâneos durante algum tempo. Agora atravessávamos um vestíbulo bastante escuro que acabava em uma porta imensa, quadrada e negra reforçada por bandas de aço. Uma dúzia de homens faziam guarda entre o Mallucé e qualquer de seus ferventes crentes, com ombros carregados de munição, armados com automáticas.

Um homem de cabeça barbeada se interpôs em nosso caminho, nos bloqueando. Os alfinetes de segurança em suas orelhas não me incomodaram. Os de suas pálpebras sim.

—Onde acredita que vai? — grunhiu, apoiando seu rifle contra Barrons com uma mão, apoiando a palma da outra sobre a culatra de uma pistola enganchada na cintura de suas calças de couro negro.

—Relate ao Mallucé que Jericho Barrons está aqui.

—Por que quer ver o amo?

—Tenho algo que ele quer.

— Ah sim? Como o que?

Barrons sorriu e pela primeira vez vi um genuíno brilho de humor em seus olhos escuros. — Ihe diga que trate de acessar a qualquer de suas contas correntes.

Dez minutos mais tarde a porta do santuário do Mallucé se abriu de repente. O mensageiro da cabeça barbeada foi arrojado fora, seu rosto cinzento, sua camisa coberta de sangue.

Seguiram-lhe dois Rhino-boy Invisíveis que apoiaram as armas em nossos flancos e nos empurraram para a porta, à guarida do vampiro. Uma náusea alagou meu estômago e agarrei minha bolsa fortemente com ambas as mãos não fora que inadvertidamente tocasse a nossos feios escolta.

A câmara além da porta blindada estava tão suntuosamente decorada com veludos, rasos, gazeas, e brocados, e tão recargadamente mobiliada em uso neo-vitoriano que foi difícil ao princípio localizar a nosso anfitrião entre a desordem. Não ajudou que seu adorno combinasse com seu entorno, o último grito do Gótico Romântico.

Divisei-lhe ao fim. Imóvel em uma cadeira, o opulento assento repleto de travesseiros dourados decoradas com borlas, Mallucé vestia umas calças a raias marrons e negras e sapatos italianos de boa fatura. Camisa branca com séries em punhos e pescoço, com sangue no peitilho. Vestia um colete de brocado e veludo de cores âmbar, carmesim, granada e ouro, e ao lhe olhar, ele extraiu um níveo lenço de um bolso interior e cuidadosamente limpou o sangue de seu queixo, logo lambeu algumas gotas que ficaram em seus lábios. Musculoso e grácil como um gato, era tão pálido e polido como um busto de mármore. Os olhos totalmente amarelos davam uma expressão feroz a seu afiado rosto, muito pálido. O comprido cabelo loiro caía por detrás em um acréscimo passado de moda, uma cascata âmbar que enfatizava sua anormal palidez.

O vampiro se apartou sinuosamente do sofá e se levantou, sustentando um incongruente moderno computador portátil. Com um estalo de seus dedos, fechou de repente o cromado estojo, arrojou-o descuidadamente a uma mesa coberta de veludo e se deslizou até ficar frente a nós.

Enquanto ele permanecia ali em toda sua mortal quietude, cara à cara com a masculinidade carnal e a vitalidade perturbadora de Jericho Barrons, surpreendeu-me me dar conta de que, inclusive estando apanhada na guarida de um vampiro, rodeada por seus crentes e seus monstruosos servidores, não podia decidir qual dos homens que tinha ante mim era mais perigoso, pudesse não ser Mallucé. Com os olhos entreabertos, olhei a um e a outro. Algo me incomodava, algo que não podia identificar. Era algo que estupidamente não pude identificar até que foi muito tarde. Antes disso, compreenderia que nada tinha sido o que parecia essa noite, e a razão pela que Barrons se enfrentou tão serenamente ao senhor chupasangue era porque tinha a segurança de que, não importa o que ocorresse, ele sairia vivo, e não porque ele tivesse ao Mallucé pego pelas proverbiais Pelotas financeiras.

— O que fez você com meu dinheiro?— inquiriu o vampiro, sua sedosa voz desafinava com o aço de seus estranhos olhos amarelos.

Barrons riu, seus brancos dentes brilhavam em seu escuro rosto.

—Pense nisso como uma apólice de seguros. Devolverei-o quando acabarmos, Johnstone.

Os lábios do vampiro se retraíram, revelando umas compridas e afiadas presas bicudas. Havia sangue nelas. Uma expressão de fúria absoluta e irrefletida brilhou intermitentemente sobre seu rosto gelado.

—O nome é Mallucé, idiota —vaiou.

Um ponto para o Barrons, pensei. J. J. Jr. ainda odiava seu nome. Perder o controle de uma fortuna imensa não parecia lhe incomodar tanto como ser chamado com o nome com o que tinha sido batizado.

Barrons fixou um olhar desafiante sobre o vampiro, da espumosa série ensangüentada até as ponteiros de suas sapatilhas de couro com rebordos de seda.

—Idiota Mallucé, — repetiu. —e eu que pensava que seu sobrenome era um “capricho da moda”.

Os desumanos olhos amarelos do Mallucé se estreitaram.

—Tem desejos de morrer, humano?— recuperou-se rapidamente, seu rosto estava pálido de novo, sua voz de novo sob controle, tão suave e melódica como uma carícia verbal.

Barrons riu de novo.

—Pode. Duvido que possa me ajudar com isso, entretanto. O que sabe sobre o Sinsar Dubh, Jr.?

Mallucé se sobressaltou, quase imperceptivelmente, mas estava ali. Se não lhe tivesse estado observando tão atentamente, não o teria captado. Pela segunda vez tinha deixado traslucir uma emoção, algo que estava disposta a apostar que fazia raramente. Com um olhar a seus guardas e logo para a porta, disse:

—Fora. Exceto você — assinalou ao Barrons.

Barrons pôs um braço ao redor de meus ombros e eu me estremeci imediatamente, tal como fiz ontem à noite quando me tocou. O homem carregava com um grave e estranho poder físico.

—Ela fica comigo,— disse Barrons.

Mallucé me olhou com desaprovação. Lenta, muito lentamente, seus lábios se curvaram. O sorriso não se refletiu naqueles gélidos e mortos olhos de animal.

—Alguém certamente tirado da antiga balada dos Rolling Stones, verdade? — murmurou.

Todo mundo é um crítico de moda. Soube a que canção se referia: “Ela é um Arco íris”. Cada vez que a escutava em meu iPod, fechava meus olhos e dava voltas, fingindo que estava em uma clareira ensolarada, com os braços estendidos e a cabeça inclinada para trás, enquanto as cores surgiam brilhantes de meus dedos como de um aerógrafo, pintando árvores, pássaros, abelhas e flores, inclusive o sol no céu, sombras gloriosas. Eu adorava essa canção. Como não lhe respondi, Barrons e eu poderíamos ter chegado a um acordo sobre como podia ou não referir-se a mim, mas ainda estava sob a ordem de manter minha boca fechada— Mallucé se voltou para seus guarda-costas, que não se moveram nenhuma polegada, e vaiou.

—Disse fora.

Os dois Invisíveis se olharam, e um falou com voz áspera:

—Mas, Grande Não-morto...

—Deve estar brincando, Jr., —resmungou Barrons, sacudindo a cabeça— Não podia vir com algo um pouco mais original?

—Agora— Quando Mallucé mostrou suas presas, os guarda-costas Rhino-boy saíram. Mas não pareciam de tudo felizes.

Capítulo 13

—Bom, isso foi uma completa perda de tempo, — grunhiu Barrons enquanto retornávamos com muito cuidado através dos móveis antigos e a moral “todo muito moderno” da casa do Mallucé.

Não disse nada. Os Rhino-boys Invisíveis estavam diretamente detrás de nós, assegurando-se de que saíamos. "O Master" não estava muito contente conosco.

Uma vez que ele tinha despachado a seus guardas, Mallucé simplesmente tinha fingido não saber do que falava Barrons, como se ele nunca antes tivesse tido notícias do Sinsar Dubh, embora um cego poderia ver que não só as tinha tido, mas sim se tinha informado de algo que lhe tinha perturbado profundamente. Ele e Barrons brigavam como dois meninos, intercambiando observações mordazes e insultos, e nesses momentos, esqueceram-se completamente de mim.

Depois de dez minutos pouco mais ou menos em sua pequena guerra de Machos, um dos guardas humanos do Mallucé foi o suficientemente estúpido para interromper e presenciei algo que me convenceu como se tivesse sido um verdadeiro artigo do J. J. Jr, ou ao menos algo sobrenatural. O vampiro agarrou ao guarda de quase 2,10 metros de altura com uma pálida mão ao redor de sua garganta, levantando-o no ar, e lhe jogou para trás através da câmara com tanta força que foi a estatelar-se contra uma parede, caiu bruscamente ao chão, e jazeu ali, a cabeça pendendo sobre o peito em um ângulo impossível, gotejando sangue do nariz e as orelhas. Logo ficou ali, os amarelos olhos resplandecendo de maneira pouco natural, e por um momento, temi que caísse sobre o vulto sangrento e se desse um banquete.

Hora de partir, pensei, ao bordo da histeria. Mas Barrons havia dito algo repugnante e ele e Mallucé haviam tornado a reatar sua briga, assim é que fiquei ali me abraçando a mim mesma contra o mais tremendo dos calafrios, tamborilando nervosamente com um pé, e tentando não vomitar.

O Rhino-Boy não nos deixou na porta mas nos deu escolta até o Porsche, e esperou enquanto entrávamos. Estava ainda ali de pé com seu amigo camareiro quando fomos velozmente. Observei-os em meu espelho retrovisor até que desapareceram de vista, então lancei um enorme suspiro de alívio. Essa tinha sido sem dúvida nenhuma a experiência mais exasperante de minha vida, ultrapassando até meu encontro com a horrenda Coisa de muitas bocas.

—Me diga que nunca teremos que retornar ali, — disse ao Barrons, secando as palmas úmidas e pegajosas na saia.

—Mas o faremos, Srta. Lane. Não tivemos oportunidade de cobrir os terrenos.

Teremos que retornar em um ou dois dias para jogar um minucioso olhar ao redor.

—Não há nada nos terrenos, — a disse-lhe.

Ele me percorreu com o olhar.

—Você não pode saber isso. A fazenda de Mallucé cobre centenas de acres.

Suspirei. Não havia dúvida, se Barrons se saía com a sua, dirigiria-me em cada maldita polegada disso, daqui para lá, seu infatigável fio psíquico.

— Não há nada nos terrenos, Barrons, — repeti.

— Outra vez, Senhorita Lane, você não pode sabê-lo. Não começou a sentir as fotocópias do Sinsar Dubh até que as tirei da abóbada três andares sob a garagem e as meti na livraria.

Pisquei.

— Há três andares sob a garagem? Por que clandestinamente?

Barrons fechou a mandíbula, como se lamentasse a admissão. Podia ver que não ia tirar lhe nada mais sobre o tema assim é que pressionei meu ponto em vez disso. Não ia voltar para a guarida do vampiro; Nem amanhã, nem depois de amanhã, nem sequer a semana entrante. Se me apanhassem, então me matariam, disso estava segura. Não tinha sido precisamente discreta.

— Não estou de acordo, — disse. — Penso que Mallucé conservaria algo que apreciasse perto. Ele o quereria ao alcance da mão, tiraria-o e se desfrutaria disso, nada mais.

Barrons me olhou de soslaio.

— Agora é você uma perita no Mallucé?

— Não uma perita, mas penso que sei quatro coisas, — disse defensivamente.

— E como é isso, senhorita Arco íris?

Era tão burro algumas vezes. Desentendi-me do assunto só porque ia fazer esta seguinte parte até mais doce. Quase havia valido a pena haver deixando meu pacote de cosméticos de viagem que mamãe me tinha proporcionado, minha escova, meu esmalte de unhas rosa favorito, e duas barras de caramelo em cima de uma mesa na guarida do vampiro, somente para ver o rosto do Barrons quando abri-se o zíper de minha bolsa, extraí uma caixa negra esmaltada, sustentei-a em alto e a meneei ante ele.

— Porque aí era onde isto estava acostumado a estar, — disse com ar satisfeito.

— Ao alcance da mão.

Barrons trocou de posição e deu uma freada tão forte que os aros chiaram e as almofadinhas jogaram fumaça.

— Fiz bem. Segue adiante e diga-o, Barrons, — animei-o.

— Fiz bem? Não só posso sentir ao Sinsar Dubh, aparentemente posso sentir todo objeto Fae ou de Poder.

Tínhamos retornado à livraria à velocidade da luz, e agora nos sentamos na área de conversação da parte de trás onde ele examinava os despojos de minha primeira presa.

— De repente deixa seu cartão de visita sobre a mesa para que todos a possam ver, Senhorita Lane, — disse, rodando a elaborada caixa entre suas mãos, — que não pôde ser mais idiota, suponho que alguém poderia dizer que pelo menos não se matou a si mesma. Ainda.

Bufei. Mas suspeitei que esse débil louvor devia ser o melhor que alguma vez qualquer pessoa obteve do Jericho Barrons. Quando jogando fumaça fizemos um alto em metade da estrada e não na metade o suficientemente longe da guarida de Mallucé e eu confessei ter deixado atrás alguns artigos pessoais, ele trocou à força a velocidade do Porsche outra vez e aceleramos ao máximo sob a lua de volta à cidade.

—Não tive mais remédio, — disse pela enésima vez.

—Eu disse, não o podia acomodar em minha bolsa de outra maneira— Lhe olhei furiosamente mas ele sozinho tinha olhos para o OOP, o qual tratava de abrir como fora.

—A próxima vez terei melhor critério e simplesmente o deixarei, — disse malhumoradamente.

—Faria-te mais feliz?

Ele olhou para cima, seu escuro olhar jorrando frio desprezo do Velho Mundo.

—Isso não é o que queria dizer, Senhorita Lane, e você sabe.

Imitei sua expressão e a devolvi.

—Pois não me recrimine por fazer algo da única forma que pude fazê-lo, Barrons. Não podia imaginar uma forma para tirar o contrabando sob minha saia, e com muita dificuldade poderia ter metido isso sob meu sutiã.

Seu olhar se moveu rapidamente até meu peito e se deteve ali um momento.

Quando devolveu sua atenção à caixa, percebi minha respiração e cravei inexpressivamente os olhos na parte superior de sua escura cabeça. Barrons simplesmente me tinha dado o olhar mais carnal, sexualmente carregado, e faminto que alguma vez tinha visto em minha vida, e me senti bonita, claro que ele inclusive não sabia que o tinha feito. Meus peitos se sentiam quentes e excitados e minha boca estava de repente incomodamente seca. Jericho Barrons poderia ser só sete ou oito anos mais velho que eu, e poderia ser o que a maioria de mulheres considerariam extremamente atrativo em sua escuridão, imponente, mas ele e eu somos de mundos diferentes. Não vemos o mundo da mesma forma. As gazelas não se deitam com os leões, a menos que estejam ensanguentadas e mortas. Depois de um comprido momento, que me deixou perplexa, neguei com a cabeça, fiz a um lado os inexplicáveis sentimentos aos que não podia prestar atenção posto que não tinham lugar em meu mundo e troquei de tema rapidamente.

—Então, o que é isso? Alguma idéia? — A sensação que me produzia isso não era quão mesma tinha obtido das fotocópias do Sinsar Dubh. Embora tinha começado tendo náuseas no mesmo momento no que tinha entrado na câmara, não me tinha incapacitado, nem mesmo quando o tinha localizado e me tinha posto ao lado da coisa. Tinha-me aproveitado da ridícula postura que tinham adotado Barrons e Mallucé e tinha feito minha sigilosa troca. Manipular a caixa não tinha sido agradável, mas tinha podido me retirar com o estômago revoltado.

—Se for o que penso que é, — respondeu então Barrons—É quase tão importante como o Livro Escuro mesmo, indispensável para nós. Ah, —ele disse com satisfação, — aqui estas— Com uns duros e diminutos dicks, a caixa se abriu de repente com um pequeno som explosivo.

Inclinei-me para frente e olhei com atenção dentro. Ali, em uma cama de veludo negro, tinha colocada uma translúcida pedra azul negrusco tão luzida como se tivesse sido esculpida a golpes bem definidos, limpos em sua maioria. Ambas as superfícies exteriores suaves e as ásperas faces internas estavam cobertas de desenhos de letras rúnicas. A pedra emitia uma estranha incandescência azul a tal grau que parecia carvão em seus bordos exteriores. Senti um calafrio justo ao olhá-lo.

—Ah sim, Senhorita Lane, — Murmurou Barrons, —você é certamente digna de louvor. Deixando seus desacertados métodos a um lado, agora temos duas das quatro pedras sagradas necessárias para desentranhar os segredos do Sinsar Dubh.

—Só vejo uma, — disse.

—Tenho a seu casal dentro de minha abóbada— Ele arrastou seus dedos agilmente sobre a superfície levantada da fracamente zumbante pedra.

—Por que está fazendo esse ruído? — Começava a sentir muita curiosidade por saber que mais poderia ser guardado sob a garagem do Barrons.

—Deve sentir a proximidade de sua contraparte. Diz-se que se as quatro são reunidas outra vez cantarão uma Canção de Fazer.

—O que quer dizer, que criarão algo? — Perguntei.

Barrons se encolheu de ombros.

—Não há palavras na linguagem Fae equivalente a "criar" ou "destruir". Só faz, o qual também inclui a destruição de uma coisa.

—Isso é estranho—, disse. —Devem ter uma linguagem muito limitada.

—O que têm, Senhorita Lane, é uma linguagem muito precisa. Se pensar nisso por um momento, então verá que tem sentido, a questão é, se fala razoavelmente, justamente tem desfeito a confusão.

—Huh? — Minha confusão não tinha sido desfeita. De fato, podia-a sentir aprofundando-se.

—Para fazer algo, Senhorita Lane, primeiro deve desfazer que está em processo. Se você não começar com nada, até o zero é desfeito quando é substituído com algo. Para a Tuatha Dê não há diferença entre criar e destruir. Há só equilíbrio e mudança.

Sou uma garota singela. Logo que dirigi ao Cs em meus cursos de filosofia da universidade. Quando tratei de ler Jean Paúl Sartre e Nothingness, desenvolvi um caso incomovível de narcolepsia tão atacado que cada dois ou três parágrafos, resultavam tão profundos, que pareciam coma em vez de sonhos. Quão único recorde a respeito da Metamorfose da Kafka é a espantosa maçã que impactou nas costas do inseto, e a estúpida história do Borges sobre o avatar e a tartaruga que não me ensinou nada, exceto eu gosto muito mais do Pequeno Coelhoinho Foo Foo. Tem ritmo e pode saltar à curva com ele.

A forma em que vi isso, o que Barrons justamente me havia dito foi esta: A um Fae não só não importaria se vivia ou morria, até que realmente não se daria conta de que estava morta, simplesmente, antes, poderia caminhar e conversar e trocar de roupa, mas depois nada, como se alguém me tivesse tirado bruscamente as pilhas.

Ocorreu-me que realmente poderia aprender a odiar aos Fae.

Com uma desculpa resmungada para minha mãe, agarrei rapidamente um travesseiro destruído, joguei-o através do dormitório registrado de cima abaixo, e chorei.

— Maldição, maldição, maldição! Onde o pôs, Alina?

As plumas se derramaram pelo quarto. O que permaneceu intacto do travesseiro que tinha talhado totalmente chocou violentamente contra um quadro emoldurado de uma

casa de campo à borda do mar com o teto de palha, um dos poucos artigos em seu apartamento que ficou inalterado e o tinha feito cair da parede.

Felizmente, caiu sobre a cama e o cristal não se rompeu. Infelizmente, não revelou um conveniente buraco oculto.

Afundi-me no chão e me apoiei contra a parede, ficando com o olhar fixo acima no teto, em espera da inspiração para descobri-lo. Não veio. Tinha-me ficado sem idéias. Tinha comprovado cada lugar no que Alina em toda a vida poderia ter escondido um diário em casa e até mais, sem sorte. Não só não encontrei seu diário, tinha descoberto algumas outras coisas que igualmente faltavam: Seus álbuns de fotos e seu Franklin Planner de página floral não estavam. Alina transmitiu a seu projetista tão fielmente como ela escreveu sua publicação, e soube que ela tinha dois álbuns de fotos em Dublin: Um de nossa família e a casa em Ashford para mostrar às novas amigas, e um em branco para encher enquanto estava ali.

Não tinha tido sorte encontrando nenhum deles. E tinha feito uma busca exaustiva.

Até tinha feito escala em uma loja de ferragens pelo caminho e tinha comprado um martelo, assim é que poderia fazer migalhas o rodapé de seu armário do dormitório. Tinha terminado por usar a manga das tenazes e espionar em todas as molduras e envoltórios do lugar, procurando um adorno solto. Tinha sapateado nas gretas e rincões de madeira da fachada da chaminé. Tinha esmurrado pranchas do andar, escutando lugares vazios. Tinha examinado cada movel individual no lugar, partes superiores, lados, e pés, e até no interior tinha comprovado, assim como também debaixo do tanque do inodoro.

Não tinha encontrado nada.

Se seu diário estava escondido em alguma parte do apartamento, então esta vez ela me tinha superado. O único que ficava por fazer era demolir completamente o lugar: Romper as paredes, arrancar os armários, e despedaçar os chãos, chegados a este ponto teria que comprar o cerzido edifício simplesmente para pagar todos os danos e prejuízos, e não tinha esse dinheiro.

Tomei fôlego. Mas Barrons o tinha. E lhe poderia oferecer um incentivo para querer encontrar o diário de apontamentos. Queria a publicação da Alina pelas pistas que poderia ter da identidade de seu assassino, mas havia uma boa possibilidade de que também contivesse informação a respeito da posição do Sinsar Dubh. Depois de tudo, a última coisa que minha irmã havia dito em sua mensagem foi, agora sei o que é, e sei onde, antes que suas palavras terminassem abruptamente. As probabilidades de que ela tivesse escrito algo a respeito disso em seu diário eram altas.

A pergunta era, posso confiar no Jericho Barrons, e se for assim, até onde?

Fiquei com o olhar fixo no espaço, me perguntando o que realmente sabia dele. Não era muito. O misteriosamente exótico meio basco, meio picto era um mistério se por acaso só que estava disposta a apostar a que nunca tinha deixado a ninguém aproximá-lo suficiente para desentranhá-lo. Fiona poderia saber algo dele, mas ela era um mistério por si mesmo.

Sabia um montão: Ele ia estar realmente de saco cheio quando me voltasse a ver, porque o último que ele me havia dito, em sua típica maneira arrogante, antes de tropeçar completamente esgotada enquanto ia colocar me na cama esta manhã cedo foi:

—Tenho coisas que fazer esta manhã, Senhorita Lane. Você ficará na livraria até que retorne. Fiona lhe conseguirá algo que você possa necessitar.

Tinha ignorado suas ordens e, pouco depois de despertar passadas as duas e meia da tarde, deslizei-me fora pela parte de trás, ao beco detrás da loja. Não, não estava sendo estúpida e não tinha desejos de que me matassem. O que tinha era uma missão, e não podia permitir que o medo me dominasse, ou podia reservar o primeiro assento disponível no seguinte vôo de volta a Georgia, com o rabo entre as pernas e correr a casa à segurança de Mamãe e Papai.

Sim, sabia que a Coisa de muitas bocas estava ali fora procurando uma versão mais loira, mais amaciada de mim. Sim, não tinha dúvida de que enquanto Mallucé dormitava suas horas diurnas, feito um hobillo em um Romântico ataúde Gótico cheio de cores em alguma parte, jorrando renda encravado em sangue, seus homens já rastreavam Dublin procurando à ladrã senhora Rainbow (arco-iris).

Mas ninguém me andaria procurando. Estava incógnita.

Tinha penteado meu escuro cabelo de novo em um apertado e pequeno rabo-de-cavalo e a tinha oculto sob uma boina de beisebol, encasquetando-me isso baixo. Tinha postos minhas calças jeans descoloridas favoritos, uma incompetente camisa canção muito grande, quase puída que tinha, roubado de Papai antes de sair, que uma vez tinha sido negra, faz várias centenas de lavagens, e tênis cheios de arranhões. Não tinha posto um só acessório e tinha usado uma bolsa de retalho como bolsa. Não tinha aplicada maquiagem, nada, zero, nada de nada, nem sequer lápis de lábios, embora minha boca se sentia realmente estranha sem isso. Sou muito viciada nos cremes hidratantes. Penso que é por viver no calor do sul. Até a melhor pele necessita um pequeno cuidado adicional lá abaixo. Mas o triunfo culminante de meu disfarce foi um par verdadeiramente horrendo de óculos enormes que tinha comprado em uma farmácia de forma que atualmente tinha enganchado ao pescoço, obtendo minha suja meta.

Poderia pensar que não é um bom disfarce, mas tem que saber algo das pessoas. O mundo se fixa nas mulheres bonitas, bem vestidas e jovens. E faz um intento realmente árduo para não ver os negligentes pouco atrativos. Se estas o suficientemente mal, então obtém milhares de olhadas que se deslizam por cima de você. Sem dúvida me via pior do que me tinha visto em minha vida. Não me orgulhei disso, ainda no mesmo momento em que o estava. Nunca poderia enganar isso para ser feia, mas pelo menos parecia ser invisível.

Percorri com o olhar meu relógio de pulso e me pus em pé. Tinha estado registrando o lugar da Alina por horas: Chegava as sete.

Barrons tinha o hábito de fazer ato de presença na livraria pouco depois das oito, e queria estar de volta antes que ele chegasse esta noite. Sabia que Fiona estaria para me enviar a caçar ratos de qualquer maneira, mas acreditava que ele não estaria tão irritado se seu OOP-DETECTOR pessoal já tinha voltado para a caixa forte e soava no momento que ele aparecesse, como estaria se lhe deixava por muito tempo pensando por algum momento na potencial perda.

Recolhi meu moedeiro de tampa dura, voltei a pôr em seu lugar os horríveis óculos em meu nariz, derrubei minha boina de beisebol, apaguei as luzes, e fechei.

O ar estava quente, o céu se cobria a grande velocidade com o laranja e o carmesim de um magnífico pôr-do-sol quando dava um passo fora do edifício. Ia ser a véspera de um belo dia de pleno verão em Dublin. O lugar da Alina e o do Barrons estavam frente a frente ao final da concorrida District Têmpera Bar, mas não tive em conta que tinha que abrir passo entre massas de festivos farristas para retornar à livraria. Não podia ser feliz, mas era agradável ver outros que o eram. Fez-me sentir mais otimista a respeito do que eu arriscava.

Como me apressei engolindo as ruas empedradas, ninguém me dedicou um olhar. Estava satisfeita com minha invisibilidade, e resolutamente reajustando meu mundo progressivamente alheio e deprimente pondo a ponto meu iPod. Escutava uma de minhas músicas favoritas, "laid," do James—esta cama está em chamas com amor apaixonado, os vizinhos se queixam dos ruídos, mas ela só vem quando está acesa ao máximo eu o vejo.

Quis foder no momento que pus os olhos nele.

Disse-lhe isso antes, os palavrões não vêm facilmente a mim, especialmente esse em particular, assim é que imagine até que ponto me impactou o Fae para que essa palavra passasse por minha mente e assumisse o controle imediato de minha parte dianteira. O ego e o super ego foram despachados de um só golpe, um golpe aniquilador e dentro se pavoneou meu homem primitivo esse pequeno novo governante bastardo hedonista, o idólatra.

Estava instantaneamente úmida, ardente, e escorregadia em minhas calcinhas, cada célula amadurecida e inchada de necessidade. Meus peitos e meus quadris caíram como chumbo justamente ao olhá-lo, ficaram suaves, inflamados, mais pesados. A fricção de meus mamilos contra meu sutiã foi repentinamente um artefato sexual de tortura inconcebível, minhas calcinhas mais apertadas que cordas e correntes, e necessitei desesperadamente ter algo entre minhas pernas, golpeando dentro de mim, me enchendo até o fundo completamente. Necessitava o roce. Necessitava um grosso, quente, comprido, rude roce empurrando dentro e deslizando-se fora. Entrando em empurrões e saindo-se, repetidas vezes, Santo Deus, por favor, necessitava algo! Nada mais deteria minha dor, nada mais satisfaria meu exclusivo propósito na vida que foder.

Minhas roupas eram uma ofensa para minha pele. Necessitava-as fora. Agarrei o bordo de minha camisa canção e comecei a atirar dela sobre minha cabeça.

A brisa em minha pele nua me sobressaltou. Congelei-me, a metade da camisa sobre meu rosto.

O que, pelo mundo, estava fazendo?

Minha irmã estava morta. Sepultada e apodrecendo-se em uma tumba fora da igreja onde tínhamos ido desde meninas. A igreja em que ambas tínhamos sonhado nos casando um dia. Ela nunca o faria.

Por um Fae, não tinha dúvida. Depois dos acontecimentos de poucos dias atrás estava segura que um ou vários deles tinham sido responsáveis por seu brutal assassinato. Por como a rasgaram e despedaçaram com seus dentes e suas garras, só Deus sabia o que lhe tinham feito. Não, o médico forense não tinha encontrado sêmen dentro dela, mas o

que tinha encontrado dentro, não o tinha podido explicar. A maioria das vezes tentava não pensar excessivamente nisso.

—Acredito que não, —vaiei, atirando bruscamente de minha camisa para baixo. Aproveitei esse momento igualmente para extrair os auriculares de minhas orelhas. Escutar cantar ao James sobre o sexo compulsivo obsessivo era o equivalente de lançar gás em uma chama aberta. —O que seja que me está fazendo, simplesmente o pode deixar. É um esbanjamento de tempo.

—Não estou fazendo nada, sidhe-seer, — disse.

—É o que sou. Sou cada sonho erótico que alguma vez tiveste e mil e um mais nos que nunca pensaste. Sou o sexo que te dará a volta do reverso e te incendiará até as cinzas— Sorriu. —E se o quisesse, poderia voltar a lhe fazer isso tudo.

Sua voz era profunda, enriquecedora, e melódica e tinha todo o impacto de uma mamada suave, sensual em meus mamilos duros. O inferno erótico começou a enfurecer-se dentro de mim outra vez. Joguei-me para trás, diretamente para a janela do pub detrás de mim. Me pressionando contra ela, tremendo.

Alina está morta por uma destas coisas. Aferrei a esse pensamento como uma lancha salva-vidas.

O Fae agüentou na metade da rua empedrada, a uns 5 metros de mim, sem fazer nenhum movimento para aproximar-se. Os carros estavam proibidos nesta parte do distrito e os pedestres que cruzavam a rua se desviavam plácida e a seu redor sem lhe dar um segundo olhar.

Nem a mim tampouco, o qual não teria encontrado particularmente interessante se não fora porque tinha a camisa canção outra vez erguida e mostrava ao mundo meu sutian rosado favorito, um wanderbra com laços, assim como também a maior parte de meus peitos. Inspirando abruptamente, atirei bruscamente de minha camisa para baixo.

Até hoje, depois de tudo o que vi, não poderia começar a descrever a V'lane, príncipe da Tuatha Dé Danaan. Há algumas coisas que são simplesmente muito imensas, também ricas para ser contidas em palavras. Isto é o melhor que posso oferecer: Imagina a um alto, potente, um poderoso arcanjo, terrivelmente Macho, espantosamente belo. Logo lhe pinte os tons mais deliciosos de castanho, bronze, e ouro que possivelmente possa imaginar. Dê-lhe uma juba brilhando tenuemente com fios de canela dourada pela luz do sol, pele de veludo leonado, e os olhos de âmbar líquido, beijado por ouro derretido.

O Fae era inconcebivelmente belo.

E quis foder e foder e foder até morrer.

Depois o entendi. Cada Fae que tinha encontrado até agora tinha uma "coisa," seu próprio cartão de visita pessoal. O homem Cinza roubava beleza. Os Sombras chupavam a vida. A maioria das Coisas-com-muitas-bocas provavelmente devoravam carne.

Este era morte por sexo. A imolação pelo orgasmo. O pior disso era que sua vítima seria completamente consciente com alguma parte distante de seu cérebro de que morria, do mesmo modo que imploraria e imploraria a mesma coisa que a mataria. Tive uma repentina visão, horrível de mim mesma, ali mesmo na rua, nua, patética, contorsionando-me de insaciável necessidade aos pés da coisa, invisível para os transeutes, morrendo assim.

Nunca.

Tinha uma esperança: Se conseguia estar o suficientemente perto, então poderia lhe congelar e correr. Fortaleci minha vontade com a memória infernal de como vi a Alina, o dia que tinha identificado seu corpo, separei-me da janela e dava um passo adiante.

O Fae deu um passo atrás.

Pisquei.

— Huh?

— Não me retiro, humana, — disse fríamente. — Impacienta-me. Sei o que é, sidhe-seer. Não precisamos jogar a seu absurdo jogo de etiqueta.

— OH bem, — respondi bruscamente, — mas seguro que vamos tomar nos o tempo para jogar seu absurdo jogo de morte por sexo, não?

Encolheu-se de ombros.

— Não te teria matado. Tem valor para nós— Quando me sorriu, fiquei em branco por um batimento do coração, como se o sol tivesse saído de umas nuvens atrasadas para me dar calor só, mas foi tão ardente que torrou todo meu cordão. — Te teria dado só o prazer de minha magnificência, — disse-me, — não a dor. Podemos fazê-lo, sabe.

Tremi ante o pensamento de todo esse calor, mas nenhum gelo, Todo esse sexo, mas sem nenhuma morte. O ar da noite repentinamente se sentiu frio na pele abrasadora de meus peitos, muito frio para o fogo de meus mamilos. Baixei o olhar para baixo. Minha camisa e meu sutian jaziam na canaleta a meus pés, mesclados com a imundície e o lixo diário da cidade.

Com a mandíbula encaixada, as mãos trementes, dobrei-me a recuperar minha roupa. Ruborizei-me uma meia dúzia de tons de vermelho, pus-me o sutian adiante e atirei minha camisa sobre minha cabeça outra vez. Igualmente resgatei minha bolsa de retalho e meu iPod da canaleta, entupi minha boina de beisebol para trás em minha cabeça, mas não tomei a moléstia de tirar meus horrendos óculos, não queria ver a coisa maior do que era. Logo, sem titubear, agüentei e me equilibrei diretamente para o Fae. Tinha que congelá-lo. Era minha única esperança. Só Deus sabia o que podia fazer depois.

Antes que o conseguisse alcançar, entretanto, desapareceu. Em um momento estava ali, ao seguinte se foi. Estava bastante segura de que, justamente tinha presenciado, de primeira mão, a um Fae "peneirando". Mas onde tinha ido?

— Detrás de você, humana, — disse.

Troquei de direção agudamente para encontrar o de pé sobre a calçada, uma dúzia de pés a minha esquerda, os pedestres apartando-se dele como se fossem o Mar Vermelho retrocedendo ante Moisés, lhe dando progressivamente cada vez mais espaço. De fato, o tráfico na rua inteira pareceu emagrecer substancialmente, aqui e lá, e uma porta de um pub golpeou repentinamente ao fechar-se me percorrendo um repentino calafrio pelo ar de julho.

— Não temos tempo para este tolo jogo, MacKayla Lane.

Avancei dando tombos.

— Como sabe meu nome?

— Conhecemos muito a respeito de você, Null, — disse.

—Você é uma dos sidhe-seer mais capitalistas que encontramos. E acreditam que só começaste a te dar conta de seu potencial.

—Quais são nós? — Demandeí.

—Aqueles de nós que estamos preocupados com o futuro de ambos os mundos.

—E os quais seriam eles?

—Sou V'lane, príncipe da Tuatha Dê Danaan, e sou daqui em diante o representante de Aoibheal, grande Alta Rainha de nossa raça. Ela tem uma tarefa para você, sidhe-seer.

Logo que resisti o desejo de romper a ris. Quão último tinha esperado ouvir de qualquer Fae era algo como: Sua missão, deveria aceitá-la...

— Uh, não é que não aprecie a oportunidade nem que lhe queira recordar isso mas acredito recordar que os Fae estão mais inclinados a Matar sidhe-seer que a lhes atribuir pequenas Tarefas úteis.

—De um tempo a esta parte não o temos feito com espécimes de sua classe, — disse.

—Como um gesto de nossa "boa fé" e um sinal de estima da rainha, temos um presente para você.

—OH não— Neguei com a cabeça.

—Nada de presentes, obrigado— Estava familiarizada com o cavalo de Troia, perfeito presente para os gregos que foi uma catástrofe e tinha em minha mente que sem dúvida um Fae carregando presentes certamente seria pior.

—Compreendo que traíste a você mesma com um ou mais dos Invisíveis, — disse serenamente.

Pus-me rígida. Como soube? E por que disse "ou mais"? Tinham sido alertados também os Caçadores Reais? "Então"? Encolhi-me de ombros, recorrendo a minha melhor última defesa, Alardear.

—O amparo que te oferece nosso presente contra aqueles que lhe danificariam não é pequeno.

— Incluído você? — Balbuciei. Embora tinha estado conseguindo me manter alerta na conversação e acredite em mim, com o que sentia, foi suficientemente duro entrelaçar palavras consecutivas, o que dizer de tratar de as fazer inteligíveis duas vezes, agora tinha tido que voltar a mover minha camisa para baixo e tinha tido que refrear para não abrir o zíper de minhas calças jeans.

—Não há amparo contra alguém como eu, sidhe-seer. Nós, os das casas reais, afetamos à humanidade desta maneira. É insignificante o que pode fazer-se para impedi-lo.

Um dia saberia que era mentira. Mas não antes que me tivesse queimado pela verdade disso.

—Então que bem faz seu estúpido presente? — Disse mal humoradamente, enganchando meu sutian outra vez. Meus peitos estavam tão quentes e apertados que doíam. Cavei-os, um em cada mão, espremido e amassei, mas minha desesperada massagem não proveu alívio.

—Nosso presente te permitiria te defender contra muitos que lhe matariam, — disse, —mas não contra aqueles com direito a te matar.

Meus olhos se estreitaram e minhas mãos caíram a meus lados onde formaram punhos. Minhas unhas se cravaram formando meias luas em minhas palmas.

—Direito a me matar? — Estalei. Isso era o que tinham pensado de minha irmã, os que a tinha assassinado? Que tinham direito?

Estudou-me.

—Não que qualquer de nós o faria.

Bravo, bem e as piranhas eram vegetarianas.

— O que é esse presente? — Exigi.

O Fae estendeu o braço mostrando um punho de ouro, gravado com prata, brilhando intermitentemente com fogo de cor rubi.

—O Punho de Luz. Foi feito faz muito tempo para uma de suas apreciadas concubinas humanas. Permite um escudo de medíocre qualidade contra muitos Invisíveis e... outras coisas insípidas.

— O que há a respeito dos Visíveis? Obra contra eles?

Sacudiu sua terrivelmente bela cabeça.

Pensei um minuto.

— Preservaria-me dos Caçadores Reais? — Perguntei.

— Sim, — respondeu.

—De verdade? — Exclamei. Poderia-o querer tão só por isso! Desde que tinha tido notícias dos demoníacos Hunters (caçadores), o mero pensamento fez que me arrepiasse a pele, como se um especial medo de que a casta dos Invisíveis além de todos os outros tivesse seus gens programados para me caçar. — Qual é o truque? — Perguntei. Uma pergunta estúpida, sabia. Como se me fora a dizer. Não podia confiar em nada do que dissesse. Não tinha esquecido o comentário do Barrons de que os Visíveis e a realeza Invisível eram quase impossíveis de se diferenciar. Entretanto este Príncipe V'lane da Tuatha Dê Danaan mantinha que era daqui em diante o representante da Rainha dos Visíveis, não tinha provas disso, nem sequer de quem era e o que reclamava ser.

—Não há truque, — disse.

Justo como disse, pergunta estúpida.

—Confirmo minha posição inicial, — informei-lhe. — Não lhe agradeço isso. Aqui, fez-se algo. Agora vamos ao ponto: O que quer de mim? — Atirei bruscamente de minha camisa para baixo. Quis nosso pequeno encontro de trabalho terminado e feito, quanto antes melhor.

O ar ao meu redor se esfriou, como se gelasse pelo desagrado do Fae por minha atitude.

—Há um problema no Faery, sidhe-seer, — disse, — e como viu, igualmente, em seu mundo. Depois de uma eternidade de confinamento, uma parte da casta inferior dos Invisíveis começou a escapar de sua prisão. Apesar de nossos esforços para isolar a debilidade no tecido que separa nossos reinos, não pudemos determinar como se liberam.

Encolhi-me de ombros.

—Então, o que quer que faça com respeito a isso?

—A rainha Aoibheal quer o Sinsar Dubh, sidhe-seer.

Começava a pensar que poderia ser mais fácil levar a conta de todo o mundo que havia em Dublin que não queria o Sinsar Dubh. Caramba, não haveria ninguém.

— Bem, o que lhe está evitando o ter? Não é supostamente o mais capitalista de todos os Fae? — Estava bastante segura de que isso era o que me havia dito Barrons. Exceto pelo Rei Invisível, quem uma parte afirmava que era superior em fila, enquanto outras sustentavam que era um mero testa-de-ferro, que os "meninos da deusa Danu" eram uma linha matriarcal. Segundo Barrons, ninguém realmente sabia nada com segurança sobre o Rei Invisível.

— Temos uma pequena dificuldade. Somos incapazes de sentir nossos objetos sagrados. Só o estranho sidhe-seer pode. Não sabemos onde está— O Fae não podia ter parecido mais ofendido ao admiti-lo. Como o desafiava o mundo não lhe reverenciando e arrastando-se a seus pés? Como o desafiava o universo não maquinando para arrumá-lo tudo a seu favor? Como o desafiava um mero humano possuindo uma habilidade que estava além da deles? —Outras coisas desapareceram também, igualmente, nós gostaríamos de as recuperar.

— E justamente que caralho quer ela que eu faça a respeito disso? — Eu não gostava para onde pareciam ir as coisas. Não estava claro se poderia sobreviver.

— Ela somente deseja que siga procurando como até agora e de vez em quando averiguaremos sobre seu progresso. Se averiguar algo, não importa quão insignificante seja, a respeito de qualquer de nossos restos mortais consagrados, especialmente o Sinsar Dubh, alertará-me imediatamente.

Suspirei aliviada. Tinha tido medo de que pensasse manter-se perto enquanto procurava. O Deus obrigado, não era assim.

— Supostamente como devo fazer isso?

Outra vez, ofereceu-me o Punho de Luz.

— Com Isto. Ensinarei-te como usá-lo.

Neguei com a cabeça.

— Não o quero.

— Não seja tola. Seu mundo também sofre.

— Tão só tenho sua palavra sobre isto, — disse.— Que eu saiba, pode estar mentindo sobre tudo isto e esse punho simplesmente poderia me matar no mesmo momento em que me ponha isso.

— Quando encontrar a prova que te satisfaça, sidhe-seer, — disse fríamente, — certamente terá passado o tempo famoso para sua raça.

— Esse não é meu problema, — repliquei. — Nunca quis ser uma sidhe-seer e nem sequer admito agora que seja uma— Na universidade, tinha sabido de umas poucas pessoas com aspirações de super heróis, que tinha querido fazer uma diferença: Unindo-se ao Corpo De Paz, ou convertendo-se em doutores e abrir às pessoas de modo que possam as arrumar e as ver de novo em pé, mas pessoalmente, nunca tinha tido nenhum desejo de salvar o mundo. Adorná-lo? Sim. Salvá-lo? Não. Até recentemente, tinha sido uma garota do povo com sonhos de povo e perfeitamente contente com minha parte na vida. Logo um mal nascido irrompeu em meu mundo e me tirou a força de meu pequeno oco feliz. No

fundo tinha vindo a Dublin com um só propósito: Para vingar a morte de minha irmã. Logo e só logo poder retornar a Ashford com algum tipo de final para Mamãe e Papai. Então talvez poderíamos cicatrizar, e tentar ser uma família outra vez. Esse era o único mundo pelo que me preocupava, o meu.

—Trocará de idéia, — disse.

O Fae se foi.

Cravei inexpressivamente os olhos por vários momentos no espaço que tinha estado ocupando, antes de me recuperar dele. Apesar dos recentes horrores que tinha presenciado, não estava para nada endurecida, e observar algo desaparecer diretamente ante meus olhos tinha sido profundamente perturbador.

Alarmei-me ao me precaver de que a temperatura a meu redor tinha descendido tão significativamente que podia ver minha respiração no ar. Um magro perímetro de névoa de uns vinte pés me rodeava, ali onde o gelado ar se reencontrava com o calor. Logo aprenderia que era característico da realeza. Seu prazer ou seu desagrado freqüentemente trocava de pequenas formas o ambiente a seu redor.

Esquadrinhei rapidamente outra vez. Sim, a rua estava vazia, todas as portas estavam fechadas, e não havia uma alma.

Ferozmente envergonhada de mim mesma por como me tinha excitado, escorreguei uma mão sob minhas calças jeans.

Gozei no momento no que me toquei.

Capítulo 14

Às oito e quinze estava de volta na livraria. Soube que Barrons estava ali logo que dobrei a esquina. Sua Harley negra cromada estava estacionada ante o brilhante foco da entrada, fazendo jogo com o Sedam da Fiona.

Pus os olhos em branco. Meu dia ia de mal a pior. Esperava que Fiona se fosse a tempo, antes de que Barrons tivesse chegado e antes de que ela tivesse podido me delatar.

Não teria tanta sorte.

Desviei-me a parte de atrás, decidindo entrar às escondidas pela porta traseira, fingiria ter estado todo o dia acima com meu iPod, em caso de que alguém tentará me arreganhar por não abrir a porta e ver se com um pouco de astúcia podia consegui-lo. Nunca saberá o que pode fazer até que não o tente. Possivelmente ninguém se incomodou em me buscar.

Quando girei para a parte de atrás do edifício, de forma automática olhei fixamente para o final do beco, passada a loja, no escuro perímetro do abandonado bairro, além das luzes. Detive-me, procurando sombras que não deveriam estar ali. Um sorriso sem humor curvou meus lábios, as coisas mais estranhas se estavam voltando instintivas.

Divisei um grupo de quatro sombras que estavam maus. Três delas pegas aos escuros beirais de um edifício situado duas portas mais abaixo à direita, a quarta estava a minha esquerda comportando-se com mais audácia. Deslizava-se lentamente de um lado a outro pelos alicerces de pedra da loja adjacente a do Barrons, estirando e encolhendo seus escuros tentáculos, ao tratar de bordear as zonas de luz que rodeavam a entrada traseira.

As quatro tremeram ansiosamente quando me aproximei.

Fica na luz, disse-me Barrons, e estará a salvo. As Sombras só podem te alcançar na escuridão. São incapazes de tolerar a mais mínima quantidade de luz. Nunca deve, Senhorita Lane, entrar no bairro abandonado de noite.

Bom, por que não vai alguém ali durante o dia e acerta todas essas luzes quebradas? Perguntei eu. Isso não se desfaria deles? Ou não ajudaria em algo?

A cidade esqueceu que o bairro existe, respondeu ele. Não encontrará um distrito de guarda que o queira, e se pedir eletricidade ou água, dirão-lhe que não oferecem esses serviços em nenhuma direção dentro dos limites do bairro.

Bufei. As cidades não perdem bairros inteiros. Isso é impossível.

Ele sorriu fracamente. Com o tempo, Senhorita Lane, deixará de usar essa palavra.

Enquanto subia as escadas da porta traseira, levantei o punho e o sacudi furiosamente para as Sombras. Tinha tido suficientes monstros por uma noite. A Sombra que se deslizava pelos alicerces me sobressaltou quando se encrespou detrás de mim.

A porta traseira estava fechada, mas a terceira janela que provei se abriu facilmente. Enquanto subia sobre a beirada da janela, amaldiçoei ao Barrons pelo pouco que se preocupava com a segurança. Depois de uma rápida parada no banheiro, dirigia-me para a parte dianteira da Barrons Livros e Bijuteria.

Não sei o que me fez vacilar quando fui abrir essa segunda porta que separava a loja da casa, mas algo fez que me detivera. Talvez ouvi meu nome quando tratava de alcançar

o pomo, ou talvez me picou a curiosidade o tom urgente da voz da Fiona, que se escutava claramente através da porta, embora suas palavras não o fizessem. Dá igual qual fora a razão, mas em lugar de fazer notar minha presença, aproximei-me sigilosamente à porta que estava ligeiramente entreaberta, peguei a orelha à abertura, mostrando uma escassez de maneiras que teria afligido a todas as mulheres de minha família de dez gerações, às escondidas escutei o resto da conversação.

— Não tem razão, Jericho, e sabe! — gritou Fiona.

— Quando vais aprender, Fio? — disse Barrons.

— Poderia tê-la. Isso é tudo o que necessito.

— Ela não pertence a este lugar. Não pode permitir que fique. Não o tolerarei!

— O que você não o vais tolerar? Quando começou a ser meu guardião, Fio? — havia perigo na amabilidade com a que Barrons fez a pergunta, mas Fiona não pareceu dar-se conta, ou escolheu não lhe prestar atenção.

— Quando você começou a necessitar uma! Não é seguro tê-la aqui, Jericho. Ela deve ir-se, esta noite se for possível, amanhã como muito tarde. Não posso estar aqui todo o tempo para assegurar que não passe nada!

— Ninguém lhe pediu isso, — disse Barrons friamente.

— Bom, alguém tem que fazê-lo. — gritou ela.

— Ciumenta, Fio? Não é algo próprio de você.

Fiona aspirou bruscamente. Quase a podia ver levantando-se ali: os olhos brilhando com paixão, duas manchas de cor vermelha intensa nos maçãs do rosto de seu rosto de estrela de cinema envelhecida.

— Se você quer levar isto a um nível pessoal, então sim, Jericho, estou-o. Sabe que não a quero aqui. Mas não se trata de mim e do que quero. Essa menina é tão inocente e ignorante como comprido é o dia.

Vale, provavelmente tinha que lhe dar a razão nisso.

— E não tem a mais mínima idéia do que está fazendo. Não é consciente do perigo no que se encontra, e você não tem direito a continuar alentando-a

— Bem, Fio, poderia. Recorda? Não estou interessado nos direitos. Nunca o estive.

— Não acredito nisso, Jericho. Sabe.

— Não, Fio, você só pensa que me conhece. Mas realmente não me conhece absolutamente. Mantem à margem disto ou suma. Estou seguro de que posso encontrar a outro — ele fez uma pausa como se procurará as palavras corretas.

— Que satisfaça minhas necessidades.

— OH te Servir, OH! Isso é tudo o que faço? Satisfazer suas necessidades? Também faria isso não é assim? Encontrar a alguém mais. Me despachar com o próximo trem. Arrumado o que queira, a que nem sequer me diria adeus, não é assim? Provavelmente nunca pensaria em mim outra vez!

Barrons rio brandamente, e embora não podia vê-los, lhe imaginei agarrando-a pelos ombros, talvez acariciando com seus nódulos a pálida e suave curva de sua bochecha.

— Fio, — disse ele — minha tola, doce e fiel Fio, sempre haverá um lugar para ti em meus pensamentos. Mas não sou o homem que crê que sou. Idealizaste-me muito.

—Nunca vi nada mais em você que o que sei que poderia ser, se você quisesse, Jericho. — declarou Fiona com tanto ardor, que inclusive eu—uma tão inocente e ignorante como o comprido dia, por repetir uma frase recentemente cunhada—podia ouvir a convicção cega de amor em sua voz.

Barrons riu outra vez.

—E aí, minha querida Fio, é onde comete um dos máximos enganos das mulheres: te apaixonar pelo potencial de um homem. Nós raramente compartilhamos a mesma visão do tema, e mais, estranha vez nos preocupa tê-la. Deixa de tentar me converter no homem que creê que posso ser, e joga uma boa, e dura olhada à “aparência” do que sou. — em minha mente Barrons a agarrou quando enfatizou a palavra “aparência”, e agora a sacudia, não tão gentilmente.

Houve outro silêncio, logo um grito afogado, feminino e dolorido, e um silêncio muito mais largo.

—Ela fica, Fio, —murmurou Barrons depois de algum tempo.

—E você não te meterá nisto, não é assim, Fio?

Estava começando a pensar que me tinha perdido sua resposta quando Barrons falou outra vez, severamente.

—Disse, não é assim, Fio?

—É obvio, Jericho, —respondeu Fiona brandamente. —O que você queira—sua voz soou distraída, tão despreocupada como a de um menino.

Fiquei desconcertada por sua súbita, e drástica mudança de parecer, fechei a porta com cuidadoso sigilo.

Logo troquei de direção e me dirigi apressadamente para a duvidosa segurança de meu dormitório, o qual, por certo, tinha pedido emprestado.

Essa mesma noite, horas depois, Barrons veio a me gritar através da porta fechada por ter saído e ter posto em perigo a segurança de seu detector-pessoal, então se foi—sim, Fiona me tinha delatado—eu estava de pé na janela de minha habitação olhando fixamente a escuridão da noite. Tinha a mente confusa. Meus pensamentos se agitavam e se mesclavam como as folhas de outono agitadas pelo vento.

Onde estava o diário da Alina? Não havia sinais de que ela tivesse estado escrevendo um. Mas se ela tivesse pensado que estava apaixonando-se, teria escrito páginas e páginas sobre seu novo namorado cada noite, especialmente se não tivesse estado falando comigo ou com outra pessoa sobre ele. Embora tivesse pensando em pedir ajuda ao Barrons para buscá-lo, depois da conversação que tinha escutado às escondidas, não me pareceu uma boa idéia. Não ia confiar nele e lhe contar o de minha pequena visita à morte-por-sexo-Fae.

Era V’Lane realmente um príncipe dos Visíveis? O proverbial, “homem no chapéu branco”? Uma coisa estava clara, não o parecia. Mas então, Poderia algum Fae chegar a lhe parecer bom a um sidhe-seer? E com isso não estava admitindo que fora uma ou outra coisa. Ainda tinha a esperança de que algo mais acontecesse. Como que possivelmente estivesse dormindo e tudo fora um largo pesadelo, horrível, que acabaria se conseguia despertar. Ou talvez tinha sido golpeada por um carro e jazia em uma cama de hospital lá em Ashford, tendo alucinações induzidas pelo coma.

Algo seria melhor que ser uma sidhe-seer. Tive vontades de admitir a derrota, mas até teimosa, pensei que podia ser uma estranha e escura febre que tinha pego no momento no que pus os pés na Irlanda. A loucura tinha começado essa mesma noite, com o Fae do bar e a velha endoidecida.

Em retrospectiva, podia ver que a velha não estava doida, ela era uma sidhe-seer, e me tinha salvo a vida aquela noite. Quem podia dizer, como se poderiam ter posto as coisas se ela não me tivesse detido antes que me delatasse? Honra sua linha de sangue me disse ela.

Que linha de sangue? Uma de sidhe-seers? Cada pergunta que me fazia só criava outro montão de perguntas. Supõe-se que minha mãe era uma também? Essa idéia era simplesmente ridícula. Não podia imaginar a Rainey Lane, com a escumadeira em uma mão, e o pano de cozinha na outra, fingindo não ver o Fae, mais do que podia imaginar a Mallucé me perdoando por roubar sua pedra e me convidando a ir comprar a extravagante moda gótica. Nem imaginar a meu pai o contador fingindo não ver os Fae.

Minha mente voltou para V'Lane. O que aconteceria se o Fae mentia e era em realidade um Invisível, trabalhando para liberar a mais dos seus em meu mundo? E se estava dizendo a verdade, por que queria a rainha dos Visíveis o livro que continha “toda a magia mais mortífera”? O que planejava fazer com ele Aoibheal? E acima de tudo, Como um livro tão procurado chegou a se perder?

Em quem podia confiar? O que podia fazer?

Conheceu Alina a alguém de quem pudesse aprender? Encontrou-se com o McCabe e Mallucé? O que lhe aconteceu quando chegou pela primeira vez a Dublin? O que fora que tinha acontecido (independentemente do que tivesse passado), ela o tinha encontrado excitante. Encontrou a um homem que a arrastou a esse baixo e escuro mundo, como me aconteceu? Encontrou a um Fae que a seduziu e a arrastou? Ele me esteve mentindo todo o tempo, disse ela. Ele é um deles. Por “eles”, Tinha querido dizer os “Fae”? “OH, Deus”, murmurei, estupefata por essa idéia. Pensou Alina que estava apaixonada por um Fae? Tinha-a seduzido, tinha-a usado? Era também ela um detector? E uma Null, como eu?

Estava inconscientemente seguindo seus mesmos passos, caminhando diretamente para o mesmo destino — a morte?

Mentalmente contei a todos que estavam procurando o Sinsar Dubh: Eram Barrons, McCabe, Mallucé, V'Lane, e segundo V'Lane, A rainha dos Visíveis; e pela presença dos cães guardiães Invisíveis na casa do McCabe e Molluce, um Invisível de alta fila, do contrário não o chamariam Lorde Master. Por que? O que eram todas estas, er...pessoas, a falta de uma palavra melhor? Queriam-no todos pela mesma razão? E de ser assim, qual era essa razão?

Não podemos deixar que o consigam, disse Alina sobre o Sinsar Dubh.

—Merda, não podia ter sido um pouco mais específica? —resmunguei.—Quem não deveria consegui-lo?

Segundo Barrons, se por um acaso encontrar a maldita coisa, provavelmente não só não poderia tocá-lo, mas também além não teria nem idéia do que fazer com ela.

Suspirei. Não tinha mais que perguntas e ninguém a quem fazer-lhes. Estava rodeada de pessoas que guardavam segredos e perseguiam livros ocultos, igual a viviam,

respiravam e—provavelmente—matavam. A não ser olhe aos “homens” que conheci a semana passada: McCabe, Mallucé, V’Lane e Barrons. Nenhum deles era normal. Não se salvava nenhum. Um cordeiro em uma cidade de lobos, disse-me Barrons pouco depois de nos conhecer. Pergunto-me qual deles a agarrará.

Segredos. Todo mundo tinha segredos. À Alina, os seus a tinham levado a tumba. Não estava segura de se devia tratar de lhe fazer perguntas a V’Lane, quando o voltasse a ver—não era tão estúpida para pensar que tinha acabado comigo—seria uma inutilidade. O suposto príncipe me podia dar respostas, mas só era um detector, não um detector de mentiras. E Barrons não era melhor. Como a pequena briga com a Fiona tinha revelado, ele continuava tendo segredos, também, e em certa forma era mais perigoso do que eu realmente pensava.

Esse era um alegre pensamento. A partir desta manhã, faria bem em deixar de acreditar só cada vez que saía por essa porta, minha vida me escapava das mãos, já que aparentemente também estava em perigo enquanto estava aqui.

Deus, estava fodida! Perdi minha vida. Perdi o Brickyard. Perdi as noites de sábado com meus colegas de trabalho. Perdi nossa última parada no A.M. Huddle House para comer tortinhas, onde tratávamos de nos relaxar, para depois ir a dormir antes do amanhecer, e no verão, planejar nos encontrar no lago mais tarde esse mesmo dia.

—Veremos o Roark O’Bannion amanhã, Senhorita Lane, disse-me Barrons através da porta fechada e bloqueada por uma barricada, se por acaso lhe dava de tentar mastigar minha cabeça. Ele é o terceiro grande jogador no campo. Entre outras coisas, possuía O’Bannion’s, um bar de luxo no centro de Dublin. É ao Velho Mundo com clientela rica. Como parece ter problemas para vestir-se bem, Fiona irá trazer lhe uma coisa apropriada. Não volte a deixar a livraria sem mim, Senhorita Lane.

Eram as três da manhã quando consegui dormir, e o fiz com a porta do armário aberto, e com a luz da habitação e do banho contíguo acesas.

Capítulo 15

Roark “Rocky” O’Bannion tinha nascido Católico Irlandês, extremamente pobre, e com os gens que lhe dariam a força, a resistência e o corpo de um boxeador profissional antes de seu décimo oitavo aniversário.

Por seu aspecto, alguns o chamariam o “Irlandês Escuro”, mas não havia sangue espanhol ou mestiço em suas veias, era um secreto antecessor saudita que lhe tinha legado algo feroz, escuro e cruel na linha O’Bannion.

Nascido em uma cidade controlada por duas inimigas famílias irlandesas do crime (os Hallorans e os O’Kierneys), Roark O’Bannion se abriu passo até o topo no quadrilátero, mas não foi bastante para o ambicioso campeão, faminto de mais. Uma noite, quando Rocky tinha vinte e oito anos, os cabeças dos Halloran e os O’Kierney, cada filho, neto e mulher grávida em ambas as famílias foi assassinada. Vinte e sete pessoas morreram essa noite, de um tiro, de uma explosão, envenenadas, apunhaladas ou estranguladas. A cidade nunca tinha visto algo assim. Um grupo de assassinos perfeitamente orquestrados tinham rodeado toda a cidade, restaurantes, casas, hotéis e clubes, e tinham atacado simultaneamente.

Horrendo, disse a maioria. Merda que bem, disseram alguns. Já era hora, disseram quase todos, incluídos os tiras. Ao dia seguinte, quando um Rocky O’Bannion repentinamente rico, campeão de boxe e ídolo de um bom número de jovens, retirou-se do ring para tomar o controle de vários negócios de Dublin e arredores, previamente ao cargo dos Hallorans e os O’Kierneys, foi aclamado pelos pobres da classe operária (quem cuja esperança e contas correntes eram tão diminutas como os televisores e os sonhos grandes) como um herói, apesar do óbvio sangue fresco em suas mãos, e o montão de rudes ex-boxeadores e vândalos que trouxe com ele.

Que fora um “maldito homem de aparência agradável” não ofendia a ninguém. Rocky era considerado bastante encantador e mulherengo, mas com uma sutil dignidade pelo que se fazia querer por seus fiéis, nunca se deitou com a mulher de outro homem. Nunca. O homem que não tinha respeito pela vida, extremidade ou lei, respeitava o sacramento do matrimônio.

Mencionei que era um católico irlandês? Uma piada corria pela cidade que o jovem O’Bannion se perdeu a aula em que o sacerdote tinha dado o sermão sobre os Dez Mandamentos, e o dia da recuperação o pequeno Rocky só tinha uma pequena lista: Não desejará à mulher de seu vizinho... mas todo o resto está disponível.

Apesar dos coloridos antecedentes que Barrons me tinha dado do que dentro de pouco—seria—nosso—terceiro—anfitrião (e confiada vítima, como começava a pensar a respeito deles) ainda não estava preparada para as dicotomias que havia no Rocky O’Bannion.

—Uh, Barrons, —disse.

—Realmente não acredito que roubar a esse tipo seja uma boa idéia. —Tinha visto minha cota de filmes de máfia. De maneira nenhuma, podia desfilar ante o Padrinho, e lhe

roubar... e esperar sobreviver muito tempo depois. Já tinha muitas coisas horripilantes detrás de mim.

—Queimaremos essa ponte quando chegarmos a ela, senhorita Lane —replicou.

Percorri-o com o olhar. Minha vida era tão surrealista. Esta noite Barrons tinha eleito um Lamborghini Countach de 1975, um dos três únicos Countach feitos pelo Wolf”, de sua absurda coleção.

—Acredito que a expressão é cruzar essa ponte, Barrons, não queimá-la. O que quer... a cada monstro, vampiro, Fae e Dom da máfia da cidade me perseguindo e me apanhando? De quantas formas pensa que posso trocar o cabelo? Nego-me a ser ruiva. Meu limite está ali. Tanto como eu gosto da cor, não desejo tingir a cabeça de laranja.

Riu. O humor descuidado era uma expressão tão estranha de ver nesse rosto esculpido, urbano que pisquei, olhando-o fixamente.

—Divertido, senhorita Lane —disse. Logo acrescentou.

—Gostaria de conduzir?

—Umm? —Olhei boquiaberta. O que lhe passava? Desde que tinha baixado pouco depois das onze, levando o perturbador vestido da Fiona (primeiro quando me deslizei isso sobre a cabeça esperei uns segundos para ver se estava orvalhado com algum horrível veneno que picasse na pele) tinha estado atuando assim, e não o entendia. Parecia... bem... brincalhão, a falta de uma palavra melhor. De bom humor. Quase bêbado, entretanto com a cabeça clara. Se fosse qualquer outro homem, poderia ter suspeitado que abusou de alguma substância, de tomar coca ou algo assim. Mas Barrons era muito purista para isso, suas drogas eram o dinheiro, o poder e o controle.

Entretanto, estava tão eletricamente vivo esta noite que o ar a seu redor parecia crepitar e vaiar.

—É brincadeira, —disse.

E isso estava também desconjurado. Jericho Barrons não se permitia o senso de humor.

—Isso não é divertido. Sonhei em conduzir um C—c—Lamborghini.

—Não pode dizer Countach, senhorita Lane? —Com seu indefinível acento, Kuhn—tah soou inclusive mais estrangeiro.

—Posso —disse irritada.—Não quero. Minha mãe me educou melhor.

Olhou-me de esguelha.

—E então, senhorita Lane?

—Insultar em qualquer idioma é ainda um insulto. —disse melindrosamente. Sabia que significava Countach. Meu pai foi o que me converteu em viciada nos carros velozes. Era uma menina de sete anos quando começou a me arrastar de um Espetáculo de Carros Exóticos atrás de outro, a falta de um filho com o que compartilhar sua paixão. Durante anos desenvolvemos um profundo vínculo sobre nosso amor a todas as coisas rápidas e brilhantes. O Countach italiano era quase equivalente ao “Holy Fucking Cow” em inglês (Fodida Santa Merda!), o qual era exatamente como me sentia cada vez que via um, mas não era razão suficiente para dizê-lo em voz alta. Embora não conseguisse me agarrar a nada mais em meio da loucura em que minha vida se converteu, pelo menos poderia manter minha dignidade e decoro.

—Parece que sabe de carros, senhorita Lane —murmurou Barrons.

—Algo, —disse modestamente. Era a única coisa modesta sobre mim nesse momento. Justamente tínhamos começado a cruzar o primeiro par de vias de trem e o peito se sacudiu dentro (ou melhor dizendo fora) de meu revelador vestido como se estivesse moldada em gelatina. De acordo, algumas vezes poderia manter minha dignidade e decoro. As outras vezes, parecia que a metade de Dublin estava vendo meus seios de perto e indiscretamente, entretanto obtive algum consolo no pensamento que quando tinha feito meu improvisado nu para o Fae morte —por—sexo ontem, estava quase segura que ninguém me tinha visto, graças ao encanto que tinha jogado.

Estávamos apto de abordar o segundo par de vias, assim é que cruzei os braços em um intento de me manter quieta. Enquanto cruzávamos, pude sentir o peso do olhar de Barrons em meus seios, o calor disso, e soube sem vê-lo que tinha esse olhar cru e faminto outra vez em seu rosto. Renunciei a olhá-lo, e fomos várias milhas em silêncio, com ele ocupando totalmente muito espaço no carro, e uma estranha tensão consumia o pouco espaço que havia entre nós.

—Viu o novo Spyder Galhardo? —Soltei finalmente.

—Não —disse imediatamente.

—Por que não me fala dele, senhorita Lane? —O ponto brincalhão em sua voz tinha desaparecido, era gutural, tirante.

Fingi não me dar conta e comecei a me desfazer em elogios sobre o V—10 com suas linhas afiladíssimas e 512 cavalos que, entretanto não podiam bater ao Porsche 911 turvo na prova de velocidade de zero a sessenta, ainda dava o pego e antes de me dar conta, detínhamo-nos frente a casa de O'Bannion e esperamos enquanto os manobristas faziam espaço para nós entre um sedan Maybach e uma limusine. Eram humanos, não Rhino-boys, o qual parecia um bom augúrio.

Confesso que deixei meus rastros no Maybach. Tive que acariciá-lo quando passei por seu lado, embora só fora para dizer a meu pai que havia tocado um. Se estivesse vivendo outra vida, uma em que Alina não tivesse sido assassinada e eu não estivesse até o pescoço de pesadelos, lhe teria chamado no ato com meu telefone celular e lhe descreveria o biturbo, V-12, 57S turismo sedan “para esses que querem conduzir seu próprio Maybach”, até a tapeçaria interior feita em negro, acabamentos laqueados que brilhavam em delicioso contraste com o abundante couro cor nata. Teria se excitado me exigindo mais detalhe... e não poderia ir à loja mais próxima e comprar uma câmara descartável ou dez?

Mas Alina tinha sido assassinada, meus pais estavam ainda que subindo pelas paredes, e chamar papai agora não teria servido de nada. Sabia, porque tinha chamado antes a casa, depois de acabar de me vestir. As dez e quarenta e cinco em Dublin era ainda amanhã na Georgia. Estava sentada no bordo da cama emprestada, com o olhar fixo nas meias que se enganchavam vexatoriamente com uma liga, saltos altos de agulha, e o rubi vermelho sangue do tamanho de um ovo aconchegado entre os seios, e me perguntava no que me estava convertendo.

Papai tinha estado bêbado ao responder. Não o tinha ouvido bêbado em anos. Seis e meio, para ser exatos. Não desde que seu irmão tinha morrido no caminho de seu próprio

casamento, deixando a uma noiva—viúva grávida e a meu pai de pé ante o altar, o padrinho de um homem morto. Pendurei o telefone tão logo ouvi a profundamente fanhosa voz de papai, incapaz de lutar com isso. Necessitava um apoio... não ter que ser o apoio de outro.

—Esteja alerta, senhorita Lane —me advertiu Barrons, perto de minha orelha, me sacudindo do escuro lugar onde tinha me perdido.

—Os necessitará ali.— Com o braço esquerdo me rodeou a cintura, a mão direita em meu ombro, os dedos ligeiramente acariciando a protuberância de meu peito, guiou-me para a entrada, intercambiando olhadas com cada homem o suficientemente valente ou estúpido para posar seu olhar por debaixo de meus olhos, mantendo-o até que o homem olhava a outra parte. Não teria podido deixar mais claro que me marcava como propriedade.

Tão logo quando entramos no bar, entendi. Isso era o que as mulheres eram ali: bonitas, impecavelmente vestidas, penteadas e arrumadas, rindo-se baixo, posses brilhantemente deslumbrantes.

Troféus. Não eram pessoas por si mesmas, se não reflexos de seus homens. Tão fortemente protegidas como profusamente mimadas, cintilavam e brilhavam como reluzentes diamantes, mostrando ao mundo o êxito de seus maridos, gigantes entre os homens.

Rainbow Mac teria estado tão desconjurada aqui como um porco-espinho em um zoológico de mascotes. Endireitei a coluna vertebral, elevei a cabeça, e fingi que as duas terças partes de meu flexível e jovem corpo não estavam expostas pelo curto, elegante e negro vestido com as costas nua e decote profundo.

Barrons era conhecido aqui. Enquanto passávamos, as saudações eram intercambiadas e as bem-vindas murmuradas, e tudo era suave e encantador em O'Bannion, se foi cuidadoso em não te precaver das armas que cada homem na habitação levava em cima.

Inclinei-me para me aproximar de sussurrar minha seguinte pergunta à orelha do Barrons, inclusive com salto, ele era uma cabeça mais alto que eu.

—Leva alguma pistola em cima? —Em realidade esperava que sim.

Seus peculiares lábios, acariciaram-me o cabelo quando respondeu.

—Uma pistola só conseguiria que lhe matassem mais rápido em um lugar como este, senhorita Lane. Não se preocupe, não penso encher o saco a ninguém. —Inclinou a cabeça para um homem baixo, mascador de tabaco, enormemente gordo com uma formosa mulher em cada gigantesco braço.

—De qualquer maneira, não ainda, —murmurou depois que passássemos.

Tomamos uma mesa na parte de trás onde pedimos o jantar e bebidas para ambos.

—Como sabe que eu gosto da carne meio cozida? —exigi. — Ou que quero uma salada Cessar? Ainda não me perguntou.

—Olhe a seu redor e aprenda, senhorita Lane. Não há nem um garçom aqui que tomará um pedido de uma mulher. Em O'Bannion come o que escolhem para você, tanto se gosta como se não. Bem-vinda à época perdida, senhorita Lane, quando os homens proviam e as mulheres aceitavam. E se não gostavam, fingiam que o faziam.

Caramba! E eu pensava que o Sul profundo era mau. Felizmente, eu gostava da carne desde mal cozida, podia comer qualquer tipo de salada, e era emocionante ter a alguém provendo de uma comida cara, assim supôs pouco esforço. Tudo o que tinha comido hoje eram duas tigelas de cereais, e estava faminta. Quando acabei, vi o prato do Barrons ainda cheio e elevei uma sobancelha.

Empurrou-o para mim.

—Comi antes — disse.

—Então por que o pediu? — perguntei enquanto tão delicadamente como pude tomei um pedaço do pouco feito lombo de vitela.

—Não pode ir a um estabelecimento O'Bannion e não gastar o dinheiro, — respondeu Barrons.

—Sonha como se houvesse um montão de estúpidas normas, — resmunguei.

Justamente então um barril de homem com grandes nódulos nas mãos, um nariz chato, e orelhas de abano se aproximou.

—É bom lhe ver outra vez, senhor Barrons. O senhor O'Bannion convida a você e a sua acompanhante a ir à parte de trás a lhe saudar.

Certamente não era um convite e ninguém fingiu que o era. Barrons se levantou imediatamente, tirou-me da mão, pegou a seu corpo de novo, e me dirigiu atrás do maltratado ex-boxeador como se, sem seu guia, pudesse cegamente me golpear nas paredes, um percurso pelo Stepford Wife.

Seria realmente feliz quando saísse deste lugar.

—Na parte de trás— significava outro edifício a certa distância atrás do pub. Chegamos ali clandestinamente, seguindo ao homem de O'Bannion através das cozinhas, baixando um comprido lance de escadas, e um úmido túnel de pedra bem iluminado. Enquanto nos apressávamos passando aberturas para mais túneis que estavam bloqueados por pedras e concreto ou portas seladas com pesados cadeados de aço, Barrons murmurou perto de minha orelha.

—Em algumas zonas de Dublin, há outra cidade sob a cidade.

—Horripilante, — resmunguei, enquanto subia outro comprido lance de escadas.

Suponho que estava esperando um pouco de filme: uma banda de dissolutos, homens de duras queixadas abarrotando uma sala cheia de fumaça, reunidos ao redor de uma mesa, levando camisas manchadas de suor e pistoleras, mastigando tabaco e apostando forte ao pôquer, páginas centrais de mulheres nuas cravadas nas paredes.

Tudo o que havia era mais ou menos uma dúzia de elegantes homens falando baixo em uma espaçosa e elegante sala de reuniões em mogno e pele, e a única mulher nas paredes era a Virgem e o Menino. Mas a Virgem não estava sozinha, a augusta habitação estava virtualmente empapelada com ícones religiosos. Intercalados com livrarias embutidas decoradas com uma coleção de Bíblia que suspeitava poderiam ser a inveja do Papa, penduravam crucifixos de prata, ouro, madeira e inclusive um desses plásticos que brilhavam na escuridão. Atrás do majestoso escritório penduravam uma série de doze pinturas representando os últimos momentos de Cristo. Sobre a chaminé havia uma reprodução da última ceia. No extremo mais afastado da habitação havia dois santuários de rezas cobertos com brilhantes velas titilantes, flanqueando um santuário maior que

sujeitava um antigo e elaborada relicário que continha deus sabe que... possivelmente os dentes ou o osso do talão de algum santo pouco conhecido. Um homem poderoso de cabelo escuro permanecia atrás do antigo relicário, de costas a nós.

Fingi tropeçar na soleira da porta. Barrons me segurou.

—Oops, —disse significativamente. Embora não tínhamos convencionado nenhum código, pensei que ao dizer OOPs era bastante claro. Estava-lhe dizendo que havia um Objeto de Poder em algum lugar próximo. Não nesta habitação, mas perto. Pelo ácido repentino no estômago que parecia ferver através da planta de meus pés, suspeitei que o que fora estava diretamente abaixo de nós, citando ao Barrons “cidade sob a cidade”.

Se Barrons captou minha não—muito—sutil mensagem, não deu sinais disso. Com os olhos postos sobre o homem no santuário, com a mandíbula tensa.

Quando o homem se deu a volta do relicário, os dois Invisíveis que o flanqueavam se voltaram também. Quem fora o grande, malvado Invisível que estava atrás do Sinsar Dubh, tinha colocado a seus cães guardiães também aqui. Nosso desconhecido competidor estava observando às mesmas pessoas nas que estava interessado Barrons: McCabe, Mallucé, e agora O'Bannion. A diferença dos Rhino—boys do McCabe e Mallucé, entretanto, esses não jogavam nenhum encanto em ser humano, o qual me deixou perplexa até que me precavi que realmente não tinham necessidade. Em seu estado natural, eram invisíveis para todo mundo, exceto para os sidhe—seers como Barrons e eu, e fomos uma raça bastante estranha. Não tinha nem idéia por que esses Rhino—Boys tinham escolhido permanecer invisíveis em lugar de incorporar-se a tangível realidade de O'Bannion como tinham feito os outros com o McCabe e Mallucé, mas assim o tinham eleito, o qual significava que tinha que me propor não olhá-los. Ao menos quando um Invisível fingia fazer-se passar por humano, podia fingir que não importava a ilusão mostrada e não me descobrir, mas quando não o faziam, não podia me atrever a olhar o espaço que ocupavam, o qual era mais fácil de dizer que de fazer. Deslizar o olhar sobre algo que parece um alien tem seu truque.

Segui o conselho do Barrons e enfoquei minha atenção sobre o homem entre eles o qual era, sem lugar a dúvidas, Rocky O'Bannion.

Instantaneamente pude ver como tinha chegado onde estava. Em qualquer século, esse homem teria sido um guerreiro, um líder.

Escuro, forte, com 1,82 de elegância, resplandecentes músculos em calças negras, uma camisa branca, e uma fina, jaqueta italiana de couro negro, movia-se com a confiança do homem que sabe que seu mais leve desejo é uma ordem para o resto do mundo. O cabelo curto era negro, grosso, seus dentes perfeitos, brancos de um ex-boxeador com dinheiro, e quando sorria, o qual fez agora ao Barrons, era um relâmpago rápido e cheio de escura diabrura irlandesa.

—Bom verte outra vez, Barrons.

Barrons saudou com a cabeça.

—O'Bannion.

—O que te traz por aqui esta noite?

Barrons murmurou algo adulator sobre o pub e logo os dois homens se deslizaram rapidamente por volta de uma conversaçã sobre o recente problema que O'Bannion tinha

sofrido nas plataformas em uma de suas empresas navais. Barrons disse que tinha ouvido algo nas ruas que podia ser útil.

Observei-os enquanto falavam. Rocky O'Bannion era um ímã, 1,82 de puro músculo envoltos em carisma. Era a classe de homem que os homens queriam ser e que as mulheres queriam que as arrastassem para a cama (e quis dizer arrastar) esse homem não seria dominado por qualquer mulher. Não tinha nenhuma dúvida que o capitalista, rude e atrativo irlandês com a mandíbula esculpida em pedra era também um assassino a sangue frio, e da forma que tratava de aplinar o caminho para o céu cobrindo seus pecados com a massa do zelo religioso, também estava ao bordo de ser um psicopata.

Embora nada disso diminuísse minha atração para ele nem esse pouquinho era a medida exata da presença do homem. Dava-me asco, mas ao mesmo tempo, se ele fixasse esse encanto diabólico irlandês em mim, se esses escuros olhos com pesadas pálpebras se voltassem favoravelmente para mim, tinha medo de me ruborizar com prazer incluso sabendo que deveria correr tão rápido como pudesse, e por essa razão só, o homem me assustou ainda mais.

Surpreendi-me ao me dar conta que Barrons não parecia muito mais cômodo que eu, e isso me preocupou ainda mais. Nada perturbava ao Jericho Barrons, mas podia ver claramente a tensão nos ângulos de seu corpo e nas linhas de seu rosto, ao redor da boca e olhos. Cada pedaço da alegria anterior nele tinha desaparecido. Estava inclinado, mal-humorado, e sério outra vez, inclusive parecia um pouco pálido baixo essa exótica pele dourada. Entretanto permaneceu uns centímetros mais alto que nosso anfitrião e estava inclusive mais poderosamente construído, embora usualmente exsudasse uma comparável presença e vitalidade, nesse momento parecia... minguado, e tive a repentina, e muito estranha impressão que o noventa e nove por cento do Jericho Barrons estava atualmente focado em alguma outra parte, e utilizando unicamente o resto de um por cento dele aqui e agora, nesta habitação, emprestando atenção a O'Bannion.

— Bonita mulher, Jericho, — disse O'Bannion então, voltando o olhar (como eu temia) para mim. E como tinha temido me ruborizei. O boxeador se aproximou, me rodeando, me olhando de cima abaixo, e fazendo um rude som masculino de aprovação do mais profundo de sua garganta.

— É-o, verdade? — respondeu Barrons.

— Não é irlandesa, — comentou O'Bannion.

— Americana.

— Católica?

— Protestante, — disse Barrons.

Não mostrei surpresa ante a mentira.

— Má sorte. — Rocky devolveu a atenção para o Barrons e respirei de novo.

— Bom o ver, Jericho. Se ouvir algo mais sobre meus problemas na plataforma...

— Estaremos em contato, — respondeu Barrons.

— Gosta — disse mais tarde, quando tomamos o caminho de volta através das quase deserta às quatro da madrugada, abalado centro de Dublin. A informação dada pelo Barrons lhe tinha sido realmente pertinente, identificando a vários membros de uma banda local como os espinhos no lado de O'Bannion.

—Não, senhorita Lane, —replicou Barrons.

—Vale, possivelmente não gosta, —corrigi.

—Respeita. Respeita a O'Bannion.

Barrons negou de novo com a cabeça.

—Bem, então o que? —Barrons tinha concedido ao Rocky uma certa distância solene que não tinha mostrado a ninguém mais e queria saber por que.

Pensou um momento.

—Se estivesse em meio das montanhas do Afeganistão e se pudesse escolher entre um homem para brigar a meu lado com as mãos nuas, ou um montão de armas sofisticadas, escolheria a O'Bannion. E nem eu gosto nem o respeito, somente reconheço o que é.

Andamos rápido e em silencio durante alguns blocos.

Agradei me tirar os saltos agulha que tinha levado antes e me pôr uns cômodos sapatos. Quando abandonamos O'Bannion, Barrons nos levou rapidamente à livraria, onde exigiu um relatório completo do que havia sentido. Depois de contar-lhe deixo-me sozinha na livraria enquanto se foi só a algum lugar —para recolher informação dos melhores pontos do sistema de rede de esgoto da cidade, —disse.

Em sua ausência, fui acima e me troquei. Podia me vestir corretamente para andar pelas bocas-de-lobo... algo velho, escuro e sujo.

Voltamos para os arredores do Pub & Restaurante de O'Bannion em um escuro e indescritível sedam no que nunca me tinha fixado estacionado na escura parte posterior da fascinante garagem do Barrons, deixamo-lo na calçada a vários blocos de distância de nosso pretendido destino, e fomos a pé de ali.

—Fique aqui um minuto. —Com uma mão em meu ombro, Barrons me deteve na calçada, então caminhou a compridos passados em meio da rua. Voltava a ser ele mesmo, ocupando mais espaço do esperado. Também se tinha trocado, umas descoloridas calças, uma camiseta negra e umas gastas botas negras. Era a primeira vez que o tinha visto com algo tão... bem, plebeu para ele, e o duro e musculoso corpo que essas roupas exibia era nada menos que incrível, se ia esse tipo de homem. Agradei que a mim não. Era como ver uma capitalista e dura pantera negra, com sangue no focinho, levando roupas de rua... muito estranho.

—Está-me tirando o sarro, —disse quando, os ombros se uniram e os bíceps se avultaram, levantando a tampa do registro, deslizando-a a um lado, e me fez um gesto.

—Como pensava que entraríamos no sistema de rede de esgoto, senhorita Lane? —disse Barrons impacientemente.

—Não sei. Certamente passei por cima desse pensamento. —Derrotei-lhe.

—Está seguro que não há um cômodo lance de escadas em algum lugar?

Encolheu-se de ombros.

—Há-o. De todas formas, não é o melhor lugar de acesso. —Olhou fixamente para o céu.

— Precisamos entrar e sair o mais rápido possível, senhorita Lane.

Entendi isso. Dentro de pouco era o amanhecer, e as ruas em Dublin começavam a bulir de gente logo que rompia o dia. Seria difícil sair de repente de uma boca-de-lobo diante de seus narizes, ou pior, a polegadas do pára-choque dianteiro de um carro.

Permaneci sobre o buraco aberto na rua, tratando de ver na escuridão.

—Ratos? —perguntei, um pouco triste.

—Sem dúvida nenhuma.

—De acordo. —Respirei profundamente e soltando o ar lentamente.

—Os Sombras?

—Não há muito para comer ali abaixo. Preferem as ruas. Toma minha mão e te baixarei, senhorita Lane.

—Como retornaremos acima? —Preocupe-me.

—Tenho uma rota diferente na mente para nossa viagem de volta.

—Com escadas? —perguntei esperançosamente.

—Não.

—É obvio que não. Que tola. E para nossa aventura de volta, —disse, com minha melhor voz de apresentador—de—concursos —Escalaremos o topo do Monte Everest, com as botas de montanha providas por nosso fiel patrocinador Barrons Livros e Bijuteria.

—Divertido, senhorita Lane. —Barrons não poderia parecer menos divertido.

—Agora mova-se.

Tomei sua mão estendida, lhe deixando me pendurar no bordo e me levando abaixo. O destino: um Dublin mais escuro e horripilante, profundamente clandestino.

Capítulo 16

Depois de tudo não resultou ser tão horripilante.

De fato, não tão horripilante como desequilibrado tinha estado tudo ultimamente.

Ali abaixo, nas sujas e aborrecidas bocas-de-lobo da cidade, dava-me conta de como tinha trocado meu mundo drasticamente, e em um espaço de tempo tão pequeno.

Como poderia um rato de olhos brilhantes e nariz crispado —ou inclusive algumas centenas— comparar-se ao homem cinza? Que importância tinham as águas residuais e fedor, ao lado do provável destino de um à mãos da Coisa com Muitas Bocas? Que transcendência tinham os sapatos arruinados ou as unhas destroçadas escavando pelas rochas nas partes baixas da cidade que se estavam derrubando, se se mediam contra o furto descarado que estava a ponto de levar a cabo? Contra um homem que tinha matado a vinte e sete pessoas em uma só noite porque estavam no caminho de seu brilhante e luminoso futuro, nada menos.

Giramos em uma direção, depois na seguinte, através de túneis vazios com corredores limpos, em outros sujos pelo lento depósito de lodo. Descendemos mais profundamente na terra, viramos para cima, e descendemos outra vez.

—O que é isso?— Assinalei a uma larga correnteza fluindo rápida, visível além de uma grade do ferro montada na parede. Tínhamos passado muitas dessas grades, embora menores e fixadas a menor altura. A maioria estava posta em pontos afundados, com grandes piscinas de água negra acumuladas ao redor, mas não tinha visto nada como isto. Parecia um rio.

Era-o.

—O rio Poddle —disse Barrons.

—Circula subterraneamente. Pode ver onde se junta com o rio Liffey através de outra grade na Ponte Millennium. A finais do século dezoito, dois líderes rebeldes escaparam do castelo de Dublin seguindo o sistema de rede de esgoto para ele. A gente pode percorrer bastante bem a cidade, se souber onde conectam as coisas.

—E você sabe —disse.

—Sei —estive de acordo ele.

—Há alguma coisa que não saiba? —Artefatos antigos, como congelar contas bancárias obscenamente grandes, a subcultura sórdida da cidade, por não mencionar a disposição exata desta parte baixa escura e suja.

—Não muito. —Não pude perceber arrogância alguma em sua resposta; era simplesmente um feito.

—Como aprendeu tudo?

—Quando se converteu em uma faladora, senhorita Lane?

Calei-me. Disse-te que o orgulho é meu pequeno desafio especial. Ele não queria me ouvir? Muito bem, não queria gastar meu fôlego nele, de todas formas.

—Onde nasceu? —perguntei.

Barrons parou brevemente, girou-se e me olhou, como desconcertado ante meu repentino arranque de conversação.

Levantei as mãos, também desconcertada.

—Não sei porquê perguntei isso. Tinha toda a intenção de me calar, mas então comecei a pensar que não sei nada sobre você. Não sei onde nasceu, se tiver pais, irmãos, uma esposa, meninos, ou inclusive ao que se dedica exatamente.

—Sabe tudo o que necessita sobre mim, senhorita Lane. Ao igual a eu sei sobre você. Agora mova-se. Temos muito pouco tempo.

Onze metros mais adiante, subiu aos degraus de uma escada de aço cravada à parede e, ao chegar ao topo, imediatamente me pus toda enjoada.

Havia um Objeto de Poder extremamente potente... justo a seguir.

—Ao outro lado disso, Barrons —disse em tom de desculpa.

—Parece que estamos um pouco chateados, né?

“Isso” era o que parecia ser uma porta hermética. Já sabe, do tipo que utilizam nas câmaras couraçadas dos bancos, de vários decímetros de grossura, feitas de ligas virtualmente impenetráveis, e que se abrem com essa roda giratória grande como nas portas dos submarinos. Era bastante mau que o “cabo” não estivesse em nosso lado.

—Suponho que não terá um conveniente contrabando de explosivos em alguma parte?—Brinquei. Estava cansada e assustada e me estava voltando um pouco idiota, ou possivelmente simplesmente era o geral e cada vez mais absurdo de minha vida, que me estava pondo difícil tomar algo com muita seriedade.

Barrons olhou a Maciça porta um momento, depois fechou os olhos.

Realmente pude ver a análise interna que estava realizando. Seus olhos se moviam rapidamente sob as pálpebras fechadas, como se repassassem os planos do sistema de saneamento de Dublin enquanto cintilavam em suas retinas, ao estilo Exterminador do Futuro, enquanto apontava nossa posição exata, e procurava um ponto de entrada. Seus olhos se abriram de repente.

—Está segura que está ao outro lado dessa porta?

Assenti.

—Absolutamente. Poderia vomitar aqui mesmo.

—Tente agüentar, senhorita Lane. —deu-se a volta e começou a partir.

—Torne-se aqui.

Pus-me rígida.

—Aonde vai?—De repente uma só lanterna parecia uma companhia extremamente inadequada.

—Ele conta com barreiras naturais para protegê-lo —soltou Barrons sobre seu ombro.

—Sou um bom nadador.

Vi sua lanterna mover-se enquanto se apressava por um túnel a minha esquerda e desaparecia em uma esquina. Depois não houve nada salvo escuridão e estava sozinha nela, unicamente com duas baterias entre eu mesma e um sério caso de tremores. Ódio a escuridão. Não estava acostumado a odiá-la, mas com segurança agora sim.

Pareceram horas, embora segundo meu relógio, somente passaram sete minutos e meio quando um Barrons jorrando empapado abriu a porta hermética.

—OH Deus, o que é este lugar? —Disse, girando em um círculo lento, paralisada. Estávamos em uma câmara de pedra grosseiramente lavrada, abarrotada com mais

artefatos religiosos dispostos junto a armas antigas. Era evidente pelas marcas altas de água na pedra que a estrutura subterrânea se alagava de vez em quando, mas todos os tesouros de O'Bannion estavam colocados bastante mais acima da marca superior, suspensos em suportes cravados nas paredes ou dispostos em cima de pedestais de pedra altos.

Podia ver o escuro, formoso e psicopático ex-boxeador aqui parado, desfrutando-se com seus tesouros, o brilho espantoso de fanatismo religioso em seus pesados olhos.

Rastros molhados conduziam de um ralo de ferro na parte baixa da parede, além da qual havia água negra e profunda, diretas à porta. Barrons nem sequer se deteve a olhar ao redor quando tinha entrado.

— Encontre-o, agarre-o, e vamos — raspou Barrons.

Tinha esquecido que não podia saber que artigo era. Só eu podia. Girei em um círculo lento, estendendo meu novo sentido aracnídeo.

Tive arcadas. Secas. Felizmente, parecia que ia melhorando um pouco nisto. Meu jantar permanecia no estômago. Tive uma visão repentina de O'Bannion baixando para descobrir seu artefato desaparecido, com pequenas pilhas ordenadas de vômito sobre todo o lugar e me perguntei o que pensaria de tudo isso. Ri-me com dissimulação, uma medida do totalmente nervosa que estava.

— Essa. — Assinalei a um artigo colocado justo sobre minha cabeça, quase perdido no meio do sortido de artigos similares que o rodeavam, e girei para olhar ao Barrons que estava parado detrás de mim, justo fora da porta hermética. Estava olhando fixamente o corredor. Agora se deu a volta lentamente e jogou uma olhada ao interior.

— Merda — estalou, golpeando a porta.

— Nem sequer a vi. — Então mais ruidosamente.

— Merda. — deu-se a volta. Me dando as costas, soltou-me.

— Segura de que é essa?

— Absolutamente.

— Bem, agarre-a, senhorita Lane. Não fique aí parada.

Pisquei.

— Eu?

— Está parada justo a seu lado.

— Mas me faz sentir doente — protestei.

— É o momento perfeito para começar a trabalhar nesse pequeno problema. Agarre-a.

Com o estômago agitando-se todo o momento, levantei a coisa da parede. Os suportes do metal que a suspendiam soltaram um audível click quando retirei o peso.

— Agora o que? — Disse.

Barrons riu e o som ressonou secamente na pedra.

— Agora, senhorita Lane, corremos como o inferno, porque acaba de fazer saltar uma dúzia de alarmes.

Dava uma sacudida.

— Do que está falando? Não ouço nada.

— Silencioso. Direto a cada casa que possa. Dependendo de onde esteja neste momento, temos pouco, ou inclusive menos, tempo.

Barrons não estava resultando ser uma boa influência para mim, para nada. Em uma só noite tinha feito que me vestisse como uma puta, roubasse como uma vulgar benjamima, e agora me tinha jurando como um marinheiro enquanto secundava sua opinião.

—Merda —exclamei.

Enquanto corria através das ruas de Dublin antes do amanhecer com uma lança mais larga do que eu media colocada sob o braço, me ocorreu pensar que não esperava viver muito mais tempo.

—Perca o pessimismo, senhorita Lane —disse Barrons quando lhe informei de meus pensamentos.

—É uma profecia que contribui a que se cumpra.

—Né? —Disse, ofegando por respirar. Tentei me colocar no carro, mas somente consegui ficar entupida na porta aberta por culpa da lança.

—Deixe-a escorregar sobre o topo do assento e na parte de atrás —pigarreou ele.

Consegui me liberar e fiz isso. Tive que baixar o guichê para que parte da peça pudesse se sobressair. Barrons ficou ao volante no mesmo momento que caí no assento do passageiro e ambos fechamos de repente as portas.

—Espera morrer —disse ele—, e o fará. O poder do pensamento é muito maior do que a maioria da gente se imagina. —Ligou o carro e se afastou do meio-fio—. Merda —disse outra vez. Parecia ser a palavra da noite.

Um carro da Guarda nos estava passando, movendo-se muito lentamente. Felizmente estava no lado do Barrons, não no meu, assim que o tira não poderia ver o extremo da lança saindo para fora.

—Não estamos fazendo nada mau —disse imediatamente.

—Bom, quero dizer, não que ele saiba, verdade? Certamente ainda não informaram à polícia do alarme, não?

—Já seja assim ou não, acaba-nos de jogar um bom olhar, senhorita Lane. Estamos no terreno de O'Bannion. Quem acredita que paga para ter suas ruas patrulhadas a estas horas?

Lentamente a compreensão se abriu passo.

—Está dizendo que embora o tira não saiba nada agora, uma vez que descubra que O'Bannion foi roubado... —Minha voz se apagou.

—Passará nossas descrições —acabou Barrons por mim.

—Estamos mortos —disse prosaicamente.

—Já está outra vez esse pessimismo—disse Barrons.

—Realismo. Estou falando de realidade aqui, Barrons. Saque a cabeça. O que crê que nos fará O'Bannion quando o descobrir? Nos dar um tapinha no pulso?

—A atitude forma a realidade, senhorita Lane, e a sua, para usar uma frase americana usada em excesso, fede.

Não entendi o que tentava me dizer essa noite, mas mais adiante, quando importava, recordaria e entenderia. A única vantagem maior que qualquer pode ter em uma batalha é a esperança. Uma sidhe-seer sem esperança, sem uma determinação inquebrável de sobreviver, é uma sidhe-seer morta. Uma sidhe-seer que se crê afligida e derrotada,

melhor podia ficar essa dúvida direta na cabeça, apertar o gatilho, e voar o cérebro. Em realidade somente há duas posições que alguém pode tomar ante algo na vida: esperança ou medo. A esperança dá forças, o medo mata.

Mas essa noite entendia pouco de tais coisas assim que fiquei em um silêncio nervoso enquanto nos apressávamos pelas ruas abandonadas de Dublin até que ao fim chegamos ao beco brilhantemente iluminado entre a garagem do Barrons e sua residência.

—De todas formas, que porrete acabamos de roubar, Barrons? —disse.

Sorriu fracamente quando se levantou a porta da garagem. Os faróis iluminaram os brilhantes ralos de sua coleção de carros. Conduzimos dentro e estacionamos o velho sedan na parte traseira.

—Lhe chamou muitas coisas, mas pode que a conheça como lança do Longinus — disse ele.

—Nunca ouvi falar dela — disse.

—E da lança do destino? —perguntou ele.

—Ou a Lança Santa?

Neguei com a cabeça.

—Professa alguma religião, senhorita Lane?

Saí fora do carro e alarguei a mão de volta para a lança.

—Às vezes vou à igreja.

—Está sustentando a lança que perfurou o flanco de Cristo quando pendurava na cruz —disse ele.

Quase a deixei cair.

—Esta coisa matou ao Jesus? —Exclamei consternada. E a estava sustentando? Apressei-me atrás dele para a porta aberta da garagem. Não me considerava uma pessoa particularmente religiosa, mas tive o repentino impulso feroz de arrojá-la longe, me esfregar as mãos, e ir à igreja mais próxima e rezar.

Agachamo-nos sob a porta enquanto baixava silenciosa, e nos dirigimos pelo beco. Havia Sombras à espreita a minha direita, justo mais à frente do alcance das luzes que iluminavam as entradas traseiras, mas não lhes joguei nem uma olhada. Estava concentrada em passar ao interior e fora da noite aberta onde o guarda-costas de um senhor do crime pudesse me abater em qualquer momento com uma bala bem dirigida.

—Já estava morto quando aconteceu, senhorita Lane. Um soldado romano, Gaius Cassius Longinus, fez-o. O dia seguinte foi a Páscoa judia e os líderes judeus não quiseram ter às vítimas pendurando em exibição durante seu dia santo. Pediram ao Pilatos que acelerasse suas mortes para que os pudessem baixar. A crucificação —explicou Barrons—, era um trabalho lento, o homem pendurado podia demorar vários dias em morrer. Quando os soldados romperam as pernas dos dois homens ao lado de Cristo, já não as podiam seguir utilizando para empurrar-se para cima para respirar, por isso expiraram rapidamente de asfixia. Entretanto, Cristo apareceu já morto, assim em vez de lhe romper as pernas, um dos soldados perfurou seu flanco para prová-lo. Perversamente, a chamada Lança do Longinus foi cobiçada após, por presumir poderes míticos. Muitos afirmaram posuir a relíquia sagrada: Constantino, Carlomagno, Otto o grande, e Adolf Hitler, por nomear uns poucos. Cada um acreditou que era a verdadeira fonte de todo seu poder.

Entrei no vestíbulo traseiro da residência do Barrons, fechei de repente a porta e me voltei para ele com incredulidade.

—A ver se o entendi bem. Acabamos de forçar a entrada à coleção privada de um gângster e roubamos o que crê ser a verdadeira fonte de todo seu poder? E fizemos isso por que?

—Porque, senhorita Lane, a lança do destino tem outro nome, a lança do Luin, ou Luisne, a lança chamejante. E para nada é uma arma romana a não ser uma traida a este mundo pelos Tuatha Dê Danaan. É uma relíquia dos Visíveis, e resulta ser uma das duas únicas armas conhecidas pelos homens que podem matar a um Fae. Qualquer Fae. Sem importar a casta. Inclusive dizem que a mesma rainha teme esta lança. Mas se quiser, posso chamar a O'Bannion e ver se nos perdoa se a levamos de volta. Faça-o, senhorita Lane?

Agarrei a lança.

—Isto poderia matar à Coisa com Muitas Bocas? —perguntei.

Ele assentiu.

—E ao homem cinza, também?

Ele assentiu outra vez.

—Os Caçadores?

Uma terceira afirmação.

—Inclusive a realeza Fae? —Desejei ter isto perfeitamente claro.

—Sim, senhorita Lane.

—De verdade? —Respirei.

—De verdade.

Entrecerré os olhos.

— Tem um plano para ocupar-se de O'Bannion?

Barrons alargou a mão detrás de mim, acendeu as brilhantes luz do teto da sala de espera, e apagou os focos exteriores. Fora da janela, o beco traseiro ficou às escuras.

—Vá-se a seu quarto, senhorita Lane, e não volte a sair —por nenhuma razão— até que venha por você. Entende-me?

Não havia maneira de que ficasse sentada em qualquer parte e aguardasse passivamente minha morte, e assim o disse.

—Não irei escada acima e não me encolherei de medo...

—Agora.

Fulminei-o com o olhar. Odiava quando me interrompia com uma dessas suas ordens de uma palavra. Tinha notícias para ele: não era como Fiona, desejando miolos de seu afeto, disposta a ceder ante qualquer demanda que pudesse fazer para as conseguir.

—Não pode me dar ordens como se fosse F... —esta vez me alegrei de que me interrompesse antes de que revelasse que tinha escutado detrás da porta.

—Tem algum outro lugar ao que ir, senhorita Lane? —perguntou friamente.

—É isso? —Seu sorriso me deu um calafrio, formada como estava pela satisfação de um homem que sabe que tem a uma mulher exatamente onde quer.

—Voltará para a casa Clarin e esperará que Mallucé não esteja fora procurando-a? Tenho notícias para você, senhorita Lane. Poderia estar nadando em um lago de água

bendita, vestida com um traje de alho, negando um convite a pleno pulmão, e isso não pararia a um vampiro que se alimentou rica e bastante recentemente. Ou provará um hotel novo, e esperará que O'Bannion não tenha a alguém em lista de nomes? Não, já o tenho, voltará de volta a casa, a Georgia. É isso? Ódeio ter que lhe dizer isso senhorita Lane, mas penso que já é muito tarde para isso.

Não quis saber porquê era muito tarde para isso: se queria dizer que O'Bannion viria detrás de mim, que escravos góticos com olhos aturdidos cruzariam a água para me devolver a seu amo, ou se o mesmo Barrons me perseguiria.

—Bastardo —sussurrei. Antes que me arrastasse da casa de um estranho “jogador” a seguinte, antes de me que fizesse roubar a um vampiro e um gângster, ainda tinha uma oportunidade. Pode que fosse uma oportunidade pequena, mas a tinha tido. Agora era um jogo totalmente diferente e estava jogando às escuras, e de alguma forma, todos menos eu tinham óculos de visão noturna e entendiam as regras do jogo. E suspeitei que isto tinha sido todo o tempo parte do plano do Barrons: ir cortando minhas opções, reduzir pouco a pouco minhas decisões até me deixar só com uma... necessitá-lo a ele para sobreviver.

Estava furiosa com ele, comigo mesma. Tinha sido tão tola. E não podia ver nenhuma saída. Não obstante, não estava completamente desamparada. Necessitava-o? Podia me tragar isso se tinha que fazê-lo, porque ele também me necessitava, e nunca ia deixar que o esquecesse.

—Bem, Barrons—disse—, mas vou ficar me com isto. E não é negociável. —Levantei a lança que estava sujeitando. Pode que não pudesse lutar contra vampiros e gângsters, mas pelo menos poderia lhe dar aos Fae uma batalha decente.

Ele olhou a lança durante vários momentos, seu escuro olhar insondável. Então disse: —Era para você todo o tempo, senhorita Lane. Sugiro que lhe tire a manga e a faça portátil. Não é o original e só a cabeça mesma importa.

Pisquei. Era para mim? Não só a relíquia tinha que valer uma absoluta fortuna no mercado negro, se não que Barrons também era um sidhe-seer e também poderia utilizá-la para proteger-se. E ainda assim me ia deixar tê-la?

—De verdade?

Ele assentiu.

—Me obedeça, senhorita Lane —disse ele—, e a mantereí com vida.

—Não necessitaria que me mantivesse com vida em primeiro lugar —lhe soltei cheia o saco—, se não me tivesse traido a esta confusão.

—Veio procurando esta confusão, senhorita Lane. Passeou-se por aqui toda inocência e estupidez perguntando pelo Sinsar Dubh, recorda? Disse-lhe que se fosse a casa.

—Sim, bom, isso foi antes que soubesse que podia encontrar coisas para você. Agora provavelmente me ataria e drogaria para me reter aqui —acusei.

—Provavelmente —me deu a razão— embora suspeite que não teria nenhum problema em encontrar meios mais eficazes.

Olhei-o bruscamente. Não brincava. E não queria saber o que podiam ser esses “meios mais eficazes.”

—Mas tendo em conta tudo o que vai detrás de você, não precisarei fazê-lo, verdade, senhorita Lane? O que nos põe de volta justo onde começamos: Vá-se a seu quarto e não volte a sair por nenhuma razão até que venha por você. Entende-me?

Minha mamãe diz que a humildade não é um de meus fortes, e tem razão. Responder teria emprestado a capitulação, ou pelo menos, consentimento, e embora possa que ele tivesse ganho esta particular batalha, seguro que eu não tinha que admiti-lo, assim baixei o olhar à lança em um silêncio sepulcral. A ponta reluzia como o alabastro prateado na sala de espera brilhantemente iluminada. Se a partisse deixando uma manga curta, teria só uns trinta centímetros de comprimento. A ponta estava muito afiada, a base tinha uns dez centímetros de largura. Sem dúvida caberia bastante bem em minha bolsa maior, se pudesse averiguar uma forma de evitar que a ponta mortal atravessasse a lateral.

Quando voltei a levantar a vista, estava sozinha.

Barrons se tinha ido.

Capítulo 17

Minha gente tem alguns ditos graciosos. Nasceram em outro tempo, em uma geração diferente. A deles foi a geração do trabalho duro é sua recompensa". A verdade é que teve seus problemas, mas a minha é a "geração dos titulados" e isso também tem sua parte.

O G (Geração da Eletrônica) está constituída por meninos que acreditam merecer o melhor pelo mero feito de ter nascido, e se seus pais não os provêem com todas as vantagens possíveis, estão condenando a seus filhos a uma vida de ostracismo e fracasso. Cresceram com os jogos de computador, televisão por satélite, Internet, e os últimos e melhores dispositivos eletrônicos (enquanto seus pais trabalhavam como escravos para proporcionar-lhe tudo) a maioria dos G acreditam que sim há uma coisa equivocado neles, não é culpa dele, seus pais os estragaram, provavelmente por estar sempre fora. É um circulo vicioso para os pais olhe por onde o olhe.

Meus pais não me estragaram. Qualquer desastre que pudessem ter feito, fiz-o eu sozinha. Todo este rodeio é minha maneira de dizer que começo a entender o que meu pai queria dizer com.

—Não me diga que não teve a intenção de fazê-lo, Mac. De fato ou por omissão... O resultado é o mesmo.

Agora o entendo. É a diferença entre homicídio involuntário e homicídio: a pessoa morta está morta, e é pouco provável que o cadáver aprecie as distinções legais que fazemos sobre ele.

Por feito ou omissão, uma laranja, duas barras de caramelo, uma bolsa de pretzels, e vinte e seis horas depois, tinha sangue nas mãos.

Nunca tinha estado tão feliz em minha vida de ver as primeiras luzes do amanhecer como essa manhã. Tinha terminado fazendo o que tinha jurado que nunca faria: acovardei-me em meu brilhante entendimento, pedi emprestada uma habitação de um amanhecer ao outro, tratando de preparar meus últimos e escassos sanduíches, me perguntando que plano podia ter ideado Barrons que pudesse garantir nossa segurança do Rocky O'Bannion, com certo e suficiente pessimismo não havia nenhum. Inclusive se conseguia afugentar a uns quantos homens de O'Bannion, haveria mais. Pergunto-me, de verdade, como pode um só homem esperar lhe fazer frente a um gângster desumano e a seu leal exército de ex-soldados e vândalos, que uma vez se encarregaram a vinte e sete pessoas em uma noite?

Quando os primeiros raios de uma prometedora saída de sol surgiram dos borde das cortinas, corri para a janela para as abrir. Sobrevivi a outra noite em Dublin, mas como, se por acaso mesmo, convertia-se em um motivo de celebração em meu muito retorcido pequeno mundo. Fiquei um longo momento olhando estupidamente ao beco, enquanto assumia lentamente a visão.

Ou não, suponho, porque antes de me dar conta, corri desde meu refúgio no quarto andar e baixei pesadamente, com os pés nus, as escadas de serviço, para olhar de perto. Irrompi na temprana e fresquinha manhã irlandesa. Os degraus de concreto estavam

úmidos, com o frio rocío sob meus pés nus, quando baixei depressa por eles, para o beco traseiro.

Uma dúzia de passos mais à frente, na temprana luz matutina, um negro Maybach brilhava, com suas quatro portas entreabertas. Fazia um molesto bing—bing que me dizia que as chaves estavam ainda no lugar e a bateria não se esgotou. Detrás disso, a capota do porta-malas, um pouco mais à frente nas soleiras do bairro abandonado, havia três veículos negros mais, todos eles com as portas completamente abertas, emitindo um coro de bings. Fora de cada carro havia montões de roupas, não longe das portas. De repente tive uma visão retrospectiva do dia em que me perdi no bairro abandonado, no carro destroçado com o montão de roupas fora da porta do condutor. A compreensão golpeou em meu cérebro e me estremeci de horror.

Qualquer idiota podia ver que tinha passado ali.

Bem, ao menos qualquer sidhe-seer tola que soubesse que classe de coisas podiam sacudir a noite por toda parte.

O tira que tínhamos visto ontem pela manhã, aparentemente tinha passado parte a O'Bannion, e em alguma hora sem determinar do amanhecer, o gângster veio a nos buscar acompanhado de todos seus homens, e como foi evidente por sua aproximação sigilosa, não devia fazer uma visita social.

A simplicidade do plano do Barrons me assombrou e desalentou ao mesmo tempo: somente tinha fechado as luzes exteriores, da frete e atrás, permitindo à escuridão tragar-se completamente o perímetro do edifício. O'Bannion e seus homens tinham saído de seus carros, diretos a uma massacre dos Invisíveis.

Barrons tinha sabido que viriam. Inclusive estaria disposta a apostar que sabia que viriam em massa. Também soube que eles nunca iriam além da vizinhança de seus carros. É obvio, tinha estado a salvo na loja. Com as luzes interiores acesas e as exteriores apagadas, nem homem nem monstro poderia me haver alcançado ontem à noite.

Barrons tinha provocado uma armadilha mortal... Uma que meu roubo tinha feito necessária. Quando alarguei a mão e sem preocupações tirei essa arma da parede, tinha assinado a sentença de morte de dezesseis homens.

Voltei-me olhando fixamente para a livraria, vendo-a agora com uma luz totalmente diferente: Não era um edifício... Era uma arma. A semana passada de pé em frente ele, pensava que parecia o baluarte entre a parte boa da cidade e a má. Agora entendia que era um baluarte... Era a linha de demarcação, a última defesa... E Barrons mantinha a raia a invasão do bairro abandonado com seus muitos e cuidadosamente colocados focos, e tudo o que tinha que fazer para proteger sua propriedade da ameaça da noite era apagá-los e deixar livres às Sombras, famintos cães guardiães do Inferno.

Arrastada pela sombria fascinação, ou possivelmente pela latente, há já tanto tempo, necessidade genética de entender tudo o que podia sobre os Fae, aproximei-me do Maybach. O montão de roupa no exterior da porta do condutor estava coroada por uma jaqueta negra de pele elegantemente confeccionada que parecia igual a uma que tinha visto o Rocky O'Bannion a noite anterior.

Logo que reprimindo um estremecimento, estendi a mão e a recolhi. Enquanto elevava o flexível couro italiano, uma grossa casca do que parecia um quebrado, amarelado e poroso pergaminho caiu dela.

Joguei-me atrás violentamente e atirei o casaco. Tinha visto essa classe de “pergaminhos” antes. Tinha visto dúzias deles, atirados nas ruas desertas do bairro abandonado o dia em que me perdi na névoa, de tamanhos e formas distintas. Recordei o pensar que devia haver uma fábrica de papel nas cercanias com as janelas quebradas.

Mas não tinha sido papel atirado no chão ante mim... tinha sido gente. Ou o que tinha ficado deles. E esse dia, se não o tivesse decifrado antes do anoitecer, tivesse-me convertido também em uma dessas... essas... cascas desidratadas de matéria humana.

Joguei-me atrás. Não precisava olhar abaixo mais casacos para saber que essas cascas eram tudo o que ficava do Rocky O'Bannion e quinze de seus homens, mas de todas formas o fiz. Levantei três mais, e isso foi tudo o que pude suportar. Os homens não tinham sido capazes de ver o que os tinha matado. Perguntava-me se as Sombras tinham atacado simultaneamente, esperando a que todos eles saíssem dos carros, ou se só tinham saído do carro os homens da frente, e então os dois de atrás lhes tinham visto desinflar-se, absorvidos em pedacinhos do que fora que o paladar do Sombra encontrava indigesto nos humanos, eles também se equilibraram fora, com as armas a ponto, só para cair vítimas do mesmo adversário. Perguntava-me se as Sombras foram o bastante inteligentes para esperar, ou simplesmente foram conduzidos por sua irrefletida e insaciável fome.

Se me tivessem capturado essa primeira noite tivesse estado perdida, teria podido ver o que vinha (enormes escuridões oleosas) mas não teria sabido que era uma Null, ou inclusive uma sidhe-seer, e embora provavelmente tivesse levantado as mãos tratando de esquivá-los, não estava segura de que as Sombras tivessem uma forma tangível que pudesse as congelar com meu toque.

Fiz uma nota mental para perguntar ao Barrons.

Olhei fixamente aos quatro carros, aos montões de roupa que era tudo o que ficava de dezesseis homens: roupas, sapatos, jóias, armas; havia muitas armas. Ao menos levavam duas cada um; aço azul cobria o pavimento ao redor dos carros. Aparentemente os Sombras matavam rapidamente ou todas as armas levavam silenciador, porque não ouvi nem um disparo ontem à noite.

Sem importar que estes homens tivessem sido criminosos e assassinos, não importava que anteriormente tivessem matado a duas famílias inteiras, não podia me absolver de suas mortes. De fato ou por omissão tinha tomado parte, e o levaria comigo o resto de minha vida em um lugar que eventualmente me permitiria aprender a viver com isso, mas nunca aprenderia a que eu gostasse.

Fiona chegou às onze para as dez para abrir a livraria. Por volta do meio da tarde, o dia se voltou nublado, chuvoso e frio, assim acendi os lenhos de gás na chaminé na área traseira de descanso, me encolhi com algumas revista de moda, e observei aos clientes ir e vir, me perguntando que classe de vida tinham e por que não podia ter eu também uma assim.

Fiona conversou alegremente com todo mundo exceto comigo e registrou pedidos até as oito em ponto, logo fechou a loja e partiu.

Apenas umas horas antes seu cortês proprietário tinha matado a dezesseis homens, os negócios seguiram como sempre no Barrons Livros e Bijuteria, o qual implorava a pergunta: Quem era o assassino a sangue frio... o super-entusiasta ex-boxeador transformado em gângster, ou o dono da livraria colecionador de carros?

O gângster estava morto. O muito-vivo dono da livraria entrou da chuva, um pouco mais tarde que o habitual mas não se via maltratado, às nove e meia essa noite. Depois de voltar a fechar a porta principal, deteve-se frente à caixa registradora para comprovar as notas que Fiona lhe tinha deixado sobre dois pedidos especiais feitos durante o dia, logo se reuniu comigo, tomando uma poltrona oposta a meu lugar no sofá. Sua camisa de seda vermelha como o sangue estava salpicado pela chuva e moldava seu duro corpo como uma úmida segunda pele. As calças negras pegavam às musculosas pernas, e levava postas umas botas negras que tinham horrorosas ponteiras e talões chapeados. Levava essa pesada munhequera celta de prata que me fazia pensar em cânticos ocultos e antigos círculos de pedras, complementado por um colar negro e prata em sua garganta. Radiava sua usual quantidade de energia absurda e escura paixão carnal.

Olhei-o fixamente aos olhos, e ele me devolveu o olhar, sem nos dizer nenhuma palavra. Não me disse, estou seguro que viu os carros de fora, senhorita Lane e eu não lhe disse, Bastardo de sangue-frio, Como pôde? E o não me respondeu com, está viva, não? Assim é que não lhe recordei que tinha sido ele quem me tinha posto em perigo para começar. Não tinha nem idéia de quanto tempo estivemos sentados, mas tivemos uma completa conversação com nossos olhos. Havia conhecimento no olhar de Jericho Barrons, um poço sem fundo. De fato, por um momento, imaginei que via A Árvore da Vida em seus olhos, coberta com deliciosas e brilhantes maçãs vermelhas esperando para ser comidas, mas era só o reflexo das chamas e a seda carmesim nessa íris tão escuras que serviam como um espelho negro.

Só houve uma coisa que não cobrimos com nossa muda comunicação e tinha que sabê-lo.

—Pensou-o duas vezes, Barrons? Teve alguma dúvida?—Quando não respondeu, pressionei.

—Pensou por um segundo em suas famílias? Ou a inquietação de que possivelmente um deles foi um substituto de último minuto que alguma vez tinha feito nada pior em sua vida que roubar a comida de alguns meninos no quarto grau?—Se os olhos fossem adagas, os meus teriam matado. Estas eram as coisas nas que tinha estado pensando todo o dia, que em alguma parte ali fora havia viúvas e meninos, cujos maridos e pais, não retornariam nunca a casa, que nunca saberiam o que lhes tinha ocorrido. Deveria recolher seus objetos pessoais (exceto os espantosos restos) e enviá-los anonimamente à polícia? Entendia a triste comodidade de saber realmente que Alina estava morta, de ter visto seu corpo e de enterrá-la. Se simplesmente tivesse desaparecido, teria experiente cada dia de minha vida uma esperança inextinguível e desesperada, olhando em cada rosto da multidão, me perguntando se estava viva em algum lugar. Rogando para que não estivesse em mãos de algum psicopata.

—Amanhã—disse Barrons— irá ao Museu Nacional.

Não me tinha precavido que estava contendo a respiração, esperando uma resposta que pudesse apaziguar algo a culpabilidade em que me tinha estado cozendo, até que respondeu com um bufo zombador. Típico do Barrons. Pede uma resposta... obtén uma ordem.

—Que passou com “ficará aqui até que eu retorne, senhorita Lane?” —burlei-me.

—O que ocorre com o Mallucé e seus homens? Esqueceu esse probleminha? — O'Bannion, podia haver-se ido, e podia ter a maneira de me proteger dos Fae, mas ainda havia um vampiro muito de saco cheio que andava solto por ali fora.

—Mallucé foi chamado ontem à noite por alguém cujas ordens aparentemente não pode, ou não quer, rechaçar. Seus seguidores esperam que esteja fora vários dias, possivelmente uma semana — disse Barrons.

Meus ânimos maltratados se levantaram um pouco. Isso significava, que ao menos durante alguns dias, poderia me aventurar na cidade e me mover quase como uma pessoa normal de novo, com apenas a preocupação pelo Fae. Queria retornar ao apartamento da Alina e decidir simplesmente quanto dano estava disposta a infligir na busca de seu diário, queria comprar mais sanduíches para o caso que tivesse que permanecer outra vez na habitação, e tinha estado ansiosa por recolher uns alto-falantes baratos para meu iPod. Os auriculares se voltariam rapidamente uma coisa de meu passado, estava-me voltando paranóica se não era capaz de ouvir a aproximação de algo que pudesse pôr em perigo minha vida. Mas ao menos poderia escutar música na habitação se tinha alto-falantes, e desde que economizava dinheiro por não pagar a habitação, tinha justificado perfeitamente a compra.

—Por que vou ao museu?

—Quero que o registre se por acaso há artefatos, como os chama você. Durante muito tempo me perguntei se havia Oops como você o chamava, dos Fae escondidos a simples vista, catalogados como outra coisa. Agora que tenho a você, posso provar essa teoria.

—Não sabe quantos artefatos há, e como são? — perguntei.

Negou com a cabeça.

—Se fosse tão simples. Mas inclusive os próprios Fae não recordam todas suas relíquias — Lhe dedicou uma breve e sinistra gargalhada.

— Suspeito que é por causa de viver tanto. Por que tomar a moléstia de recordar ou seguir a pista das coisas? Por que preocupar-se? Vive hoje. Viverá amanhã. Os humanos morrem. O mundo troca. Você não. Os detalhes, senhorita Lane — disse — às vezes tomam a forma de emoções.

Pisquei.

—Huh?

—Os Fae, senhorita Lane — disse.

— Não são como os humanos. A extraordinária longevidade lhes converteu em outra coisa. Nunca deve esquecer isso.

—Me acredite — disse — não os confundiria com humanos. Sei que são monstros. Inclusive os belos.

Ele estreitou os olhos.

—Os belos, senhorita Lane? Pensava que todos os que tinha visto até agora eram feios. Há algo que não me contou?

Quase patinei sobre V'lane, um tema de que tinha poucas vontades de discutir com o Barrons. Até saber em quem podia confiar (se havia alguém) e até onde, guardaria meu próprio critério sobre algumas coisas.

—Há algo que não me tenha contado?—repliquei friamente. Como podia atrever-se a me cravar por guardar segredos quando ele estava repleto deles? Nem tratei de ocultar que estava tratando de esconder algo. Simplesmente utilizei um de seus métodos... a evasão com outra pergunta.

Tivemos outra dessas comunicações sem palavras, esta vez sobre verdades, enganos, fanfarronadas e sobre como chamar as pessoas tinha melhorado em lhe compreender já que vi o mesmo momento em que Barrons decidiu me empurrar sem lhe importar entregar-se ele.

—Trate de percorrer todo o museu tão rápido como é possível —disse.—Depois de acabar ali, temos uma lista de lugares por toda a Irlanda, mais comprida que seu braço, para procurar as pedras restantes e o Sinsar Dubh.

—OH, Deus, agora minha vida é esta, não?—exclamei.

— Espera que percorra penosamente os lugares que selecionou, com meu nariz pego ao chão, farejando OOPs para você, não?

—Trocou de parecer sobre tratar de encontrar o Sinsar Dubh, senhorita Lane?

—É obvio que não.

—Sabe onde olhar sozinha?

Franzi o cenho. Ambos sabíamos que não.

—Não acredita que a forma mais segura de encontrar o Livro da Escuridão e ao assassino de sua irmã é inundar-se no mesmo mundo que a matou?

É obvio que sim. Cheguei a essa conclusão a semana passada.

—Sempre que esse mundo não me mate primeiro —disse.

—E certamente parece o mais provável.

Ele sorriu levemente.

—Não acredito que o entenda, senhorita Lane. Não vou deixar que a matem. Custe o que custar.

Levantou-se e cruzou a habitação. Enquanto abria a porta, disse sobre seu ombro.

—E um dia me dará os obrigado por isso.

Estava brincando? Supunha que lhe agradeceria o ensangüentar minhas mãos?

—Não acredito, Barrons —lhe respondi, mas a porta se estava fechando e ele tinha desaparecido sob a chuvosa noite de Dublin.

Capítulo 18

Os Sombras: possivelmente meu maior inimigo entre os Faes— escrevi em meu diário.

Deixando cair a caneta entre as páginas, comprovei outra vez o relógio, ainda faltavam dez minutos para que abrisse o museu. Tinha tido pesadelos a noite anterior, e estava ansiosa por sair da livraria e entrar na ensolarada manhã, fazer algo normal, turístico e estimulante, sem ter que estar comprovando a que horas abria o museu. Depois de me deter por um café e um pão-doce, ainda cheguei meia hora antes e fui uma de tantas pulando no exterior, de pé, em grupos ou esperando nos bancos perto da cúpula de entrada do Museu de Arqueologia e História do Kildare Street.

Consegui agarrar um banco para mim e estava dando um bom uso ao tempo livre pondo em dia meu diário com os recentes acontecimentos, e resumindo o que tinha aprendido. Minha obsessão por encontrar o diário da Alina tinha determinado o que e como elegia escrever no meu: sobre tudo e com todo luxo de detalhes. A retrospectiva foi normal e nunca sabe que pistas alguém pode ser capaz de captar de sua vida se você esta cegado vivendo-a. Se algo me passava, queria deixar detrás de mim o melhor registro possível, no caso de que alguém retomasse minha causa (embora francamente, não podia imaginar a ninguém que o fizesse) e esperava que Alina tivesse feito o mesmo.

Recolhi a caneta.

Segundo Barrons— escrevi—, os Sombras carecem de substância, o que significa que não os posso congelar nem ferir com a lança. Parece que não tenho nenhuma defesa contra esta casta de Invisíveis de sub nível.

A ironia não me passou despercebida. Os Sombras eram os mais vis de sua raça, apenas sensíveis, mas... apesar da lança em minha bolsa (a ponta bem embainhada em um montão de papel de alumínio) supostamente capaz de matar inclusive ao mais poderoso tubarão do mar dos Fae... estava totalmente indefesa contra os carneiros mais baixos.

Bem, ia ter que me afastar destes últimos então, e me armar a intransigência como se pudesse funcionar contra eles. Anotei um apontamento rápido na lista de compra que tinha recolhido: várias dúzias de lanternas de diferentes tamanhos. Começaria a levar em cima sempre duas ou mais e pulverizaria o resto pela livraria, nas esquinas de cada habitação, antecipando a horrenda possibilidade que a energia elétrica, uma noite falhasse. A pesar do brilhante sol matutino, tremi, com apenas pensá-lo. Não era capaz de tirar os Sombras de minha mente desde ontem quando descobri essa pilha de roupas no chão ao redor dos restos apergaminados.

Por que deixam atrás a roupa? Perguntei ao Barrons quando nos cruzamos no vestíbulo traseiro, a noite anterior de caminho à cama. O homem era um noctâmbulo convicto. A minha tenra idade (em minha defesa, eu gostaria de assinalar que tinha tido uma vida muito estressada ultimamente) tinha os olhos inchados e exaustos à uma da

manhã, mas ele luzia repugnantemente enérgico e insone, e com ânimos outra vez. Sabia que minha pergunta era insignificante no esquema global das coisas, mas às vezes são os minúsculos e insignificantes detalhes os que picavam mais que nada minha curiosidade.

Da mesma forma que os Homens Cinza famintos de beleza que nunca posuíram, Srta. Lane, disse Barrons, às Sombras atrai roubar também o que nunca poderão posuir: Uma manifestação física da vida. Assim que tomam e deixam atrás o que não tem vida. A roupa é inerte.

Bem, O que são essas coisas apergaminadas? Perguntei monopolizada minha atenção por uma morbosa fascinação. Suponho que são partes de nós, mas quais?

Estamos morbosos esta noite, Srta. Lane? Como poderia sabê-lo? O encolhimento de ombros do Barrons mostrou uns tensos músculos sob a seda carmesim. Possivelmente a condensação de pele, ossos, dente, unhas e demais, drenados de vida. Ou possivelmente nossos cérebros são incomestíveis. Possivelmente tem sabor de rãs, Srta. Lane, e os Sombras odeiam às rãs.

—Uf—resmunguei, enquanto rabiscava o essencial de nossa conversação noturna em uma nova página.

Enquanto terminava, houve um êxode maciço ao meu redor, e olhei por volta das agora abertas portas do museu. Guardando na bolsa o diário cuidadosamente sem obstaculizar o fácil acesso à lança, pus-me a bolsa no ombro e me levantei, encantada de me precaver que o próximo contato com o OOP quase não me provocava náuseia. Estava decidida a levar essa coisa comigo a todas as partes, portanto me obriguei a dormir com ela a noite anterior, esperando que quanto maior o contato menos moléstias teria com o passar do tempo. Parecia funcionar.

Meu humor se animou quando entrei na grandiosa porta de entrada. Sempre tinha gostado dos museus. Provavelmente deveria fingir que era porque sou tão erudita e estudiosa e desejo aprender, mas a verdade é que adoro as coisas belas e brilhantes, e pelo que tinha ouvido sobre este lugar, estava a transbordar. Não podia esperar para vê-lo.

Desgraçadamente, não conseguiria ir muito longe.

Um dia pararia de me tirar a roupa em presença de V'lane, mas o preço dessa resistência seria um pedaço de minha alma.

Hoje, aqui e agora, passeando pelo Museu Nacional de Arqueologia e História, deslumbrada e encantada pela exposição do ouro, um tesouro oculto do ouro da Irlanda, não tinha nem idéia que se podia perder pedaços da alma.

Naquele tempo, naquele tempo, não via todas as coisas que aconteciam ao meu redor. Naquele tempo, naquele tempo tinha vinte e dois anos, bonita e em forma até no mês anterior, minha maior preocupação tinha sido se a Revlon deixaria de fabricar meu esmalte de unhas favorito, o rosa Iceberry, o que poderia ser um desastre de épicas proporções se me deixavam sem o complemento perfeito para a minissaia rosada de seda que levava posta hoje com o ajustado Top cor pérola, e as brilhantes sandálias douradas, favorecidas com o salto justo para ressaltar minhas douradas e tonificadas pernas. Um elegante colar de lágrimas de pérolas se balançava entre meus seios plenos, com pendentos a jogo e um bracelete de pérolas no pulso me davam a justa aparência de jovem com

glamour. Meus cachos de Noites Árabes estavam brandamente ao redor do rosto e fiz girar umas quantas cabeças masculinas. Elevei o queixo um pouco mais e sorri interiormente. Ah, os prazeres singelos da vida.

Umas quantas vitrines mais à frente, sobre as escadas, um tipo realmente atrativo me inspecionava. Era alto, de constituição atlética, com o cabelo escuro e curto, tez estupenda, e uns olhos azuis de sonho. Parecia ter mais ou menos minha idade, possivelmente uns poucos anos mais (um universitário, estava disposta a apostar) e era exatamente a classe de homem com o que estava acostumada sair e voltar para casa. Sorriu-me com uma atenta inclinação de cabeça, deixando em claro seu interesse. Distingam-se, havia-nos dito mamãe a Alina e a mim, em uma época onde as garotas freqüentemente estão muito disponíveis para os meninos, façam-os trabalhar um pouco para obter sua atenção. Pensará que ganhou um prêmio quando o conseguir, e trabalhará ainda mais duro para conservá-lo. Os meninos se convertem em homens e os homens dão valor ao que os custa conseguir.

Mencionei quão sábia é minha mãe? Meu pai ainda está louco por ela depois de trinta anos, ainda acredita que o sol se levanta e deita pela Rainey Lane, e se um dia ela não se levantava, tampouco o faria a manhã. E tampouco o faria ele. Nunca nos faltou carinho a Alina e a mim, mas sempre soubemos que nossos pais se queriam um pouquinho mais. Encontramo-lo repugnante e, ao mesmo tempo, reconfortante que nunca deixaram de nos deixar fora do dormitório às horas mais estranhas do dia, algumas vezes duas vezes no mesmo dia. Púnhamos os olhos em branco, mas em um mundo onde a taxa de divórcio é mais alarmante que os preços do petróleo, sua contínua aventura amorosa era nosso Rochedo de Gibraltar.

Comecei a sorrir recatadamente ao tipo, mas no momento em que meus lábios se começaram a curvar, congelaram-se. Para que incomodar-se? Não era como se ligar fora algo que pudesse programar claramente, entre os vampiros, Faes chupa—sangue, gansters, e detectar OOP. Ele poderia vir a me recolher ao Barrons para nossa entrevista? Caramba! O que ocorreria se meu frio e enigmático anfitrião escolhia essa noite para apagar outra vez as luzes exteriores?

Até mais tarde menino atrativo, olá montão de roupa.

Esse pensamento me gelou o sangue nas veias. Apressei o passo e deixei atrás ao menino apressadamente. Continuando através da exposição, centrei-me em minha recentemente descoberta “razão de viver”, expandindo meus sentidos aracnídeos em todas direções, esperando um formigamento.

Não obtive nada.

Avancei de habitação em habitação, passando artefatos e relíquias, vitrine detrás vitrine, sem obter a mais leve pontada de náusea. Entretanto obtive outras pontadas. Aparentemente o menino atrativo tinha revoltos meus hormônios, porque de repente estava tendo pensamentos francamente lascivos sobre ele e me perguntava se teria um irmão. Ou dois. Possivelmente inclusive três.

Essa não era eu. Sou mulher de um só homem. Inclusive em minhas fantasias arrumado por um bom e antiquado sexo erótico, não em porno de múltiplos. Uma imagem particularmente gráfica do atrativo menino mais seus irmãos cruzou por minha

mente e quase tropecei pelo cru erotismo desta. Sacudindo a cabeça bruscamente me recordei o que estava fazendo ali: procurando OOP... não orgias sem sentido.

Quase tinha perdido a esperança de encontrar alguma coisa interessante, minha vista foi atraída por um pedaço de seda e renda rosa que se encontrava no chão uns poucos passos mais à frente, a minha esquerda, por onde tinha vindo.

Não servia, mas pensava que era bonita e retrocedi para isso, para ver o que era.

Minhas bochechas avermelharam. É obvio que eu gostava.

Eram minhas calcinhas.

Agarrei-as rapidamente e realizei um apressado inventário de mim mesma.

Saia, verificada. Camisa, verificada. Sútian em seu lugar, bem. Obrigado, Deus. A parte da corrente de ar em meu nu traseiro e o terrivelmente doloroso estado em que estava minha excitação, parecia estar tudo em ordem. Aparentemente me tinha dirigido para as calcinhas, as alcançando sob a saia, as deslizando fora, e continuei caminhando sem me dar conta. Se não tivesse estado apaixonada por rosa, se eu não gostasse tanto da moda, poderia ter continuado me despindo, pensando em toda classe de felizes e quentes pensamentos, até andar nua pelo museu. De fato, tinha-me distraído pela visão de meu próprio bom gosto atirado no chão. Não estava segura se devia estar aliviada ou horrorizada por quão superficial era.

—Onde está? —Disse bruscamente, retrocedendo para as calcinhas e alisando a saia sobre os quadris. Embora estava em meio de uma grande habitação cheia de gente exclamando sobre vários tesouros, ninguém me prestou a mais mínima atenção. Não havia nenhuma dúvida em minha mente de quem me tinha levado a tal estado de excitação sexual que tinha começado inconscientemente a me despir.

Havia um Fae em algum lugar, enfeitando as coisas, e era um da morte por sexo. Supus que era V'lane, mas que nada porque o pensamento de que poderia haver vários Faes, terrorificamente belos, alucinantes, distorsionadores de libido, em meu mundo era mais do que podia tratar.

Desde algum lugar detrás de mim, a risada rodou como suaves, redondas e frias pérolas deslizando-se lentamente sobre meus clitóris, e de repente estava em um intenso, e insondável abismo de insuportável necessidade sexual. As pernas me tremiam, tinha as calcinhas fora outra vez, o interior das coxas estava empapada, e estava tão faminta de sexo que de fato soube que ia morrer se não o obtinha aqui e agora.

Um ruído atraiu meu olhar ao chão. Ao lado das calcinhas estava o bracelete de pérolas. Não sabia se eu tinha feito o que tinha sentido entre minhas pernas, ou o tinha feito ele.

—V'lane—sussurrei, através dos lábios inchados e gordinhos, que como meus seios se incharam e aumentaram. Meu corpo estava trocando, preparando-se para seu Amo, voltando-se mais suave, molhado, amadurecido e cheio.

—Te jogue no chão, humana — disse.

—Por cima de meu cadáver, Fae — grunhi.

Riu outra vez e meus mamilos arderam.

—Ainda não, sidhe seer, mas um dia poderia suplicar a morte.

Arrebatamento. Isso era. Arrebatamento tinha funcionado antes. O arrebatamento e outra palavra que começava pelo A. Mas qual era essa palavra? O que me tinha salvado anteriormente? O que foi esse triste pensamento, esse miserável pensamento que me tinha esfriado e me tinha feito sentir como morta interiormente?

—Damasco—resmunguei. Não, não era isso. Artefato? Adam? Alegar? Acessar? Não era eu? Acessando a ter relações sexuais aqui e agora? Não havia dito —te Jogue no chão, humana? —Quem era eu para desobedecer?

Ajoelhei-me no frio chão de mármore do museu levantando a saia sobre meus quadris, deixando ao descoberto, mostrando. Aqui estou. Tome.

—De quatro —disse detrás de mim, rindo outra vez, e de novo senti o frio deslize das pérolas avançando lentamente entre minhas coxas, sobre meu tenso broto, entre meus inchados e escorregadios lábios. Caí sobre mãos e joelhos. A coluna arqueada, meu traseiro levantado, e fiz um som que não era de tudo humano.

Não podia pensar. Podia senti-lo e sem saber ainda se era V'lane o que estava detrás de mim ou algum outro Fae que ia encurralar me no chão e a foder-me lentamente até a morte. Então suas mãos ficaram em meu traseiro, me posicionando, e se era uma Null tinha esquecido que tinha mãos, e se havia perto uma lança, tinha esquecido que a tinha na bolsa, e que tive uma irmã a que tinham assassinado em algum lugar do Dublin...

—Alina! —A palavra saiu de meu interior com tal veemência e desespero que uma cuspada saiu de meus lábios.

Liberei-me, me levantando, e golpeie com ambas as mãos o peito de V'lane.

—Porco!—escapuli, como um caranguejo com o traseiro nu, desesperada por alcançar a bolsa que tinha deixado cair vários metros mas lá, junto com a camisa e os sapatos.

Ao mesmo tempo que alcançava meu pequeno montão de posses abandonadas, o Fae se descongelou. Barrons tinha tido razão, era o mais alto da casta, o Fae mais poderoso. Aparentemente só podia congelar à realeza uns instantes. Não era suficiente. Nem de perto.

—Não somos porcos—disse levantando-se friamente.

—São os humanos os que são animais.

—Bravo, correto. Não era eu a que estava a ponto de me violar!

—Desejava-o e ainda o deseja—disse rotundamente.

—Seu corpo arde por mim humana. Quer me adorar. Quer te ajoelhar.

O horror disso era... que tinha razão. Desejava-o. Inclusive agora, as costas ainda estavam arqueadas em sensual convite, meu traseiro se elevava à busca como uma gata em zelo, e cada movimento era flexível, sinuoso. Era uma grande sedutora. Havia uma irrefletida ninfomaníaca dentro de mim a que não lhe importavam quantos orgasmos se tomava antes de morrer. Com as mãos trementes, agarrei a bolsa.

—Te afaste de mim —lhe adverti.

Sua expressão dizia que não tinha nenhuma pressa em aproximar-se de mim por agora. Sua expressão dizia que se rebelava por tão-muito-breve poder sobre ele, por uma simples humana tendo o domínio de alguma forma sobre um tão glorioso como ele.

—Por que tem que vir aqui? Sidhe-seer, o que há aqui que seja nosso? —exigiu.

Abrindo a ziper de minha bolsa, apartei a bola de papel de alumínio da ponta e fechei a mão na lança, mas a deixei dentro. Queria conservar o elemento surpresa.

— Nada.

— Mente.

— Não, de verdade, não há nada aqui — disse sinceramente, não era que o tivesse contado se tivesse havido algo.

— Passaram cinco dias, sidhe-seer. O que tirou de O'Bannion?

Pisque. Como demônios sabia isso?

— Morreu tratando de recuperá-lo, isso é o como. Sei onde está — disse — sei aonde vai. Não serve de nada me mentir.

Preferia acreditar que o Fae tinha lido os pensamentos em meu rosto, e que não os tinha arrancado de minha mente. Mordendo-me a língua para evitar a choramingação. Estava-me fazendo algo outra vez. Tinha de novo as pérolas. Trabalhando com elas entre minhas pernas, uma dura e fria bola atrás de outra.

— Fala sidhe-seer.

— Quer saber que tomamos? Vou mostra-te o que tomamos! — Apertei os dedos fortemente ao redor da lança, e a tirei da bolsa, e jogando-a para atrás ameaçadoramente!

Era a primeira vez que tinha visto essa expressão na face do Fae e não seria a última. Minhas veias se encheram com tal corrente embriagadora de poder, parecida com a demente excitação sexual que sentia.

V'lane, o príncipe dos Tuatha Dê Danaan, temia a algo.

E essa coisa estava em minha mão.

O imperioso Fae partiu. Assim de repente. Com uma piscada, se tivesse piscado. Não o fiz. Desapareceu.

Sentei-me, respirando profundamente, agarrando firmemente a lança, e tratando de me recuperar.

A habitação se filtrava lentamente de volta em minha consciência: um zumbido, uma imagem imprecisa em cor, e finalmente pedaços de conversação aqui e lá.

— O que se supõe que está fazendo?

— Nem idéia, amigo, mas tem um traseiro estupendo. E não falemos de umas tetas para morrer!

— Te tampe os olhos, Danny. Agora — Uma voz de mãe estrita e tensa.

— Não é decente.

— Parece mais que decente para mim — Acompanhado por um sob assobio e o brilho de uma câmara.

— Que demônios tem na mão? Deveríamos chamar à polícia?

— Não sei, possivelmente aos paramédicos? Não tem boa imagem.

Olhei a meu redor, enlouquecida. Estava no chão, rodeada de pessoas por toda parte, um círculo deles, me pressionando, olhando para baixo com olhos ávidos e curiosos.

Afogando um ofego que queria sair como um soluço, remeti a lança de novo na bolsa (como demônios poderia explicar o tê-la?) baixando bruscamente a saia sobre meu traseiro, me grampeando o sutian sobre os nus seios, procurando a camisa me pondo isso pela cabeça, tomando os sapatos e me pondo em pé com dificuldade.

—Fora de meu caminho— chiei, me inundando cegamente na multidão, apartando-os a um lado, abutres, todos e cada um deles.

Não podia evitá-lo. Pus-me a chorar enquanto saía correndo da sala.

Para ser uma anciã, movia-se rápido.

Alcançou-me quase a um bloco mais à frente do museu, aparecendo frente a mim, me bloqueando o passo.

Virei súbitamente à esquerda, e a rodeei sem perder um segundo.

—Detenha — chiou.

—Vai ao inferno — disse bruscamente sobre meu ombro, as lágrimas fervendo em minhas bochechas. A vitória sobre V'lane com a lança tinha sido completamente escurecida por minha humilhação pública. Quanto tempo tinha estado sentada ali com minhas partes ao ar, das que nenhum homem tinha obtido uma boa vista em pleno dia a menos que fora armado com um espécuro e um título médico? Durante quanto tempo tinham estado me observando? Por que ninguém tratou de me cobrir? No Sul, um homem me teria envolto em uma camisa. Jogando um rápido olhar enquanto o fazia, suponho, realmente, os peitos eram peitos e os homens eram homens, mas o cavalheirismo não está completamente morto de onde eu venho.

—Voyeurs— disse com amargura.—Gente morbosa ávida de escândalos—Obrigado, Televisão. A gente estava tão acostumada a introduzir-se nos momentos mais íntimos de outra pessoa e observar os sórdidos detalhes de suas vidas que se sentiam mais inclinados a sentar-se e desfrutar do espetáculo que esforçar-se por ajudar a alguém.

A anciã estava frente a mim outra vez e esta vez virei à direita, mas ela virou comigo e chocamos. Era tão anciã, diminuta e de frágil aparência que tive medo que perdesse o equilíbrio, e a sua idade, uma queda poderia significar uma séria ruptura de ossos e um longo período de recuperação. As boas maneiras (a diferença desses arrastados do museu, alguns de nós ainda os tínhamos) temporalmente eclipsaram minha miséria, e a estabilizei pelos cotovelos.

—O que?—exigi.—O que quer? Quer me golpear na cabeça outra vez? Bem, adiante! Faça-o e terminemos de uma vez! Mas acredito que deveria saber que não posso conseguir vê-lo e a situação é... bom, é complicada.

Meu assaltante era a anciã do bar de minha primeira noite em Dublin, a que me jogou um rapapolvo e me disse que parasse de olhar aos Faes e me fora a passeio e (embora agora sabia que salvou minha vida essa noite, poderia havê-lo feito mais amavelmente) não estava de humor para lhe agradecer.

Inclinando sua prateada-grisalha cabeça, olhou-me fixamente, uma atônita expressão em seu enrugado rosto.

—Quem é?—exclamou.

—O que quer dizer, com quem sou?— disse agriamente.

—Por que anda me perseguindo se não sabe quem sou? Tem por costume perseguir estranhos?

—Estava no museu— disse.

—Vi o que fez! Por Cristo, a Virgem María Mãe de Deus e todos os Santos, Quem é moça?

Estava tão indignada com a gente em geral que gritei.

—Você viu o que estava tratando de me fazer e não tratou de me ajudar? Se me tivesse violado, teria ficado ali de pé e olhado? Muito obrigado! O agradeço. Caramba, esta chegando o ponto em que não estou segura quem é mais monstruoso... nós ou eles— Me dava a volta bruscamente e tratei de partir mas ela se agarrou de meu braço com um surpreendente e forte agarre.

—Não podia te ajudar e sabe— disse bruscamente.

—Conhece as regras.

Sacudi-me sua mão do braço.

—Realmente não as conheço. Embora a outros o pareça. Mas não.

—Uma revelação é uma morte —acrescentou bruscamente a anciã.

—Duas revelações duas mortes. Cada um de nossa classe se considera precioso, nunca mais que agora. Não podemos nos arriscar a delatar a mais de nós, especialmente não a mim. Além disso, defendeu-te de uma forma que nunca tinha visto... e contra um príncipe, nada menos! Cristo, como o fez? O que é?—Seu agudo olhar azul revoou desde meu olho esquerdo ao direito uma e outra vez.

—A princípio seu cabelo me enganou, então soube o quem era, no bar. Essa pele, esses olhos, e a forma de andar...och, igual à Patrã! Mas você não é Patrã, ou te tivesse reconhecido. De que ramo de O'Connor provém? Quem é sua mãe? —exigiu.

Sacudi a cabeça impacientemente.

—Olhe, senhora, disse-lhe essa noite no bar que não era uma O'Connor. Meu nome é Lane. MacKayla Lane, da Georgia. Minha mãe é Rainey Lane e antes de casar-se com meu pai, era Rainey Frye. Assim já o tem. Sinto decepcioná-la mas não há nenhuma O'Connor em minha árvore genealógica.

—Então é adotada— disse rotundamente a anciã.

Gritei assombrada.

—Não fui adotada!

—Tolices! —disse bruscamente a anciã.

—Embora não sei os comos e os porquês, é uma O'Connor de pés a cabeça.

—Um corno!—exclamei.

—Como se atreve a vir e me dizer que não sei quem sou? Sou MacKayla Lane e nasci no Hospital de Cristo igual a minha irmã e meu pai estava ali na habitação com minha mãe quando nasci e não sou adotada e você não sabe nada sobre mim ou minha família!

—Evidentemente— replicou a anciã—, e você tampouco.

Abri a boca, trocando de opinião, fechei-a e parti dando a volta. Só lhe dava crédito às falsas ilusões da anciã as refutando. Não era adotada e sabia tão certamente quanto a anciã estava louca.

—Onde vai?—exigiu.

—Há coisas que tenho que saber. Quem é, se podemos confiar em você e como, por todo o sagrado, pode pôr as mãos sobre uma de suas Relíquias. Essa noite no bar pensei que era uma Pri—já (cuspiu a palavra como o mais obscuro dos epítetos) pela maneira ida

em que ficou olhando-o. Agora não tenho nem idéia do que é. Tem que vir comigo. Alto aí, O'Connor. Utilizou um tom de voz que, não muito tempo antes, tivesse detido meus passos e me tivesse girado, por respeito aos mais velhos e nada mas, mas já não era essa garota. De fato, não estava muito segura de quem tinha sido realmente, como se a Mac ADC (Antes Da Chamada esse dia na piscina) não tivesse sido de tudo real, só um vazio e bonito amálgama de roupas de moda, música feliz e sonhos brincalhões.

—Deixe de me chamar assim—vaiei sobre meu ombro—, e afaste-se de mim, anciã— Forcei um sprint mas não fui o suficientemente rápida para deixar atrás suas seguintes palavras, e sabia que logo que as dissesse iam roçar me como afiados calhaus em meus sapatos.

—Então pergunta a ela — ressonou o desafio da anciã. —Se esta tão segura de que não é adotada, MacKayla Lane, chama a sua mãe e pergunta.

Capítulo 19

—O que temos na agenda para esta noite?— perguntei ao Barrons no momento em que entrou na livraria. Tinha estado caminhando de um lado a outro junto às janelas ardendo de impaciência, por dentro e por fora, vendo como caía a noite além da iluminada fortaleza.

Suponho que meu tom era algo seco, porque levantou uma sobrancelha e me olhou duramente.

—Algo vai mau, senhorita Lane?

—Não. Não. Estou bem. Só queria saber o que devo esperar esta noite, — disse. — roubar a alguém ao que deixaremos vivo, ou alguém ao que temos que matar.—Soava crispada inclusive a mim, mas só queria saber quão pior pessoa ia ser pela manhã. Cada dia ao me olhar o espelho me fazia mais difícil reconhecer à mulher que me olhasse.

Barrons caminhou para mim ao redor lentamente.

—Está segura de que está bem, senhorita Lane? Parece um pouco tensa.

Girei sobre mim mesma, me enfrentando a ele.

—Estou fenomenal — disse.

Seus olhos se estreitaram.

—Encontrou algo no museu?

—Não.

—Registrou todas as salas?

—Não.

—Por que não?

—Não estava de humor — disse.

—Não estava de humor? — Durante um momento Barrons empalideceu por completo, como se a idéia de que alguém pudesse desobedecer uma de suas ordens só porque não gostasse fora mais inconcebível para ele que a possibilidade de vida humana em Marte.

—Não sou seu cavalo de tiro. —Disse-lhe.—Tenho uma vida, também. Ao menos, estava acostumada a tê-la. Estava acostumada a fazer coisas perfeitamente normais como ficar e sair a comer e ver filmes e passar o tempo com amigos, sem pensar nem uma vez em vampiros, ou monstros, ou gângsters. Assim é que não vá passar sobre mim porque pense que não atuei segundo suas exigências. Eu não lhe planejo os dias, verdade? Inclusive um OOP-detector necessita um descanso de vez em quando. — O olhei desgostada.

—Tem sorte de que lhe ajude, Barrons.

Aproximou-se de mim e não se deteve até que pude sentir o calor de seu enorme corpo. Até que tive que inclinar minha cabeça para trás para lhe olhar e, quando o fiz, fiquei desconcertada por seus brilhantes olhos como a meia-noite, o dourado aveludado de sua pele, a curva sexy de sua boca, com esse carnudo lábio inferior que insinuava voluptuosos apetites carnis, e o superior que sugeria autocontrole e possivelmente um pingo de crueldade, fez-me perguntar como seria...

Whuh. Sacudi a cabeça bruscamente, tratando de me limpar. Depois de meus dois breves encontros com V'lane, sabia que só estar nas imediações de um Morte-por-sexo Fae causava uma ascensão hormonal extrema em uma mulher, que não passava até que se liberava de algum modo. O que V'lane me tinha feito hoje me tinha deixado tão tremenda e glacialmente excitada que tive mais orgasmos do que tivesse acreditado possível e necessitei uma larga ducha gelada para me acalmar. E agora parecia que não tinha sido suficiente, porque ainda sofria os efeitos residuais. Não havia outra maneira de explicar por que estava ali parada me perguntando como seria beijar ao Jericho Barrons.

Felizmente, ele escolheu esse momento para abrir a boca que tinha estado encontrando tão perturbadoramente sexy e começou a falar. Suas palavras restauraram minha perspectiva bruscamente.

—Ainda pensa que pode afastar-se disto, verdade, senhorita Lane? —disse serenamente.

—Pensa que se trata de encontrar um livro, acredita que descobrirá quem matou a sua irmã, mas a verdade é que seu mundo se vai ao inferno e você é uma das poucas pessoas que podem fazer algo a respeito. Se a pessoa ou coisa equivocada coloca suas mãos no Sinsar Dubh, não lamentará a perda de seu precioso e colorido mundo, lamentará o fim de humanidade tal como a conhece. Quanto tempo acredita que durará em um mundo onde alguém como Mallucé, ou o Invisível que colocou seu guarda-costas Rhino-boy por toda a cidade, obtêm o Livro da Escuridão? Quanto tempo pensa você que quererá sobreviver? Isto não se trata de um jogo ou diversão, senhorita Lane. Isto não é nem sequer sobre a vida e a morte. Isto se trata de coisas que são piores que a morte.

—De verdade acredita que não sei?— repliquei. Talvez não tivesse estado falando de tudo o que acabava de mencionar, mas seguro que tinha estado pensando nisso. Sabia que fora havia um quadro maior que o que me tinha estado correndo, em minha esquininha do mundo. Tinha comido batatas fritas com ketchup e tinha observado ao Homem Cinza destruir a uma mulher indefesa e me tinha perguntado todas as noites após quem seria sua próxima vítima. Tinha visto de perto a coisas-com-muitas-bocas e sabia que estava ali fora em alguma parte, alimentando-se de alguém. Tinha-me perguntado – se tivesse podido saltar para frente no tempo um ano ou dois – como seria Dublín então. Não tive nenhuma dúvida de que o território escuro do bairro abandonado se estava expandindo tal como Barrons e eu dissemos, que em alguma parte dali fora outra luz se fundiu, emitindo uma débil piscada final de luz antes de queimar-se, e os Sombras instantaneamente haviam reptado dentro ao redor dele e amanhã, segundo Barrons, a cidade já não recordaria que o bloco alguma vez tivesse existido.

Tais preocupações não estavam só em minha mente quando estava acordada, invadiam meus sonhos. A noite anterior tinha tido um pesadelo na qual tinha estado flutuando sobre um Dublín que era negro como o azeviche exceto por uma solitária e resplandecente fortaleza de quatro plantas em seu centro. À maneira surrealista dos sonhos, estava ao tempo por cima da cidade e abaixo, dentro da loja, olhando a porta principal. Dublín tinha caído de tal forma na escuridão que sabia, que embora tivesse começado a caminhar no mesmo momento em que o sol aparecia pelo horizonte, não

poderia chegar até outro santuário iluminado antes de anoitecer, e que ficaria apanhada no Barrons Livros e Bijuteria para o resto de minha vida.

Despertei pensando em coisas como sonhos proféticos e catástrofes, em lugar de desfrutar de meus habituais agradáveis pensamentos matutinos sobre o que ia comer esse dia e os bonitos vestidos que me poria.

OH sim, sabia que isto se tratava de coisas piores que a morte. Como esperar seguir vivendo depois de que sua irmã seja assassinada. Como ver que tudo o que sabia sobre você mesma e o mundo em geral se converte em uma enorme, grande e gorda mentira. Mas o quadro maior não era meu problema. Tinha vindo a Dublin para encontrar ao assassino da Alina, conseguir justiça como pudesse, logo voltar para casa, e isso era o que pensava fazer. O'Bannion já não era uma ameaça, e talvez fora da vista significava fora da mente para Mallucé. Talvez Barrons pudesse salvar a cidade dos Fae. Talvez a Rainha –se algo do que V'lane havia dito era certo– pudesse encontrar o Livro Escuro inclusive sem minha ajuda, enviasse ao cárcere ao Invisível, e nosso mundo retornaria à normalidade. Talvez depois que me fora, todas as coisas demoníacas que procuravam o Sinsar Dubh se enfrentassem entre eles até morrer. Havia grande quantidade de possibilidades e nenhuma delas tinha que me envolver. Estava farta deste lugar. Queria sair antes de outro fio mais de realidade se desenredasse ao redor de meus ouvidos.

—Então por que esta atitude?— exigiu Barrons,—E por que não terminou com o museu?

—Tive um mau dia, vale?— disse serenamente, embora por dentro me sentia como um vulcão a ponto de estalar de um momento a outro. —Não pode o ter qualquer um, às vezes?

Estudou meu rosto durante um comprido momento, logo se encolheu de ombros.

—Bem. Acabe amanhã.

Pus os olhos em branco.

—E o que vamos fazer esta noite?

Ele me dirigiu um sorriso apenas perceptível.

—Esta noite, senhorita Lane, aprenderá a matar.

Sei o que se estão perguntando. Eu me perguntaria isso também: Chamo a minha mãe?

Não sou nem tão estúpida nem tão insensível. Ela ainda se cambaleava pelo golpe da morte da Alina e eu não estava disposta a feri-la mais.

Calma, tinha que provar que a anciã estava equivocada, por isso depois de sair do museu e parar em uma loja de ferragens a conseguir um montão de lanternas, havia retornado diretamente de volta ao Barrons Livros e Bijuteria, assim poderia chamar o hospital onde tinha nascido e desmentir a ridícula afirmação da anciã.

Uma grande coisa a respeito dos povos pequenos é que as pessoas são mais amáveis que as das grandes cidades. Acredito que é porque sabem que a pessoa ao outro extremo da linha é alguém com quem poderiam encontrar-se no treinamento de futebol de seu

filho na terça-feira, ou a noite da quarta-feira jogando boliche, ou em um dos muitos piqueniques e festivais da igreja do povo.

Depois de que passassem minha chamada uma meia dúzia de vezes e posta em espera algumas outras, finalmente consegui falar com o chefe do Departamento de Registros, Eugenia Patsy Bell, e ela foi tudo quão amável pôde. Conversamos durante alguns momentos durante os quais soube que tinha ido à escola secundária com sua sobrinha, Chandra Bell.

Disse-lhe o que estava procurando, e ela me disse que sim, que guardavam ambos os registros, em papel e eletrônicos, para cada nascimento ocorrido no hospital. Perguntei se podia encontrar o meu e me podia ler isso por telefone. Disse que o sentia muitíssimo, não lhe estava permitido fazer isso, mas que se eu podia lhe facilitar alguns dados pessoais, ela poderia consultá-lo agora mesmo em seu computador, imprimi-lo e me enviar isso com o correio da tarde.

Dei-lhe a direção do Barrons e estava a ponto de pendurar, quando me pediu que esperasse um momento. Permaneci ao outro extremo da linha, escutando-a datilografar no teclado. Pediu-me que reconfirmasse meus dados duas vezes, e o fiz, cada vez com uma crescente sensação de temor. Então ela perguntou se me poderia pôr em espera uma vez mais enquanto ela ia e comprovava os arquivos físicos. Foi uma larga espera, e me alegrei de ter feito a chamada do telefone da livraria.

Logo Eugenia retornou e disse:

—Não é o cúmulo? — que não o podia explicar, porque ela sabia com toda certeza que seus registros estavam completos. Sua base de dados se remontava até o século dezenove e era cuidadosamente posta ao dia só por ela.

E sentia muitíssimo não poder me ajudar, mas ali não havia nenhum registro, eletrônico ou de outra classe, sobre uma tal MacKayla Lane nascida no Cristo Hospital, vinte e dois anos atrás. E não, disse ela quando lhe pressionei, nada vinte e quatro anos atrás para a Alina Lane, tampouco. De fato, não havia registro algum de nenhuma Lane nascida no Cristo Hospital durante os últimos cinquenta anos.

Não pudemos encontrar a um só Invisível.

Caminhamos baixando rua por rua, entramos em um pub atrás de outro, mas não encontramos nada.

Ali estava eu, armada com uma lança aniquiladora Fae e um péssimo humor, só para me ser negada a oportunidade de desafojar destruindo a um dos monstros responsáveis por converter minha vida na desordem que era.

Não é que estivesse completamente segura de que pudesse destruir a um deles. OH, estava bastante segura de que minha cabeça estava no lugar correto. Só que não sabia se meu corpo poderia atuar como se supunha. Estava quase segura de que sentia igual a um tipo deve sentir antes de provar-se a si mesmo em sua primeira briga: perguntar-se se tem o necessário para pôr fora de combate seu adversário, ou se, se humilharia completamente golpeando como uma menina, ou ainda pior, errando o golpe completamente.

—Isso é pelo que a trouxe comigo esta noite,—disse Barrons, quando lhe contei minhas preocupações.

—Preferiria que a chateasse enquanto estou com você, assim posso dirigir a situação, que deixá-la tentar sua primeira matança você sozinha e deixar-se matar em seu lugar.

Não tinha nem idéia de quão proféticas resultariam ser suas palavras.

—Só uma noite de duro trabalho, protegendo seu investimento, huh?— Disse secamente quando saíamos de outro pub repleto unicamente de pessoas, nenhum monstro. Comentários sarcásticos à parte, alegrava-me de que estivesse perto para me salvar se o necessitava. Poderia não confiar no Barrons, mas tinha desenvolvido um saudável respeito para sua habilidade para “dirigir” situações.

—Então, como se supõe que devo fazê-lo?— perguntei.— Há algum truque para isto?

—Só congele-o e apunhale-o, Senhorita Lane. Mas faça-o rápido. Se selecionar a alguma outra parte, não poderei salvá-la.

—Há algum lugar em particular onde deva apunhalá-lo? Assumindo, claro está, que o que for com que tropeçamos acidentalmente tenha o equivalente a partes de um corpo humano. Eram como os vampiros? Era preciso um tiro exato no coração? Falando disso, tinham corações?

—O intestino é sempre um bom lugar.

Baixei o olhar para minha camisa de cor de lavanda e minha curta saia, púrpura, com estampado de flores. A roupa combinava fabulosamente com minha nova imagem mais escura.

—Sangram?

—Alguns. Por assim dizê-lo, senhorita Lane—. Ele me dirigiu um rápido brilho de um sorriso escuro que não era agradável absolutamente, e soube no ato que o que fora que saísse de alguns Invisíveis daria-me muito asco. — Poderia provar a vestir-se de negro a próxima vez. Não obstante, sempre poderíamos regá-la com a mangueira na garagem ao voltar.

Olhei-o carrancuda enquanto entrávamos em nosso décimo quarto pub da noite.

—Nenhum faz simplesmente poof?— Não era o que se supõe que os monstros fazem quando os mata? Desintegrar-se instantaneamente em pó que de repente se dispersa com um oportuno vento?

—Poof, senhorita Lane?

O bar em que tínhamos entrado apresentava uma banda ao vivo essa noite, e estava lotada de gente. Atravessei a multidão, seguindo as largas costas do Barrons.

—Já sabe, desaparecem. Não se precisa perder o tempo fazendo limpeza, ou limpar o mundo de resíduos de cadáveres inexplicáveis.— Esclareci.

Voltou seu olhar para mim, com uma escura sobrancelha levantada.

—De onde tira suas idéias?

Encolhi-me de ombros.

—Livros e filmes. Fere um vampiro, faz poof e desaparece.

—De verdade?— bufou.— A vida raramente é tão conveniente. O mundo verdadeiro é grandemente mais desordenado. —moveu-se para a barra no centro do pub e me disse

por cima do ombro, —E não confie em uma estaca para matar a um vampiro, senhorita Lane. Ficaria muito desiludida. Além de morta.

—Bem, então, como uma pessoa mata a um vampiro?— perguntei a suas costas.

—Boa pergunta.

A típica resposta do Barrons: nenhuma resposta absolutamente. Um dia destes ia encher-lhe de perguntas e não deixaria que se escapulisse, um dia destes, quando não tivesse que me preocupar de tantas outras coisas. Sacudi a cabeça e fixei minha atenção nas pessoas ao redor, registrando rostos, procurando as que pudessem vacilar e mover-se como velas, traíndo ao monstro de seu interior.

Esta vez não ficaria decepcionada. Barrons o viu no mesmo momento que eu.

—Sobre a chaminé — disse baixo.

Entrecerei os olhos e apertei os punhos. OH sim, eu gostaria de matar a este. Poria fim a alguns de meus pesadelos.

—Vejo-o — disse. —O que faço?

—Espere a que saia. Não liberamos nossas batalhas em público. Morto, seu glamour desaparece. A barra inteira veria sua verdadeira forma.

—Bem, talvez que a barra inteira devesse ver sua verdadeira forma— disse.— Talvez deveriam saber o que está acontecendo e o que há fora.

Barrons me olhou.

—Por que? Para que possam temer a coisas contra as que não podem fazer nada para defender-se? Para que possam ter pesadelos a respeito de monstros que não podem ver vir? Os humanos são inúteis nesta batalha.

Pus uma mão sobre minha boca e me concentrei em manter abaixo meu jantar de pipocas de milho de microondas. Sentia como se explorassem de novo em meu estômago e a bolsa estivesse a ponto de arrebentar.

—Não posso ficar aqui olhando,— disse. Não sabia se minha repentina náusea era uma reação ao Invisível, ou à vista de sua vítima.

—Quase terminou, senhorita Lane. Está a ponto de fazê-lo. Em caso de você não possa dizê-lo.

OH, poderia fazê-lo. No momento em que divisei ao Homem Cinza e seu companheiro soube que estava a ponto de fazê-lo. A mulher da que o monstro fraco, de 2,74 cm de alto se alimentava tinha bons ossos. Ossos dignos de uma modelo: a classe que marca a diferença entre um rosto bonito e uma de qualidade de agência. Eu tenho um rosto bonito. Essa mulher uma vez tinha sido extremamente bela.

Agora esses grandes ossos eram tudo o que ficava dela, sob um verniz de carne magra, pálida e abatida. E ainda assim a devastada mulher olhava ao purulento Invisível com adoração nos olhos. Inclusive daqui podia ver a icterícia sanguinolenta em seus olhos, por dúzias de diminutos corpos capilares arrebentados. Não tive nenhuma dúvida que seus dentes tinham sido brancos como pérolas alguma vez, mas agora eram cinzas e tinham uma aparência quebradiça. Uma pequena, asquerosa e purulenta chaga tinha aparecido na comissura de sua boca, e havia outra em sua frente. Quando jogou para trás a cabeça, sorrindo provocativamente para sua destruição— a seus olhos, um maravilhoso homem loiro— duas mechas de seu cabelo caíram, um ao chão, o outro em cima do sapato

de um homem que estava detrás dela. O homem baixou o olhar, viu o farrapo de couro cabeludo e o cabelo em seu sapato, e o chutou fora de seu pé com um estremecimento. Olhou para a vítima do Homem Cinza, agarrou a sua companheira da mão, e a levou a força através da multidão como se fugisse da peste negra.

Apartei o olhar. Não podia olhar.

—Pensei que só as afeavam. Pensei que não se alimentavam delas até que morressem.

—Normalmente não o fazem.

—Está-a matando, Barrons! Temos que detê-lo! —inclusive eu ouvia o tom de histeria em minha voz.

Deu-me a volta tomando pelos ombros e me estremeci. Seu toque me atravessou como relâmpago de calor.

—Serene-se, Senhorita Lane! É muito tarde. Não podemos fazer nada por ela agora. Essa mulher não tem esperança de recuperar-se do que lhe tem feito. Vai morrer. Só é questão de tempo. Esta noite por causa do Homem Cinza, amanhã por sua própria mão, ou dentro de algumas semanas por uma grave doença debilitante que os médicos não poderão identificar ou atalhar de nenhuma forma conhecida para os humanos.

Fiquei olhando-o fixamente.

—Está brincando? Quer dizer que, inclusive se a vítima trata de continuar com sua vida, não importa quão grave possa estar, morrerá de todas formas?

—Se o Homem Cinza chegar tão longe, sim. Normalmente não o faz. Geralmente deixa a suas vítimas vivas porque gosta de voltar às visitar, saborear sua dor durante um tempo. Ocasionalmente, entretanto, encontra uma tão bela que não parece capaz de suportar que ela exista, assim é que a mata no ato. Ao menos nunca terá que ver-se em um espelho, senhorita Lane. Ao menos seu passo pelo inferno será breve.

—Supõe-se que isso é uma vantagem?— chorei. —Que será breve?

—Subestima o valor da brevidade, Senhorita Lane —seus olhos eram gelados, seu sorriso gélido.

—Que idade tem, vinte e um, vinte e dois?

Houve um tinido de um copo ao romper-se, um ruído surdo como de um corpo golpeando o chão, e uma exclamação coletiva detrás de mim. Barrons olhou sobre meu ombro. Seu gélido sorriso se desvaneceu.

—OH Deus! Está morta? —gritou uma mulher.

—Parece como se seu rosto estivesse podre! —exclamou um homem, consternado.

—Agora, senhorita Lane, —ordenou Barrons. — move-se. Dirige-se à porta. Vá atrás dele. Sigo-a.

Tratei de olhar por cima meu ombro. Não sei se quis me assegurar de que a mulher realmente já não sofria, ou se era simplesmente algum instinto humano inato de olhar aos mortos—certamente explicaria nossos velórios, sem mencionar a todos esses curiosos descarados entupindo as estradas ao redor de Atlanta durante os acidentes de tráfico. Mas Barrons apanhou meu queixo com a mão e me obrigou a lhe olhar diretamente aos olhos.

—Não o faça — ladrou.

—Os mortos permanecem em sua lembrança. Só vá matar ao maldito que o fez.

Pareceu-me um bom conselho. Saímos do pub.

Segui ao Homem Cinza e Barrons me seguiu, uma dúzia de passos por detrás. A última vez que tinha visto este Invisível, eu tinha uma juba loira. Duvidei que me reconhecesse com minha nova aparência. Não saberia que eu era uma sidhe-seer ou uma Null, ou que tinha a lança, assim é que decidi que minhas probabilidades de matá-lo eram altas, se podia me aproximar o suficiente.

Aproximá-lo suficiente, não obstante, ia ser um problema. Inumanamente alto, era também inumanamente rápido. Já caminhava a toda velocidade para alcançá-lo. Para apanhá-lo, ia ter que pôr-se a correr. É um pouco difícil aproximar-se às escondidas a um inimigo a todo galope, especialmente com saltos.

—Escapa, senhorita Lane, — grunhiu Barrons detrás de mim.

—Acredita que não sei? — repliquei. Quase para a metade da quadra me pareceu perceber repentinamente seu repelente glamour. Os pedestres se separavam de suas trajetórias, desviando-se, baixando ao meio-fio. Abruptamente, tive uma clara visão dele na calçada, o qual não era bom. Logo que poderia obscurecer algo sem nenhuma camuflagem entre nós. Ia ter que deixá-lo escapar.

Deteve-se, deu a volta, e me olhou diretamente.

Congelei-me. Não tinha nem idéia como soube, mas ele sabia que o conhecia, e eu soube, e não houve forma de dissimular.

—Malditos infernos! — ouvi que Barrons amaldiçoava baixo, seguido de um roce de aço, um sussurro de tecido, e logo silêncio detrás de mim.

Olhamo-nos mutuamente, o Homem Cinza e eu. Então sorriu com essa horrível boca em meio de seu rosto, estreita e magra.

—Vejo-te, sidhe-seer — disse. Sua risada era como o som de baratas correndo sobre folhas secas.

—Vi-te no bar. Como quer morrer? — riu outra vez. — Lento, ou mais lento?

Desejei que me tivesse ocorrido perguntar antes ao Barrons sobre minha suspeita da estranha palavra que a mulher velha tinha usado hoje, era correta. Estava quase segura do contexto em que ela a tinha usado e sabia seu significado, mas só havia uma forma de comprová-lo. Umedeci-me os lábios, baixei o olhar, e rogando estar no certo, disse ofegante.

—Como você queira, senhor. Sou Pri-Já.

O Homem Cinza vaiou, mostrando uns dentes de tubarão em sua boca sem lábios. Sua zombadora diversão se desvaneceu e seus olhos escuros brilharam com um súbito interesse que unia a excitação sexual com o sadismo homicida de um modo que me estremeceu até os ossos.

Mordi-me a língua para não deixar traslucir minha repulsão. Estava no certo. Pri-já queria dizer algo como Fae-drogada ou Fae-prostituta. Pediria ao Barrons uma definição exata quando isto tivesse terminado. Agora mesmo, tinha que me aproximar disso. O Homem Cinza podia ter alguma suspeita sobre mim, mas não sabia que eu era um Null, ou que tinha uma arma capaz de matá-lo.

Não houve nenhum engano no que acreditava que eu lhe oferecia, queria que o pensasse o suficiente para acreditar o trato verdadeiro. Precavi-me de que essa era sua

debilidade, seu calcanhar de Aquiles. Podia monopolizar beleza, poderia emitir um glamour para fazer que inclusive a mulher mais bela o desejasse, mas nunca seria desejado em sua forma verdadeira e isso sabia.

Exceto... talvez... por uma Pri-Já. Uma mulher que fora uma Fae-pendurada, uma Fae-cega, uma puta para algo Visível ou Invisível. Essa devoção doentia seria o mais próximo à atração verdadeira que este monstro poderia conhecer alguma vez.

Esfregou-se suas mãos purulentas e jogou um olhar de soslaio. Ao menos, a diferença da Coisas-com-muitas-bocas, só tinha uma boca com a que olhar de maneira lasciva.

—De joelhos, Pri-Já, — disse.

Perguntei-me por que gostavam aos Fae as mulheres de joelhos. Tinham todos eles fetiches? Pus um sorriso em meus lábios como a que tinha visto no inexpresivamente condescendente rosto da jovem gótica no Mallucé, e me ajoelhei na calçada de pedra fria. Já não podia ouvir o Barrons ou a qualquer na rua detrás de mim. Não tinha nem idéia de onde se foi todo mundo. Parecia que o repelente glamour do Homem Cinza estava ao mesmo tempo com o de V'lane.

A zipper de minha bolsa estava aberta, minhas mãos prontas. Se tão somente pudesse congelá-lo-a metade de tempo que a Coisas-com-muitas-bocas, teria tempo de sobra para matá-lo. Uma vez que se aproximasse, estaria morto.

Pôde ter acontecido desse modo, deveria ter sortido efeito desse modo, mas cometi um grave engano. O que posso dizer? Era minha primeira vez. Minhas expectativas não estavam em linha com a realidade. Tinha caminhado rua abaixo e esperei que voltasse caminhando.

Não o fez.

Peneirou-se de volta.

Agarrou-me, uma garra amarela em meu cabelo, antes que soubesse o que ocorria. Inumanamente forte, levantou-me com força do chão, seu punho cinza puxando de meu couro cabeludo.

Felizmente, meus instintos de sidhe-seer reagiram e coloquei ambas as mãos de um golpe em seu peito quando me levantou no ar.

Infelizmente, congelou-se exatamente assim, com sua mão em meu cabelo, e eu pendurada. Um dado importante: Tenho braços de longitude humana normal. Minha lança estava em minha bolsa. Minha bolsa estava na calçada, algo longe por debaixo de meus pés.

—Barrons— chiei desesperadamente.

—Onde está?

—Incrível— disse uma voz seca por cima de mim.

—De todas as potenciais cenas que tinha visualizado, esta não era uma delas.

Tratei de olhar para cima mas me impediu isso um doloroso puxão e sujeitei minha cabeça com ambas as mãos em lugar disso. Que fazia ele no teto? Além disso, como tinha subido ao teto? Não recordava ter passado nenhuma escada de mão. E não era um edifício de dois andares?

—Apreste-se! Dói-me!—gritei. Sabia que era afortunada de que ele estivesse ali. Se me tivesse metido nesta confusão sozinha, teria tido que me arrancar o cabelo para

escapar, e francamente, não tinha a certeza de que pudesse fazer-se. Tenho o cabelo realmente forte e essa coisa sujeitava um punhado enorme.

— Venha adiante, depressa! Agarre minha bolsa! Não sei quanto tempo permanecerá congelado.

Barrons baixo à calçada diante de mim com um ruído surdo de botas golpeando a pedra, seu comprido abrigo negro ondulando a seu redor.

— Provavelmente deveria havê-lo pensado antes de congelá-lo, senhorita Lane — disse serenamente.

Pendurada como estava, ficava à mesma altura de seus olhos. Transferi meu agarre por meu couro cabeludo ao braço imobilizado do Homem Cinza e usei todas minhas forças para descarregar uma parte do peso a meu cabelo.

— Podemos falar disto depois de que me tenha baixado? — chiei.

Cruzou os braços sobre seu peito.

— Não teria um depois se não estivesse eu aqui para salvá-la. Falamos de onde se equivocou?

Não era uma pergunta, mas tratei de respondê-la de todos os modos.

— Preferiria não fazê-lo agora.

— Um: Foi óbvio que não esperava que peneirasse para você e não se preparou para isso. Sua lança estava no chão a seu lado. Sua bolsa deveria ter estado acima e deveria ter estado pronta para apunhalar ao Homem Cinza através dele.

— De acordo, equivoquei-me. Pode me dar minha bolsa agora?

— Dois: soltou sua arma. Nunca solte sua arma. Não me importa se tiver que vestir roupas folgadas e atá-lo a seu corpo baixo elas. Nunca solte sua arma.

Inclinei a cabeça, embora não realmente. Não podia mover tanto minha cabeça.

— Entendo-o. Entendi-o a primeira vez que o disse. Agora pode me dar minha bolsa?

— Três: não pensou antes de atuar. Sua máxima vantagem em qualquer batalha individual com um Fae é que não sabe que você é um Null. Desgraçadamente, este agora sabe.

Ele recuperou minha bolsa — ao fim — e eu tentei alcançá-lo com ambas as mãos mas ele o segurou fora de meu alcance. Voltei a me agarrar ao braço do Homem Cinza. Tinha uma dor de cabeça o tamanho do Texas. Tratei de lhe chutar, mas se apartou facilmente. Jericho Barrons tinha essa aula de reflexos que só vi antes em atletas profissionais. Ou nos animais.

— Nunca congele a um Fae, senhorita Lane, a menos que esteja absolutamente, cem por cem segura de que pode matá-lo antes que se descongele de novo. Porque este — ele golpeou ligeiramente o rígido casaco do Invisível do qual eu pendurava — é perfeitamente consciente embora esteja gelado, e no mesmo instante em que o descongele vai peneirar fora com você. Você se irá antes inclusive de que seu cérebro possa compreender que se descongelou. Dependendo de onde a leve, já que poderia materializar-se rodeada por dúzias como ele, você estará ali, sua lança estará aqui, e eu não terei nem idéia de por onde começar a procurar.

— OH, pelo amor de Deus, Barrons, — explodi, esperneando grosseiramente no ar, — basta já! Quer calar-se e me dar minha bolsa?

Barrons baixou o olhar até a lança, que aparecia de minha bolsa, e arrancou a bola de papel da letal folha. Então se inclinou para frente e ficou justo frente a meu rosto. Tão de perto podia ver quão verdadeiramente furioso estava comigo. As comissuras de sua boca e os borde das janelas de seu nariz estavam brancos, e seus olhos escuros ardiam de cólera.

—Nunca se separe disto outra vez. Entende-me, senhorita Lane? Você comerá com isto, tomará banho com isto, deitará-se com isto, fodera com isto.

Abri minha boca para lhe dizer que não só atualmente não tinha a alguém com quem fazer esse último, que nunca o chamei assim, e que eu não gostava de chamá-lo assim, quando minha perspectiva trocou bruscamente. Não estou segura de se o Homem Cinza começou a mover-se antes que Barrons o apunhalasse no intestino, ou depois, mas algo úmido me orvalhou repentinamente, e meu cabelo se soltou. Caí de joelhos e de bruço contra a calçada.

O Homem Cinza caiu a meu lado. Instantaneamente retrocedi sobre minhas mãos e meus joelhos. Um corte profundo em seu abdômen exsudou as mesmas coisas verde-cinzentas que me sacudi ao descobrir que estavam também em minha camisa, minha saia, e minhas pernas nuas. O Invisível olhava ao Barrons depois da ponta de lança —a metade envolta no que estava acostumado a ser minha bolsa favorita, e ainda poderia havê-lo sido de não ser pela lama gotejando, seus olhos relampejando com incredulidade, ódio, e fúria.

Embora sua fúria era para o Barrons, meneou a cabeça e as últimas palavras que pronunciou foram para mim.

—O Amo retornou, cadela estúpida, e ele vai fazer te o mesmo que fez à última pequena sidhe-seer. Desejará ter morrido em minhas mãos. Suplicará a morte da mesma forma que ela.

Momentos mais tarde, quando Barrons me devolveu minha bolsa, embora sabia que já estava morto, arranquei a lança e a cravei de novo de todos os modos.

Capítulo 20

No ano desde o dia que agarrei o avião para voar a Dublin, decidida a encontrar o assassino de minha irmã e levá-lo ante a justiça, aprendi que pode descobrir mais do que as pessoas não lhe dizem, que do que lhe dizem.

Não é suficiente escutando suas palavras, tem que extrair de seus silêncios o mineral enterrado. É frequentemente só nas mentiras que negamos dizer que a verdade pode ser escutada por acaso.

Barrons eliminou o corpo do homem cinza essa noite, não perguntei como. Só voltei para a livraria, tomei a ducha mais larga e quente de minha vida e esfreguei meu cabelo três vezes. Sim, tinha a lança comigo na ducha. Tinha aprendido a lição.

Ao dia seguinte, terminei no museu sem incidentes. Sem V'lane, nenhuma anciã e nenhum OOP em todo o lugar. Pela primeira vez desde que me estava ficando na livraria, essa noite Barrons não fez aparição. Adivinhei que devia haver-se escapulado enquanto estava acima, respondendo e-mails em meu computador. Era sábado, por isso pensei que devia ter um encontro e me perguntei onde um homem como ele sairia. Não podia lhe ver seguindo a rotina de filme e jantar. Perguntei-me que tipo de mulher sairia com ele, então recordei a da Casa Branca. Com total aborrecimento, imaginei tendo sexo, mas quando a mulher começou a parecer-se cada vez mais a mim, decidi que havia modos mais sábios e acertados de matar o tempo.

Passei a tarde vendo velhos filmes na pequena televisão que Fiona guardava atrás do balcão da livraria, tratando de não olhar fixamente o telefone, ou pensar muito.

Mas no domingo pela manhã, era uma ruína. Só com muitas perguntas e ninguém com quem falar, fiz o que me tinha jurado que não faria.

Liguei pra casa.

Papai respondeu, como tinha feito sempre que eu chamava da Irlanda.

—Olá.— Disse alegremente, cruzando as pernas e enredando o cabo do telefone em meu dedo. Estava sentada em um sofá cômodo na área de conversação na parte de atrás da livraria.

—Como vai tudo?

Conversamos com pouco entusiasmo por vários minutos do tempo na Georgia e o tempo em Dublin, antes de seguir adiante com a comparação e o contraste da comida entre a Georgia e a comida de Dublin, então se lançou a uma diatribe confusa que uniu teoricamente os climas com precipitações por ano com personalidades severas e, justo quando pensava que certamente tinha acabado com sua fileira de banalidades e podíamos começar uma conversação real, começou com um de seus temas favoritos pelos quais tinha sido conhecido por pontificar durante horas: O sempre flutuante preço da gasolina na América e o rol que estava jogando o presidente em nossos infortúnios econômicos atuais.

Quase me pus a chorar.

A isto é ao que tínhamos chegado, uma conversação artificial entre estranhos? Por 22 anos este homem tinha sido minha rocha, que beijava meu joelho raspado, meu treinador

na Liga Infantil, meu colega no entusiasmo pelos carros esportivos, meu professor e embora soubesse que não tinha sido a filha mais ambiciosa, esperava que me contasse sobre seus orgulhos e alegrias. Ele tinha perdido uma filha e eu uma irmã, Não podíamos nos consolar um ao outro de algum modo?

Movi nervosa o cabo do telefone, esperando a mudança, mas não o fez, e finalmente, não pude esperar mas. Não ia chegar a nenhum lugar com ele.

— Papai, posso falar com mamãe? — Interrompi-lhe.

Obtive sua resposta enlatada. Estava dormindo e não queria incomodá-la porque poucas vezes fazia algo exceto dar voltas na cama, apesar de toda a medicação que tomava, e o doutor havia dito que só o tempo e o descanso podia ajudá-la a curar-se, e queria a sua esposa de volta e não queria eu a minha mãe? Por isso ambos devíamos deixá-la descansar.

— Preciso falar com mamãe. — Insisti.

Não houve nenhuma concessão de sua parte. Penso que obtive minha obstinação dele. Ambos cravamos nossos calcanhares e jogamos raízes se tratarem de nos empurrar.

— Há algo mal com ela que não me esta contando? — Perguntei.

Suspirou, era tal um som triste e profundamente cansado que de repente soube que se lhe via nesse momento, pareceria como se tivesse envelhecido dez anos nas duas semanas desde que lhe deixei.

— Esta um pouco distraída pela pena, Mac. Culpa-se do que aconteceu com Alina e não se pode raciocinar com ela sobre isso. — Disse.

— Como poderia culpar-se da morte da Alina? — Exclamei.

— Porque a deixou ir a Irlanda em primeiro lugar. — Disse cansadamente, e podia dizer que esta era uma conversa que tinha tido com ela uma dúzia de vezes mas não tinha feito nenhum progresso. Talvez consegui minha obstinação de ambos os lados. Mamãe se entrincheira, também.

— Isto é ridículo. É como dizer que se dito tomar um táxi a algum lugar e o táxi tem um acidente, fora minha culpa. É minha eleição tomar o táxi. Não podiam saber que algo iria mau e tampouco podia Mamãe.

— A não ser que alguém nos avisasse em primeiro lugar. — Disse com uma voz tão baixa que estive perto de não percebê-lo e então não estive segura de lhe haver ouvido bem.

— Huh? — Disse. — O que disse? Disse-te alguém que não deixasse Alina ir a Irlanda? OH, Papai, a gente esta sempre cheia de prognósticos nefastos! Todo mundo é um profeta em retrospectiva. Não pode escutá-los! — Embora eu goste de Ashford, temos nossa parte de fofoqueiros, e poderia ver algum dos habitantes menos amáveis e fofoqueiros da cidade fofocando no supermercado, e não silenciosamente quando meus pais passavam. Dizendo coisas sarcásticas como, Bem, que esperavam, mandando a sua filha a quatro mil milhas de distância sozinha, de todos os modos?

No exato momento papai disse:

— Que tipo de pais deixam que sua filha se vá a quatro mil milhas de casa sozinha?

— Todo tipo de pais deixam a seus filhos estudar no estrangeiro. — Protestei. — Não podem culpar a si mesmos.

—E agora te foste, também. Volta para casa, Mac. Você não gosta daqui? Não estava bem? Sempre pensamos que você e sua irmã eram felizes aqui. — Disse.

—Fomos! — exclamei. —Era-o! Então Alina foi assassinada!

Houve um pesado silêncio que passei a maior parte desejando ter mantido minha boca grande e gorda fechada, então disse.

—Deixa-o ir, Mac. Só segue adiante. Deixa-o ir.

—O que? —Estava pasmada. Como podia dizer isso? — Quer dizer, volta para casa e deixa ao monstro que fez isto a Alina escape? O que continue andando por aí para matar à filha de alguém mais depois?

— Não dou uma gloriosa merda pela filha de alguém!

Estremeci-me. Em toda minha vida, nunca tinha escutado um palavrão de meu pai. Se alguma vez o fez, fez-o em privado ou pelo baixo.

—Preocupo-me com o que é meu. Alina esta morta. Você não. Sua mãe te necessita. Eu te necessito. Suba a um avião. Recolhe agora mesmo e volta para casa, Mac!

Jurei, prolonguei-o em mil caminhos diferentes em minha cabeça, de uma acumulação de várias frases, até uma explicação de cinco minutos e a desculpa pela que estive a ponto de perguntar, mas nenhuma saiu. Abri minha boca, permaneceu aberta, e simplesmente consegui respirar no telefone enquanto pensava em todas as coisas que podia ou devia dizer, incluindo somente me calar e nunca perguntar.

Estava no sexto grau quando aprendi sobre coisas como olhos marrons e olhos azuis, sobre os gens dominantes e os recessivos e que tipo de pais fazem que tipo de bebês e então fui a casa essa noite para olhar atentamente a minha mãe e a meu pai. Não disse nada porque Alina tinha os olhos verdes igual aos meus, por isso eramos obviamente família, e sempre tinha tido tendências de avestruz. Se posso colocar a cabeça o bastante fundo sob a areia de modo que não possa ver qualquer que me esteja olhando fixamente, com o que ele tampouco pode ver-me, e não importa quanto trate a gente de discuti-lo, percepção é realidade. É o que escolhe acreditar o que faz de você a pessoa que é. Faz onze anos, escolhi ser uma filha feliz em uma família feliz. Escolhi encaixar, pertencer, me sentir a salvo e manter inclusive minhas profundas raízes sulinas fortes e orgulhosas. Escolhi acreditar que a teoria de DNA estava equivocada. Escolhi acreditar que os professores nem sempre sabiam do que estavam falando e os cientistas nunca poderiam entender tudo o que tivesse que entender sobre as complexidades da psicologia humana. Nunca discuti isto com ninguém. Nunca o fiz. Sabia o que pensava e isso era suficiente. Logo que escapei com um D nos requerimentos de ciências do instituto e após nunca tome outro curso de biologia.

—Papai, sou adotada? — Disse.

Houve uma suave explosão de ar ao outro lado da linha, como se alguém tivesse golpeado ao Jack Lane no estômago com um taco de baseball.

Diga que não, Papai, diga que não, Papai, diga que não.

O silêncio se prolongou.

Mantive meus olhos fechados contra o calor das lágrimas.

—Por favor, diga algo.

Houve outro silêncio comprido e terrível, interrompido por um suspiro profundo até os ossos.

—Mac não posso abandonar a sua mãe agora mesmo. Não pode estar sozinha. Esta muito delicada e instável. Depois que foi a Dublin, ela... bem, ela somente... se sentiu apartada. A melhor coisa que pode fazer agora mesmo por todos nós é voltar para casa. Agora. Esta noite. — Fez uma pausa, então disse cuidadosamente, — Bebê, é nossa filha de qualquer forma.

—Realmente? — Minha voz era de certo modo gritã. — Como um pássaro? Sou sua filha dessa maneira também, Papai? — Abri os olhos mas não enfoquei corretamente.

—Para, Mac! Não sei de onde saiu isto! O que está fazendo expondo algo como isto, agora? Volta para casa!

—Não importa de onde saiu. Importa aonde vai. Diga-me que Alina e eu não fomos adotadas, Papai. — insisti. — Diga isso Diga-o! Só diga essas palavras e podemos terminar esta conversação. É tudo o que precisa dizer. Alina e eu não fomos adotadas. Diga-o. A menos que não possa.

Houve outro desses silêncios horríveis, horríveis. Então disse.

—Mac, bebe, quero-lhe. Volta para casa. — Seu profundo tom de barítono pelo geral forte se rompeu na última palavra. Esclareceu se a garganta e quando voltou a falar usou sua voz controlada de advogado de imposto que transmitia anos de experiência unido com a segurança total de que podia confiar nele para saber que era o melhor. Tranqüilo, seguro, poderoso, apoiado por 1,90 de segurança em si mesmo, um homem sulino forte, que usou para me chavecar.

—Olhe, vou reservar te um vôo no momento em que penduremos, Mac. Vá fazendo as malas agora mesmo e vá ao aeroporto. Não quero que faça ou pense sobre nada. Não pague. Farei-me cargo de qualquer dívida que possa ter por telefone. Ouve-me? Vou voltar a te chamar e te dizer em que vôo esta. Empacota e vem. Ouve-me?

Olhei ao exterior pela janela. Estava começando a chover. Aí estava: a mentira da que se negava a falar, se não tivéssemos sido adotadas, Papai me haveria dito isso sem nenhuma vacilação. Rido e dito: É obvio que não fostes adotadas, tola. E ambos pensaríamos que era divertido que pudesse ser tão estúpida. Mas não o havia dito, porque não podia.

—Deus, Papai, Quem sou? — Foi meu turno para que minha voz se rompesse.

—Minha filha. — Disse ferozmente por telefone. — Essa é quem é! A bebê de Raine e Jack Lane!

Mas não o era, realmente. Não por nascimento. E ambos sabíamos. E adivinho que uma parte de mim o tinha intuido faz muito.

1. As fadas existem.
2. Os vampiros são reais.
3. Um gângster e 15 de seus cupinchas estavam mortos por mim.
4. Sou adotada.

Olhei para baixo ao diário que logo estaria cheio, ignorando o chapinho das lágrimas que estavam fazendo que a tinta corresse na página.

Das quatro coisas que tinha enumerado, só uma tinha o poder de me aniquilar. Podia entender qualquer raridade, me reordenar com qualquer realidade, exceto com uma.

Sou adotada.

Podia tratar com fadas e vampiros e podia viver com sangue nas mãos, enquanto que pudesse me levantar e dizer orgulhosa, —Sou MacKayla Lane, já sabe, do Frye-Lane de Ashford, Georgia E sigo a mesma receita genética que todos os outros em minha família. Temos bolo amarelo com uma capa doce de chocolate, todos nós, dos avós até o menor. Encaixo com eles. Pertencço a algum lugar.

Não tem nem idéia de quão importante é, quão profundamente tranqüilizador, até que o perde. Toda minha vida, até este momento, tive uma manta quente e protetora me agasalhando, uma malha de tios e tias, punhados de primeiros primos, segundos e terceiros, atados com avós e avôs.

Aquela manta acabava de cair de meus ombros. Sentia-me fria, perdida e sozinha.

O'Connor, chamou-me a anciã. Havia dito que tinha sua pele e seus olhos. Tinha mencionado um nome, um nome estranho: Patrã. Era uma O'Connor? Tinha parentes em algum lugar da Irlanda? Por que não ficou comigo? Por que Alina e eu tínhamos sido entregues? Onde nos tinham conseguido Mamãe e Papai? Quando? E como tinha obtido que todas minhas tias, tios e avós faladores, matraqueiros e fofoqueiros mantiveram um silêncio conspirador? Nenhum deles tinha tido um deslize. Que idade teríamos tido quando fomos adotadas? Eu logo que devia ter nascido porque não tenho lembranças de nenhuma outra vida, tampouco Alina nunca o tinha mencionado. Já que era dois anos mais velha que eu, era lógico que tivesse sido primeira com memória anacrônica. Ou suas lembranças de outra vida e outro lugar simplesmente se turvaram com nossa nova vida e se combinou sem coisas com o tempo?

Era adotada. O pensamento me tinha girando, em um tornado, e ainda isso não era o pior de tudo.

A parte que realmente mordida, a parte que tinha seus dentes sobre mim e não me deixava ir, era que a única pessoa que me constava que tinha sido família estava morta. Minha irmã. Alina. Meu único parente de sangue no mundo e se foi.

Estava assolada com um pensamento horrível: Tinha-o sabido?Tinha averiguado que fomos adotadas e não me disse isso? Era uma das coisas que tinha querido dizer com, Há tantas coisas que teria que haver dito?

Tinha estado aqui em Dublin, como eu agora mesmo, sentindo-se confusa e desconectada?

—OH Deus!— disse, e as lágrimas se converteram em grandes soluços estremeecedores e fortes. Chorava por mim, por minha irmã, pelas coisas que nunca pude começar a pôr em palavras e nunca poderia ser capaz de explicar. Mas se sentia algo como isto: estava acostumada a caminhar sobre meus pés. Agora tudo o que sabia fazer era engatinhar. E não estava segura de quanto ia levar me levantar sobre meus joelhos e

recuperar meu equilíbrio, mas suspeitei que quando o fizesse, nunca caminharia da mesma forma outra vez.

Não sei quanto tempo me sentei e chorei, mas finalmente minha cabeça estava pulsando tão forte para chorar mais.

Disse-lhes ao princípio desta história que o corpo da Alina tinha aparecido a umas milhas longe Da Casa Clarim, no beco cheio de lixo no lado oposto do rio Liffey. Sabia exatamente onde porque tinha visto as fotos da cena do crime, e que antes de abandonar a Irlanda terminaria nesse beco, lhe dizendo adeus.

Arrastei-me fora do sofá, fui a minha habitação emprestada, coloquei dinheiro e meu passaporte no bolso de meus jeans então nada interferiria com uma rápida extração do conteúdo de minha bolsa, atire-o sobre meu ombro, dando um puxão à boina de beisebol sobre meus olhos, me incrustando uns óculos de sol e fui fora para fazer gestos a um táxi.

Era hora de ir ao beco. Mas não ia para dizer adeus a não ser para dizer olá a uma irmã que nunca tinha conhecido e nunca conheceria. A Alina que era minha verdadeira família, quão única tinha sido temperada na forja de Dublin, quem tinha aprendido duras lições e feito eleições difíceis. Se, depois de todos seus meses aqui, tivesse tropeçado com a metade do que eu tinha, entenderia porque tinha feito tudo o que fez.

Recordei que Mamãe e Papai tinham tratado de visitar a Alina em duas ocasiões. Ambas as vezes, ela se tinha negado. A primeira vez havia dito que estava doente depois dos exames. A segunda vez tinha usado uma ronda de castigo de exames como desculpa. Nenhuma vez me convidou a voar, e a única vez que falei de tratar de economizar o dinheiro, imediatamente me havia dito que não o esbanjasse nisso, mas que o gastasse em roupa bonita, música nova e sair a dançar por ela, uma coisa que estávamos acostumadas a adorar fazer juntas, enquanto estudava e antes de que soubesse estaria em casa.

Agora entendo o que aquelas palavras deviam lhe haver custado.

Sabendo o que estava espreitando ali e deslizando-se pelas ruas de Dublin, tivesse permitido a alguém que queria vir aqui e sofrer?

Nunca, tivesse mentido mais que um dentista para mantê-los afastados.

Se tivesse tido uma irmãzinha que era meu único parente de sangue, a salvo em casa, haveria-lhe dito algo disto e me arriscar a arrastá-la nisso? Não, faria exatamente o que Alina fez: proteger a de meu fôlego moribundo. Mantê-la feliz e inteira todo o tempo que pudesse.

Sempre tinha respeitado a minha irmã, mas agora tinha uma nova apreciação completa dela. Arranca-rabo a isso, precisava estar em algum lugar que soubesse no que tinha estado. Algum lugar impresso por ela e seu apartamento não era adequado. Além do aroma de pêssegos e o perfume Beautiful, nunca tinha tido uma presença forte dela aqui, como se não passasse muito tempo nele, exceto quando falava comigo ou dormia. Não tinha tido um sentimento real dela no campus, tampouco, mas podia pensar em um lugar que sabia que a sentiria intensamente.

Precisava ir onde tinha estado correndo pela terra, quatro horas depois de que me chamasse. Precisava fazer frente à dor horrível estando no mesmo ponto do pavimento de paralelepípedos onde minha irmã respirou pela última vez e seus olhos se fecharam para sempre.

Morbido, talvez, mas perde a uma irmã, averigua que é adotada e olhe o que se sente forçado a fazer. Não me acuse de ser morbida quando sou simplesmente o produto de uma cultura que enterra os ossos dos que amam em jardins bonitos com flores arrumadas, assim podem mantê-los perto e ir falar com eles sempre que tiver problemas ou esteja deprimido. Isso é morbido. Por não mencionar estranho. Os cães enterram ossos, também.

Vejo linhas de demarcação onde quer que gire agora. O rio Liffey é uma delas, dividindo a cidade, não simplesmente norte e sul, mas também socialmente e economicamente.

O sul era o lado no que me tinha estado ficando, com o distrito do bar da Têmpera, Trinity College, o museu nacional e a casa Leincester para nomear várias das muitas atrações, e é geralmente considerado o lado influente: rico, esnobe e liberal.

O lado norte tem a rua O'Connell com suas finas estátuas e monumentos, o mercado da rua Moore, a catedral da Santa Maria, a casa dos costumes que tinham vistas a Liffey, e é geralmente conhecido por ser o lar da classe operária: industrial, trabalhadora e pobre.

Assim como encontrasse muitos limites de divisão, não são absolutos. Há bolsos do lado oposto em cada lado do rio: riqueza e moda no norte, pobreza e decadência no sul, entretanto, ninguém expõe que o sentimento total do lado sul é diferente que do lado norte e vice-versa. É difícil de explicar a alguém que não passou tempo na borda do rio, escutando a conversação e olhando o passeio.

O táxi que me levo a lado norte não parecia realmente feliz de me deixar na rua Allen, mas lhe dei uma gorjeta notável e partiu. Tinha visto muitas coisas realmente arrepiantes ultimamente para que uma vizinhança abandonada tivesse muito impacto sobre mim, ao menos não neste dia, de todos os modos.

O beco sem saída no que o corpo da Alina tinha sido encontrado não tinha nome, estava pavimentado de maneira antiga, com pedras que o tempo e o clima tinham levantado, rachado e atirado a várias boas centenas de jardas atrás na estrada. As lixeiras estavam apertadas contra uma parede de tijolos sem janelas de um edifício de amparo oficial à direita e um armazém atado à esquerda. Velhos jornais, caixas de cartão, garrafas de cerveja e escombros sujavam o beco. O ambiente era similar ao da vizinhança abandonada. Não tinha intenção de permanecer na área o suficiente para averiguar se as luzes ainda funcionavam.

Papai não sabia que tinha visto as fotos da cena do crime que tinha metido debaixo da pasta azul e prata que continha o plano financeiro no que estava trabalhando para a senhora Myrna Taylor — Hollingsworth. De fato, não tinha nem idéia de como os tinha conseguido. Tinha a impressão de que a polícia normalmente não dispensava essas coisas aos pais loucos de pena, não especialmente com disparos tão gráficos e espantosos.

Identificar seu corpo tinha sido bastante mau. Tinha encontrado essas fotos o dia antes de partir a Irlanda, quando tinha entrado no escritório para roubar umas canetas.

Agora, enquanto caminhava até o final do beco, estava vendo as fotos sobrepostas na cena. Estava tombada justo aqui, a minha direita, a uma dúzia de passos da parede de tijolos de 3 metros que cortava o beco e tinha abortado sua corrida. Não queria saber se as partes das unhas se romperam nesses tijolos em uma tentativa frenética de escalar a face escarpada e escapar do que a tivesse estado perseguindo, por isso olhei longe, abaixo ao

ponto onde tinha morrido. Tinham-na encontrado desabada de costas contra a parede de tijolos. Economizarei-lhes os detalhes que desejaria não ter conhecido.

Conduzida por alguma horrível escuridão dentro de mim, caí sobre os paralelepípedos sujos e na posição exata em que minha irmã tinha sido encontrada. A diferença das fotos, não havia sangue salpicando as pedras e a parede de tijolos. A chuva tinha lavado todos os sinais de sua luta semanas antes. Aqui tinha tomado seu último fôlego. Aqui todas as esperanças e sonhos de Alina Lane tinham morrido.

—Deus! Sinto tanta sua falta, Alina! —Senti cada parte tão frágil como soou, e mais uma vez as lágrimas vieram. Jurei-me que seria a última vez que chorava. E o seria, por algum tempo.

Não sei quanto tempo estive sentada antes de notar a bolsa de cosméticos que mamãe tinha dado a Alina no Natal, meio coveira sob o lixo. Idêntica a uma que abandonei no Mallucé, a pequena bolsa dourada e acolchoada tinha sido imperfeitamente maltratada, branqueada pelo sol e empapada pela chuva. Empurrei velhos jornais agarrei-a e a embalei entre minhas mãos.

Sei o que estas pensando. Eu também pensei, que certamente haveria uma pista nela. Que Alina tinha metido alguma inteligente redução de seu diário inteiro ou algum pequeno chip informático sofisticado que tivesse a informação que precisava saber, e milagrosamente a polícia o tinha passado por cima e a sorte me tinha levado a este beco no momento justo para encontrá-lo.

A vida raramente é tão conveniente, como Barrons estava acostumado a dizer. Todos assistimos muitas filmes, diria eu.

Não havia nada dentro da maltratada bolsa exceto os artigos que Mamãe escolheu para nós, menos a lixa de unhas de brilhante metal. Nada no forro, nada metido na caixa de pó ou o lápis de lábios. Sei, porque virtualmente rasguei tudo procurando.

Não quis lhes curvar com meus pensamentos da Alina enquanto me sentei ali, ou a pena do que fiz. Se tiverem perdido a alguém, então sabe que tipos de coisas passam por sua cabeça e não necessitam nenhum aviso meu. Se não tiverem perdido a ninguém, bem, espero que passe uma pequena eternidade antes que perca.

Disse adeus e olá, e quando me levantava para ir, meu olho captou um brilho prateado de metal perto de meus pés. Era a ponta da lixa de unhas de Alina, fortemente raiada e dentada. Incline-me e apartei o lixo para recuperá-la, me negando a deixar uma parte dela detrás, e aspirei um fôlego agudo de incredulidade.

Tinha-me consolado com a esperança de que Alina tivesse morrido rapidamente. Que não tivesse estado naquele beco sozinha, sangrando até a morte durante muito tempo. Mas não podia ter morrido muito rápido, porque tinha usado sua lixa para escavar algo na pedra.

Ajoelhei-me no pavimento e apartei a sujeira, logo o pó e a imundície.

Estava de uma vez decepcionada e agradecida de que não tivesse escrito mais. Decepcionada porque necessitava alguma ajuda considerável aqui. Agradecida porque significava que tinha morrido em uns minutos, não em horas.

1247 LaRuhe, Jr era tudo o que dizia.

Capítulo 21

—O inspetor O’duffy, por favor— disse vivamente. Tinha agarrado o telefone logo que tinha deixado Livros e Quinquilharias Barrons e tinha chamado por telefone da Estação da Guarda da rua Pearse.

—Sim, sim posso esperar. —Tamborilei meus dedos impacientemente na caixa do balcão na estação da Fiona enquanto esperava que o oficial de guarda no outro lado da linha transferisse minha chamada ao detetive que tinha levado o caso da Alina.

Tinha outra pista para ele e esta estava gravada em pedra: 1247 LaRuhe. Ia com ele quando fosse comprovar, e se não me deixava, então só o seguiria. Certamente com todo o movimento sigiloso nas sombras que tinha estado fazendo ultimamente, tinha adquirido uma medida de sigilo.

—Sim, senhorita Lane? —O detetive soou apressado quando atendeu, então lhe explique rapidamente onde tinha ido e que tinha encontrado.

—Estivemos sobre isso— disse quando falei.

—Quem esteve sobre que? — Perguntei.

—A direção— disse.

—Primeiro, não há nada que prove que o escreveu ela. Qualquer pôde haver...

—Inspetor, Alina me chamava Júnior— lhe interrompi. —E sua lixa de unhas estava justo ali na cena, dentada e marcada de escavar na pedra. Inclusive sem saber o do Jr, estou surpreendida de que ninguém de sua gente o encontrasse e atasse cabos. — Não mencionei a bolsa de cosméticos. Não tinham examinado a cena depois de tudo?

—Vimos a direção, senhorita Lane, mas quando fomos avisados do corpo, a cena tinha sido poluída por espectadores. Se esteve ali, viu quanto lixo tem o beco. Com muita dificuldade podíamos catalogar tudo no pavimento. Não tínhamos forma de saber se algo na zona tinha como origem sua bolsa.

—Bem, não pensou que era algo curioso que houvesse uma direção gravada na pedra junto a seu corpo? — Exigi.

—É obvio que sim.

—Então? Localizou-o? Foi ali? — Perguntei impacientemente.

—Não pude, senhorita Lane. Não existe. Não há o 1247 da LaRune em Dublin. Nenhuma avenida, rua, alameda ou atalho. Nem sequer um beco com esse nome.

Mordi o interior de meu lábio, pensando.

—Bem, talvez esteja fora de Dublin. Talvez esta em outra cidade próxima.

—Tentamos isso também. Fomos incapazes de encontrar semelhante direção, em qualquer lugar da Irlanda. Inclusive tentamos as variações na ortografia desde o Laroux até um pouco tão simples como A Rue. Nenhum 1247 em nenhuma parte.

—Bem, talvez esta em... Londres ou algo. — Insisti — Comprovaram outras cidades?

O inspetor O’Duffy suspiro profundamente e podia imaginá-lo ao outro lado da linha, sacudindo a cabeça.

—Em quantos países acredita que deveríamos procurar, senhorita Lane? — Perguntou.

Tomei ar e o soltei lentamente, mordendo minha língua para não dizer: Quantos necessitem a fim de encontrar o assassino de minha irmã, não me importa se forem mil.

Quando não respondi, disse.

—Enviamos seu caso a INTERPOL. Se tivessem encontrado algo, nos teriam notificado a estas alturas. Sinto muito, mas não há nada mais que possamos fazer.

Armada com a lança e a lanterna, apressei-me descendo pelas escuras ruas até a loja de presentes da cafeteria no distrito do Bar Tempere que oferecia uma ampla seleção de mapas, estendendo-se desde os primeiros planos maravilhosamente laminados de Dublin até guias detalhados da Irlanda, o equivalente dos livros de mapas de estrada de Rand McNally. Comprei um de cada, acrescentando a Inglaterra e Escócia no caso, logo voltei para meu dormitório emprestado e, enquanto a noite caía totalmente, sentei-me com as pernas cruzadas na cama e comecei a procurar. A polícia de um país estrangeiro não podia estar a metade de motivada que uma irmã faminta de vingança.

Era quase meia-noite quando me detive, e só porque cinco horas de entortar os olhos ante a letra pequena tinha convertido as pontadas de minha anterior dor de cabeça em um completo ataque a meu crânio com pequenos martelos pneumáticos. Tinha encontrado muitas variações do LaRuhe, mas nenhum 1247, ou 1347 ou inclusive 1427, ou qualquer outro número que parecesse o suficientemente próximo que Alina poderia haver-se equivocado, não é que acreditasse que o fizesse. Gravou uma mensagem com seu último fôlego e não podia vê-la equivocando-se. Havia algo aqui, algo que me escapava.

Massageei minhas têmporas com cuidado. As dores de cabeça não eram comuns para mim, mas quando tinha uma, geralmente era assassina e me deixava esgotada pelo resto do dia. Dobrei os mapas e os empilhei no chão ao lado de minha cama. Barrons poderia sabê-lo, pensei. Barrons parecia saber tudo. Perguntaria-lhe amanhã. Agora mesmo precisava estirar as pernas e tratar de dormir algo.

Levantei-me, me estirando com cautela, então caminhe para a janela, apartei a cortina e olhei fora a noite.

Esta era Dublin, muito coberta. Abaixo nessas ruas estava um mundo que nunca tinha imaginado.

Havia escuridão na vizinhança abandonada, perguntei-me se até estaria olhando por esta janela dentro de um mês.

—Deus, espero que não! —E se fosse assim, teria se estendido a escuridão?

Ali estavam colocados três dos quatro carros do séquio de O'Bannion. Alguém tinha tomado o Maybach e fechado as portas aos outros. Os dezesseis montões de roupa estavam ainda ali. Realmente ia ter que fazer algo com eles. Para alguém que o entendesse, era o mesmo que olhar pela janela a dezesseis cadáveres.

Estavam as Sombras, esses pequenos bastardos mortais, deslocando-se descendo no beco no bordo da zona escura, provando o perímetro como se se zangassem com o Barrons por mantê-los a raía com sua barreira tóxica de luz.

Ofeguei.

E aí estava o mesmo homem, andando pela vizinhança abandonada, movendo-se da segurança de seus refletores à completa escuridão.

E não tinha uma lanterna!

Levantei a mão para golpear o cristal. Não sei em que estava pensando, suponho que conseguir atrair sua atenção e chamá-lo para que voltasse antes que fizesse algo estúpido.

Então fiz uma pausa, meus nódulos a um centímetro do cristal.

Barrons era de tudo exceto estúpido. Não fazia nada sem uma razão.

Alto, escuro e cheio de graça como uma pantera da meia-noite, vestia completamente de preto sob seu comprido abrigo negro, e enquanto caminhava, captei o brilho do aço em suas botas. Então, embora estivesse fora, sem luz que o refletisse, era uma sombra luminosa nas sombras.

Nunca deve, senhorita Lane, entrar jamais na vizinhança abandonada de noite — Havia dito.

Okay, então por que estava ele aí? O que estava passando? Sacudi minha cabeça e o paguei imediatamente, quando caíram pequenos martelos pneumáticos, corrigindo-se a seguir e renovando o ataque com vigor: rat — a — tat— tat — TAT —TAT! Agarrei meu crânio e olhei fixamente para baixo perplexa.

Os Sombras não prestaram ao Barrons o mais leve pingão de atenção. De fato, se fosse uma mulher dada à fantasia, haveria dito que as escuridões oleosas em realidade se retiravam para trás quando Jericho Barrons passava.

Tinha visto as cascas que as Sombras deixavam. Tinha visto a evidência de seu voraz apetite. A única coisa a que temiam era a luz. Matam com rapidez vampírica, havia-me dito Barrons. Tinha-o escrito em meu diário, apreciando a frase.

Vi-lhe internar-se profundamente na abandonada vizinhança, negro sobre negro, até que ele e a noite se converteram em um. Olhei em branco abaixo ao beco durante muito tempo depois de que se foi, tratando de dar sentido ao que acabava de ver.

Em realidade só havia duas possibilidades nas que pudesse pensar: Barrons mentia sobre os Sombras, ou tinha alcançado algum tipo de pacto com os Fae chupa — vida.

Onde quer que estivesse, finalmente tinha minha resposta se podia ou não confiar nele.

Este seria um grande, grande NÃO.

Quando finalmente me apartei, lavei-me os dentes, passei-lhes o fio dental, lavei-me o rosto, hidratei-me, passei-lhe uma escova ao cabelo, pus minha camisa de dormir favorita e as calças fazendo jogo, e me coloquei debaixo da colcha, não estava segura de muito, mas sabia isto: Não ia perguntar ao Barrons nada a respeito das direções amanhã.

Levantei-me a manhã seguinte com a resposta queimando em meu cérebro.

Faz anos, em um livro que li, o autor tinha postulado que a mente humana não era muito diferente a um computador, e que uma das funções principais do sonho era desconectar para realizar tarefas de manutenção, tais como adicionar novos arquivos de programa, realizar cópias de segurança, desfragmentar e mandar arquivos sem importância ao cesto de papéis de reciclagem para poder começar em zero ao dia seguinte.

Enquanto dormia, meu subconsciente tinha prestado atenção ao lixo de minha consciência, dados ou detritos decisivos, enviando-o em consequência, me permitindo ver o que teria visto muito antes se não me tivesse cegado pelo caos interior. Tivesse-me dado

uma palmada na frente se não tivesse estado no delicado estado de acabar de me repor de uma dor de cabeça. Saltei da cama, não precisei acender a luz, dormi com cada uma delas acesa, e o faria os anos posteriores. E recolhi mapa detrás mapa, examinando a data dos direitos de autor. Cada um era atual, como qualquer bom mapa de turistas era, compilando a informação completa do ano passado.

Mas Barrons me disse que a cidade tinha “esquecido” a existência de uma seção inteira, a vizinhança abandonada. Aquele que não reclamaria a polícia, cujas autoridades cidadãos sustentariam que semelhantes direções não existiriam. Queria isto dizer que havia ruas em Dublin que ninguém recordava? E se fosse assim, sumido do mapa”, por dizê-lo de algum jeito?

Se examinasse outro mapa, digamos, um de cinco anos atrás, apareceria Dublin conservado em um mapa laminado e gravado em relevo com trevos idêntico a um dos que tinha agora? Ou se teriam perdido partes?

Poderia ser que a resposta que tinha estado procurando tivesse estado me encarando todo o tempo do outro lado de minha janela?

—Bingo! — Apunhalei o mapa com a ponta fúcsia de minha caneta favorita — Aqui está!

Acabava de encontrar a rua LaRuhe e, como suspeitava, estava no profundo da vizinhança abandonada.

A noite anterior, quando tinha necessitado um mapa, tinha ido como um autômato ao primeiro lugar no que recordava ver uma exposição importante. Não me ocorreu que Barrons teria algum na livraria. Acima no terceiro andar encontrei uma grande coleção de atlas e mapas, recolhi uma dúzia ou assim, e os baixe até meu sofá favorito para começar a busca outra vez.

O que tinha descoberto me surpreendeu e me horrorizou. A Zona Escura que confinava com o Barrons não era a única parte de Dublin que faltava. Havia outras duas zonas, que tinham existido nos mapas nos anos anteriores e que não existiam em nenhum deles agora. Eram extremamente pequenas, e nos subúrbios, mas não havia duvida em minha mente de que eram zonas que se infestaram também de Sombras.

Como um câncer os Invisíveis chupadores de vida se estendiam. Não podia começar a supor se quer como tinham saído desde essas zonas rurais próximas, mas então tampouco poderia se quer supor como chegaram à cidade. Possivelmente alguém os tinha transportado de um lugar ao seguinte, sem saber, como baratas em uma caixa de carta. Ou possivelmente... tive um terrível pensamento... Qual era a base da trégua de Barrons com os parasitas? Levo-os a novas terras de alimentação em troca de um passe livre? Eram o suficientemente sensíveis para fazer e manter entendimentos? Onde iam os Sombras durante o dia? Que lugares escuros encontravam? Como de pequenos podiam ser em repouso se não tinha uma substância real? Poderia uma centena deles viajar em uma caixa de correio? Sacudi a cabeça. Não podia considerar o horror dos Sombras estendendo-se justo agora. Alina me tinha deixado uma pista. Finalmente tinha conseguido tropeçar com isso, e tudo no que podia pensar era em encontrar o que fosse que ela tinha querido que encontrasse.

Pus os mapas laminados da cidade na mesa frente a mim, lado a lado, e os olhei por um comprido momento. O mapa à direita era atual, o de minha esquerda tinha sido distribuído sete anos antes.

No mapa atual, a rua Collins era uma das bloqueadas e corria exatamente paralela à rua Larkspur. No mapa de sete anos, havia dezoito blocos de cidade entre estas duas ruas.

Sacudi a cabeça, encolhi-me de ombros e soprei, tudo ao mesmo tempo, uma expressão explosiva de como de completamente assobiada estava. Isto era horrível. Sabia alguém? Seria somente Barrons e eu (e só Deus sabia o que realmente sabia Barrons, certamente eu não), os únicos dois com alguma pista de que tais coisas estavam passando?

A verdade é, que seu mundo esta indo ao inferno em uma piscada — havia dito Barrons. Recordando suas palavras, captei algo nelas que me tinha perdido antes. Havia dito “seu” mundo, não “nosso” mundo. O meu. Não era também seu mundo?

Como sempre, tinha um milhão de perguntas, não confiava em ninguém e sem nenhum lugar para onde ir a não ser para frente. Para trás estava o caminho que me bloqueava agora.

Arranquei uma página de meu diário, só havia quatro páginas em branco mas, coloquei-as sobre o mapa laminado e risquei meu caminho, bloco por bloco, rabisquei os nomes das ruas. O mapa em si mesmo era muito volumoso para levar. Necessitava minhas mãos livres. LaRuhe era o final de um caminho em ziguezague, aproximadamente quatorze blocos na zona escura, a rua em si mesma era somente dois bloco de comprida, um desses pequenos becos que conectava duas ruas principais perto de várias intercessões de cinco pontos.

Em retrospectiva, ainda estou pasmada de ter entrado na vizinhança abandonada sozinha esse dia. É um milagre que sobrevivesse. Não sei em que estava pensando. A maior parte do tempo, enquanto recordo as coisas e vos conto minha história, sou capaz de lhes dar uma idéia do que estava em minha cabeça nesse tempo. Mas este é um desses dias que, embora as meias horas levassem os detalhes permanentes e extremamente selados de uma marca ardente em minha cabeça, começam com um pouco de névoa e terminam com algo pior.

Talvez pensasse que era mais cedo no dia, As Sombras eram só uma ameaça de noite e tinha minha lança, então estava a salvo. Talvez estivesse intumescida de tantas surpresas que não sentia o medo que deveria ter tido.

Talvez, depois de tudo o que tinha perdido recentemente, não me preocupava. Barrons me tinha chamado senhorita arco-íris a noite que tínhamos roubado ao Mallucé. Apesar de seu tom depreciativo, tinha gostado do apelido. Mas os arco-íris necessitam a luz do sol para existir, e não tinha havido muito disso em meu mundo ultimamente.

Independentemente da razão, levantei-me, tomei banho, escolhi meu equipamento com cuidado, reuni minha lança e as lanternas, e fui encontrar o 1247 do LaRuhe, por mim mesma.

Era quase meio-dia e escutei o ronrono silencioso do sedan de luxo de Fiona aproximando-se detrás de mim enquanto entrava no que todos os sidhe-seer um dia chamariam como eu já tinha batizado, e não muito longínquo, começaria a revelar-se em cidades dispersas por todo mundo: a Zona Escura.

Não olhei atrás.

Capítulo 22

Pensar que por volta de só duas semanas desde esse dia que me tinha perdido nas ruas misteriosas e desertas da vizinhança abandonada, pareceu-me outra vida.

Provavelmente porque o era.

A Mac que a duas semans tinha sido expulsa de um pub por uma velhinha, esse dia tinha usado um conjunto assassino de linho rosa, calças capri, baixos de cintura e boca de sino, uma camiseta ajustada de seda rosa, suas sandálias chapeadas favoritas e acessórios chapeados a jogo. Tinha um bonito cabelo comprido, loiro recolhido em um rabo de cavalo alto que lhe acariciava a metade das costas com a elasticidade de cada jovem passo.

A Mac de agora tinha o cabelo negro nos ombros: o melhor para esconder-se desses monstros que caçaram a Mac versão 1.0. Esta Mac vestia jeans negros e camiseta negra: o melhor para ser potencialmente sangrada sobre eles. As unhas dos pés pintadas de rosa Iceberry foram escondidas com tênis: os melhores para correr por sua vida. Seu morbido vestuário estava rematado com uma jaqueta negra muito grande que tinha pego de um cabide em frente da porta enquanto partia: o melhor para esconder o comprido da lança metida na cintura dos jeans, com a ponta envolta em uma bola, o único complemento neste conjunto cuidadosamente escolhido.

Levava lanternas nos bolsos de trás e mais preenchendo meu casaco.

A maneira de andar era enérgica, ricocheteava muito belamente no ar. A Mac 2.0 avançava a pernadas com determinação e centrada em seus passos que estavam firmemente arraigados no chão.

Esta vez, enquanto me movia profundamente Na Zona Escura, compreendi o que havia sentido a primeira vez: a mescla de náuseas, medo e esse nervosismo, o impulso intenso que tinha de correr. Meus sentidos de shide-seer tinham estado afiados no momento que tinha cruzado a rua Larkspur e sem ser consciente comecei a atravessar a seção de dezoito blocos perdidos entre esta rua e a rua Collins. Apesar de que os Sombras se retiravam durante o dia e fossem a algum lugar completamente escuro, seu santuário escuro tinha que estar aqui em alguma parte deste esquecido lugar. Em todo meu redor podia sentir a presença dos Invisíveis, como fiz esse dia, mesmo não sabendo o que eram ou entendendo que estava em meio de tudo isso.

Esta vez, havia algo mais. Estava disposta a apostar o pequeno mapa que tinha desenhado que poderia ser desnecessário. Algo me puxava em uma direção no sudeste, tanto me atraindo como me repelindo. O sentimento me fez pensar em um pesadelo que uma vez tinha tido e que tinha deixado uma impressão indelével em minha memória.

Em meu sonho, estava em um cemitério a noite, com chuva. A umas poucas tumbas do sepulcro onde estava, estava minha própria tumba. Em realidade não a tinha visto. Só sabia que estava ali com o tipo de conhecimento irrefutável dos sonhos. Parte de mim queria fugir, para escapar da erva, as pedras escorregadias pela chuva e os ossos, tão rápido como pudesse e nunca olhar atrás, como se simplesmente contemplar minha própria tumba pudesse selar meu destino. Mas outra parte de mim tinha sabido que nunca teria outro momento de paz em minha vida se tinha medo de caminhar até ali e olhar

minha própria lápide, olhar meu próprio nome e ler em voz alta a data em que tinha morrido.

Tinha-me despertado antes que tivesse que escolher.

Não era o bastante idiota para pensar que ia despertar deste.

Ignorando firmemente as cascas de humanos desidratados flutuando como as plantas rodadoras para baixo pela rua deserta e cheia de névoa, deixei o mapa que tinha desenhado no bolso esquerdo de meu jeans, e me entreguei à escura melodia de meu flautista pessoal. Vi a vizinhança abandonada um pouco diferente esta vez enquanto caminhava.

Como um cemitério.

Recordei a queixa do Inspetor O'Duffy a primeira vez que me encontrei com ele: houve uma recente ascensão de homicídios e pessoas desaparecidas como nunca tínhamos visto antes. É como se a metade da maldita cidade se tornou louca.

Nem de perto a metade em minha conta, embora bem podia imaginar sua consternação pelos cadáveres como o que o Homem Cinza tinha deixado no pub a outra noite, mas aqui estavam as pessoas desaparecidas de O'Duffy.

Todos ao meu redor. Estava passando por elas, bloco detrás bloco.

Fora havia carros abandonados, em montões ordenados. Estavam dispersos acima e abaixo pelas calçadas, meio coveiros sob o lixo que nunca seria recolhido de novo porque estas ruas não apareciam em nenhum dos mapas que usavam os empregados da cidade.

Embora um varredor consciencioso ou caminhão de lixo pudesse olhar ocasionalmente enquanto passava e diria, "Caramba, que confusão há ali," não havia dúvida de que seguiria rapidamente por um: "não é minha rota, não é meu problema."

O perigo da Zona Escura era este: embora estas ruas e avenidas não aparecessem em nenhum mapa, não havia nada que impedisse às pessoas conduzir por elas, ou caminhar, justo como fiz eu em meu primeiro dia em Dublin. Tão perto do Distrito Tempere Bar, havia muito tráfico a pé, e tinha visto por mim mesma como muito desse tráfico eram turistas muito bêbados e cheios de diversão para notar a mudança radical do ambiente até que era muito tarde. Um carro podia ter uma oportunidade decente de passar de noite, com as luzes dianteiras e as luzes interiores acesas, enquanto que o condutor não parasse e saísse por alguma razão, para dar o gosto de urinar, mas não tomaria essa aposta para mim mesma.

Notei outra coisa que tinha evitado durante a primeira vez que passei: Aqui não havia animais. Nem um gato guia de ruas, nenhum rato com olhos redondos e brilhantes, nenhuma doce pomba. Isto realmente era uma zona morta. E aquelas pequenas cascas agora também tinham sentido para mim.

Os Sombras comiam tudo.

—Exceto ao Barrons — balbuciei, mais profundamente de causar pena por isso do que eu gostaria de admitir. A outra noite quando nos tínhamos encarregado do Homem Cinza, havia sentido um vínculo com meu enigmático mentor. Tínhamos sido uma equipe. Tínhamos liberado a cidade de um monstro. Talvez tivesse sido torpe em meu primeiro intento, mas o resultado final tinha sido bom, e o faria melhor a próxima vez. Tinha-me congelado, ele o tinha apunhalado. Não seria roubada a beleza e juventude a mais

mulheres. Ninguém mais morreria por essa morte horrível. Tinha sido um bom sentimento. E adivinho que no mais profundo de minha mente tinha estado pensando que quando finalmente averiguasse que ou quem tinha matado a Alina, Barrons me ajudaria a ir detrás disso.

Não tinha ilusões de que a polícia ou um tribunal de justiça seria capaz de me ajudar em minha busca de justiça. Não tinha dúvida que seu assassino seria algo que só Barrons, eu e outros shide-seers poderiam ver, e só conhecia outro shide-seer. Não só pensava que a anciã seria de muita pouca ajuda para fazer cair a um Invisível ou a dez, não queria sua ajuda. Não queria vê-la outra vez. Sabia que o dito “matar ao mensageiro” era apenas justo, mas os ditos se fazem ditos porque ressonam. Essa mulher eu gostei tanto como sua mensagem.

Sacudi minha cabeça e voltei os pensamentos para minha irmã. 2247 LaRuhe, Jr., Alina tinha escrito aquilo com seu último fôlego. Ela tinha querido que viesse aqui a encontrar algo. Esperava que fosse seu diário, embora não podia imaginar por que o tinha escondido na vizinhança abandonada. Duvidava que fosse o misteriosamente mortal Sinsa Dubh, porque, embora sentisse as típicas náuseas induzidas pelos Fae, as quais a propósito, estava encontrando mais fácil de controlar, não estava sofrendo nenhuma náusea assassina que as simples fotocópias do livro tinham provocado. Tudo o que estava captando era o que estava me empurrando em direção sudeste era o sentido de um perigo sobrenatural, mas era apagado, como se o que me esperava estivesse... bom... inativo.

Suspirando, caminhei pela névoa.

1247 LaRuhe não era o que tinha esperado depois de tudo.

Esperava um armazém ou um desses edifícios da vizinhança desmanteladas que tinha visto, substituindo residências na área quando a indústria se instalou e tomou o controle.

O que obtive era uma casa alta e revestida com tijolo de fantasia, com uma fachada de calcário ornamentada, um impacto no meio da vizinhança sobre um bloco de fábricas comerciais e armazéns.

O proprietário obviamente se negou a vender, mantendo-se a si mesmo ou sua implacável postura contra a transição e decadência da vizinhança, levou-a até o final. A residência parecia tão desconjurada aqui como o Bloomingdale no centro de um complexo de moradias de amparo oficial.

Havia três árvores esqueléticas no grande jardim brumoso, com uma cerca de ferro forjado e sem folhas, nem pássaros nos ramos e estava disposta a apostar que se cavava em suas bases, nem um verme na terra. Os jardins abalçoados eram estéreis e a fonte de pedra da grande entrada arqueada fazia tempo que se secou.

Isto era desolador.

Levantei a vista a elegante residência com cautela. Seu verniz de civilização e riqueza foi minado bruscamente pelo que tinham feito a muitas das altas janelas com batente.

Todas tinham sido pintadas de negro.

E tinha o arrepiante pressentimento de que algo pressionava contra aqueles olhos negros, me olhando.

—Agora o que, Alina? — sussurrei.—Como se supõe que entro ali? — O que não queria para nada.

Não esperava uma resposta e não obtive nenhuma. Se os anjos realmente nos cuidavam como algumas pessoas crêem, o meu era surdo-mudo. Tinha sido uma pergunta puramente retórica, de todas as formas.

Não havia forma de que pudesse dar as costas a este lugar. Alina me tinha mandado a este lugar e ia entrar, embora fosse a última coisa que fizesse. Ocorreu-me que realmente poderia ser a última coisa que fizesse.

Não me incomodei em ser cautelosa. Se alguém ou algo me tinha visto, era muito tarde para isso agora. Endireitando os ombros, suspirei, passei pelo caminho de pedestres no curvo e pálido pavimento, subi as escadas e golpeei a pesada aldaba contra a porta.

Nenhuma resposta. Uns poucos minutos depois o fiz de novo, então tentei com a porta. O proprietário não se preocupava no concernente à segurança, estava aberta e dava para um vestíbulo. Chãos de mármore branco e negro reluziam sob um lustre brilhante. Além de uma ornamentada mesa redonda com um enorme floreiro com flores chamativas de seda, uma elegante escada de caracol se curvava contra a parede, adornada com uma formosa balaustrada.

Dei um passo dentro. Embora o exterior estivesse deteriorado pelo tempo e necessitasse coisas como canelone e reparar o teto, o interior estava mobiliado estilo Luis XIV, com cadeiras luxuosas e jogos de sofá contra colunas e pilastras palaciais, mesas cobertas de mármore luxuosamente esculpidas, e formosos adornos de luz em ouro e âmbar. Não duvidava que o mobiliário do dormitório fosse ornamentado e enorme ao verdadeiro estilo do Rei Sol. Enormes espelhos de marco dourado e pinturas com cenas mitológicas vagamente familiares adornando as paredes.

Depois de escutar por uns minutos, comecei a me mover pela casa fracamente iluminada, em uma mão uma lanterna, a outra sobre a lança, tratando de obter uma imagem mental de seu habitante. Quantas mais habitações via, menos entendia. Tinha visto tanta fealdade em minha curta estadia em Dublin que tinha esperado mais do mesmo, especialmente aqui, nestes páramos desolados, mas o ocupante parecia ser uma pessoa rica, cultivada de gostos sofisticados e me dava uma palmada mental, era aqui onde tinha vivido o namorado de Alina? Tinha-me mandado diretamente à direção de seu assassino?

Dez minutos mais tarde encontrei a resposta, na habitação do andar superior, além de uma cama enorme, em um guarda-roupa espaçoso cheio da roupa mais fina da que inclusive Barrons levava. Quem quer que fora o proprietário, comprava só o melhor. Penso que o mais ridículo é comprar o produto pelo que paga quantidades insanas para te assegurar de que ninguém no mundo pudesse levá-lo também.

Arrojado sem o menor cuidado no chão, ao lado de uma coleção de botas e sapatos que teria calçado a um exército de modelos da Armani, encontrei a Agenda Franklin da Alina, seus álbuns de fotos, e dois amarrados de fotografias que tinham sido reveladas em um daqueles centros fotográficos em uma hora no Distrito Tempere Bar. Coloquei a agenda e os álbuns dentro de minha volumosa jaqueta, mas mantive os amarrados de plástico com fotos em minha mão.

Depois de um olhar rápido mais cuidadoso ao redor do armário e do resto do dormitório, para estar segura de que não passava por cima nada dela, apressei-me a baixar as escadas para estar mais perto de uma via de escape se por acaso necessitava uma.

Então me sentei ao final da escada, sob o lustre incrustado de ouro e cristal e abri o primeiro amarrado de fotos.

Dizem que vale mais uma imagem que mil palavras.

Estas certamente o eram.

Finalmente o admitirei: depois de escutar a descrição do namorado da Alina, maior, mundano, atrativo, não irlandês, tinha tido um pensamento absolutamente paranóico.

Estava seguindo os passos da Alina, exatamente? Inclusive até o homem que a traiu? Tinha estado minha irmã apaixonada pelo Jericho Barrons? Seria meu misterioso anfitrião e presumido protetor o que a tinha matado?

Quando tinha entrado neste lugar antes, uma parte de mim tinha pensado, Ah, então é aqui aonde veio a outra noite. Esta é sua verdadeira casa, não a livraria, e realmente é um Fae Escuro e por alguma razão não podia escolher sobre isso mais que do que Alina poderia. Como poderia eu? Certamente explicaria aqueles estranhos brilhos de atração que tinha sentido por ele em um par de ocasiões, se houvesse um Fae-morte-por-sexo em algum lugar sob toda aquela autoridade dominante. Talvez fosse um Fae que pudesse escondê-lo de algum modo. Talvez tivesse talismãs ou feitiços para ocultar sua verdadeira natureza. Tinha visto muitas coisas inexplicáveis ultimamente para considerar algo além da possibilidade.

Vinha duvidando uma e outra vez sobre a questão: um dia pensava que não havia maneira de que Barrons fora um, ao seguinte estava perto de me convencer de que tinha que sê-lo.

Agora estava segura. O namorado da Alina não era definitivamente Jericho Barrons.

Acabava de dar uma viagem fotográfica através de uma parte da vida de minha irmã que nunca pensei que veria, começando com o primeiro dia em que chegou a Irlanda, fotos dela no Trinití, em algumas rindo com seus companheiros em pubs, e ainda mais dela dançando com grupos de amigos. Parecia feliz aqui. Tinha-as olhado devagar, amorosamente, passando o dedo pelo rubor em suas bochechas, riscando a linha lustrosa de seu comprido cabelo loiro, alternativamente rindo ou tratando de não chorar enquanto jogava um olhar a um mundo que nunca esperei ver, da Alina viva nesta cidade divertida e cheia de monstros. Deus, sentia falta dela! Vê-la assim era uma patada no estômago! As olhando, sentia sua presença tão forte que era quase como se estivesse justo ao meu lado me dizendo, Quero-te, Jr. Estou aqui contigo. Pode fazê-lo. Sei que pode.

Então as fotos trocaram aproximadamente quatro meses depois de que chegasse a Dublin, de acordo com as datas nas fotos. No segundo amarrado de fotos havia dúzias da Alina sozinha, tomadas dentro e ao redor da cidade, e era óbvio pelo modo em que estava olhando à pessoa detrás da câmara que estava profundamente apaixonada. Por muito que me doesse admiti-lo, o homem detrás da lente tinha tirado as fotografias mais formosas de minha irmã que jamais tinha visto.

Quer acreditar em preto e branco, bom e mau, heróis que são verdadeiramente heróicos, e vilões que eram simplesmente maus, mas no ano passado aprendi que as coisas

raramente são tão simples. Os bons meninos podem fazer algumas coisas realmente horríveis, e os meninos maus podem às vezes surpreender ao inferno por você.

Este menino mau tinha visto e capturado o melhor em minha irmã. Não só sua beleza, mas também a luz interior que a definia.

Justo antes que a tivesse apagado.

Encontrei impossível entender que ninguém me tivesse podido descrever isso. Ele e minha irmã deviam ter girado cabeças ao longo da cidade, ainda ninguém tinha sido capaz de me dizer de que cor era seu cabelo.

Era cobre brilhante, rajado com ouro, e lhe caía até a cintura. Agora, Como podia as pessoas não recordar isso? Era mais alto que Barrons e junto com sua roupa cara estava o tipo de corpo de homem que só se conseguia levantando pesos e com uma auto-disciplina intensa. Parecia estar ao redor dos 30, mas facilmente podia ser mais jovem ou mais velho, havia uma carência de tempo com respeito a ele. Sua pele estava bronzeada em ouro e suave. Apesar de que estava sorrindo, seus estranhos olhos cobre mantinham a arrogância e o direito da aristocracia. Agora entendo por que tinha mobiliado sua casa com a opulência extravagante do Rei Sol que tinha construído o palácio de Versalles, isto lhe encaixava como uma luva. Não teria estado de tudo surpreendida de me inteirar que era o rei de um desses países estrangeiros dos que pouca gente alguma vez tinha ouvido. A única coisa que danificava sua perfeição era uma grande cicatriz que percorria sua bochecha esquerda, da maçã do rosto até a esquina de sua boca, e não o danificava de tudo. Só o fazia mais intrigante.

Havia muitas fotos deles juntos que tinham sido tiradas obviamente por alguém mais, apesar de ninguém ter sido capaz de descrever-lhe à polícia, ou lhes dizer seu nome.

Aqui, davam-se as mãos e sorriam. Ali estavam comprando. Aqui estavam dançando em cima de uma mesa no Distrito Tempere Bar.

Ali estavam beijando-se.

Quanto mais olhava as fotografias, mais duro era ver este homem como a um vilão. Ela parecia tão feliz com ele e ele parecia igual de feliz com ela.

Sacudi a cabeça bruscamente. Ela teria pensado o mesmo, também. Tinha acreditado nele até o dia que me tinha chamado e me deixou uma mensagem frenética: Pensei que me estava ajudando, disse ela, mas, Deus, não posso acreditar que fosse tão estúpida! Pensei que estava apaixonado por mim e é um deles, Mac, É um deles!

Um de quem? Um Invisível que de algum modo podia fazer-se passar por humano, enganando inclusive a uma sidhe –seer? Perguntei-me outra vez se tal coisa era possível. Se não era um Invisível, que era, e por que se aliaria com os monstros? O homem claramente era um consumado ator para ter enganado a Alina. Mas o tinha descoberto ao final. Teria tido suspeitas e o teria seguido até aqui? Até esta casa na Zona Escura, Localizada em meio de onde meus sentidos me davam toda aula de advertências sobre um perigo sobrenatural?

Falando de perigo sobrenatural, tinha estado tão absorta pela investigação da direção que Alina me tinha dado, depois me tinha distraído com as fotos, que não me tinha dado conta de que o que me tinha empurrado nesta direção incluso não estava na casa. Estava fora retornando.

E se fazia mais forte.

De maneira mais forte. Como se tivesse despertado.

Devolvi as fotos a seus envelopes, meti-os no bolso interior de minha jaqueta, e me levantei. Enquanto me apressava pelo primeiro andar da casa outra vez, procurando uma saída por detrás, dava-me conta que havia algo realmente mau com os espelhos das paredes. Tão mal, de fato, que depois de olhar nos primeiros poucos, deixei de olhar e aumentei meu passo bruscamente. Aqueles cristais surrealistas eram meu primeiro contato com o verdadeiro “outro lado” dos Fae. Embora alguns Visíveis e Invisíveis caminham e falam como o fazemos nós, não somos da mesma espécie.

Encontrei uma porta traseira, saí, e me dirigi a direita à porta da plataforma rajada em aço a meia altura de um armazém que se situava na parte de atrás do beco a uns quinze metros detrás da LaRuhe 1247. O que estivesse puxando de mim estava ali.

Devia ter estado louca aquele dia é tudo o que posso imaginar. Embora me movesse com cautela e me mantivesse ao lado da entrada, entrei diretamente. A temperatura caiu a chumbo no momento que cruzei a soleira e entrei no interior escuro. O edifício pôde facilmente ter armazenado vários campos de futebol. Era um velho centro de distribuição, com um sistema de estantes a uns bons nove metros a minha esquerda e a minha direita e um corredor central entre elas, suficientemente largo para conduzir dois caminhões de entrega de lado a lado. O comprido corredor estava sujo, plataformas envoltas em plástico empilhadas de três até quase cinco metros de altura que ainda não tinham sido descarregadas e transferidas às estantes. As lascas e o concreto marcado estavam pulverizados pelos montões de caixas de madeira desordenadas e empilhadas que pareciam como se tivessem sido abandonadas no meio do trabalho. Mais abaixo pelo comprido corredor, pude ver uma luz austera e pesada e escutar vozes.

Movi-me para a luz, baixando de um montão de empilhadeira até uma caixa, me abrindo passo cautelosamente, atraída por um instinto que não podia entender nem rechaçar. Quanto mais perto estava, o frio crescia. Quando alcancei a terceira fila de estantes começando pelo final entre eu e o que estava diante, tremia e via o ar de meu fôlego cristalizar-se em gelo no ar.

Desde a segunda até a última estante, o metal da empilhadeira depois da que me escondi estava dolorosamente gelado ao tato.

Na última fila de estantes, estava tão enjoada que tive que me sentar e permanecer ali por um momento. Tudo o que ficava entre onde estava e o que estava diante eram montões e montões de plataformas em uma fila desorganizada que parecia como se os tivessem empurrado para trás para limpar uma grande área de chão. Além desses montões, podia ver as partes superiores do que pareciam pedras enormes. A densa luz que pressionava a penumbra onde me agachei não era natural. Era uma luz pesada, de algum modo escura, e nenhum dos objetos sobre os que brilhava projetava uma sombra.

Não tenho nem idéia de quanto tempo me levou manter o controle sobre meu estômago enjoado. Poderiam ter sido cinco minutos, poderia ter sido meia hora, mas finalmente fui capaz de me levantar de novo e continuar. Me ocorreu que possivelmente não deveria continuar, deveria “correr como o demônio” como Barrons me tinha

aconselhado e não olhar atrás, mas estava aquela parte de completo “puxão” de tira e afrouxa que continuava. Tinha que ver o que havia ali. Tinha que saber. Tinha chegado muito longe para voltar agora.

Olhei atentamente ao redor da esquina do montão de plataformas, e me joguei atrás violentamente.

Movi-me até o chão com as pernas que eram instáveis outra vez, uma mão pressionava contra meu coração pulsando forte, desejando ferventemente não ter saído de minha cama esta manhã.

Depois de umas respirações profundas e cuidadosas, inclinei-me para frente e olhei de novo. Acredito que esperava que me tivesse imaginado isso.

Não o fiz.

Embora tivesse visto fotos nas guias e nos postais, teria esperado encontrar este tipo de coisas no meio do pasto de um agricultor, não na parte de trás de um armazém industrial no coração de um distrito comercial, em meio da cidade. Tinha a impressão de que eram de tamanho moderado. Este era enorme. Tratei de imaginar como haviam o trazido aqui, então recordei que não estava tratando com os métodos de locomoção humanos. Com os Fae, tudo era possível.

Surgindo detrás de perto de cem Rhyno-Boys e outros variados Invisíveis, que não projetavam sombras na estranha luz opressiva que se derramava sobre eles, estava o dólmen. Duas pedras muito altas se levantavam muito perto dos sete metros e meio, e uma larga laje Lisa de pedra situada no alto, formando uma porta dos antigos megalitos.

Ao redor da porta, havia símbolos e runas cinzeladas no chão de concreto. Um brilho carmesim, outras pulsavam na horripilante cor azul furta-cor da pedra que tinha roubado ao Mallucé. Uma figura com uma túnica vermelha estava de cara ao dólmen, com um capuz profundo que ocultava seu rosto.

Um vento ártico tão frio que me fez mal nos pulmões voou através das pedras, esfriando mais que minha carne, o vento escuro mordeu minha alma com dentes agudos e gelados e de repente soube que se o suportava por muito tempo, começaria a esquecer lentamente cada esperança e sonho que tinha esquentado alguma vez meu coração.

Mas não foi o vento queima almas ou os Rhyno-Boys ou inclusive a figura com a túnica vermelha a que os cães guardiães estavam dirigindo-se como “Lorde Master” o que me fez me encolher nas sombras.

Foi o fato de a grande porta de pedra estivesse aberta. E através dela emanace multidões de Invisíveis.

Capítulo 23

Não te aborrecerei com detalhes dos monstros que atravessaram o portal esse dia. Barrons e eu os analisaríamos mais tarde e tentaríamos identificar suas castas, e de todos os modos, conhecerá a maioria deles em breve.

Basta dizer que havia centenas deles, altos e baixos, com asas e com casco, gordos e ossudos, todos bastante horríveis e, enquanto entravam se iam repartindo, dez aproximadamente para cada Rhino-boy. Conforme deduzi, aos cães guardiães dos Invisíveis lhes tinha atribuído a tarefa de aclimá-los para seus novos cargos no mundo.

Meu mundo.

Encolhi-me detrás da pilha de mantas, observando, muito aterrorizada para me mover. Finalmente, o último entrou. Com mais cânticos e o tamborilar contínuo de um cetro negro e dourado sobre alguns símbolos brilhantes, o Lorde Master —que estava vestido de vermelho— fechou o portal. Os símbolos se voltaram negros e o vento frio cessou. A luz no armazém brilhou, voltando-se mais clara de algum modo, e os Invisíveis começaram a projetar sombras de novo. A sensibilidade voltou para meu rosto e meus dedos congelados, e os sonhos a meu coração.

—Têm suas instruções,— disse Lorde Master, e me perguntei como uma coisa tão malvada podia ter uma voz tão bela.

Fazendo uma reverência como se o fizessem ante um deus, os Rhino-boys começaram a conduzir a seus recém chegados irmãos para o corredor. Um variado grupo de uns trinta monstros permaneceu junto ao Lorde Master.

Esmaguei-me contra a pilha de mantas enquanto cada um de quão novos tinham chegado passavam a uns quatro metros de mim, acompanhados por seus 'treinadores'. Foram alguns dos minutos mais horrorosos de minha vida. Tinha uma vista próxima e pessoal de coisas que nunca sequer nos aproximamos de criar em nossos mais horripilantes filmes de terror.

Depois de que o último deles partiu, reptando, batendo as asas ou arrastando-se pelo comprido corredor e saída do edifício, caí para trás contra as mantas, fechei os olhos, e os mantive fechados.

Assim que isto era o que Alina tinha querido que soubesse. Que atrás do 1247 do LaRuhe havia uma porta ao inferno, e aqui Lorde Master estava trazendo seus serventes escuros desde sua anteriormente ineludível prisão Invisível e deixando-os soltos em nosso mundo.

Vale, agora sabia.

O que se supunha que tinha que fazer a respeito? Alina me tinha superestimado seriamente se pensava que podia, ou faria algo a respeito deste problema. Não era meu problema. Meu problema era encontrar ao bastardo que a tinha traído e levá-lo ante a justiça. Se era humano, o deixaria aos tribunais. Se era um Invisível disfarçado de humano morreria com a ponta de minha lança. Isso era tudo o que me preocupava.

Temos que encontrar o Sinsar Dubh, havia dito Alina. Tudo depende disso.

O que dependia disso? Tinha tido uma desagradável sensação de que a resposta a essa pergunta era uma daquelas coisas do Destino-do-mundo. Eu não me ocupava das coisas do Destino-do-mundo. Essa não era a descrição de meu trabalho. Eu sirvo cerveja e aperitivos, passo o pano ao balcão e limpo copos e depois do trabalho, varro.

Tinha querido Alina que encontrasse o Livro Escuro porque em algum lugar de suas perigosas e encriptadas páginas estava o modo de vencer ao Lorde Master e destruir seu portal Invisível? Por que deveria me preocupar? Estava em Dublin, não na Georgia! Era um problema da Irlanda. Eles podiam dirigir seus próprios problemas. Além disso, inclusive se conseguia obter o impossível e encontrar o estúpido Livro Escuro, Como se supunha que o traduziria? Barrons tinha duas das pedras necessárias, mas não tinha nenhuma pista de em qual equipe estava jogando. Tampouco tinha nem idéia de onde estava as outras duas pedras, como as encontrar, ou como as usar, caso que alguma vez conseguisse pôr minhas mãos nelas.

O que tinha esperado Alina que fizesse? Que me compromettesse a permanecer em Dublin indefinidamente, procurando essas coisas mágicas e vivendo com medo constante? Consagrar minha vida a esta causa? Ser capaz de morrer por ela?

Era uma maldita ordem impossível para uma garçonete de Fast Food. Teria soprado se não tivesse estado no incômodo limite de me mijar de medo nas calças durante a passada meia hora.

Ela morreu por isso.

Apertei a mandíbula e fechei os olhos ainda mais forte.

Nunca tinha estado à altura da Alina, e nunca o estaria. Não tinha nenhuma vontades de abrir os olhos. Devia haver algo mais do que ela pensou que deveria ser responsável, pensei rancorosamente. Ia sair daqui. Ia pôr tanta distância como fora possível entre mim mesma, o portal-prisão, o Lorde Master vestido de vermelho e toda a Zona Escura.

Suspirei.

Realmente o era. Logo que joguei uma olhada perto para ver se havia algo mais que devesse saber. Não é que planejasse fazer algo com a informação. Só imaginei que como já estava ali, não estaria mal reunir tudo o que pudesse. Talvez pudesse passar-lhe a aquela anciã entrometida, ou a V'lane, e um deles pudesse fazer algo com isso. Se V'lane era realmente um dos bons, então ele e sua rainha realizariam uma imediata e decisiva ação para tapar este inadmissível buraco entre nossos mundos. Não tinha mencionado Barrons algo sobre um Pacto? Não havia algum tipo de acordo que foi violado?

Abri os olhos.

E falhei miseravelmente tanto em minha tentativa de sair de minha própria pele como em meu esforço por me afundar no chão.

Barrons e eu nos tínhamos perguntado onde estava Mallucé. Agora sabia.

A menos de quatro metros de mim, as presas nuas, flanqueado por seis Rhino-boys de olhos pequenos e brilhantes.

Capítulo 24

Tratar de desaparecer não tinha funcionado, por isso estalei, vaiando, chutando e golpeando minhas mãos contra tudo o que pudesse, bem, pôr minhas mãos sobre isso.

A diferença da outra noite, quando tinha tratado de matar ao Homem Cinza, não tive tempo de pensar sobre o que estava fazendo, só atuei por instinto.

Resultou que meus instintos eram assombrosos.

Deixei a ponta da lança em meu cinturão, assim poderia usar ambas as mãos, havia algo dentro de mim que funcionava como o sistema de fixar alvos dos mísseis de um bombardeiro sigiloso, localizando e fechando-se sobre qualquer Fae que estivesse a poucos passos de mim.

Como Mallucé, retrocedi e deixei que os seis meninos rinoceronte se aproximassem, golpeei com minhas palmas em direções opostas, dando a dois deles um golpe em seus peitos de barril. Girei, golpeei para fora outra vez, agarrando a outros dois nas costelas, então me deixei cair ao chão e ataquei uma terceira vez.

De joelhos, retirei-me o cabelo dos olhos e valerei a situação. Tinha congelado aos seis em dois segundos.

Mas quanto tempo estariam nesse estado? Esta era a pergunta crítica.

Mallucé parecia assustado, adivinhei que nunca tinha visto um Null em ação antes, então se deslizou para mim, dessa forma sinuosa dele. Alcancei dentro de minha jaqueta a lança, então recordei o que Barrons havia dito, ou mas bem o que não havia dito de como matar a um vampiro. Mallucé não era um Fae, por isso não poderia lhe congelar nem lhe apunhalar e esperar que funcionasse. Não, de acordo com o Barrons, uma estaca sobre o coração faria o trabalho, portanto não via nenhuma razão para que minha lança não o fizesse, também. Tirei a mão da jaqueta. Não quis mostrar meu ás na manga até que não tivesse outra opção. Talvez, só talvez, poderia me aproximar do Lorde Master. E talvez poderia usar minha arma para matá-lo. E então talvez congelar a todos os Invisíveis e deixar atrás ao vampiro. Isto soava como um plano. O único no que podia pensar.

Levantei-me e comecei a me retirar. Parecia que era o que o vampiro tinha querido, de todas as formas. Mantive seu olhar amarelo muito brilhante enquanto me fazia retroceder passando o soalho, sobre o chão com runas esculpidas em frente do dólmen, e no círculo dos meninos rinoceronte e monstros variados.

—O que é isto, Mallucé? —Embora estivesse detrás de mim e não pudesse lhe ver, nunca confundiria a voz do Lorde Master. Era rica, multitonal e musical como a de V'lane.

—Acreditei escutar algo detrás dos soalhos —disse Mallucé. —Ela é um Null, Lorde Master. Outra mais.

Não podia lhe ajudar. Tinha que saber.

—Quer dizer Alina, verdade? O outro Null, era Alina Lane, Verdade? —Acusei-lhe.

Os olhos horripilantes do vampiro se estreitaram. Intercambiou um largo olhar com a coisa com toga vermelha que havia detrás de mim.

—O que sabe a respeito de Alina Lane? —Disse brandamente o Lorde Master, com essa voz melódica. Era a voz de algo mais longa que a vida, um arcanjo, possivelmente, o único que caiu.

—Era minha irmã —grunhi, girando ao redor— e vou matar ao bastardo que a assassinou. O que sabe a respeito dele?

O capuz carmesim se sacudiu pela risada. Apertei as mãos a meus lados para impedir de tirar a lança e arremeter contra a figura com túnica vermelha. Sigilo, disse a mim mesma. Cautela. Duvidava que tivesse mais que uma oportunidade.

—Disse-te que viria, Mallucé. —Disse o Lorde Máster.

—A usaremos para terminar o que sua irmã começou. —Levantou as mãos como se abrangesse ao grupo e se dirigiu a todos os Invisíveis reunidos ali.

—Quando tudo esteja em seu lugar, abrirei o portal e liberarei a prisão inteira de Invisíveis neste mundo, como lhes prometi. Sujeitem. Ela vem conosco.

—Agora, isso foi estúpido, senhorita Lane. —Disse Barrons, sacudindo a cabeça, enquanto se deixava cair no chão a meu lado, seu comprido abrigo negro ondeando.

—Tem que ir e lhes dizer quem está aqui? O teriam imaginado rapidamente.

Pisquei, estupefata.

Adivinho que o Lorde Master, Mallucé, e todo o resto deles estava tão pasmados pela inesperada entrada como eu, porque todos o olhavam boquiabertos, e então olhamos para cima. Somente queria ver de onde diabos tinha vindo. Pensei que estavam comprovando para ver se havia outros ali acima. Tinha que ter estado nas vigas do teto. Estavam a 10 metros de altura. Não vi uma corda convenientemente pendendo de nenhuma parte.

Quando olhei para trás, o regente dos Invisíveis tinha empurrado para trás o capuz carmesim e estava olhando ao Barrons, duramente. Parecia que não gostava do que via.

Ofeguei, atônita.

Olhei fixamente com incredibilidade e confusão ao namorado da Alina, o Lorde Master. O líder dos Invisíveis não era um Fae! Inclusive Barrons parecia um pouco desconcertado.

O Lorde Master ladrou uma ordem, então se girou em um redemoinho de toga vermelha. Dúzias de Invisíveis se aproximaram de nós então.

As coisas se voltaram em certo modo loucas, e ainda tenho um mau momento classificando-o. Quando seus subordinados cortaram toda possibilidade de perseguição, o idiota que tinha usado e matado a minha irmã e tinha estado planejando me fazer o mesmo lhes ordenou que me agarrassem viva e matassem ao outro.

Então fui rodeada por Invisíveis e não pude ver mais ao Barrons. Em algum lugar na distância, escutei um cântico e as runas de concreto sob meus pés começaram a brilhar outra vez.

Fechei minha mente a tudo exceto a batalha. Lutei.

Lutei por minha irmã, que tinha morrido sozinha em um beco. Lutei pela mulher da que o Homem Cinza se alimentou enquanto eu comia batatas fritas, e a que tinha consumido por volta de dois dias, enquanto tinha olhado com horror necessitado. Lutei pela gente que “a coisa de muitas bocas” tinha matado. Lutei pelas cascas de humanos desidratados que voavam nas ruas esquecidas entre a rua Colins e a rua Larkspur. Até

podia lutar por alguns capangas de O'Bannion. E lutei por uma moça de 22 anos que tinha chegado a Dublin bastante malditamente segura de si mesma, que já não tinha nenhuma idéia de onde tinha vindo ou aonde ia, e a quem lhe tinha quebrado sua terceira unha rosa de Iceberry.

A ponta da lança de alabastro pareceu arder com uma luz Santa em minhas mãos enquanto evitava e girava, golpeava e apunhalava. Podia sentir a mim mesma me convertendo em algo mais e se sentia bem. Uma vez captei o rosto assustado de Barrons, e soube que se me estava olhando assim, eu era realmente algo que ver. Sentia-me algo que ver. Sentia-me como uma máquina bem construída e engraxada com um propósito em vista: matar Fae. Bem ou mau. tomá-los a todos.

E o fiz, um depois do outro. Evitei, golpeei e apunhalei. Girei, golpeei, apunhalei. Eles caíam rápido e com força. A lança era puro veneno para eles, e sentia uma euforia estranha ao vê-los morrer. Não tinha nem idéia de quanto tempo poderia manter o ritmo, se todos tivessem sido Fae... Mas não o eram e o chateei.

Tinha-me esquecido do Mallucé.

Quando se aproximou por detrás, senti-lhe ali como aos Fae, aparentemente meu radar captava tudo o de outro mundo em um certo perímetro, girei e lhe apunhalei no estômago.

Compreendi meu engano imediatamente, embora não tinha nem idéia de como corrigi-lo. O vampiro era uma ameaça muito mais séria para mim que qualquer outro Invisível, inclusive que os Sombras, ao menos sabia como fazer retroceder a aqueles chupadores de vida: luz. Não tinha nem idéia de qual era a debilidade deste chupador de vida, ou inclusive se tinha uma. Barrons havia dito que matar a um vampiro era quase impossível.

Por um momento, fiquei ali, minha arma enterrada em seu estômago, esperando que fizesse algo. Se tinha algum efeito sobre ele depois de tudo, não podia dizê-lo seguramente. Olhei bobamente aqueles ferozes olhos amarelos, acesos naquele rosto branco. Então meu julgamento voltou e tratei de tirar a lança para apunhalá-lo de novo, esta vez no peito, talvez Barrons estivesse equivocado, tinha que tratar de fazer algo, mas a ponta afiada como uma navalha de barbear se alojou em um nó de cartilagem ou de osso ou algo e não cedia.

Fechou sua mão sobre meu braço. Sentia-se frio e morto.

—Você, pequena puta! Onde está minha pedra? —Vaiou o vampiro.

Então o entendi, porque não a tinha pego antes, quando me viu pela primeira vez. Estava jogando a duas mãos com o lorde Master e não podia correr o risco de que os Rhyno-Boys soubessem.

—OH, Deus, Ainda não sabe que a tem, verdade? —exclamei. No momento em que o disse, compreendi meu engano. Mallucé tinha mais que perder se o Lorde Master descobria que lhe estava traindo, se confessava que matou sem querer a shide-seer no calor da batalha. Acabava de assinar minha própria sentença de morte.

Dava um puxão frenético à lança. Mallucé despiu suas presas quando a arma saiu e tropecei para trás. Desconcertada, arremeti de novo, mas um microsegundo tarde. O vampiro me golpeou no rosto e voei de costas através do ar, as mãos e as pernas dobradas

para frente como uma boneca de trapo, tal como tinha visto fazer a seu guarda-costas aquela noite na Casa Gótica.

Aterrissei a um lado de um montão de paletes que me golpearam igual a uma parede de tijolos. Minha cabeça deu uma chicotada para trás e a dor ricocheteou através de meu crânio. Ouvi minhas coisas rompendo-se.

—Mac! —Escutei gritar ao Barrons.

Caí para baixo pela parede coberta de plástico, pensando em quão estranho soou que me chamasse Mac. Só me tinha chamado senhorita Lane. Não podia respirar. Meu peito estava fortemente fechado, e me perguntei se minhas costelas se teriam quebrado e perfurado meus pulmões. A lança se deslizou de meus dedos. O vento ártico estava de volta, me congelando o corpo e a alma, e entendi fracamente que a porta estava aberta outra vez.

Minhas pálpebras eram tão pesadas como peso de papeis e pisquei lentamente. Meu rosto estava molhado. Não estava segura, mas pensei que estava chorando. Não podia estar morrendo. Finalmente sabia quem matou a minha irmã. Tinha olhado seu rosto. Ainda não a tinha vingado.

Barrons nadou ante meus olhos.

—Vou tira-la daqui. Agunte firme. —Disse-me em uma voz a câmara lenta e partiu.

Pisquei de novo, pesadamente. Ainda não podia respirar e minha visão ia e vinha, especialmente em um olho. Em um momento estava tudo escuro, ao seguinte Barrons estava de novo ali. Ele e Mallucé estavam frente a frente, girando em um apertado círculo. Os olhos do vampiro brilharam e suas presas estavam totalmente estendidas.

Como ressurgir à consciência falhava, tratei de decidir o que tinha feito Barrons ao Mallucé que tinha mandado ao vampiro, absurdamente forte, a golpear-se com um montão de paletas e se chocar com uma empilhadeira, como estive em seus braços e onde estava me levando a uma velocidade suicida.

A um hospital, esperava.

Recuperei o conhecimento várias vezes durante nosso vôo.

Muito tempo depois, a primeira vez, compreendi que não tinha morrido, o que encontrei fracamente asombrado. A última vez tinha visto o Mallucé golpeando a alguém contra a parede, o homem tinha sido maior que eu, e morreu instantaneamente, sangrado por múltiplos orifícios.

Devia ter murmurado algo a esse efeito, porque o peito do Barrons retumbou sob minha orelha.

—A lança lhe fez algo, senhorita Lane. Não estou seguro do que ou por que, mas lhe fez mais lenta.

A seguinte vez que recuperei o conhecimento, disse:

—Pode passar um braço ao redor de meu pescoço e sujeitar-se? —A resposta era sim—um. O outro não se moveria. Pendia lânguidamente de meu ombro.

O homem podia correr. Estávamos nas bocas-de-lobo, podia dizê-lo pelo chapinho de suas botas e o aroma. Esperei não me enganar com o otimismo, mas não escutava o som de uma perseguição. Tínhamo-los perdido? A todos eles?

—Não conhecem as bocas-de-lobo como eu — disse —, ninguém o faz.

Que estranho. Era um periquito e não o tinha sabido, recitando uma pergunta atrás de outra a pesar da dor no que estava. Ou estava lendo minha mente?

—Não leio as mentes, senhorita Lane — disse —, algumas vezes se reflete em seu rosto tudo o que pensa. Precisa trabalhar nisso.

—Não deveríamos ir a um hospital? — Perguntei-lhe aturdida quando despertei pela terceira vez. Estava de volta em minha cama, em minha habitação emprestada em Livros e Quinquilharias Barrons. Devia ter estado fora por um momento.

—Acredito que há coisas quebradas.

—Seu braço esquerdo, duas costelas e uns poucos dedos. Está machucada por toda parte. Teve sorte. —Pressionou uma compressa fria contra minha bochecha e respirei bruscamente pela dor.

—Ao menos sua maçã do rosto não se destroçou quando a golpeou. Tive medo de que o tivesse. Parece um pouco pior pelo traslado, senhorita Lane.

—Hospital? —Tratei de novo.

—Não podem fazer nada por você que eu realmente não tenha feito e só fariam perguntas que não pode responder. Culpariam-me se a levo com este aspecto e não quererá falar. Já encaixei seu braço e os dedos — disse —, suas costelas se curarão. Seu rosto vai parecer... bem ... sim. Estará bem com o tempo, senhorita Lane.

Isso soou sinistro.

—Um espelho? —Demandedi fracamente.

—Sinto-o — disse.

—Não tenho um à mão.

Tratei de mover meu braço esquerdo, me perguntando quando e onde Barrons tinha acrescentado engessar a seu currículo aparentemente infinito. Ele não o tinha. Meu braço estava em uma tabuleta, como estavam vários dedos da outra mão.

—Não deveria ter gesso?

—Os dedos estão bem com as tabuletas. A ruptura de seu braço não é aguda e se o engessasse, só causaria que seus músculos se atrofiassem. Deve recuperar-se rapidamente. Em caso de que não o tenha notado, senhorita Lane, temos uns quantos problemas em nossas mãos.

Esforcei-me em lhe olhar chorosamente com meu único olho bom. O direito estava inchado, completamente fechado pela contusão em minha bochecha. Tinha-me chamado de Mac, ali no armazém, quando Mallucé me tinha golpeado. Apesar de minhas dúvidas sobre o Barrons, e minhas preocupações sobre qualquer trato que tinha com os Sombras, tinha estado ali para mim quando importou. Tinha vindo atrás de mim. Tinha salvado minha vida. Tinha-me curado e me tinha metido na cama e sabia que me cuidaria até que estivesse inteira outra vez. Sob tais circunstâncias, parecia absurdo que continuasse me chamando senhorita Lane e o diria. Possivelmente era hora de que o fizesse eu mesma melhor que Barrons.

—Pode me chamar Mac, er... Jericó. E obrigado por me salvar.

Uma sobrancelha escura se elevou e me olhou divertido.

—Continue com o Barrons, senhorita Lane — disse secamente.

—Precisa descansar. Dormir.

Meus olhos revoaram fechando-se como se houvesse dito um feitiço sobre mim e fui à deriva em um lugar feliz, um vestibulo empapelado com fotografias sorridentes de minha irmã. Agora sabia quem era seu assassino, e ia vingá-la. Estava a meio caminho de casa. Não lhe chamaria Jericó se não gostava. Mas queria que me chamasse Mac, insisti com voz sonolenta. Estava cansada de estar a quatro mil milhas de distância de minha casa e me sentia tão sozinha. Seria agradável fazer amizade com alguém por aqui. Alguém o faria, inclusive Barrons.

—Mac —disse meu nome e rio. —Que nome para alguém como você. Mac. —riu de novo.

Quis saber o que queria dizer com isso, mas não tinha forças para falar.

Então seus dedos foram ligeiros como mariposas em minha bochecha esmurrada e falou brandamente, mas não era em inglês. Soava como uma dessas línguas mortas que usavam na classe de filmes que fazia servir para fazer zapping rapidamente, e agora lamentava não ter visto ao menos uma ou duas porque provavelmente teria tido uma preparação muito melhor e completa para tudo isto se o tivesse feito.

Acredito que então me beijou. Não se pareceu a nenhum beijo que havia sentido antes.

E então se obscureceu. E sonhei.

Capítulo 25

—Não, assim não. Está-o deixando grumoso. Supõe-se que a primeira capa deve ser leve lhe disse Não está preenchendo um bolo. É uma unha.

Estávamos sentados sobre o telhado do Barrons e Bijouterias em um luxuoso e conservador teto que nem sequer sabia que estava ali até que Fiona, a qual se mostrou mais angustiada do que esperava por minhas feridas, falou-me dele. Passei as últimas horas da tarde arremessa em uma cadeira, tentando ler, mas sem obtê-lo realmente. Quando se acenderam os focos montados por todos os lados do teto, iluminou o jardim atravessando a escuridão. Joguei um duro olhar a minhas unhas desiguais, inclinei-me por meu kit de manicure, voltei a me levantar e estendi todas minhas ferramentas sobre uma preciosa mesa acristalada de ferro forjado perto da fachada da livraria, justo baixo um dos brilhantes focos e lhe dava meu melhor tiro. Mas não importava o muito que o tentasse, não era capaz de pintar as unhas da mão direita com meu braço esquerdo engessado. Então chegou Barrons e não perdi um segundo em lhe pôr a trabalhar.

Um músculo palpitou em seu queixo.

—Volte a me dizer por que estou fazendo isto, senhorita Lane?

—Duh, —disse — por que tenho o braço quebrado. Agitei meu gesso ante ele, em caso de que o tivesse esquecido.

—Não acredito que o tenha tentado o suficiente disse. Precisa tentá-lo outra vez. Acredito que se o ângulo de sua tabuleta cai desta maneira —fez uma demonstração, deixando o esmalte de unhas sobre o pátio ladrilhado então gire seu braço assim. Assentiu ele. — Tente-o. Acredito que funcionará.

Olhei-o com frieza.

—Arrastou-me por todo o lugar, me fazendo caçar OOPs, E me queixei em algum momento? Não. Chupe-se essa, Barrons. O menos que pode fazer é me pintar as unhas enquanto tenho o braço quebrado. Não é como se lhe pedisse que fizesse ambas as mãos. E não vou pedir lhe que me faça os pés depois de tudo. Embora realmente pudesse ter necessitado algo de ajuda com minha pedicure. Uma apropriada pedicure era um trabalho de duas mãos.

Ele franziu o cenho ante a perspectiva de ter que pintar as unhas de meus pés a jogo, em um brilhante ouro cristalizado de Ice Princess Blush, o qual, por certo, sempre me tinha parecido chamativo, como um enorme camarão. Nenhuma das princesas de gelo que tinha conhecido no instituto e o colégio tinha sido do tipo ruborizada.

—Alguns caras. —lhe informei altiva. —saltariam pela oportunidade de me pintar as unhas dos pés.

Barrons baixou a cabeça sobre minha mão, aplicando um pálido esmalte rosa em meu dedo anelar com extremo cuidado. Via-se enorme, musculoso e masculinamente idiota me pintando as unhas, igual a um centurião romano coberto com um avental de volantes de chefe de cozinha. Mordi-me por dentro a bochecha para evitar rir.

—Estou seguro que o fariam, senhorita Lane respondeu secamente.

Ainda me chamava senhorita Lane.

Depois de tudo pelo que tínhamos passado. Como se não tivesse encontrado meu mapa com a tachinha rosa cravada nele, me seguindo à Zona Escura, me resgatando, me entalando, me pondo gelo, me enfaixando, e, acredito, me beijando inclusive.

Entrecerréi os olhos, estudando sua escura cabeça inclinada. Sabia como me tinha encontrado. Fiona me havia dito que lhe tinha chamado justamente depois de que me tivesse visto ir andando para a vizinhança abandonada. Por sua matiz de angustiosa culpa por minhas feridas, entretanto, estava bastante segura de que não o tinha chamado imediatamente depois.

Mas isso era de perto tudo o que sabia. Tinha passado a maior parte desses três dias desde que me tinha ido ao 1247 do LaRuhe, em um profundo e drogado sonho, emergindo somente o suficiente para que Barrons me alimentasse com algo antes de ordenar dormir outra vez.

Minhas costas e meus quadris estavam machucados, várias partes de mim foram enfaixadas e imobilizadas, enfaixaram-me as costelas e me doía ao respirar, mas no lado mais brilhante das coisas, meu olho estava quase aberto outra vez. Não tinha sido o bastante valente para me olhar ainda em um espelho, nem tinha tomado banho em quatro dias, mas tinha outras coisas em mente neste momento, como algumas dessas perguntas que tinham estado me fazendo buracos no estômago durante todo o dia.

—De acordo, Barrons, é a hora.

—Não vou ajudar a depilar as pernas disse instantaneamente.

—OH, por favor. Como se lhe deixasse. Queria dizer para as perguntas.

—OH!

—O que é você? Deixei cair a pergunta sobre ele igual a um balde de água fria.

—Não a sigo disse com um desses elegantes encolhimentos de ombros.

Deixou-se cair ao longo de 10 metros nesse armazém. Deveria haver se quebrado algo. Deveria haver-se quebrado algo duas vezes —como as pernas . O que é você?"

Ali estava outro desses encolhimentos de ombros.

—Um homem com uma corda?

—Há-há. Não vi nenhuma.

—Não posso ajudá-la nisso. O olhar que me dedicou era seco, aborrecido e suficiente para me fazer duvidar do que tinha visto essa noite. Depois de tudo, tinha estado bastante entusiasmada nesse momento. Não podia garantir absolutamente que não tivesse havido um desses sofisticados cabos magros que usam sempre os ladrões nos filmes. Provei com outra tática.

—Enviou ao Mallucé voando pelos ares. Esmagando-o nas plataformas, depois com uma empilhadeira.

—Sou forte, senhorita Lane. Quer sentir meus músculos? Mostrou os dentes mas não era realmente um sorriso e ambos sabíamos. Duas semanas antes me teria intimidado.

—Não me importa quão forte seja. Mallucé era súper forte. É um vampiro.

—Possivelmente. Possivelmente não. Seus seguidores parecem pensar que está morto.

—OH, feliz dia disse com ardor. Um a menos. Só um de mil ou assim, em minha estimativa, embora tenha medo de que possivelmente fosse mais longe, como em grave subestimação.

—Não o celebre ainda, senhorita Lane. Não dê nada por morto até que o tenha queimado, removido suas cinzas, e então espere um dia ou dois para ver se algo se levanta delas.

—Está brincando. Algumas coisas são tão difíceis de matar?

—Algumas coisas, senhorita Lane, —disse ele, começando a segunda mão de minha manicure— são impossíveis de matar. Entretanto, não estou seguro de que Mallucé seja uma delas. Isso está por ver-se.

Disparei-lhe minha próxima pergunta.

—Por que lhe permitiram os Sombras entrar na Zona Escura, Barrons?

Pintou todo meu dedo indicador de rosa. Então teve o valor para me olhar, como se o tivesse feito eu.

—Que o cerzam, Barrons, viam-se bem até que fez isso! —Atirei de minha mão afastando-a — Umedeça uma dessas bolas de algodão com isto. —Empurrei uma garrafa de acetona para ele.

Ele tomou, com um duro olhar.

—Me espiando, senhorita Lane?

—Serenidade, Barrons. Só ocorre que estava olhando pela janela quando quadrou que parecia estar fazendo algo aborrecido, o qual só me faz me perguntar quantas coisas aborrecidas estive fazendo quando não olhava pela janela. Onde está o Maybach?

Uma foto instantâneo sorriso curvou seus lábios, o rápido e possessivo sorriso de um homem com um novo brinquedo.

—O'Bannion não o necessita mais. A polícia nem sequer vê —como o chamou. — A Zona Escura? Teria ficado ali para sempre. Não é um desperdício?

—OH, você é tão frio ofeguei. Esse homem não estava morto nem se quer um dia.

—Baixas de guerra, senhorita Lane.

—Não poderia ao menos ter movido essas pilhas enquanto estava ali?

Ele se encolheu de ombros.

—Deixará de vê-los depois de algum tempo.

Esperava que não. Isso significaria que uma parte de mim estava tão morta como ele.

—Que classe de trato tem com os Sombras, Barrons?

Esperei evasão, inclusive que me cortasse a pergunta, mas não estava preparada para a única que me devolveu.

—Por que não me disse que tinha encontrado a V' Lane, Srta. Lane? Disse sedosamente.

Sobressaltei-me.

—Como o soube?

—Disse-me isso V' Lane.

—Como sabe você de V' Lane? Exigi indignada.

—Eu sei tudo, senhorita Lane disse ele.

—OH, seriamente? Disse com um sorriso doce.

—Então quem e o que é o Lorde Master? Me responda a isso.

Não era Fae, isso seguro. Mas tampouco me tinha parecido... humano.

—O namorado de sua irmã — disse de cara — e sabendo disso, O que deveria fazer com você? Quando fiquei lhe olhando com o rosto em branco, ele disse, — Encontrei as fotos em sua jaqueta.

Eu quase me peguei na frente. As fotos! Tinha-me esquecido por completo das coisas que tinha furtado da residência de Lorde Master.

—Onde pôs as outras coisas que estavam na jaqueta? Perguntei. Não podia recordar ter visto nenhum dos dois álbuns ou o Plano do Franklin em meu dormitório. Precisava repassar seu calendário com lupa. Podia haver toda classe de valiosa informação aí dentro: nome, direções, datas.

—Não havia nada em sua jaqueta.

—Havia muito protestei. Ele negou com a cabeça.

—Está seguro?

—Sim.

Procurei seu rosto. Estava-me dizendo a verdade? Teriam caído enquanto tinha estado lutando? Ou os tinha pego ele por alguma razão? Com uma sensação de desgosto, me dei conta de que só tinha que voltar para 1247 do LaRuhe para comprová-lo.

—Não sabia que era o namorado de minha irmã, Barrons me defendi. Ela nunca o disse. Recorda sua mensagem? Disse que lhe tinha estado mentindo todo o tempo. Que ele era um deles e que nunca soube até então. Enganou-a e a traiu disse amargamente. Aí tem, já respondi sua pergunta. Agora responda à minha. Por que lhe permitiram os Sombras entrar na Zona Escura?

Ele não disse nada durante muito tempo, só pintou as pontas de minhas unhas e retocou minhas cutículas em silêncio. Era melhor que a maioria dos especialistas em manicure, o homem era um perfeccionista. Quase tinha renunciado à esperança de que me respondesse quando disse:

—Todos temos nossos... dons, senhorita Lane. Você é uma nulidade. Eu sou... outras coisas. O que não sou é seu inimigo. Não na liga com os Sombras. Só terá que confiar em mim nisso.

—Seria muitíssimo mais fácil confiar em você se só respondesse a minha pergunta.

—Não sei por que pergunta, de todos os modos. Poderia lhe mentir de um milhão de maneiras até no domingo. Observe minhas ações. Quem lhe salvou a vida?

—Sim, bom, os detectores do OOP não funcionam tão bem em mortos recentes, verdade? Indiquei.

—Arrumei-me isso bem até que chegou, senhorita Lane, teria continuado fazendo-o sem você. Sim, você pode encontrar aos OOP, mas francamente, minha vida era muito menos complicada antes que você irrompesse em minha livraria. Suspirou ele. — Sangrento inferno, estranho aqueles dias.

—Lamento-o se tiver sido tão inconveniente, repliquei, mas minha vida tampouco foi exatamente uma tigela de cerejas após. Ambos ficamos calados por um tempo, contemplando a noite, pensando nossos próprios pensamentos.

—Bom, pelo menos agora sei quem matou a Alina disse finalmente.

Ele me olhou com brutalidade.

—Ouvii algo nesse armazém que eu perdi, senhorita Lane?

—Bem, duh, seu namorado era o Lorde Master e ela não sabia. Deve ter o seguido um dia e averiguado quem e o que era, como o fiz eu. E ele a matou por isso. —Era tão óbvio que não podia acreditar que Barrons não o visse se por acaso mesmo.

Mas não o fazia. O cepticismo estava escrito por todo seu rosto.

—O que? Disse. —Estou perdendo algo? Está dizendo que não deveria ir atrás dele?

—OH, definitivamente iremos atrás dele disse Barrons. Anote o "nós" nessa oração, senhorita Lane. Volte a ir-se você sozinha detrás de algo grande e mau, e lhe farei mais dano do que o fazem os monstros. Quero ao Lorde Master morto por uma única razão: Não quero nenhum maldito e sangrento Invisível em minha cidade. Mas se houver uma coisa que aprendi na vida é isto: As hipóteses nos chutam o traseiro a "você" e a "mim.

—Agradável disse, soletrando chutar o traseiro a você-e-a-mim em minha cabeça.

—Eu não trato de ser agradável. Só digo que não suponha que sabe quem é o assassino de sua irmã até que tenha tido uma sólida evidência em suas mãos ou uma confissão. As hipóteses — disse enigmáticamente — podem fazer as coisas ainda pior que nos chutar o traseiro ao melhor de nós.

Estava a ponto de lhe perguntar como o que?, quando repentinamente senti tais náuseas que não podia falar. A bÍlis me salpicou o fundo da garganta sem advertência e de repente alguém me cravou uma faca no crânio —uma larga folha de trinta centímetros que sabia tinha que estar me sobressaindo por ambas as tēmporas.

Sacudi os ombros, chocando-me com a mesa, e arruinando até a última de minhas unhas tentando me agarrar a mim mesma. Teria golpeado o chão e provavelmente o braço quebrado se Barrons não me tivesse sujeitado. Acredito que vomitei.

Justo antes de desmaiar.

Quando recuperei o conhecimento, estava estendida na cadeira e Barrons estava completamente inclinado sobre mim, com expressão rÍgida.

—O que? Demandou ele. —O que lhe aconteceu, senhorita Lane?

—Ah D-DEUS —disse fracamente. —Nunca havia sentido algo igual antes e não queria senti-lo outra vez. Isso era tudo. Ia a casa. Abandonava-o tudo. A busca de vingança... Terminou-se. Deixo-o. Ia retornar a meu antigo estado de sidhe-seer.

—O que? Exigiu outra vez.

—Não p-p-posso dê-dejar de t-t-tir... Me aparte. "Tiritar" era o que tentava dizer, mas os dentes me tagarelavam muito para deixá-lo sair. O sangue me tinha congelado nas veias. Tinha frio, tanto frio. Não acreditei que pudesse entrar em calor outra vez.

Barrons tirou a jaqueta com um movimento de ombros e a jogou sobre mim.

—Melhor? Esperou dois segundos completos. —Assim o que? O que? — perguntou ele impacientemente.

—Es-estava aqui — articulei finalmente, indicando com o braço para o beiral. —Em algum lugar ali a-abaixo. Acredito que está em um c-carro. Move-se rápido. Agora se há i-ido.

—O que esteve aqui? O que se foi?

Com um último tremor violento, consegui controlar minha voz.

—O que crê, Barrons? — Disse. —O Sinsar Dubh. Respirei fundo e exalei lentamente. Sabia algo a respeito desse evasivo livro que não tinha sabido antes: Era tão mau que corrompia a qualquer que o tocasse, sem exceções.

—OH Deus, estamos em um montão de problemas, não é assim? Não somos nós — Ofeguei.

Embora nenhum dos dois o tivesse exteriorizado, eu sabia que ambos estávamos pensando em todos esses Invisíveis que tinham chegado através do dólmen esse dia e seriam agora introduzidos em nosso mundo, jogando mão do Glamour de modo que pusessem interactuar conosco e nos caçar.

Quando tudo esteja em seu lugar — havia dito o Lorde Master— abrirei o portal e desatarei a todos os Invisíveis prisioneiros neste mundo.

Não tinha idéia de quão grande era a prisão dos Invisíveis e não o queria saber nunca. Mas tinha o horrível pressentimento de que o íamos averiguar.

—Há mais Sidhe-see ali fora, Barrons? —perguntei.

—Além de nós?

Ele assentiu.

—Bem. Porque vamos necessitar-os.

A guerra se estava aproximando. Podia senti-la em meus ossos. Uma guerra para terminar com todas as guerras.

E a Humanidade nem sequer sabia.

Aqui termina o Livro Um das Crônicas de Mac O'Connor.

Assegure-se de procurar a continuação na série Febre:

FEBRE DE SANGUE

****GLOSSÁRIO DE FEBRE ESCURA****

ZONA ESCURA: Uma área que foi tomada pelos Sombras. Durante o dia parece como qualquer vizinhança abandonada. Uma vez cai a noite, é uma armadilha mortal. (Definição de Mac)

MORTE POR SEXO FAE (por exemplo V'lane): Um Fae que é tão "potente" sexualmente que um humano morre no interlúdio a menos que o Fae proteja ao humano do completo impacto deste mortal erotismo. (Definição em curso).

DRUIDAS: Na sociedade Celta precristiana, um Druida presidia sobre o culto divino, a legislação e os assuntos judiciais, a filosofia, e a educação da jovem elite de sua ordem. Os druidas levavam a cabo sacrifícios humanos e comiam escrotos para preparar a profecia. Acreditavam que o dia seguia de noite, e mantinham o credo de metempsicosis segundo o qual a alma humana não morre, mas sim renasce em diferentes formas. Na antigüidade se acreditava que os druidas eram partícipes dos segredos dos deuses, incluindo questões pertencentes à manipulação da matéria física, o espaço, e até o tempo. Em irlandês antigo "Drui" significa mago, feiticeiro, clérigo. (Mitos e Lendas Irlandesas)

FAE (fay): ver também Tuatha Dê Danaan. Dividida em duas Cortes, A Visível ou Corte da Luz, e A Invisível ou Corte Escura. Ambas as cortes têm diferentes castas de Fae, com quatro Casas Reais ocupando a mais alta de cada casta. A rainha dos Visíveis e seu consorte eleito levam a Corte da Luz. O Rei dos Invisíveis e sua atual concubina governam a Escura. (Definition J.B.)

QUATRO PEDRAS, AS: translúcidas pedras negro-azuladas cobertas com runas em forma de carta. A chave para decifrar a antiga linguagem e romper o código do Sinsar Dubh oculto nessas místicas quatro pedras. Uma pedra individual pode ser usada para iluminar uma pequena porção do texto, mas só se as quatro são remontadas em uma o verdadeiro texto será completamente revelação. (Mitos e Lendas Irlandesas)

GLAMOUR: ilusão causada pelo Fae para camuflar sua verdadeira aparência. Quando mais capitalista é o Fae, maior é a dificuldade de penetrar em seu engano. O humano normal só pode ver o que o Fae quer que veja, e é sutilmente repellido de colidir ou roçar contra eles por um pequeno perímetro de distorção espacial que é parte do Glamour Fae. (Definição J.B.)

HOMEM CINZA, O: Invisível enormemente feio e leproso que se alimenta roubando a beleza das mulheres humanas. Avaliação da ameaça: pode matar, mas prefere

deixar a sua vítima horrorosamente desfigurada e viva para que sofra. (Experiência pessoal)

HALLOWS: oito antigas relíquias de imenso poder: quatro da Luz e quatro escuras. Os Hallows ou Relíquias da Luz são a pedra, a lança, a espada, e o caldeirão. As Escuras som é o espelho, a caixa, o amuleto, e o livro (Sinsar Dubh ou Livro Escuro). (Uma Guia Definitiva para Artefatos; Autêntico e Legendário)

COISAS-DE-MUITAS-BOCAS: Invisível repulsivo com inumeráveis bocas como sanguessugas, dúzias de olhos, e de órgãos sexuais excessivamente desenvolvidos. Casta dos Invisíveis: desconhecida neste momento. Avaliação da ameaça: desconhecido neste momento mas se suspeita que mata em uma maneira em que prefiro não pensar. (Experiência pessoal)

NULL: uma sidhe-seer com o poder de congelar a um Fae com o toque de suas mãos (por exemplo eu). Quanto mais alta e poderosa é a casta do Fae, corta-se o tempo em que este permanece congelado. (Definição J.B.)

OOP: acrônimo para Objeto de Poder, uma relíquia Fae imbuída de místicos poderes. (Definição de Mac)

PRI-JÁ: uma humana viciada no sexo Fae. (Acredito. Definição em curso).

CAÇADORES REAIS: uma casta de nível medio dos Invisíveis. Sensivelmente agressivos, parecem-se com a clássica descrição do diabo, com patas partidas, chifres, rostos alargados como a de um sátiro, asas de couro, olhos e caudas de um chamejante alaranjado. De 2,10 a 2,80 de altura, são capazes de uma extraordinária velocidade tão a pé como voando. Função primária: exterminadores de sidhe-see. Avaliação da ameaça: Assassinos. (Def. J.B.)

RHINO-BOYS: casta Invisível de meio nível despachados principalmente como cães guardiães para os altos cargos Fae. (Experiência Pessoal)

SEELIE: Visível da luz ou “fairer”, corte dos Tuatha Dê Danaan governado pela Rainha dos Visíveis, Aoibheal. (Def. J.B.)

SOMBRAS: Sensíveis mas apenas. Têm fome—se alimentam. Não podem suportar a luz e só caçam de noite. Roubam a vida da forma em que o Homem Cinza rouba a beleza, drenando as suas vítimas com a rapidez de um vampiro, deixando atrás uma pilha de

roupa e uma casca de humano desidratado. Avaliação da ameaça: assassinos. (Experiência pessoal)

O SIDHE-SEER (SHE-seer): um vidente sidhe, uma pessoa em que não funciona a magia Fae, capaz de ver além das ilusões ou "glamour" causado pelo Fae para mascarar sua verdadeira natureza. Alguns também podem ver Tabh'Rs, portais ocultos entre reinos. Outros podem sentir os objetos de poder dos Visíveis e os Invisíveis. Cada sidh-seer é diferente, com vários graus de resistência aos Fae. Alguns são limitados, outros são avançados com múltiplos "poderes especiais". (Def.J.B.)

PENEIRAR: Meio de locomoção Fae, ocorre à velocidade do pensamento. (Ver isto!)

TAMIZADORES DE PRATA ou SILVERS: um elaborado labirinto de espelhos uma vez utilizado como o principal método dos Fae para viajar entre reinos, até que Cruze laçou a maldição que proibiu os corredores chapeados. Agora nenhum Fae ousa entrar nos Silvers. (Def. J.B.)

SINSAR DUBH (she-suh-DOO): uma Relíquia Escura pertencente aos Tuatha Dê Danaan. Escrito em um idioma só conhecido pelos mais antigos de sua classe, diz-se que contém a mais mortal de todas as magias em seus encriptadas páginas. . Trazido a Irlanda pelos Tuatha Dê durante as invasões escritas na pseudo-historia do Leabhar Gabhala, foi roubado junto com as outras Relíquias Escuras, e se rumoreia que encontrou seu caminho no mundo dos homens. Escrito supostamente faz um milhão de anos pelo Rei Escuro dos Invisíveis. (Um Guia Definitiva para Artefatos; Autêntico e Legendário)

LANÇA DO LUISNE (A. k.a. A lança do Luin, a Lança do Longinus, a Lança do Destino, a Lança Chamejante): a lança usada para perfurar o flanco de Jesus Cristo em sua crucificação. Não é de origem humana; é uma das Relíquias dos Tuatha Dê Danaan da Luz, e um dos poucos artefatos capazes da matar um Fae—sem importar fila ou poder. (Def. J.B.)

TABH'Rs (TAH vr): Portas ou Portais Fae entre reino, frequentemente escondido em cotidianos objetos humanos. (Def. J.B.)

TUATHA Dê DANAAAN ou TUATHA Dê: (SUA day dhanna ou Sua DAY) (Ver Fae): Uma raça extremamente avançada que veio à Terra de outro mundo. (Definição em curso)

UNSEELIE: A corte "escura" dos Tuatha Dê Danaan. Segundo a lenda da Tuatha Dê Danaan, os Invisíveis estiveram confinados durante centenas de anos em uma prisão inexpugnável. Inexpugnável meu traseiro.

*Trocadilho intraduzível. A autora diz Little MAC (Pequena MAC) em contraposição ao Big Mac (Grande MAC) o famoso hambúrguer do McDonald's

Baile de graduação do instituto.

Jetson= família futurista de caricaturas da Hanna Barbera. Na Espanha se conheceram como "Os Supersônicos".

Toby Keith é um cantante country, "Who's your daddy?" é uma canção de seu álbum Unleashed, do ano 2002

Acre: medida anglo-saxã de superfície, equivalente a 4,047 metros quadrados

Lestat: vampiro que aparece em várias novelas da Anne Rice.



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>

Comunidade Romances S.A.

<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**